This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

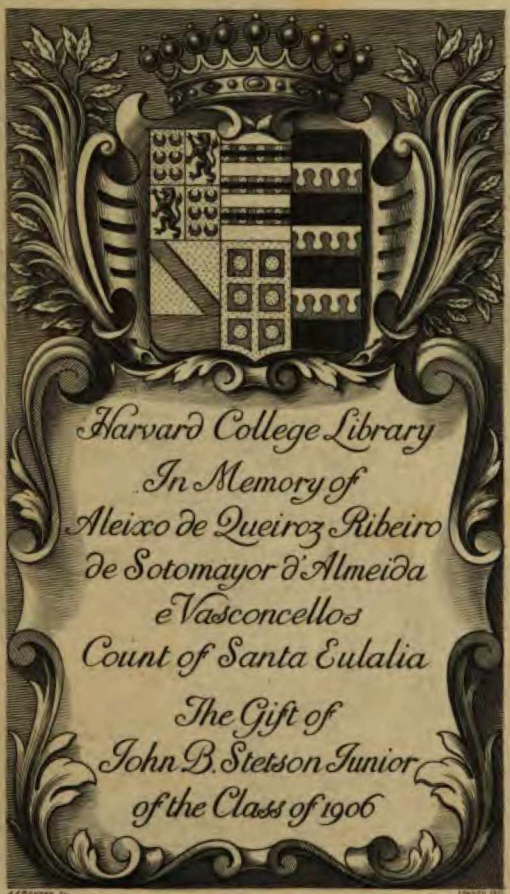
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Port 4140.10



Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

ENSAIO

BIOGRAPHICO-CRITICO

SOBRE OS MELHORES

POETAS PORTUGUEZES.

Digitized by Google

Digitized by Google

ENSAIO

BIOGRAPHICO-CRITICO

SOBRE OS MELHORES

POETAS PORTUGUEZES.

POR

José Maria da Costa e Silva,

Socio Correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa, Socio Honorario da Academia Lisbonense das Sciencias, e das Letras, Socio Correspondente do Gabinete de Leitura do Rio de Janeiro, e da Academia Archeologica de Madrid.

TOMO VIII.

Tros, Tirinsque mihi nullo discrimine agetur.
Virg. En. Lib. I.

DADO Á LUZ

pelo Editor

JOÃO PEDRO DA COSTA.

Lisboa.

NA IMPRENSA SILVIANA.

1854.

Digitized by Google

Port 4140.10

HARVARD COLLEGE LIBRARY
COUNT OF SANTA EULALIA
COLLECTION
GIFT OF
JOHN B. STETSON, Jr.

MAR 3 1925

Digitized by Google

ENSAIO
BIOGRAPHICO-CRITICO
SOBRE OS MELHORES
POETAS PORTUGUEZES.
LIVRO XVII.
CONTINUAÇÃO DA ESCHOLA HESPANHOLA.

CAPITULO I.
Manoel Quintano de Vasconcellos.

Nasceo na Villa de Estremoz, ao que parece, pouco antes de 1600, e foi filho de João Quintano de Vasconcellos, fidalgo da Casa Real, e de D. Guiomar de Lemos sua mulher, que não cedia em nobreza a seu marido, pois era descendente da Casa da Trofa, tão illustre como todos sabem.

Foi, como seu Pai, fidalgo da Casa Real, e entre muitas possessões, e dominios, de que era senhor, se conta o Morgado da Silveirinha, de que elle em 18 de Janeiro de 1635 fez cedencia em seu sobrinho João de Villalobos e Vasconcellos.

Estudou com grande aproveitamento as bellas letras, e a historia profana, em que consta fôra mui douto, e cultivou a poesia desde os seus primeiros annos, adquirindo por ella grande reputação entre os seus contemporaneos.

Casou com D. Jeronyma de Almada, Senhora mui distincta, de quem não teve successão.

Havendo-se retirado para o seu solar de Extremoz, sua patria, na provincia do Alemtéjo, ali terminou sua existencia no dia 3 de Junho de 1655.

Digitized by Google

Escreveo muitas Obras em prosa, e verso, as de que temos noticia sam as seguintes:

A Paciencia Constante, discursos politicos, em estylo pastoril.

Poesias Portuguezas.

Historia Septentrional.

Todas estas Obras ficaram em manuscripto, excepto a primeira, que sahio á luz em Lisboa, no anno de 1622, na Typographia de Pedro Craesbeek, formato de 8.°, dedicada a Obra a D. Lopo de Azevedo, Almirante de Portugal, Claveiro do Mestrado de S. Bento de Aviz, Commendador, e Alcaide Mór da Villa de Juromenha.

Será difficil encontrar um Poeta mais completamente esquecido, de que Manoel Quintano de Vasconcellos, e que menos mereça este esquecimento.

A Paciencia Constante, titulo, que mais indica uma composição ascetica, do que uma novella pastoral, é um dos muitos Romances Bucolicos, que nessa epocha inundaram a Europa, como as Arcadias de Sannazzaro, e Lope de Vega, a Primavera, e Pastor Peregrino, e Desenganado de Francisco Rodrigues Lobo, e a Diana de Jorge de Montemaior, e dos seus continuadores Gil Polo, e Alonso Peres, e a Lusitania Transformada de Fernão Alvares do Oriente.

Manoel Quintano de Vasconcellos parece ter tomado para modêlo a Jorge de Montemaior, a quem imita nas discussões metaphisicas, e na pintura um pouco affectada de certos sentimentos! Parece-me porém que na imitação ha um Drama melhor organisado, e mais movimento. A sua linguagem seria em geral mui pura, se não a houvesse salpicado ás vezes com iberismos, que pouco se conformam com a indole do idyoma Portuguez: a sua prosa é clara, corrente, harmoniosa, e pictoresca nas descripções, como póde vêr-se da seguinte:

« Até que veio a parar em um valle, que ainda que tivesse seu centro sobre gran parte de altura de aquelles montes, sendo bella corôa do seu robusto corpo, e ficava sendo de outra maior altura de penhas da propria natureza espedaçadas: cercavam-no ellas em roda, como que sua vista defendiam das conjunctas ladeiras, cujo informe vulto, e intractavel rudeza a tanta formosura não quizera

Digitized by Google

a natureza annexar. Era a espessa multidão destes penhascos sem arte, ou porporção com tanta conveniencia encadeada, que uns sobre outros procedendo, divididos aqui, e alli fechados, vinham juntar-se no remate desta ameno valle, e misturados, e unidos fazia delles o Artifice soberano uma abobada, que toda a architectura avantajava; e não lhe faltavam pinturas, porque vestida estava de musgo, que em differentes côres se partia.

« Subiam do escabroso alicerce deste raro edificio, á porfia amando aquellas pedras, que tambem se amavam, ora branco, ora negro, e o de miúdas folhas, e a vide salvage, cheia de flôres moradas, dilatando seus ramos, e em tão duro assento descançando.

« Occupavam os logares, que estas, e outras matas não cobriam, a serpeante zigis, a silvestre endivia, o ourégão, e inculta segurelha, matizando, como por vivos desta guarnição, o que restava, e com flôres, e aromatico cheiro deleitando.

« Estava a porta do antro peregrino entre duas altas faias, e mais chegadas a ellas certas giestas, onde palhiças flôres campeavam, e alguns frageis jasmins, que ás pedras arrimados lascivamente pela parte de dentro procediam; por baixo delles guarneciam immortaes paredes matas de murta verde de brancas flôres, e de fructo negro, de salva, que com o cheiro das crivadas folhas sobre villosos tallos recreavam, e de paligonato semilhante nas folhas ao loureiro, mas adornadas de tantas flôres brancas, que os excedem.

« A uma parte desta sala, que todo o engenho humano avantajava, se recolhia um antro cujo estreito districto se divisava com a reflexão da sua claridade tão afferrada de denso, e villoso musgo, e alcatifado de gramma sagrada a Marte, coberta toda de florinhas brancas, que bem podiam por elle desprezar-se os aposentos, onde a lascivia humana fabrica mais excessos de regalos. Por secretas partes vinham, as entranhas do monte dividindo, as aguas, que causava o ar em suas concavidades suspendidas, e descendo por entre pedras, que ás do raro aposento se arrimavam, vieram a sobcavar uma, que ao centro estava, sobre a qual outra, daquella mesma procedendo, se via em fórma de pyramide trez covados levantada, e por su-

Digitized by Google

bir o que descido tinham, oh peregrina força da natureza! Estavam as entranhas desta penetrando, sahindo do cume desta sobre outra pedra, que seu antigo movimento em fórma de pia subcavara, em gottas tão espessas, e umas traz das outras procedentes, que, mais que agua, parecia cristal em infinitas partes dividido.

« Vestia-se esta pedra pyramidal de raminhos de alfacinha do rio, por entre os quaes alguns de verde avêa, cá era sua humidade vida, de donde porfiando, com a agua, que continuamente de gotinhas de candido aljofar a cobriam, as deitavam de si no mesmo instante cobrindo, por descobrir a verde côr, de perlas o pedregoso parque, donde em diaphano humor se convertiam, dali faziam seu caminho, e rodeando o valle deleitoso, detendo-se ás vezes entre seixinhos, alvos por conversar com as hervas, que antes pareciam escutar seu queixoso movimento. »

Por este longo trecho poderá o Leitor avaliar a prosa de Manoel Quintano de Vasconcellos; porém ella em minha opinião é muito inferior á sua poesia.

A architectura do Romance, ou Novella Pastoril a *Paciencia Constante* consiste em uma multiplicidade de scenas, mais juntas que ligadas, em que alguns pastores em diversos logares, se encontram, conversam, descutem, moralisam, separam-se, levantam-se, tornam a encontrar-se, cantam, ou choram segundo a disposição do seu espirito, e contam ás vezes novellas quasi sempre engenhosas, e cheias de interesse.

A Obra é dividida em cinco livros, não pequenos, mas não está acabada, pois o mesmo Author a termina promettendo a continuação, dizendo: « Aqui tambem suspende seu rustico accento a frauta minha, té que com novo alento prosiga seus successos, dando fim aos de Lisandro, e Claridea. »

Não sei si Manoel Quintano escreveo, ou terminou esta segunda parte, ou se ficou manuscripta como as suas outras Obras; o que é certo é que nunca veio á luz; parece fado das composições deste genero: assim succedeo á Diana de Montemaior, á Galathea de Cervantes, e mais algumas, que seria escusado apontar.

Pelos cinco livros desta Novella derramou o Poeta com mão prodiga Sonetos, Eclogas, Canções, Endeixas, Oita-

Digitized by Google

vas, Decimas, Romances, e toda a casta de Poemas usados no seu tempo, sem faltarem mesmo as sem sabor, e insoffriveis Sextinas.

Estas poesias posto que aqui, e ali salpicadas de affectação, e iscadas de gongorismo, podem ser contadas entre as melhores, que nos ficaram daquelle seculo; nem tem os brilhantes falsos, e os equivocos de Frey Jeronymo Vahia, nem os pensamentos obscuros, e Sybilinos da Condeça da Ericeira, vê-se que o seu bom gosto natural réagia contra as preocupações, e a mania do seculo, e da eschola a que pertencia.

A sua versificação é fluida, e harmoniosa, e a sua expressão, si nem sempre é forte, é muitas vezes graciosa. As suas rymas, que nunca sam violentas, nem esquisitas, sam quasi sempre bem collocadas. Outro merito das suas composições, muito raro naquella epocha, é a sua brevidade. Alguns dos seus Poemas, que passamos a transcrever, mostrarão o caracter do seu estylo, e farão sentir a injustiça do esquecimento, em que este bello engenho tem estado até hoje sepultado. Principiaremos pela seguinte.

ECLOGA.

LIRIANDRO.

Floridora, que as flôres deste prado
Em teu nome ditosas,
O teu sobre as Estrellas levantado
Tem, puras, e formosas,
Porque assim tão piedosas
Essas lagrimas vertes,
Si a alma de quem te vê nellas convertes?

FLORIDORA.

Não tem, Liriandro, hum triste mór tormento
Que, estando padecendo,
Querer saber hum livre pensamento,
A causa, conhecendo
De si que está morrendo,
E que he qual falso Espelho
Quem, não sentindo amor, quer dar conselho.

Digitized by Google

LIRIANDRO.

Nunca livre de amor para comtigo
Esteve o coração,
Sem quem, sugeite a Amor, teus passos sigo,
Que minha opinião,
Fundada na razão
De te ser semilhante,
Teve para mudar-se o mesmo instante.

FLORIDORA.

Agora claramente entenderemos
A potencia amorosa,
E as doudices passadas pagaremos;
Mas a lança forçosa
Dessa voz lastimosa
Me declara, si he certo
Que foi teu blasonar fragil, e incerto.

LIRIANDRO.

Foi-se em meu desamor o Amor gerando
De tua liberdade,
Foi-me não o entendendo, namorando
Teu rigor, e crueldade,
A tua Honestidade
Me transformou de modo,
Que em meus de teus affectos vive o todo.

FLORIDORA.

Liriandro, si Amor póde trocar-te
Tomando por sugeito
A quem fez impossivel agradar-te,
Quiz por hum, e outro peito
No passo mais estreito,
Aborrecendo amando,
Eu por Liceno, tu por mim chamando.

Digitized by Google

LIRIANDRO.

Tu só de meus sentidos luz, e esphera
Foste desta mudança
Precisa causa, que amor não podera
Faltando a esperança,
Que todo o bem, que alcança,
Si de quem te ama amante
Que Amor de si produz o semilhante.

FLORIDORA.

Si Amor fôra eleição do entendimento,
Bem podera culpar-me
De tão desordenado movimento:
Mas posso consolar-me,
E a mim mesmo queixar-me
De Amor, que não o tendo,
Gozava o bem que amando estou perdendo.

LIRIANDRO.

Pois já sabes que he amar aborrecida,
Não soffres tanta pena,
N'alma aonde de Amor recebes vida;
A lei, que Amor ordena,
He a que nos condena,
Não quem nos aborrece,
Mas a quem por amor amor merece.

FLORIDORA.

Chamavam-te o Pastor desamorado,
E a todas desamando,
Perseguias, e agora namorado
Me estás martyrisando:
Fica-te lamentando,
Que he cousa mui penosa
Ouvir queixas de amor, d'outrem queixosa.

Digitized by Google

Não é menos bella a Ecloga de Ursico, e Leobello, que se lê no livro segundo a paginas 89.

URSINO.

Phylis colhendo as flôres deste prado
Descalços tinha entre ellas os pequenos
Pés, e na neve candida abrazado
A mi co'a luz de seus olhos serenos.
Crescendo em seu descuido meu cuidado,
Tudo querendo, e desejando o menos,
Por toca-los tomara por partido
Ser n'huma de taes flôres convertido.

LEOBELLO.

Penteando seus cabéllos de ouro fino
Ulina, o vento entre elles namorava,
E no lêr de seu rosto hum matutino
Crepusculo, enlaçando-se, formava.
Depois, soltos nos hombros, o divino
Sol dos olhos sahiu, que me abrazava
Eu deixara de ser então Leobello
Por crepusculo, Sol, e Ceo tão bello.

Estas recapitulações de objectos encontram-se a cada passo nas poesias da Eschola de Gongora, onde passavam por admiraveis bellezas de estylo: mas o que se tornava vicioso era a prodigalidade, com que se fazia uso dellas na mesma composição.

URSINO.

Qual a melodiosa Phylomena
Seu ninho amado vendo descoberto,
Os raminhos arroja, e desordena,
Formando queixas deste desconcerto,
Phylis de seu regaço donde ordena
Artificiosa com gentil concerto
Grinaldas, tudo engeita, e desgostosa
Se mostra esquiva porém mais formosa.

Digitized by Google

LEOBELLO.

Qual entre humidas nuvens o formoso
Sol reflexando, Iris nos descobre,
E sobrevindo Tempo pluvioso
Sua luz, e formosura nos encobre,
Ulina, què não menos ao sombroso
Valle luzeiro hera puro, e nobre,
Fugindo o valle os olhos por perdela
Tornam tristeza, e agoa o bem de vêla.

URSINO.

Divina Phylis, mais que o Lyrio branca,
Mais vermelha que rosa não tocada,
E féroz, e ligeira
Qual Cerva na carreira,
Que estás, si a Natureza te foi franca,
C'o mesmo excesso de rigor armada,
Vôa os meus aonde andas por te vêres,
Os olhos, em que as almas d'amor feres.

LEOBELLO.

Ulina bella, cujo lindo gesto
Da Papoula, e Jasmim a côr excede,
Mui mais veloz, e esquiva
Que Gama fugitiva,
Vê-me, porque em teus olhos manifesto
Amor, quando te vêjo, me concede,
Pois não has de deixar de ser querida
Que ames quem para amarte quer a vida.

URSINO.

Que ames quem para amarte quer a vida,
He justo, e gran rigor dar-ma penosa,
Que inda que se te deva,
Não he bem de ti se escreva
Que, sendo tua seja mal perdida
Discreta a amar obrigas, e formosa

Digitized by Google

Não diz com taes extremos a crueza,
Que amor he perfeição da Natureza.

LEOBELLO.

Que amor he perfeição da Natureza
Na variedade della se conhece,
Seus contrarios effeitos
Amor os tem sugeitos
Por a ley do amor que ley he da Nobreza,
A machina Mundana não perece,
Ulina só não ama sendo amada,
Desta ley por meu damno reservada.

URBINO.

Leobello, a negra sombra desta altura
Por receber a noite vem cahindo,
E o Gado, com balidos, na espessura
Se vai do verde campo despedindo,

LEOBELLO.

Cesse pois da aderada formosura
O canto, que nas almas repetindo
Por estylo suave, e differente
Estará o doce Amor eternamente.

Qualquer que seja o merito destas duas Eclogas, que não é pequeno, especialmente si attendermos ao tempo, em que foram esctiptas, eu não duvidarei preferir-lhe a de Daristo, e Marfido, pertencente ao Livro V., paginas 204; é em oitava ryma, e apresenta de quando em quando a graça, e a louçania de Camões.

DARISTO.

Considera, Marfido, o manso Gado,
Que, passado o rigor da Noite fria,
Se descuida da Herva deste prado
Saudando alegre o desejado dia;

Digitized by Google

Ó ar da Madrugada delicado,
E das pintadas Aves a harmonia,
Não fujas da razão para a tristeza,
Porque quem desespera he a fraqueza.

MARFIDO.

Daristo, em meu cuidado convertido
Feito imagem da dôr, e da saudade,
Vêjo esteril o prado mais florido,
No gosto, e passatempos a crueldade;
Ausente de mim proprio meu sentido,
Sou mentira a mim mesmo da Verdade,
Que a Morte tem metida em quanto vêjo
Ó fero Basilisco do Desejo.

DARISTO.

Anda meu pensamento retratando
N'alma o divino rosto da Pastora
Por quem alegre vivo suspirando,
Mas esta obra excellente não melhora;
Porque inda que o amor lhe vai mostrando
A formosura de que se namora
Não póde comprehendela, e si podera
Sempre por impossivel o tivera.

MARFIDO.

O sugeito mais alto, e peregrino
Que occupou nunca humano pensamento,
Foi; quando o permettia o meu destino,
Doce causa do meu contentamento;
Agora suas partes imagino
N'alma escriptas da dôr do meu tormento,
E sendo esta a razão de entristecer-me,
Em memorias quizera revolver-me.

DARISTO.

Cilicia minha, cuja honestidade
De graças, e belleza enriquecida,

Digitized by Google

O Desejo suspende, a Liberdade
Acredita, e contenta em ser vencida;
Usai comigo liberalidade
Divina causa, por quem tenho vida,
Amai, que só de amor tão bem fundado
Precede o bem amar, e ser amado.

MARFIDO.

Gelinda, em cuja graça, e formosura
Tudo o que deve amar-se resplandece,
Que não tem mais que dar-nos a ventura,
Nem menos que esperar quem vos conhece,
Não sois culpada em ser ingrata, e dura,
Nem amando comvosco se merece,
E para não haver-vos conhecido
He gloria ser de vós aborrecido.

DARISTO.

Si penteando-se está, quando amanhece,
Cilicia, envergonhada foge a Aurora,
E distribuindo luzes amanhece
O Sol, que de tal vista se enamora;
Nos Ceos, no Campo, e rio se conhece
Que a Natureza toda se melhora,
Eu, que alegre seus olhos vêr mereço,
Em ter siso por donde me conheço.

Já na Ecloga antecedente o Poeta fez mensão de uma Pastora, que se estava penteando; não sei porque gosto extravagante os Poetas da Eschola Castelhana se enlevavam tanto em vêr as suas Damas na occasião de pentear-se, que é uma das situações menos favoraveis para qualquer mulher parecer formosa, no entanto elles esgotavam o seu vasto armazem de hyperboles, e de conceitos para pintarem em seus versos esta circumstancia, ao menos para mim, desagradavel, isto não era só mania dos Portuguezes, ella dominava igualmente na Hespanha como póde vêr-se dos seguintes versos de um Soneto do Conde de Villamediana.

Digitized by Google

Al Sol Nise surcava golfos bellos
Con dorado baxel de metal cano;
A frenta de la plata era su mano,
Y afrenta de los raios sus cabellos.

Direi de passagem que estes versos podem tambem servir de exemplo das methaphoras ridiculas, e mal formadas, de que tanto usava a Eschola de Gongora.

MARFIDO.

Estava-se Gelinda penteando
De ser vista innocente, e descuidada,
Laços de ouro subtis Amor formando,
E fogo a mão de neve não tocada;
Hia as luzes divinas imitando
Do raro objecto a rôxa Madrugada,
Eu tinha, occulto em tal contentamento,
Nos olhos transformado o pensamento.

DARISTO.

Já ao nosso Zenith o Sol subindo
Aquenta a Terra, que ama, e favorece,

MARFIDO.

Vai-se o manso rebanho dividindo,
Mas inda Florismonte não parece,

DARISTO.

Vai-te, Marfido, a mata ora subindo,
Que fresca sombra já nos offerece,
Em quanto o manso Gado ajuntar quero,

MARFIDO.

Seja como quizeres; lá te espero.

No tempo, em que este Poeta floresceo, andavam os Sonetos tão validos, que se preferiam a qualquer outro

Digitized by Google

genero de Poemas; si fosse possivel colligir todos, que então se compozeram, talvez não bastassem cem volumes de folio para os conter todos, mas si fossemos a escolher sómente os bons, duvido que enchessem só um vólume.

Seria pois um milagre si elle não recheasse a sua Novella Pastoral de um bom número de Sonetos. Felizmente entre os seus acham-se muitos, que podem passar pelos melhores, que sahiram á luz naquella epocha soneteira. Tal é este ao Rouxinol.

SONETO.

Com tanta suavidade estás cantando,
Mudada em Passarinho, Philomena,
Que eterna fazes tua justa pena,
Sentidos, e memoria lastimando.

Os suaves accentos, que formando
Estás na Estancia por ti mais amena,
Accendem a alma, aonde Amor ordena
Que te vam meus suspiros imitando.

Mas ai! que não sam queixas, doce canto,
Fórma Amor em teu peito, a que o lascivo
Consorte namorado te responde.

Eu c'o rouco gemido do meu pranto
Onde não morro, porque já não vivo
Chamo quem tendo-a em mim, de mim se esconde.

Tal é este á Liberdade, que, como o antecedente, pertence ao Livro I.

SONETO.

Preciosa, inestimavel Liberdade,
Chara, e divina prenda do alvedrio,
Levo, ornamento, graça, e atavio
Da alma immortal, thesouro da Vontade.

Caminho claro, fiel seguridade,
Do Entendimento paz, honesto brio,
E segurança do animo, desvio
Do medo vil, da atroz temeridade.

Digitized by Google

Perde-te o triste, que, o amor perdido,
Seus effeitos imita, cégo tendo
Por bem seu mal; vôando ao seu cuidado

Com azas de suspiros, não vivendo
De alegria, oh repouso do sentido,
Tu só na vida hes felice estado.

SONETO.

De puro ouro os cabellos a Pastora,
Tem que amo, os olhos negros, donde ardendo
Triumpha Amor, humilde parecendo
D'alma minha, que nelles vêjo agora.

Brancas perlas por dentro, coraes fóra
Na grossa, e linda bocca se estam vendo,
Quando se ri, duas covas offrecendo,
Em que mora o Desejo, que namora.

A côr morena em seu divino gesto
De branco, e rôxo quiz o Ceo forma-la,
Dando graças de graça em doce ensejo,

Tem o corpo gentil, andar modesto,
Si eu sei mal, por ser rude, retrata-la,
Nos olhos a verás, com que te vêjo.

Este retrato deve agradar muito ás Senhoras trigueiras, a quem as alvas não querem conceder partilha na belleza, posto que muitos homens sejam de opinião contraria, e elles sabem bem porque.

SONETO.

A'quelle falso gesto, que me inspira
Amor tão cégo em mim para meu damno,
Chego, e á vista do rosto soberano,
O Desejo admirado se retira.

Digitized by Google

A Vontade de si propria se admira,
Tem tanto bem os olhos por engano,
Muda está a lingua, e vendo o Desengano,
O coração, rompendo-se, suspira.

Não posso socegar o pensamento,
Em mil contradicções arrebatado,
Miseria procurada, e conhecida.

Ah impossivel do meu doudo intento,
Suspende as azas, que he Vaidade o Fado,
Mas taes os gostos sam d'aquesta vida.

Tambem não é para admirar que o nosso Poéta consagrasse um Soneto a D. Ignez de Castro, assumpto de predilecção para quasi todos os nossos Vates. Eis aqui este Soneto, que se encontra a paginas 137, do Livro IV.

SONETO.

A bella Nise que de Pedro amada,
Principe poderoso, á dura sorte
Fugir não póde de huma injusta morte,
Nella para viver executada.

Fortuna, leve ao bem, ao mal pesada,
Mostra effeitos da Inveja iniqua, e forte,
Elle ama immortal, porque consorte
O fez vivo da Amante sepultada.

Felice, e raro amante, que gozaste
Amor de quem a vida em menos teve,
Sendo-o de toda a humana formosura,

E tu, Nise ditosa, que alcançaste
Perdendo a vida em fim caduca, e breve,
A corôa da Fama, que mais dura.

De todas as poesias de Manoel Quintano de Vasconcellos, é talvez esta a que se encontra mais retincta no estylo de Gongora; eis aqui um dos grandes inconve-

Digitized by Google

nientes de tractar assumptos muitas vezes tractados, querermos dizer alguma cousa nova, e cahirmos no rebuscado, e extravagante.

O seguinte a uns olhos formosos, está mais descarregado dessa poeira seiscentistica.

SONETO.

Formosos olhos, cuja luz divina
De lagrimas piedosas eclypsada,
Parece o Sol, que nuvem congelada
Desfaz opposta em agua cristalina.

Si cobrem mão, e véo a peregrina
Formosura de perlas matisada,
Porque enxutos vejaes representada
A Tragedia nos meus, que Amor me ensina.

Não dar causa com vêr luzeiros puros,
Que outro objecto se forme no sentido,
Que este em que Amor co'a vida está matando.

Que si vivo de mim sêde seguros,
Que vos sigo em suspiros convertido,
E que ficaes nos meus sempre chorando.

Bem conheço que ha uma distancia immensa entre estes Sonetos, e os de Santos e Silva, Domingos Maximiano Torres, Bocage, Francisco Manoel, e Camões, que sam os reis neste genero de composição; porém, si os compararmos com os dos contemporaneos, o nosso juizo a respeito delles será muito differente. Folheé-se a *Phenix Renascida,* o *Postilhão d'Apollo,* e as Sessões de algumas Academias muito affamadas naquelle seculo, e vêja-se quantos Sonetos ali se deparam muito inferiores aos que aqui deixamos copiados. Para fazer justiça a um Author, é necessario julgar as suas Obras em relação aos tempos, e ás circumstancias, em que escreveo.

Manoel Quintano de Vasconcellos faz muitas vezes uso da antiga poesia dos Trovadores, assim o vêmos nestas Coplas de pé quebrado, que só se distinguem das dos

Digitized by Google

Poetas do Cancioneiro de Resende pela melhoria da versificação, e mais apurado dos pensamentos.

COPLAS.

Temerario pensamento,
Muda intento,
Contra mim não te levantes,
Que sam annos os instantes,
Que vens a dar-me tormentos
Contentar
Não queiras com porfiar,
Que a porfia
Tem mais de descortezia,
Que de saber agradar.

Como não passo por ti,
Que nasci
Com vantagem tão notoria,
Que o que me trazes por gloria
Vem só a ser pena em mi?
Em que parte
Posso sem mi vir acharte;
Que offendida
Não fuja da propria vida
Por não tornar a encontrarte.

Mas, ai! que digo? si vêjo
O desejo
Favorecer teu partido,
E delle favorecido
Contra a minha alma pelejo,
Considero
Que me respondes que espero,
Que me canço
Fugindo do meu descanço,
E por não querer o quero.

Já digo que tens razão,
A opinião
Mudo no intento, que sigo,

Digitized by Google

Quero-te ter por amigo,
E dar-te minha affeição
De maneira,
Que hade estar pura, e inteira
Em teu centro,
Que consiste em te-la dentro
A gloria mais verdadeira.

Pois nos temos concertado,
Confirmado
Fique em nós este partido,
Que sejas o meu querido
Para não ser declarado,
Vôando
Me leva de quando em quando
Mas com tento,
Não saiba Amor nosso intento,
Que me perderás amando.

Tambem pertence á poesia dos Trovadores a seguinte Cantiga de Cilicia, que se lê a paginas 212, do Livro V.

Amo satisfeita
Do meu pensamento,
Mas que me aproveita
Si a confiança he vento?

Tu amas, e queres
A satisfação,
He para temer
Qualquer coração,
Porque a conclusão
Do mais firme intento
He ser tudo vento.

Fôra gloria amar,
Só por Natureza:
Temer, e esperar
Argue fraqueza:
Difficil empreza
He fiar do Vento
O contentamento.

Digitized by Google

No mesmo caso estám estas Endechas, a paginas 298, do mesmo Livro V.

Amante em presença,
Ausente querido,
Firme nas mudanças,
Para falso amigo.

Facil impossivel,
De Amor peregrino,
Inutil achado
Na razão perdido.

Que vens lamentando
Meus passos seguindo,
Ausente me erraste;
Chora só comtigo.

No mal, que fizeste,
Sem ser induzido,
As proprias desculpas
Servem de castigo.

Que si Amor disseres
Triumpho do alvedrio,
Em tal inconstancia
Ficas convencido.

Si elle te obrigava,
Já tu foste digno
Que te amasse tanto,
Que agora to digo.

Em obedecer-me
Do teu mal principio,
Mais foi que ley minha
Força do Destino.

Si de mi te ausentas
Pelo que imagino,
Nisso que he não vêr-te
De mi só me privo.

Digitized by Google

Pelo fim das cousas
Se verá ao principio,
Sentir que te amassem
De amar-te hera indicio.

Si não desculpar-te
Foi guardar-me o Edito,
Que intentas agora
Tendo reincidido?

De amor não cuidou
Meu primor altivo,
Chegando-me a te-la
O houvesse fingido.

Mas no desengano
Gran dita comsigo,
Que antes de cahir
He util o Aviso.

Por mais não amar
Que te amei colijo,
Embora vá erro,
Que tal bem me ha sido.

Todos meus secretos
No ultimo publico,
Que, inda que não morro,
Para ti não vivo.

Goza teu cuidado,
Amado inimigo,
Que porque foi meu
Que o gozes estimo.

Não passes ávante
Torna a teu caminho,
Seguir o que perdes
Será desvario.

Digitized by Google

Tambem neste Romance Pastoril se encontram ás vezes Voltas no gosto antigo, o que mostra bem que o Poeta não só estudava os Poetas do seculo precedente, porém mesmo os antigos Cancioneiros.

VOLTA.

Minina, que nas Mininas
Destes meus olhos andaes,
Dizei porque me mataes.

GLOSA.

Ornavam de varias flores
As armas, que Amor trazia,
Duas Mininas de côres,
Outra zombando de amores
Huma capella tecia;
Elle co'a flexa dourada
Pregar-lhe quiz as boninas;
Dá antes essa flechada
(Disse eu) na desamorada
Minina, que nas Mininas.

Amor os olhos virando,
Vendo-a nos meus debuxada,
Diz-me: « Tu estás zombando,
« Duas sam » e assim tirando
A frecha em mi foi cravada
Ferido disse: « ditosa
Morte, Minina me daes,
Que a alma vossos olhos goza
Vós por Minina formosa
Nestes meus olhos andaes.

Formosissima Minina,
Da formosura retrato,
Rara Estampa peregrina,
Encantadora, divina
Da Belleza luz, e ornato;
Porque esse Sol escondeis

Digitized by Google

Traz de quem, a alma levaes?
Porque arriscar-vos quereis?
Si vós dentro em mim vereis
Dizei porque me mataes?

O Poeta fez igualmente uso das Quintilhas, que na verdade sam uma das mais felizes combinações rimicas, que nos ficaram da nossa poesia primitiva; por isso não tem faltado Poetas modernos, que as adoptassem no Epigramma, nas Satyras, nas Epistolas familiares, nas Fabulas, taes foram Bocage, Nicoláo Tolentino, Bingre, Moniz, e Pimentel Maldonado. Vejamos como o Author da *Paciencia Constante* fazia uso das Quintilhas.

Quer Amor justificar
C'os que presentes estaes,
No que aqui se hade mostrar
Que a razão de casos taes
Sente só quem sabe amar.

Aos que não sabem de Amor
O poder meravilhoso,
E o julgam por fabuloso,
Esconder-lhe he gran primor
Todo o successo amoroso.

O Pastor, que agora entrou
Nesta excellente morada,
A outra Pastora amou,
Que altiva, determinada,
E ingrata o desterrou.

E posto em ausencia dura,
D'onde bens passados chora,
Amado dessa Pastora
Ama a ausente formosura,
E o que lhe deve ignora.

Ella que crêo ser amada,
De huma Mulher persuadida,
E se deu por obrigada,

Digitized by Google

Quer já que a perda da vida
Desculpe o ser enganada.

Mas Amor, que tudo vence
Nessa amorosa contenda,
Quer que a Razão se defenda,
E que novo Amor dispense
Porque seu poder se entenda.

A Quintilha é susceptivel de differentes travações de ryma; e todas de mui bom effeito. O Poeta aqui alternou duas dellas, talvez com o fim de evitar a monotonia; não o censuro, antes o approvo, mas parece-me que teria feito melhor, seguindo o exemplo de Lope de Vega Carpio, que escrevendo em Quintilhas o seu Poema de Santo Isidro, apresenta a fio todas as variações rymicas das Quintilhas, e quando chega a ultima volta á primeira, e segue na mesma ordem.

Quasi todos os Poetas da Eschola Italiana, e Hespanhola *tiveram saudades das Cebolas do Egypto,* isto é, apesar de trabalharem por introduzir, e plantar no Pindo Portuguez uma poesia nova, sempre mais, ou menos cultivaram a antiga poesia nacional, e Luiz de Camões foi talvez o que mais se deu a ella; e, o que é mais, elevou-a a uma grande perfeição, a que ella nunca tinha chegado. Até certo ponto tenho por desculpavel esta predilecção pela poesia dos Trovadores, é na verdade uma poesia creança, que ainda balbucia, e tropeça; mas por isso mesmo tem certa graça infantil, certa vivacidade estouvada, certa singeleza desaffectada, de que o bom gosto póde contentar-se: mas o que é um contrasenso é que por moda se queira nos nossos tempos fazer resuscitar essa poesia morta, e fazer della a poesia nacional.

A poesia dos nossos Copleiros, Trovistas, e Dezidores, era boa para o estado de imperfeição, em que ainda existia o idyoma, para ser nos palacios dos grandes cantada nos extrados ao som da viola, ou da harpa. Mas por isso mesmo que era uma poesia de salões, é que não póde ser poesia nacional, isto é, poesia pela qual se julga do talento poetico de um povo, e de que a posteridade tem conhecimento. Que é feito de tantos milhares de *Sirventes,*

Digitized by Google

de *Balladas*, e *Tensoes*, de que os Trovadores de Italia, d'Alemanha, de França, e de Provença inundaram a Europa? Lá dormem em voluminosas collecções na Bibliotheca de Paris, onde de longe em longe algum Archeologo, algum Critico, e muito mais raramente algum Poeta folheia bocejando algumas paginas. Ao passo que a *Divina Comedia* de Dante anda nas mãos de naturaes, e estrangeiros, é cada vez mais admirada, reimpressa, e traduzida, porque ali se encontra um quadro da idade media, com seus crimes, seus costumes, suas discordias, suas guerras, suas opiniões, desenhado com mais exacção, e colorido com tintas mais vivas, e mais verdadeiras, que o que a Historia nos apresenta.

Embora os nossos Poetas novos, componham Chacaras, Solaos, Romances, Cançonetas, para recitarem ás suas bellas nas Assembléas, para serem cantadas nos Theatros, ou pelos Artistas nas suas Officinas; é necessario que haja uma poesia popular para as mulheres, e para as classes laboriosas, mas é necessario que haja uma poesia nacional para os Sabios, e para os Literatos: manejem algumas vezes a Theorba do Trovador, mas não se esqueçam da Comedia, da Tragedia, do Poema Didatico, e da Epopeia, desses Poemas que sam de todos os tempos, de todas as nações, e porque a posteridade se interessa. Não se me tome isto por uma censura, mas por um conselho, creio que o meu reconhecido zêlo pela literatura patria, e a minha idade avançada me dam direito para clamar a tantos mancebos, que hoje cultivam a poesia, e cujo talento ninguem estima mais do que eu: « Olhai que hides errados, mudai de caminho, segui o trilho de Camões, e de Phylinto, si quereis honrar a patria, e que as Musas vos coroem no Pindo. »

Digitized by Google

CAPITULO II.

Outras Poesias de Manoel Quintano de Vasconcellos.

Parece que os Poetas, que no seculo passado, ou no anterior a elle, escreveram Romances Pastoraes, os consideravam simplesmente como um mostrador, ou taboleta, onde expunham os seus Poemas de pequena extenção aos olhos do público, e por isso se descuidaram tanto no artificio, e contextura da fabula desses Romances, em que sempre encontramos falta de unidade, e verosimilhança.

Mas qual seria o motivo, que os induziria a publicar assim os seus versos? Assentariam acaso que o contraste da prosa os faria parecer mais bellos? Ou que esta variedade facilitaria a leitura? Mas achou alguem monotonas ás poesias de Pindaro, de Homero, de Horacio, e de Virgilio por não emborilhadas em trechos de prosa? Acaso a despedida de Heitor, e Andromacha, ou a morte de Dido interessariam mais se estivessem entrecaladas em um capitulo prosaico? A Ode a Hieron, ou a Ode á Fortuna perdem alguma cousa de seu valor por esse motivo? Não por certo, para que é pois esta mistura barbara de duas linguagens oppostas, a que nunca pude affazer-me. Si uma Novella Pastoril, a Arcadia, por exemplo, ou a Diana, é um Poema, deve ser toda escripta em verso; si não o é, então os Pastores, que nella figuram não devem fallar umas vezes em prosa, e outras em verso.

Já no Capitulo antecedente mostramos, que Manoel Quintano de Vasconcellos intercallou na sua *Paciencia Constante* varias qualidades de Poemas, como Eclogas, Sonetos, Voltas, Quintilhas, &c., agora demonstraremos neste, que nelle introduzio ainda outros Poemas, como

Digitized by Google

Romances, Elegias, Oitavas, Epistolas, e Canções; o que dá a entender que o principal objecto do Author na composição desta Obra foi alliviar a sua carteira da muita versaria, de que estava pejada.

As Oitavas deste Poeta sam de ordinario bem fabricadas, e cheias de força, e sonoridade; taes sam as que a paginas 33 no Livro I. canta o Pastor Liceno.

Enganado viveo meu pensamento,
Ou forçado de minha desventura,
Pertendendo abrandar com meu tormento
A tenção mais feroz, rogada, e dura;
Quiz em vão conquistar hum peito isempto
Com lagrimas, serviços, e brandura,
Magoado agora estou meus erros vendo,
E a memoria de magoas não defendo.

Já vendo o porto estou, onde procuro
As vélas amainar do vão desejo,
E a Esperança em logar firme, e seguro
Agradavel lançar ancora vêjo;
A obrigação me guia, o doce, e puro
Amor me leva, donde achar festejo
Acolheita amorosa, e socegada
Alma n'hum mar de pranto sepultada.

Livre de hum mal de mi já conhecido,
Gozando o doce bem; que não mereço,
Tão bem ganhado, quanto mal perdido
Onde ao vêr-me em meu siso me endoudeço;
Hum coração de vós enriquecido
Bello Templo d'Amor vos offereço,
Não com cautella, nem para outro effeito,
Que o ser de contentar-vos satisfeito.

Taes sam estas do mesmo Livro, que fazem parte do Poemeto de Briseida, que por sua estenção não póde expôr-se aqui.

Imaginando andava de continuo
Na aspera solução do seu conjuro,

Digitized by Google

Pertendendo evitar o cru destino,
Que a Nympha ameaçava acerbo, e duro:
Quanto mais nella hum garbo almo, e divino
Gentil resplandecia, honesto, e puro,
Evitar quer Arterio o triste fado
Contra tal formosura conjurado.

Depois de mil discursos determina
Formar de seus conjuros novo encanto,
Que envelhecido, e cégo na officina
De huma consciencia dura chega a tanto;
Cinge de ar a parte cristalina,
Que occupa o sitio seu de escuro manto
De nevoa, que, apesar da força humana,
Os passos impedindo, a vista engana.

Fôra daquella densa escuridade
Por hum padrão de Letras, que continha
Que a ninguem confiando na Amisade
Sua, ou do proprio esforço lhe convinha
Na nevoa entrar, adonde com crueldade
O castigo de tal desordem tinha,
Porque ás Mulheres só se consentia
A entrada, que dos Homens defendia.

E para que Briseida alegremente
Goze da bella Estança em todo o ensejo,
E nos olhos seu gosto represente
Sem que a continuação lhe faça pejo:
Em tudo o de que póde ser contente
Imitação fez dar ao seu desejo
Com providencia tão considerada,
Que athe do desejar o modo agrada.

Hum vergel fabricou tão deleitoso,
Que excedia os famosos de Alciano,
Adonde de Amalthea o copioso
Corno se derramava sempre ufano;
As purissimas fontes com queixoso,
E gentil movimento mais que humano

Digitized by Google

De candido cristal o vão bordando
As da antiga Trinacria desprezando.

O Poeta nesta Strophe, pela imperiosa necessidade da ryma, crismou o antigo Rei dos Pheaces tão famoso na Odyssea de Homero, mudando-lhe o seu verdadeiro nome de Alcinoo, no de Alciano: mas que admira isso? O grande Tasso pela mesma razão não crismou *Goffredo* em *Goffrido?* E ha tanto apaixonado da ryma, que obriga até os grandes Poetas a cahirem nestas ridiculas extravagancias!

A verde Primavera, o sasonado
Verão o sitio ameno enriquecido
Tem, que no mesmo tempo está colmado
O Arvoredo de Fructas, e florido;
Deleita-se nos olhos o cuidado,
Suspendem varios cheiros o sentido,
E das Aves a Musica divina
Outro modo de ouvir mais alto ensina.

Junto ao Vergel divino hum bosque estava,
Que excede de Diana a Dodonea
Selva, donde huma gruta repousava
De cristalino humor banhada, e chea,
Daqui por entre flores dilatava
The onde existe hum Lago a branda vea
Assi candido, bello, ameno, e puro,
Que hera ante elle o de Sálmacis escuro.

Aqui o simples Coelho, a fugaz Lebre
Em paz se alegram sem temer engano,
Livres que a ligeireza se celebre
Do Galgo, e do Podengo por seu damno;
Pois o Corço seguro de que quebre
Do seu correr o curso o deshumano
Caçador, vai tão manso, e socegado,
Que só do seu descuido tem cuidado.

.....

Ante elles apparece de improviso
Cholerico Leonido, e desmudado,
E, antes que Briseida esté de aviso,

Digitized by Google

Na mão lhe póz o circulo dourado;
Já conhece Alexandre, e perde o siso,
E Leonido, que vive em seu cuidado,
Triste o Conde no engano não repara,
Leonido, assim fallando, se declara.

« Este he o teu Leonido verdadeiro,
» E aquelle o falso Conde, que te engana,
» De quem gozada hes, tendo eu primeiro
» A fé, que dessa sorte se profana,
» E porque o sentimento derradeiro
» He o que tenho da desgraça humana,
» Co'a minha a vida deste falso acabe,
» Porque nesta traição tal bem não cabe. »

Assim dizendo, fero, e animoso
C'hum cutello de morte o Conde inviste,
Que indignado no extremo, e corajoso,
Procurando acaba-la, lhe resiste;
Briseida, vendo o caso lastimoso,
Vê que o remedio delle só consiste
Na morte, que com pranto, e rogos chama,
Vendo-a contra outra vida, que mais ama.

Vái seu fim lamentavel descobrindo
O sangue, que procede das feridas,
Dos dous amantes, que se estam ferindo
Com gloria de se vêr perder as vidas:
A Nympha, tristes queixas repetindo,
Tantas lagrimas da alma tem vertidas,
Que desmaiada á dôr mortal se entrega,
Mas Artenio a sustenta, que então chega.

Aviso de seu damno teve o Velho,
E sem elle cuida-lo inda presume,
Mas do sangue o logar vendo vermelho,
Em que dos dous a vida se resume,
E que a Sobrinha por seu mau conselho
A sua em tristes lagrimas consume,
Bem que em seus erros fero, e obstinado,
A morte espera já desesperado.

Digitized by Google

O mal ditoso Conde, o sem ventura
Leonido as charas vidas vam perdendo,
Briseida, a mal lograda formosura
E a Artenio a presumpção taes cousas vendo;
Quando lá na immortal, suprema altura
Os Deoses deste caso conhecendo,
Artenio nesta pedra converteram,
Em que aos Sabios do Mundo exemplo deram.

A Nympha, quasi em lagrimas desfeita,
Foi nesta clara fonte convertida,
E no Ulmeiro que della se aproveita,
O Conde, de quem foi sempre querida;
Leonido de agua amada o curso acceita,
E com sombra saudavel nos convida,
O gentil corpo á fórma reduzido
Do verde Freixo, adonde inda he querido.

Estas Estanças de Oitava ryma, e outras, que se encontram na *Paciencia Constante*, darão a vêr que si Manoel Quintano de Vasconcellos emprehendesse a composição de um Poema Epico, sahiria mais airosamente desta difficil empreza, do que muitos outros, que entre nós gozam de bastante estima; pelo menos não lhe faltaria nem talento narrativo, nem estylo sustentado, e vigoroso, nem boa versificação.

O Romance, que passo a transcrever, e que o Poeta faz cantar por Claridea, ao som da harpa na Torre, em que seu Tio a tem encerrada, fará conhecer ao Leitor, qual era o grande talento, que o Author possuia para este pequeno Poema, tanto em voga no seu tempo.

Todas as vezes, que canto
Por alliviar minha pena,
Segue o pensamento a vez
The chegar á causa della.

Lá entre mil alegrias,
Que a memoria representa,
Tão triste me considero,
Que me converto em tristeza.

Digitized by Google

Ser allivio de hum mal grande,
Qualquer gosto ninguem crêa,
Que augmente ao contrario as forças
Huma debil resistencia.

Rouba o tempo ao mesmo tempo
A Musica, o animo alegra,
E he tão querida de amor,
Que amando o mais rudo adestra.

Tema do seu doce effeito
Prodigiosas experiencias,
Nas Aves, de que he seguida,
Nos animaes, que deleita.

Eu só me afflijo cantando,
E todo o bem me atormenta,
Que perder vida, e memoria
Sam os remedios da ausencia.

Tem por mór mal o da Morte
Nossa fragil Natureza,
Mas maior mal ha na vida,
Si ha memorias, o soffre-la.

Aqui só nesta prisão,
E em meu cuidado mais presa,
Estam tão longe de mim,
Que nada sei de mim mesma.

Lagrimas me tem comsigo
Quando a suspirar me leva,
De quem fui tenho saudade,
E de ser quem sou me pesa.

Viver co'a dôr, que padeço,
Deve ser ventura alhêa,
Inda que dam desventuras
Forças a nossa fraqueza.

Digitized by Google

Mas quem desespera ausente
Do bem, que amando deseja,
Já não tem dôr que sentir,
E embalde outra morte espera.

Conto este por um dos melhores Romances Portuguezes, breve, affectuoso, escripto em estylo simples, sem equivocos, trocadilhos, ou idéas rebuscadas, e extravagantes, si não iguala, aproxima-se muito á pureza do estylo, e gosto dos Poetas da Arcadia, parece que a leitura dos livros Francezes hia principiando a curar os nossos Vates da mania do estylo culto, que tanto os havia desvairado ao tempo dos Filippes, e nos reinados, que immediatamente se lhe seguiram.

A Elegia tambem reina na *Paciencia Constante,* eis aqui um exemplo.

ELEGIA.

Escura noite, que do negro manto
Vens sonhos aos Mortaes distribuindo,
Acompanhada do silencio sancto,
Tu, que cégos errores encobrindo,
Propicia a Amor, a Roubos, e Vingança,
Estás tambem cuidados reprimindo.
Agora que co'a luz, que Diana alcança,
Os campos se descobrem, que enriquece,
Seu humor, de vivas perlas semilhança.
E o nocturno velo, que escurece
Os Elementos, e teu rosto encobre,
Matisado de Estrellas resplandece.
De mim, Pastor hum tempo alegre, e pobre,
Já, a triste voz escuta em noite eterna,
Sem luz daquelles olhos pura, e nobre.
Acompanha esta voz que a dôr interna
Lança fóra, Aves tristes, vosso canto,
Firam do Echo os acentos a caverna.
E tu, doce inimiga, que entre tanto
Que a alma do mortal corpo se despede
Porque o não seja a causa do meu pranto.
Descuidado que a Morte me procede
De teu rigor, repousas ignorando
Que a Ingratidão todo o castigo excede.

Digitized by Google

Si espantoso clamor, que dilatando
Se vai na altura do Rochedo informe,
Os Animaes que escutam lastimando,

E si hum tão bem soffrido quanto enorme
Aggravo, que já a vida lhe concedo,
Merece a teu rigor, que se reforme.

Sentado me imagina n'hum penedo,
Que rociado da geada fria
Mostra chorar comigo mudo, e quedo.

Si o mal que vem depois de hũa alegria
He desigual, Pastora considera,
Na que teu tracto honesto concedia.

A rigorosa morte, que me espera,
Si, como queres, me desterra o Fado,
Sem culpa contra ti, do claro Tera.

Em que, Gelinda bella, meu cuidado
Póde offender-te, si elle, e a alma triste
Sam de tuas acções vivo traslado?

Si a rara perfeição, que em ti assiste,
Notas, da Natureza triumphando,
Como hum Monstro de crueza em ti não viste?

Eis que me aparto já, si antes notando
Algum logar, o que passei comtigo
Não me consumo aqui considerando.

Eis que as ultimas queixas já prosigo,
Que me ouvirás, ingrata, e desdenhosa,
Que apoz tão alto bem eternas digo.

Eis-me rendido aqui donde a furiosa
Dôr, n'alma triste teu furor imprime,
Sentença injusta, fera, e lacrimosa.

Ai! digna de que o Ceo cruel te estime,
Pois genero de pena imaginaste,
Que o gosto de soffre-la me reprime.

Onde possas ser vista não ha contraste
De Fortuna, que bem tão alto impida,
Deste com desterrar-me me privaste.

Si tão pouco tempo ha, perdera a vida,
Alma sem fim piedosa te gozara,
Como te hade soffrer endurecida?

Digitized by Google

Oh do Tera corrente limpa, e clara,
Do teu murmuro o sentimento brando
Me nega injustamente a Sorte avara.

Já por ouvir-me não te hirás parando,
Quando o Vento enfreado concertava
Meu canto, teus queixumes imitando.

Verde, e florido prado, onde buscava
Fresca sombra o meu Gado, resplandece
Já dos olhos sem mim d'onde te olhava.

E em quanto a luz, que aspiram te enriquece
De suas vãas promessas, a esperança
Secca em sua memoria, reverdece.

Quiçá seja de effeito esta lembrança,
Que sinta deste amor a injusta paga,
Que ausente não pertendo outra bonança.

Oh Animaes, que Amor inflamma, e apaga,
E este ardor a piedosa Natureza
Nas Feras, não amantes, vos apaga

Livres gozai dos Campos a largueza,
Não heide perseguir-vos, e a Gelina
Esperando obrigar-vos a terneza.

Todos vivem sem mim, porque si ainda
Vivo, só para males tenho vida,
Mas não para durar the doce vinda.

He para não vos vêr esta partida,
E em dôr, que tanto sinto, Amor ordena
Que athe da propria vida me despida,
Que mal o póde ser em tanta pena.

Esta Elegia é um canto de desterro do Pastor Marfido, a quem o preceito da Pastora Gelinda obriga a partir das margens do Tera. Será ella inferior ás de Bernardes, ou de Frey Agostinho da Cruz? Parece-me que não. E sem alguns Iberismos, e alguns pequenos desleixos de phrase, e metro, raro, é verdade, sería por ventura a melhor Elegia, que naquelle tempo se escreveo.

No estylo epistolar me não parece o Poeta menos habil, que no elegiaco, e para prova transcreverei a Carta do Pastor Marfido á Pastora Ismenia, que sendo em Decimas servirá tambem para dar a conhecer como elle ma-

Digitized by Google

nejava esta combinação rythmica, que havia sido de fresco introduzida no idyoma Lusitano.

EPISTOLA.

Pastora, em cuja belleza,
Si do Ceo tens o modêlo,
Formando corpo tão bello
Si excedeu a Natureza;
Si co'as armas da crueza
Impenetrante, e segura
Possuis tanta formosura
Livre, porém enganada,
Si presumis que confiada
Tereis por vós a ventura.

E si eu, que chegando a vêr
A preço da Liberdade
O que em vossa honestidade
Não se póde comprehender;
Vivendo em vosso querer
E morrendo em meu desejo,
Quando só ser vosso elejo
Ingrata a meu pensamento
Quereis que sejam tormento
As perfeições, que em vós vêjo.

Si sois cruel, e formosa,
Si amo, e sou desamado,
Livrai-vos do meu cuidado
Sendo em matar-me piedosa;
Porque si he Ley generosa
Fugir de amar quem vos ama,
Tambem buscareis a fama
De ser fezoz, e homecida,
Já que mataes sendo vida
De quem vosso amor inflamma.

Mas si o que tendes de humana,
Inda que o sê-lo excedeis,

Digitized by Google

Dê que nunca ser podeis
Divina vos desengana,
Atropellando a profana
Presumpção dessa Belleza,
Vereis ley da Natureza,
Condenar tudo a mudança,
The que custa huma lembrança
Muitas de magoa, e tristeza.

Agora, que docemente
As Flores da Mocidade,
Lisonja da Honestidade
Sam, que vêr-vos não consente;
Tendo o futuro presente
O fim do humano cuidado,
Gozai quando he procurado,
Não desprezeis meu desejo,
Cifra de quanto em vós vêjo,
E mais que o Sol dilatado.

E si para merecer-vos
Me falta merecimento,
Excede meu pensamento
Impossiveis de querer-vos,
A summa gloria de vêr-vos
Não foi acaso; já estava
Do Ceo, e ali me esperava
Amor feito Honestidade,
Que, Lyrio em minha vontade
Com virtudes namorava.

Vi-vos para não vêr mais,
Amei para sempre amar-vos,
Effeitos de contemplar-vos,
E da vida que me dais
Sabeis, si considerais
Serdes em tudo extremada,
Que he justo serdes amada,
E de mim quer ella ser,
Que vivo de vos querer,
E quero esperando nada.

Digitized by Google

Um amante, que *quer* esperando *nada*, deve ser bem pouco importuno para o objecto da sua paixão; mas este platonismo amoroso, esta ternura methaphysica andava muito em moda no tempo do Poeta.

Mas de todas as poesias de que Manoel Quintano de Vasconcellos recheou a sua Pastoral, as mais numerosas, e quanto a mim as melhores sam as Canções; nellas parece que o Poeta se desvia um tanto da Eschola Castelhana, para aproximar-se mais da Italiana, parecendo muitas vezes possuido da veleidade de imitar a Sannazzaro no córte das Estrophes, na collocação das rymas, e mesmo na maneira de colorir. Neste genero o seu estylo é verdadeiramente lyrico, e florido com demasia, pelo menos na generalidade da composição, abunda de pinceladas agradaveis, e ás vezes fortes, e energicas, e de pensamentos originaes; sam estas composições as que mais fazem lastimar que não viesse á luz o seu volume de Poesias Portuguezas, que não podiam deixar de muito honrar o seu nome, e a nossa literatura. Vejâmos agora algumas das que elle derramou pela sua *Paciencia Constante*.

CANÇÃO.

Feminil formosura,
Sugeito alto, e profundo,
Que a quem te fez levanta o pensamento:
Ornato, e compostura
Do Mundo, e de outro Mundo
Pequeno, luz, amor, contentamento,
Acordo musical, raro instrumento,
Que de palavras tem córdas diviñas,
E cançam dilatadas
Em graças, e virtudes affeitadas
Nas almas consonancias peregrinas,
Cadêa de vontade,
Senhora do alvedrio, e liberdade.

Tu sempre triumphante
Da feroz valentia,
Que mais glorias, e triumphos alcançara,
Hercules sugeitaste

Digitized by Google

C'o fuso, que regia
Em logar da hacha, que vencendo, usava:
Do Imperio do Mundo, a que aspirava,
Privaste Antonio, que o teu só procura,
A'quelle em forças raro
Atando, fazes claro
Ser comtigo a maior menos segura,
E o gran saber vencendo
Mostras não ha saber, e estar-te vendo.

Invicta, e poderosa,
A terra te obedece,
E os, que habitam no Ceo, descem a ella;
Que a cousa mais formosa
He, si honesta apparece,
A tenra, formosissima Donzella:
Jupiter muda a fórma sancta, e bella,
Convertido primeiro em teu cuidado,
Orpheo o fogo eterno
Não teme, porque Inferno
Lhe parece não vêr o rosto amado;
A Senhora a ti propria,
Por comtigo obrigar entra na copia.

Fazes formoso, e nobre
O feminil sugeito,
Donde se preza só ser necessario,
Tu douras este cobre,
E animas este peito,
E hes precioso thesouro deste Erario,
Pois si hes da Natureza relicario,
E possues do Mundo o coração,
Que pertendes de quem
Por ti já nada tem?
Quéz de quebrar a fé ser occasião,
Que para se mudar
Só em mudanças tuas tem logar.

Formosura divina
Do humano entendimento,
Laberynto patente, e Crocodilo,

Digitized by Google

Naquella peregrina
Do meu destino intento
Firmar (morra eu por ella) o doce estylo,
E antes os olhos, que do humor, que estillo
Fontes perennes faz, a alma desfeita
Cégos, não vêjam mais
Que vêr em mi signaes
Do que outra vista Amor nelles receita,
Meu gosto só procura
No mal, que de perde-la me assegura.

E tu, divina Ismena,
Donde o Ceo tem cifrado
Os thesouros d'Amor, da Natureza,
Foge da minha pena,
Não ponhas teu cuidado
Adonde pôz o Ceo dôr, e tristeza.
Não se empregue tão mal tanta belleza,
O mal de não ter dita he contagioso,
E a mór desaventura
De quem não tem ventura
He chegar a occasião de ser ditoso.
Goza teu bem comtigo,
Que o mal, que lhe succede, anda comigo.

Triste Canção formosa,
Do meu vão pensamento
Debuxo, que voz sendo lastimosa
Delle, como elle d'alma, vai ao Vento,
Leva a cuja he a belleza
Torna á alma donde a arrancas, a tristeza.

Reina nesta Canção certa mistura de Pindaro, e de Gongora, que mostra que o Poeta levado por seu bom gosto natural para a boa imitação dos antigos, era frequentes vezes subjugado pelo espirito do seu seculo, nascendo daqui o não dar completamente nos desvarios de pensamentos, e nos absurdos de estylo dos Gongoristas, nem chegar á correcção, e juizo dos Gregos, e dos Romanos, que não deixavam de exercer nelle grande influencia. E' um doente em convalescença, que ainda se resen-

Digitized by Google

te dos soffrimentos da enfermidade, porque passou, não tendo ainda a força, que vai restituir-lhe a perfeita saúde.

A seguinte Canção pela rapidez, e colorido de estylo, e a pequenez das Estrophes dá mais ares de uma Ode, que de uma Canção.

CANÇÃO.

Triumphai, Pastoras bellas,
Gozai do vencimento
De qualquer invejoso pensamento;
E sobem the ás Estrellas
De vós tantos louvores,
Que os excedem no Ceo, no campo as flôres.

Esta-vos convidando
Alegre o fresco prado
De cheirosas Botinas matisado;
Que as vades enlaçando
Entre os ruivos cabellos
Por tornar a vencer quem possa vê-los.

As namoradas Aves
No canto differentes,
Em louvar-vos conformes, e contentes,
Nas cantigas suaves
Vosso nome cifrando,
Se vam pelo ar diaphano espalhando.

The esta Fonte pura,
Cristalina aposento
Das Nymphas escondidas no seu centro,
Na pintada verdura
Perolas esparsindo,
De quem quiz offender-vos se vai rindo.

Celebrai a victoria,
Pois tudo, oh raro effeito,
Virtualmente a vós tendes sugeito:
E viva na memoria
Ser a Mulher virtuosa
Do Universo a cousa mais formosa.

Digitized by Google

Para achar naquella epocha uma poesia, que possa competir com esta em belleza, e louçania de estylo, e tem verdadeiramente lyrico, é necessario recorrer ás Lyras do Licenciado Manoel da Veiga Tagarro, o melhor Lyrico daquelles tempos.

Si a Canção antecedente se chega muito ao estylo da Ode, a que se segue está perfeitamente pela fórma externa, e interna no caracter da Canção, especialmente como os Hespanhoes a entenderam.

CANÇÃO.

Algoz da Liberdade,
Inimigo commum da vida humana,
Minino, á vista Monstro imaginado,
Crocodilo, que engana
Armado de furor contra a Piedade,
Com azas para o mal, destro, e armado,
Cégo no bem, perdido, e descuidado,
Da honestidade injuria conhecida,
Encoberta Serpente em prado ameno,
A ti, doce veneno,
De aparente prazer, e pena unida,
Cujos brandos effeitos,
Produzem de ordinario o fim da vida,
A ti á vista dos que tens sugeitos,
Publico por traidor, e falso amigo,
Ditoso quem viver na Ley, que sigo.

Accendes o desejo,
E suspendes c'o nome o pensamento,
Amor, Odio, e Furor do cégo Amante,
Que, por seguir o intento
De quem ama, a si proprio fugir vêjo,
Morre, vive, arde, treme a cada instante,
Do seu temor a setta penetrante
Sentindo n'alma, para o mais não sua,
Oh caso que provoca a dôr, e espanto,
Diabolico encanto,
Que não se goze a gloria, e se possue!
Aqui vêr-me parece

Digitized by Google

Atado Promotheo na pedra nua,
Que por hum bem, que apenás apparece,
Si ata o amante á Mulher sagáz, e impia,
Mais esteril, e inutil penedia.

Esta Estrophe é excellente pelas idéas, pela expressão, e pelos versos; e fazer do marido ligado á mulher, o symbolo de Prometheo pregado a um rochedo do Caucaso é um rasgo da mais energica, e brilhante poesia.

Diz que he mal necessario
Amor, quem seus extremos só condena,
Mór mal se isto assim fôr que a mesma morte,
Mas eu lhe chamo pena
De Occiosos, e Senhor desnecessario,
E da Occiosidade vil Consorte:
A quantos se trocou a feliz sorte
Perdendo o nome de Héroes valerosos
Por esta occasião d'alma occiosa!
Quantos a preciosa
Joya da Liberdade, cobiçosos
De hum deleite perderam,
De si proprios ficando vergonhosos;
Mostrando que os triumphos, que tiveram,
Acaso, e não por força, se alcançaram,
Pois a Paixão tão baixa se inclinaram.

O Poeta chamando ao Amor *Consorte da Occiosidade,* e *pena de Occiosos,* pensava a este respeito como Ovidio, grande mestre destas materias, que exprimio a mesma idéa nos seguintes versos.

Quæritur Egisthus quare sit factus Adulter?
In promptu causa est; desidiosus erat.

Recantar as ruinas
Causadas por Amor em todo o Mundo,
He cousa inutil, pois he tão sabida,
O secreto profundo,
As cousas escondidas, peregrinas,
Com que, tyrannisando a humana vida,

Digitized by Google

Estima quem o serve o ser perdida,
Isto não sei, nem quero o desengano,
Com fugir de senti-lo me contento,
Vendo em meu pensamento
Aquelle caso horrendo, e deshumano,
De Faustina doente,
Que para remediar seu mal insano
Foi de quem ama o sangue conveniente,
Digo que, quando Amor mostra piedade,
He violento Monstro de crueldade.

Escute pois meu canto,
Inda que rouco, certo, e concertado,
Vêja a clara razão, que approvo, e sigo,
Não quem fôr namorado,
Cujos sentidos delle distam tanto,
Que a si proprio não póde ter comsigo,
Mas alma livre, sim, deste inimigo
Commum, graciosissima, e ditosa,
Que armada de Virtude honesta, e pura,
Atropella segura
Essa turba terrestre, monstruosa:
Venus em vosso intento
Só digna de ser tida por formosa,
Quer dizer privação do Entendimento,
Fugir tão falso Amor he ser sisudo,
E a quem não sabe sê-lo falta tudo.

Canção, suspende a voz, porque a Verdade,
Que defendes, o Mundo reconhece,
Que a luz mais entre as trevas resplandece.

Não duvido de que algumas pessoas chamem a esta invectiva contra o Amor um logar commum; não tomarei a canceira de contesta-lo, porém esses mesmos Criticos não poderão negar que a execução é brilhante, e que os exemplos historicos, e mythologicos estam aqui habilmente fundidos na poesia, e bem applicados, e não acarretados com pesadez, e alardeados com pedantaria; predicado este um pouco difficil de encontrar nos Poetas, e Oradores daquelle tempo; e que um Poeta que possuia

Digitized by Google

esta força, e esta abundancia, merecia ser mais conhecido do que é hoje Manoel Quintano de Vasconcellos.

Eis aqui uma Canção phylosophica, que se faz notavel pela sua brevidade, força de pensamentos, e vigor de expressão.

CANÇÃO.

Escondido logar, que a Natureza
Fez de si propria exemplo milagroso,
Duro, intractavel, sim, mas deleitoso,
Informe, mas assumpto de belleza,
Felice aquelle, que por ti despreza
As riquezas, que o Mundo lhe presenta,
E humilde se contenta
Da tua solidão, louvada vida
De muitos, mas de poucos escolhida.

Não entra no confuso Labyrintho
Da Côrte, donde habita, e se desama
O fero Monstro, que Ambição se chama,
Cujos damnos fingidos não consinto;
Daqui com claros olhos vê distincto
O engano de cautellas adornado,
E o temor, e cuidado,
Com que está fabricando o pensamento
Esperança no ar do fingimento.

O gran mar da vaidade considera,
Seus perigos no Porto reconhece,
E a ley tão sublimada do interesse,
Livre, e contente assi que nada espera:
Ah! si propicio o Ceo me concedera
Logar ameno em ti, que o claro gesto,
Que puro, e manifesto
Vive n'alma comigo juntamente,
Da tua habitação fôra contente.

E aqui de tua falda as frescas rosas
Colhendo, em seus cabellos permittisse
As compozesse donde alegre as visse,
De si proprias vencidas, e invejosas,

Digitized by Google

Mas lembranças inuteis, amorosas,
Adonde me levais o vão desejo?
Si em tudo quanto vêjo
A doce causa de me vêr ausente
Só o da dura morte me consente?

No livro V. a paginas 237 lê-se outra Canção em que o Author narra mui poeticamente a morte de Leandro, affogado no Hellesponto na occasião, em que o atravessava a nado, para hir ter com Hero, que o esperava na torre, onde estava encerrada na praia contraria. Tem-se questionado muito, não como era de razão sobre a veracidade do facto, que tem todo o cunho de uma mentira grega, mas sobre a possibilidade de se poder passar a nado aquelle braço de mar: Lord Biron, o maior Poeta da moderna Inglaterra, e o genio mais extravagante do nosso seculo, quiz tentar a empreza, e com effeito, sem ser animado pela esperança de hir gozar de uma linda moça, que é um incentivo o mais poderoso para obrigar qualquer mancebo a tentar o impossivel, conseguio leva-la ao cabo, passando de Sesto a Abido, e de Abido a Sesto, sem mais desconto, que uma grande constipação.

CANÇÃO.

Soltava a noite escura
De seu lobrego manto
As pontas, e suas azas estendia,
Com horrida figura
O medo vil, e em tanto
Pela praia o silencio se estendia;
Mas Leandro, que ardia
Em desejo amoroso,
Vendo a luz, que esperava,
Nas agoas se arrojava,
Ai! mal affortunado, e animoso!
A Sesto o encaminha
O Sol, que n'alma tinha.

Do raro atrevimento
Enfadado Neptuno

Digitized by Google

C'o gran tridente o crespo mar ferindo,
Bramando n'hum momento
A si proprio importuno
Se está n'hum ponto, enchendo e dividindo
O Moço reprimindo
Tanto furor apenas,
Do que perde impaciente,
De perder-se contente
Taes cousas como cégo Amor ordena,
Se queixa lastimado
Só da Noite escutado.

« Oh divina Deidade,
» Oh Deosa da Belleza
» Filha do Mar, de Amor Madre querida,
» Serena com piedade
» A desigual crueza
» Das agoas, que não he bem que huma alma unida,
» E ao ardor reduzida
» De Amor, pereça nellas;
» O Vento iniquo, e duro
» Enfrêa, hirei seguro
» Do teu rosto mostrando as luzes bellas,
» Mas si Hero o doce porto
» Fôr, chegue vivo, ou morto.

» E si está decretado
» No excelso throno ethereo
» Meu mal adonde todo o bem buscava,
» Morra o corpo pesado
» E o pensamento aereo
» Viva adonde sem elle descançava,
» Desejo me levava
» Cançado em teus effeitos
» Ai! vêja-me entre os braços
» De Hero, e em pedaços
» Sejam meus membros á ternada feitos,
» Que em vão se lamentara
» Quem delles se apartara.

Digitized by Google

Qualquer Monstro Marinho,
E o rochedo imminente
Sentio a voz, que ouvira o firmamento,
Mas rompeste o caminho
Tu, Boreas inclemente,
Convertendo em ti proprio o brando accento;
Reduziram-se em vento
As queixas lastimosas,
Que Hero soffre offendida,
E dellas extinguida
A luz, foram Phantasmas espantosas,
Com que o Moço atrevido
Ficou cégo, e vencido.

O alento lhe faltava,
As forças consumidas,
E ao desejo inutil a Esperança
Defunta, em vão chorava,
Ai lagrimas perdidas!
Dar agoa ao mar, e Amor tal fructo alcança.
A que em sua lembrança
Foi sempre charo porto,
« Praia, (disse) já chego,
» E ser gran bem não nego
» Que pois não posso vivo seja morto,
» Doce he meu fado esquivo
» Pois morro aonde vivo. »

Mas lastimas dissera
Si o surdo, e indignado,
Mar, palavras, e corpo sepultando,
A voz não detivera,
Em tanto o Sol dourado
De luz, todo aquelle Isthmo matisando,
Permittio, que chegando
A cuidadosa Hero
Visse o seu suave fogo,
Das agoas triste jogo
E dizendo, si o disse, « já não quero
« Viver » pelo ar caminha
Donde seu centro tinha.

Digitized by Google

Vio o corpo defunto,
Que animava vivendo,
Si he alma de quem ama a cousa amada,
Occupou todo junto
Deste caso estupendo
O espanto a alma da Dama delicada,
Da alta Torre arrojada
Unir estes extremos
Quiz, mas não o consente,
Em fim morreo contente
Assim Lice cantava ao som dos remos
E as Nymphas, que escutavam,
De magoa, e dôr choravam.

Poucas legendas Gregas terão accendido tanto o estro dos Poetas antigos, e modernos como a de Leandro, e Hero: Museo, Ovidio, Buscan, Manoel Tavares Cavalleiro, Manoel Quintano de Vasconcellos, Nobrega, Bocage, e outros cantaram a desgraça destes amantes cada um por seu modo, e segundo o alcance dos seus talentos; e debaixo de todas as fórmas, de que tem apparecido revestida, tem sempre agradado, e interessado aos Leitores.

A que se segue dirigida a uma fonte não é nada inferior ás outras.

CANÇÃO.

Oh Fonte cristalina,
Oh logar deleitoso,
Capazes de mais gloria, que agoa, e flôres,
Que a belleza divina
Em estylo amoroso
Celebraveis, e o bem de meus amores,
Já em voz se parece
Que he triste quem alegre ser merece.

Com vossa sombra amena
Com licor frio, e puro,
Que eterna faz a condida corrente,
Quando Napecia ordena
Logar ao Sol seguro,
A convidaveis lêda, e docemente

Digitized by Google

Já que este bem perdeis,
Logar de dôr, e lagrimas sereis.

Procurou a Ventura
Dar-ma tão sem medida,
Que antes de o ser cuidou que ao fim chegava;
Si não foi desventura,
Bem mostra a fragil vida
Que mais, sendo felice, se arriscava,
Pois do gosto esperado
Só magoas permanecem ao cuidado.

Quem recear podera
Depois de vêr saudosa
Quem a noite da ausencia em luz tornava,
Tal que a Aurora podera
Assi a sombra espantosa
Tirar porque mais bella me alegrava,
Dôr em tanta alegria
Oh a quem poder não tê-la lembraria!

De ordinaria mudança
Não soube recear-me,
Nem que só bens conversa, falsa amiga,
A mordaz Esperança
Tambem póde enganar-me,
Que ninguem enganado crê que a siga
E do, que se ama muito,
O que he só verde agraz, he doce fruito.

Bem vêjo, sitio ameno,
Que, como já prazer,
Só tristeza te estou communicando;
Si a causa porque peno
Quiçá para me vêr
Com linguas d'agoa, e Vento irás buscando,
Que ali movas te peço
As que em choro, e suspiros te offreço.

Porque, para mostrar-se
O justo sentimento,

Digitized by Google

Me vai faltando a miseravel vida,
Devendo eternisar-se
Sendo eterno tormento
Seja immortal materia constituida,
De mais que o fado ordena
Que aonde o gosto passa dure a pena.

Terminarei com a Canção a Floridora, que se lê a paginas 28 no Livro I., e que se faz notavel por sua brevidade, e concisão.

CANÇÃO.

Divina Floridora,
Humana Fera, adonde vás fugindo?
Onde deixas, Pastora,
O corpo d'alma, que te vai seguindo?
Porque do mal, que causas, te vás rindo?
Quem segues? a quem deixas?
Convertido em furor, tristezas, queixas.

Porque, querida ingrata,
Te mostras, despresando a formosura,
Em que o Ceo se retrata,
Gloria do Mundo, assombro da Ventura,
O com que a amor obrigas te faz dura,
Tractando-te amorosa
Quem te ama por cruel, não por formosa.

Não sei como te diga
Sempre te offendo no que me parece,
Que acompanhas amiga
Quem os bens, que possues, aborrece,
Nem donde teu louvor menos merece,
Si aborrecendo amada,
Ou conversando quem de amor se enfada.

Não me ames por amar-te,
Pois he desmerecer amar comtigo,
Mostra-me contentar-te
De mim pelo que sou meu inimigo,
Com todos os tormentos me persigo

Digitized by Google

Vêr-me si te aborreço
Pelo mal que me fazes te mereço.

As Feras affugentas
C'o dardo usando de rigor, e manha,
A esse fero contentas
Fero na condição fugaz, e estranha,
Elle, de amor fugindo, te acompanha,
Eu fico despresado
Das memorias de vêr-te acompanhado.

Elle alegre possua
O bem da tua doce companhia;
Não quero a dita sua
Si do alto bem d'amar-te me desvia:
Goze de vêr-te em quanto dura o Dia,
Que eu só da vida espero
O bem que em contemplar-te considero.

Alarguei de proposito as citações para dar melhor a conhecer este Poeta hoje tão ignorado de todos, e que de justiça deve ser qualificado como um dos melhores alumnos da Eschola Hespanhola.

Jacintho Cordeiro no seu Elogio dos Poetas Lusitanos fez mensão deste Poeta nos seguintes versos, prosaicos como todos os que sahiram da sua penna.

Quando Manoel Quintano el premio intenta
Con pluma libre, con florida mano,
No correrá del golfo la tormenta
Si es el laurel con todos cortesano.
Est. LXII.

Digitized by Google

CAPITULO III.

Soror Violante do Ceo.

Em todas as nações da Europa moderna tem havido Senhoras, que muito se tem distinguido pelo cultivo das letras, e com especialidade da poesia, e o Parnaso Portuguez não tem sido pouco habitado por estas amaveis Nymphas; e si ellas fossem menos descuidadas na publicação dos seus escriptos, ou nós mais curiosos de recolher as suas memorias, e desentranhar do pó das livrarias, onde jazem sepultadas muitas poesias, com que o bello sexo honrou, e ennobreceo a lingua Lusitana, talvez fosse Portugal o unico, que podesse neste genero, de gloria disputar a palma á Italia. Se o meu plano me permittisse fallar de Authores vivos, hoje mesmo não faltariam Damas, de cujo talento eu poderia fazer honrosa mensão.

Entre as Poetisas, de que mais se honra a Eschola Hespanhola entre nós, parece-me que nenhuma foi mais amplamente dotada pela natureza com os dotes que formam o grande Poeta, e que também nenhuma abusou mais delles do que Soror Violante do Ceo; e se houvesse tido a fortuna de nascer em um seculo de gosto menos corrompido, é natural que o seu nome fosse ora tão respeitado como antes do estabelecimento da Arcadia.

Violante do Ceo, nasceo nesta Cidade de Lisboa no dia 30 de Maio do anno de 1601, e ao que parece de uma familia distincta, como póde ajuizar-se tanto pela educação, que lhe deu, como pelas altas personagens, com quem durante toda a sua vida esteve em relação, e correspondencia.

Foi filha legitima de Manoel da Silveira Monterino, e de sua mulher Helena Franco, e conhecendo seus Pais a muita viveza, penetração, e a facilidade de aprender, de que era dotada, e desejando aproveitar áquellas felizes

Digitized by Google

disposições, lhe procuraram mestres com quem aprendeo quasi tudo, que não era muito, que se sabia no seu tempo, tornando-se mui habil na lingua Latina, Italiana, e Hespanhola, que fallava, e que escrevia tão perfeitamente como se vê das poesias, que nella compôz, sendo além disso muito perita na musica tanto vocal como instrumental.

A sua facilidade nas composições poeticas, recommendaveis sobre tudo pela viveza das imagens, e a harmonia, e doçura dos versos, era um objecto de admiração, para quantos a conheciam, e existem poesias de escriptores mui affamados daquelle tempo, como Antonio Henriques Gomes, Author do Poema *El Sanson Nazareno,* e de grande número de Comedias Hespanholas, estimadas, e outras Obras tanto metricas, como prosaicas, o Capitão Miguel Carvalho, Author da *Philis,* e algumas poesias lyricas, em que se tecem os maiores louvores a esta Musa Lisbonense.

Contava esta Poetisa apenas dezoito annos de idade quando compôz a Comedia de *Santa Eugenia*, que foi representada com grande apparato na presença de Filippe III. quando este Rei visitou Lisboa no anno de 1619, em que o Senado da Camara, e todas as Corporações se esmeraram em festejos, espectaculos, e divertimentos, por esta occasião; applausos, e festejos que tão caro custaram á Fazenda da Cidade. Não foi porém pequena gloria para Violante do Ceo, que o seu Drama fosse preferido para representar-se na presença do Monarcha, e em occasião tão solemne.

Vivia pois Violante do Ceo em uma atmosphera de brilhante resplendor literario, de perfumes poeticos, de incensos, e louvores da admiração publica, quando de repente, e quando menos se esperava, a viram abandonar a casa paterna, e a brilhante sociedade, de que havia sido o idolo, e as delicias, para recolher-se no Convento da Rosa de Lisboa. Era esta casa um Convento da Ordem Dominicana situado na Freguezia de S. Lourenço, proximo á rua das Farinhas; sendo derrubado pelo terremoto de 1755, não tornou a reedificar-se, e as Religiosas delle foram encorporadas na Communidade de Santa Joanna da mesma Ordem de S. Domingos, nelle tomou Vio-

Digitized by Google

lante do Ceo o habito, e proferio seus votos depois de cumprido o anno do Noviciado, e as mais ceremonias do estylo.

E' muito natural que aos seus contemporaneos causasse não pequena estranheza que uma donzella de vinte e nove annos de idade, formosa, segundo consta, creada no grande mundo, prendada, estimada, e lisonjeada pelas mais altas personagens da côrte, e pelos maiores literatos naturaes, e mesmo estrangeiros, toma-se a resolução de ser Freyra, e levasse ávante essa resolução desesperada, e imprudente; mas é apesar disso verdade que nenhum delles teve o cuidado de nos informar dos motivos desse proceder, porque devia necessariamente have-los.

Não consta que seus Pais a constrangessem, nem a sua idade, e situação permittem suppo-lo, pois não lhe faltariam protectores, que obstassem a tal semrazão paterna; não consta que ella fosse levada a isso por alguma grande calamidade, que sobreviesse á sua familia, não faltará quem supponha que tal passo nascesse do fanatismo, ou de vocação sincera, mas essa supposição é para mim inadmissivel, porque depois da sua profissão continuou a levar uma vida mais mundana, que claustral, cultivando as Musas, e a Musica, tractando com as mesmas pessoas, com quem se dava dantes, correspondendo-se com ellas, e as suas poesias desse tempo não respiram aquelle espirito ascetico, e aquelle despego do Mundo, que se faz notar nas Obras de Frey Agostinho da Cruz, e de Frey Antonio das Chagas, depois que tocados da graça divina se recolheram ao claustro, nem della nos contam as austeridades, e penitencia, que daquelles nos referem; bem pelo contrario todos celebram a sua jovialidade, espirito, e boa feição.

Não tendo porém outros documentos para fixar o meu juizo sobre esta materia, examinei, attentamente as suas poesias, e de algumas dellas me pareceo deduzir-se que um despeito amoroso a conduzira a tal desvario. Chamo-lhe desvario, não porque reprove a vida religiosa, mas porque é desvario, e grande, que uma pessoa entre nella sem vocação, ou chamamento de Deos, mas só por capricho, arrebatamento de paixão, ou despeito impruden-

Digitized by Google

te, e neste caso me parece que estava Violante do Ceo. Em alguns de seus versos ella se mostra vivamente namorada, queixa-se de uma ausencia, mostra-se ciosa, e lamenta-se de uma ingratidão. Leiam-se com attenção estas poesias.

SONETO.

Si, apartada do corpo a doce vida,
Domina em seu logar a dura morte;
De que nasce tardar-me tanto a morte,
Si ausente d'alma estou que me dá vida?

Não quero sem Silvano já ter vida,
Pois tudo sem Silvano he viva morte,
Já que se foi Silvano venha a morte,
Perca-se por Silvano a minha vida.

Ah suspirado ausente! si esta morte
Não te obriga a querer vir dar-me vida,
Como não ma vem dar a mesma morte?

Mas si n'alma consiste a propria vida,
Bem sei que si me tarda tanto a morte,
He porque sinta a morte de tal vida!

Este estylo é na verdade a quinta essencia de Gongora, mas nem por isso deixa de vislumbrar-se neste Soneto a força da paixão amorosa, de que a Authora estava dominada.

SONETO.

Que suspensão! que enleio! que cuidado
He este meu, tyranno Deos Cupido,
Pois tirando-me em fim todo o sentido
Me deixa o sentimento duplicado?

Absorta no rigor de hum dúro fado,
Tanto de meus sentidos me divido,
Que tenho só de vida o bem sentido
E tenho já da morte o mal logrado.

Digitized by Google

Enlevo-me no damno, que me offende,
Suspendo-me na causa do meu pranto,
Mas meu mal, ai de mim! não se suspende;

Oh cesse, cesse, amor, tão raro encanto,
Que para quem de ti não se defende,
Basta menos rigor, não rigor tanto.

ODE.

Amante pensamento,
Nuncio de amor, terceiro de vontade;
Emulação do Vento,
Lisonja da mais triste soledade;
Ministro da Lembrança,
Gosto na posse, allivio na esperança.

Já que de minhas queixas
A causa idolatrada vas seguindo,
Dize-lhe que me deixas,
Dize-lhe que estou morta, mas sentindo,
Que póde mal tão forte
Fazer que sinta, ai triste, a mesma morte.

Dize-lhe que he já tanto
O pesar de me vêr tão dividida,
Que só me causa espanto
A sombra, que me segue de huma vida
Tão morta para o gosto
Como viva ai de mim para o desgosto!

Dize-lhe que me mata
Quem vendo-me morrer sem resistencia,
De soccorrer-me tracta,
Pois para quem padece o mal d'ausente,
Que he só remedio entendo
Vêr o que quer, ou fenecer querendo.

Dize-lhe que a memoria
Toma por instrumento do meu damno,
A já passada gloria;

Digitized by Google

Fazendo o mais suave tão tyranno,
Que obtem mais estimado
Me passa o coração, porque he passado.

Dize-lhe que se sabe
O poder de huma ausencia rigorosa,
Que a, que começa, acabe
Antes que ella me acabe poderosa;
Pois de tal modo a sinto,
Que julgo por Eterno o mais succinto.

Dize-lhe, que si admitte
Rogos de hum coração, que o segue amante,
Que vêr-me solicite,
Apesar do preciso, e do distante;
E que tão cedo seja,
Que toda a compaixão se torne inveja.

Dize-lhe que se acorde
De huns effeitos d'amor, que encarecia;
E que todos recorde;
Mais que seja hum minuto cada dia,
Pois em cada minuto
Infinitas lembranças lhe tributo.

Dize-lhe que athe á morte
Assistencia continua lhe offereces;
E que te invejo a sorte,
E em fim só do meu mal te compadeces,
Oh pensamento amigo,
Dize-lhe tudo, ou leva-me contigo.

Até aqui suspiros de paixão amorosa; vejamos agora os lamentos do ciume.

ROMANCE.

Cessen ya los remedios
Que para vivir me applican,
Que quien de Zelos se muere
No es bien que moriendo viva.

Digitized by Google

Dexen ya d'importunarme
Cansadas philosophias,
Que nunca males d'el alma
De Esculapio necessitan.

Deponga las diligencias
Quien mi vida solecita,
Que apressurar-me la muerte
Es solo dar-me la vida.

Con la muerte vigorosa
Las desdichas se terminan,
Que si no es dicha la muerte,
Es la postrera desdicha.

Vivir con zelos, y penas
Mal si puede llamar vida,
Que vida con que se muere
Es solo una muerte viva.

Muera quien amando tanto
Mereció tan poca dicha,
Que en vez de correspondencias
Exprimente tyrannias.

Muera quien idolatrando
La causa mas peregrina,
Aquerió solo desdenes
Con firmes idolatrias.

Muera quien siendo constante
Fué tan mal correspondida,
Que, tributando verdades,
Adquerió solo mentiras.

Apesar desta paixão tão viva, manifestada não só nestes versos, mas em outros muitos, que é desnecessario citar, vê-se por um Romance dirigido a uma amiga intima, que Violante do Ceo, por não estar occiosa, na ausencia do amante, admittio, como costumam em taes ca-

Digitized by Google

sos fazer quasi todas as mulheres, o cortejo de outro namorado, e isto como ellas dizem todas, *por passar tempo,*

Mas, pensando en los agrabios,
Tanto me venció la furia,
Que admitti divertimientos,
Veras amorosas nunca.

mas o antigo amante soube do *divertimento innocente,* e não o achou ao que parece, nem muito delicado, nem muito gracioso, e queixou-se altamente, e quanto a mim com toda a razão, pois a Poetisa accrescenta.

Despues d'hum lustro d'ausencia,
Despues de tanta fortuna,
El que negava respuestas,
Me hace agora perguntas.

Matar-me quiere de nuevo,
Porque como alfin se occulta,
Nó teme ser homecida,
Y mas de vida que es suya.

Violante do Ceo estranha muito este proceder, porque as mulheres nunca acham razão nas accusações, que se lhe fazem, ainda as mais justificadas; porém a ré logo por suas proprias palavras se condemna, pois confessa á sua amiga que o tal amante *por divertimento,* tinha feito tanta impressão em sua alma, que não sabia decidir-se entre os dous.

Si asseguro quien me olvida,
Si olvido quien mi assegura,
Obedesco a mis desseos,
Pero sugeto-me a culpa.

Si mi usurpo alo que adoro,
Si vence lo que triumpha,
En vida tan peligrosa
Queda la muerte segura.

Digitized by Google

Oh dá-me consego Nise,
Si de que mueras no gustas,
Que siento perder la vida
Entre impossibles, y dudas.

Iguales son por lo noble,
Estas del Cielo columnas,
Mas ai! que la que yo quiero
Dureza al marmol usurpa.

Já se vê que em taes casos quando uma mulher pede conselho já o tem tomado, e só procura um pretexto para justificar a sua resolução. Não sei se Violante do Ceo se resolveo pelo primeiro, ou pelo segundo amante, mas o que não admitte dúvida é que foi abandonada de ambos, ou do que ella preferio; o certo é, que nas seguintes Decimas apparecem os gritos do despeito, e da desesperação.

Coração, basta o soffrido,
Ponhamos termo ao cuidado,
Que hum despreso averiguado
Não he para repetido;
Basta o que havemos sentido,
Não dêmos mais ao tormento,
Que passa de soffrimento
Dar por hum desdem tyranno
Toda a alma ao desengano,
Toda a vida ao sentimento.

Fujamos deste perigo,
Livremo-nos, coração,
Que não he bom galardão
O que parece castigo.
Eu comvosco, e vós comigo
Melhor o mal passaremos,
Pois entre amantes extremos
Tão divididos ficamos,
Que se nos communicamos
He só quando padecemos.

Aquelle bronze animado
Por quem deixaes de assistir-me,

Digitized by Google

Ai! que as finezas de firme
Troca em desdem de mudado.
Deixemos pois hum cuidado
Que serve só de homecida,
Porém si he força que a vida
Fique igualmente arriscada,
Antes que de despresada
Quero morrer de esquecida.

Quando uma mulher se confessa despresada é porque o golpe do despreso penetrou profundamente no seu coração, e lhe faz perder todo o dissimulo. As queixas que Violante do Ceo tinha contra o seu ingrato, acham-se claramente articuladas nos seguintes versos.

Tuve favores, y prendas,
Mas como todo se muda,
El que era Sol en bellezas
Fué luego en mudanças Luna.

Hizo loucuras por otra,
Fué fino en las astucias,
Marsias Asiano en finesas,
Adonis tambien en culpas.

A' vista destes trechos, e de outros muitos, que poderia citar, me parece que não é temeridade attribuir a um despeito amoroso a vocação de Soror Violante do Ceo. E' crivel que se deixasse dominar da mania das donzellas, abandonadas pelos amantes, que é, pensarem que se vingam delles casando-se precipitadamente, e ás vezes com o primeiro noivo, que lhe apparece, ou entrar para Freiras, sem terem a disposição necessaria para a vida claustral. Esta desgraçada mania, que enche a Europa de ruins Mãis de familia, e de ruins Religiosas, passa com o tempo, e então é que conhecem o abysmo em que se arrojaram, e se detestam os grilhões pesados, e indissoluveis a que imprudentemente se sugeitaram.

Creio que foi esta a sorte de Soror Violante do Ceo, não só pelo seu modo de vida todo profano, mas porque a idéa de piedade, e fervor religioso, não póde de modo

Digitized by Google

algum combinar-se com algumas poesias, que se deparam entre as suas, tão cheias de arrebatamentos apaixonados, de admirações da formosura de certa Menandra, de colloquios ternos, de finezas ardentes, e o que é mais em estylo tão natural, despido dos seus costumados gongorismos, como dictados pelo coração, e não pelo espirito, que dam motivo para desconfiar muito da sua honestidade: leiam-se com attenção estes versos.

Si vivo en ti transformada,
Menandra, bien lo averiguas,
Pués quando me tiras flechas
Hallas en ti las heridas.

Flechas me tiras al alma,
Mas quando flechas me tiras,
Como en ti misma mi hieres,
Hallas la herida en ti misma.

Tu mano candida, y bella,
Dulce Señora, lo diga,
Pués siendo yo la flechada,
Ella fué solo la herida.

Ya no diras que en tu mano
No tienes el alma mia;
Pués quando el alma mi hieres,
Sangre tu mano destila.

Yo la vi simbrar claveles
Sobre Asucenas divinas,
Después de matar tyrana,
Después de herir homecida.

Quien vio prodigio mas raro,
Pués quedamos aquel dia
Con sangre la vencedora,
Y sin sangre la vencida.

Pero que mucho, Señora,
Que en tan dichosa conquista
No mi quitasseis lo sangre,
Si nunca a muertos se quita,

Digitized by Google

Mas ai! que entre dos extremos
Bien sabes tu que estaria,
Para verter sangre muerta,
Para sentir flechas viva.

Oh tu de mis pensamentos
Idolatrada homecida,
Dulce hechiso de las almas,
Dulce muerte de las vidas.

Si ver nó quieres, Señora
La nieve en sangre teñida,
Si el rigor, con que me tractas
Nó quieres ver en ti misma.

Nó tirés mas flechas tantas
Al blanco del alma mia,
Pués tirarás a tu mano
Si al blanco del alma tiras.

Ora como me parece que uma amisade simples, e pura nunca usou de semilhante linguagem, presumo, que sem escrupulo, poderei inferir desta, e d'outras poesias, que a moderna Sapho ardeo nas chammas daquelle amor inatural, de que foi accusada a antiga Sapho, e que tão frequente se desenvolve nas mulheres, e com especialidade nas Freiras, póde com tudo ser que me engane, nem pertendo que os Leitores adoptem a minha opinião como certa, mas que examinem, e decidam como entenderem.

Soror Violante do Ceo chegou a uma idade muito avançada, gozando sempre de boa, e robusta saúde, conservando o uso da memoria, e das outras faculdades mentaes, e cultivando sempre a poesia, e a musica até que em 28 de Janeiro de 1693 pagou o feudo á natureza contando noventa e dous annos de idade, e sessenta e tres de Freira.

As Obras desta Religiosa, que sahiram á luz sam as seguintes.

Rymas Varias. Ruan 1646 — 8.°

Parnaso Lusitano. Lisboa 1733 — 2 Volumes 8.°

Dous Sonetos, e cinco Decimas em lingua Castelhana,

Digitized by Google

que se encontram nas *Memorias funebres* de D. Maria de Ataide. Lisboa 1650 — 4.°

Romance a Christo Crucificado no livro intitulado *Avisos para la muerte*. Lisboa 1659 — 12.°

Soliloquios para antes, e depois da Communhão, constam de cinco Romances. Lisboa 1668 — 24.°

Meditações (em Oitava ryma) da Missa e Preparações affectuosas de uma alma devota. Lisboa 1689 — 16.° — 1728 — 16.°

Nenhuma outra Poetisa Portugueza gozou de tanta estima, e de tanta nomeada dentro, e fóra do reino, as suas composições eram lidas nos salões com o maior applauso, e enthusiasmo, e as suas edições eram, digamo-lo assim, arrebatadas das mãos dos livreiros, a inveja immudecia diante da sua fama; em quanto viveu esteve sempre ouvindo louvores, e foi condecorada com o titulo de Phenix dos engenhos Lusitanos, depois de morta, a sua sepultura foi adornada com as mais ricas flôres que o Pindo então produzia, e o seu nome repetido com respeito, e com saudade: mas de tanta reputação, de tantos applausos, e de tamanha gloria literaria, que resta depois de seculo e meio? Um nome, que poucos conhecem, uma reputação equivoca de talentos, Obras que os Poetas classicos tractam com despreso, que os criticos accusam de mau gosto, sendo de uns, e de outros bem poucos os que as tem lido, para nellas examinarem os fundamentos de tamanha nomeada, ou de tamanho despreso nos tempos posteriores.

As poesias de Soror Violante do Ceo sam numerosas, e escriptas tanto em Portuguez, como em Castelhano; ha nellas muita imaginação, muita viveza de pincel, e demasiado espirito, e engenho. A sua linguagem é geralmente pura, correcta, e elegante, a sua expressão facil, e a sua versificação harmoniosa.

Discipula fervorosa de Gongora, si não o imita na obscuridade, emparelha com elle nos atrevimentos poeticos; o furor de dizer as cousas de um modo extraordinario, e novo, a faz cahir em um estylo pretencioso, emborilhado, e fugir da naturalidade, e singeleza como se fossem grandes vicios do estylo, a ninguem podia melhor appli-

Digitized by Google

car-se o verso de um Poeta Francez em louvor de Ronsard.

Il n'apoint de mortel, qui parle comme lui.

Mais desejosa de produzir effeito, e de assombrar do que de commover e deleitar, multiplica os conceitos, refina os pensamentos, busca avidamente as metaphoras, as opposições de idéas, e de palavras, e nem ás vezes poupa os equivocos. E não serão poucas as vezes que pessoas de bom senso, lendo as suas Obras, e cançadas daquelle labyrintho terão exclamado: « Porque deu a natureza tanto engenho a esta mulher! »

Ha porém alguns felizes momentos em que Soror Violante do Ceo desce das alturas do gongorismo, e explica as suas idéas em um tom mais natural, e singelo, como acontece nesta Epistola dirigida a Frey Alvaro de Castro, Provincial da Ordem dos Pregadores, e por isso Prelado da Authora.

Si a tanta occupação, tanto cuidado
Usurpar-vos podeis hum breve instante,
Oh sagrado Pastor, oh gran Prelado.
Si o peso de hum Governo vigilante,
Em que vos pôz, Senhor, a dita nossa,
Divertir-vos permitte do importante.
Ouvi da mais indigna Serva vossa,
Não louvores iguaes a tal sugeito,
Que em fim não póde haver quem tanto possa.
Delirios si, nascidos de respeito,
Se bem quem, respeitando-vos, delira
Muito faz, Senhor, o que he defeito.
Oh quanto do respeito se retira
Quem accerta a fallar a superiores?
Oh quanto accerta só, quem só s'admira!
Tanto tem de delictos os louvores,
Si limitados sam, quanto de offensas
Quanto tem os sugeitos de maiores.
Vossas partes, Senhor, sam quasi immensas,
Louva-las pouco, he offende-las muito,
Traçai castigos, preveni defensas.

Digitized by Google

Sois da mais Regia planta excelso fructo,
Tão nobre, tão illustre, tão preclaro
Como se vê de Castro no attributo.
Sois da mesma Virtude exemplo raro,
Tam singular em tudo, e tão perfeito,
Que só comvosco mesmo vos comparo.
Oh felice mil vezes o sugeito
Que da Nobreza herdada, e da adquirida
Litigantes iguaes, tambem tem feito.
Si foi vossa prudencia conhecida
Digna, diga-o, Senhor, a dignidade
Antecipada si, mas merecida.
Não consiste o valor na mais idade,
Vossas partes sam mais, que vossos annos,
Ou vossos annos conte a Eternidade.
Vossos antecessores soberanos
Tanto façam por vós na Empireo Corte,
Que eterno pareçaes entre os humanos.
Respeite o vosso nome a mesma morte,
E tenha sempre a esphera Dominica
Hum sacro Atlante em vós, hum sacro Norte.
O sagrado Gusmão vos communica
O mesmo officio seu, quem não conhece,
Que seu mesmo edificio em vós fabrica.
Elle, pois que de luz vos enriquece,
Vos mostra sempre o que he paixão, ou zêlo
Pois talvez a paixão zêlo parece.
Vós, que sois de prudencia igual modêlo,
Vêde, Vêde, Senhor, benignamente,
Que vai muito de o ser a parece-lo.
Castigai com brandura o delinquente,
Possa mais a piedade, que a Justiça,
Não tenham por zeloso o maldizente.
Oh quanto arrisca a vida huma injustiça!
Nunca falta, Senhor, sempre sobeja
Quem provóca o rigor, a furia atiça.
Não seja agora assi, Senhor, não seja,
A Piedade triumphe á vossa vista,
Fuja, fuja o rigor, fuja a Inveja,
E dizei vós tambem viva o Baptista.

Digitized by Google

Os Tercetos desta Epistola sam bem fabricados, ainda que nelles se notem alguns pensamentos rebuscados, e alguma affectação, de que a Authora nunca pôde desapressar-se em nenhuma das suas composições, mas é essa uma das em que menos se descobre esse peccado de costume.

O fim principal que Soror Violante do Ceo teve em escreve-la, parece ter sido não tanto dar os parabens do cargo ao novo Provincial, mas preveni-lo contra as intrigas dos praguentos, que sempre abundaram nas corporações Religiosas, tanto de homens, como de mulheres, e que uns para caberem com os superiores, e outros para satisfazer odios particulares, não cessavam de perturbar com seus mexeriquos o descanço da vida claustral. Póde ser mesmo, que a Authora tivesse alguns motivos de queixa no Provincialato antecedente, e que por isso quizesse assim buscar protecção no novo Prelado.

O mesmo caracter de estylo encontrará o Leitor no seguinte Soneto, cuja idéa não deixa de ser engenhosa.

SONETO.

Quem, depois de alcançar o que pertende,
Da mesma obrigação delicto fórma,
Quem em castigo o galardão transforma,
Ou aborrece muito, ou pouco entende.

Mas do nome de ingrato se defende,
Bem c'o de presumido se conforma,
Quem quando mais feliz queixoso o informa,
Quem em vez de premiar ingrato offende.

Porém quando o juizo he levantado,
Quem duvida que a queixa he fingimento,
De quem não se quer dar por obrigado?

Este o motivo foi do vosso intento,
Porém não se logrou, que o meu cuidado
Tem por premio melhor este escarmento.

Soror Violante do Ceo abraçou com todo o enthusiasmo a gloriosa revolução de 1640, que restituio o Throno

Digitized by Google

Portuguez á Serenissima Casa de Bragança. Ella celebrou nos seus versos, não só aquella grande façanha em sua generalidade, mas muitos de seus factos particulares, e as pessoas, que nella figuraram: entre estas composições se encontra a seguinte Sylva a El-Rei D. João IV., a que pertencem os trechos, que passo a copiar.

.....

Rendido estava o Reyno Lusitano
Oh Monarcha famoso, e soberano,
A' maior tyrannia,
Que via do seu throno o Rey do Dia,
Rendido estava ao gosto
De quem, dando motivos ao desgosto,
Só neste rendimento
Não queria que houvesse detrimento.
Quando toda a Nobreza,
Lustre da Monarchia Portugueza,
Vos fez Restaurador das Liberdades,
Vos fez libertador, não das vontades
Pois estas mais captivas,
Dando a vossa grandeza immensos vivas,
De sorte a vosso amor se sugeitaram,
Que todas igualmente festejaram,
Sem valer-se de effeito lisongeiro,
Mui mais que á Liberdade o captiveiro;
Porque, si bem ha tanto,
Que com felice encanto
De partes, e grandezas
Sois Senhor das vontades Portuguezas,
Hoje a vosso favor mais obrigadas
As cadeias de amor tem duplicadas,
E com ellas as glorias
De passarem de occultas a notorias,
Pois he, para quem ama de verdade,
Dura calamidade,
Pena, que a toda a pena leva a palma,
Occultar muito tempo affectos d'alma.

.....

Decreto foi, Senhor, da excelsa mente,
Que sempre a vossas cousas favoravel

Digitized by Google

Se fez, por exaltar-vos imitavel!
Que viesseis remir a Lusa Gente,
No mesmo tempo, em que a remir o Mundo,
Veio tambem dos trez o que he segundo;
Porque se bem grandezas infinitas
Não podem comparar-se co'as finitas,
A's vezes Deos com estas,
Faz aquellas, Senhor, mais manifestas, ...
E assim quiz que no tempo, em que benino
Unio ao ser humano o ser divino,
Por vir, como Monarcha verdadeiro,
A libertar do Mundo o captiveiro,
Viesseis vós tambem com tal piedade
A restaurar da Patria a Liberdade;
Porque, contemplativo o pensamento,
Em hum, e em outro advento
Rastejasse o divino pelo humano,
Contemplando no gosto Lusitano,
Que se vem restaurando Liberdades,
Levantando humildades,
Admittindo finezas,
Occasionando glorias,
Outhorgando mercês, dando victorias,
Hum Rey, que humano he, si bem tão dino,
Que faria, Senhor, hum Rey divino?
.....

E vós, oh Lusitanos valerosos,
Que por ficar em tudo mais famosos,
Quizestes ser *sugeitos* a *hum sugeito*
Que hera tão incapaz de ser subjeito:
Vós que solicitando eternidades
Quizestes, em favor das Liberdades,
Resuscitar os inclitos valores
De vossos generosos anteriores,
Lograi eternidades a ventura,
Que o mesmo Rey do Ceo vos assegura,
Tributando finezas,
Adorações, victorias, e proezas,
A hum Rey, que com benignos attributos
Só desta qualidade quer tributos.

Digitized by Google

Por este trecho póde fazer-se idéa das bellezas, e defeitos do estylo de Soror Violante do Ceo. Vê-se aqui a elevação de pensamentos, o engenho, a facilidade, e harmonia da versificação, com o esquadrinhado da expressão, o dizer hyperbolico, e os jogos de palavras, como: « quizestes *ser sugeitos a um sugeito incapaz de ser sugeito.* » Esta repetição do vocabulo *sugeito* trez vezes repetido, e variando na significação, parecia, no tempo da Authora, um grande esforço de espirito, e hoje nos parece, com razão, uma puerilidade ridicula.

Soror Violante do Ceo celebrou tambem a acclamação d'El-Rei D. João IV. com este Soneto, que teve então muita voga.

SONETO.

« Que logras, Portugal? » — Hum Rey perfeito,
« Quem o constituio? » — Sacra piedade.
« Que alcançaste com elle? » — A Liberdade.
« Que liberdade tens? » — Ser-lhe sugeito.

« Que tens na sugeição? » — Honra, e proveito.
« O que he o nosso Rey? » — Quasi Deidade.
« Que ostenta nas acções? » — Felicidade.
« E que tem de feliz? » — Ser por Deos feito.

« O que heras antes delle? » — Hum Labyrintho.
« Que te julgas agora? » — Hum Firmamento.
« Temes alguem? » — Não temo a mesma Parca.

« Sentes alguma pena? » — Huma só sinto.
« Qual he? » — Não ser hum Mundo, ou não ser cento,
Para ser mais capaz de tal Monarcha.

Os Sonetos em perguntas, e respostas, e em Echos estavam então muito em moda, e não admira por isso que nas Obras da nossa Poetisa se encontre esta composição. Os Poetas desta epocha nos deixaram muitos nas duas fórmas acima dictas, mas ao passo que se encontram alguns bons, a pluralidade delles é insoffrivel: o mais é que a mania dos Echos até passou para o Theatro, onde tinham muito menos cabida, e até o suavissimo, e enge-

Digitized by Google

nhoso Guarini, no seu *Pastor Fido,* nos deixou uma scena toda em Echos.

A Authora, em outro Soneto, cobrio de flôres o tumulo de André de Alboquerque, um dos Generaes, que mais se destinguiram na Guerra da Acclamação, perecendo ás mãos dos Castelhanos combatendo valerosamente na batalha das linhas d'Elvas.

SONETO.

Que bem com huma acção, Heroe valente,
Duas victorias juntas alcançaste;
Pois quando Ceo, ou Elvas acclamaste
Elvas, e Ceo ganhaste juntamente.

O Ceo, porque na bala mais ardente
O espirito immortal purificaste;
Elvas, porque do sitio a Libertaste,
Sendo raro exemplar da Lusa Gente.

Oh vive nessas candidas moradas,
Invicto General, gozando glorias,
Com tão heroico esforço grangeadas.

Vive no Ceo, e vive nas memorias,
Que he bem, que logre vidas duplicadas
Quem logrou duplicadas as victorias.

Este Soneto me parece digno do assumpto, tanto pela força das idéas, como, com poucas excepções, pela expressão. Aproveitarei a occasião para transcrever mais alguns, que possam fazer conhecer o talento da Poetisa, para este genero de composições.

SONETO.

Vida que não acaba de acabar-se,
Chegando já de vós a despedir-se,
Ou deixa por sentida de sentir-se,
Ou póde de immortal acreditar-se.

Digitized by Google

Vida, que já não chega a terminar-se,
Pois chega já de vós a dividir-se,
Ou procura, vivendo, consumir-se,
Ou pertende, matando, eternisar-se.

Mas o certo he, Senhor, que não fenece
Antes no que padece se reporta,
Porque não se lemite o que padece.

Mas viver entre lagrimas que importa?
Si vida, que entre ausencias permanece,
He só viva ao pesar, ao gosto morta.

O que se segue, feito a um retrato que o seu amante lhe deixára ausentando-se, e de que nestas poesias se faz muitas vezes menção, é ainda melhor, porque está mais desempoeirado do Gongorismo, que sempre entrava como engrediente do mel fabricado por esta Abelha.

SONETO.

Vive no original deste traslado,
Que venero constante, Amor rendido,
O valor mais capaz de ser querido,
O saber mais capaz de ser louvado.

Si podera o valor ser retratado,
Si podera o valor ser esculpido,
Rendera a copia só todo o sentido,
Vencera a copia só todo o cuidado.

Mas quem quizer em fim render-lhe a palma,
Tendo o melhor traslado por motivo,
E vendo tudo junto no aparente,

Vêja, si póde ser, de Celia a alma,
Verá tudo pintado tanto ao vivo,
Como vivo o pintado eternamente.

A Authora dirigio á sua amiga D. Marianna de Luna este Soneto, que Boterweek transcreve, accrescentando,

Digitized by Google

Eu infelice em fim, Lauro esquecido.
Quem vio mais dura sorte?
Tantos males, Amor, para huma morte?
Não basta contra a vida
Esta ausencia cruel, esta partida?
Não basta tanta dôr? tanto receio?
Tanto cuidado, ai triste, e tanto enleio?
Não basta estar ausente
Para perder a vida infelizmente?
Se não tambem, cruel, neste conflito
Me negas o soccorro de hum escripto?
Porque esta dôr, que a alma me penetra,
Não ache o menor bem na mesma letra:
Ai! bem fazes, Amor, tira-me tudo,
Não haja alivio não, não haja escudo,
Que a vida me defenda.
Tudo me falte em fim, tudo me offenda,
Tudo me tire a vida,
Pois eu a não perdi na despedida.

Algumas das Decimas de Soror Violante do Ceo podem passar por bons Epigrammas, tal é esta dirigida a louvar as Fabulas de Jorge da Camara.

DECIMA.

Si com fingidas Deidades
Venceis as Celestes Lyras,
Quem tão bem canta mentiras
Como cantará verdades?
Adquirindo Eternidades
Tão bem cantaes o enganoso,
Que quem ouve o portentoso
De canto tão lisongeiro,
Que mais que algum verdadeiro
Vos quero a vós fabuloso.

Não pude, apezar de bastantes indagações, conhecer o que eram estas Fabulas de Jorge da Camara. Sería alguma Collecção de Fabulas como as de Lafontaine? Sería algum Poema tecido de historias fabulosas como as Me-

Digitized by Google

tamorphoses d'Ovidio? Alguns contos em versos, ou legendas nacionaes? Não sei: mas póde ser, que a perda destas Obras de Jorge da Camara, seja uma das muitas que a Literatura Portugueza tem justa razão de lamentar.

Tambem fórma um chistoso Epigramma esta Decima a D. Maria de Lima, pedindo-lhe uns Reposteiros.

DECIMA.

Quer a Sacristãa da Rosa,
Oh prodigio do Universo,
Que vêja se alcança o verso
O que não alcança a prosa.
E assi, si bem temerosa,
Desses divinos luzeiros,
Peço com versos grosseiros,
Apesar de mil apostas,
Que em vez de dar-me respostas
Me queiraes dar Reposteiros.

Se os jogos de palavras, e os equivocos podem ter logar em asseiada escriptura, é só no estylo jocoserio; é porém necessario não prodigalisa-los como usa Frey Jeronymo Vahia, porque uma longa enfiada de taes agudezas depreça fatiga, e se torna importuna para o Leitor sensato.

A jovialidade, e promptidão do engenho de Soror Violante se manifesta bem na Decima com que replicou extemporaneamente a certo Doutor, que acabava de recitar-lhe uns versos, em que a denominava — *Viola Flor, e Instrumento.*

DECIMA.

Contradizer a hum Doutor,
Bem sei que he temeridade,
Porém com huma verdade,
Quero pagar hum louvor.
Nem instrumento, nem flor
Sou, porém si o posso ser,
Ninguem trate de emprehender
O que não hade alcançar,

Digitized by Google

Pois nenhum me hade tocar,
Pois nenhum me hade colher.

Soror Violante do Ceo tambem applicou o seu talento poetico á composição de Elegias, e Epistolas; mas a maior parte dellas sam em lingua Castelhana. Das Elegias, que escreveu em nossa lingua, parece-me que deve ser havida pela melhor, a que tem o numero trez, e que é consagrada á morte do Infante D. Duarte, irmão de D. João IV., preso traidoramente em Alemanha, aonde militava, e talvez ahi assassinado, sem mais culpa, que haver seu regio irmão, cingido a Corôa de Portugal, que de direito lhe pertencia.

ELEGIA.

Chore o valor, desmaie-se o alento,
Sinta a razão, suspenda-se o sentido,
Reyne o pesar, impere o sentimento.
Vendo a breve despojo reduzido
O maior vencedor, o mais triumphante,
Que foi da mesma Inveja conhecido.
O que, por ser de Portugal Infante,
Objecto foi da acção mais rigorosa,
Que chorou justamente affecto amante.
Vivia a competencia temerosa,
Invejoso o valor, teimosa a Ira,
Livre o vigor, a Inveja poderosa.
E como cada qual sempre delira,
Cada qual decretou que se acabasse
A vida, porque Amor chora, e suspira.
Quem vio que com rigor se terminasse
A grandeza, o valor, a valentia,
Que hera razão, que o Mundo eternisasse.
Mas já que eternisar-se não podia,
Tão divino valor por ser humano,
Não lhe apressara o fim a Tyrannia.
Mas como fôra o odio tão tyranno,
Si não se resolvera o desatino,
Si não seguio as leys do cego engano!

Digitized by Google

Tirar do Mundo o merito mais dino,
E tirar-lhe primeiro a liberdade,
Foi barbaro rigor de peito indino.
Mas que importa acabar a Humanidade,
Si fica a alma em tudo mais luzida,
No logar immortal da Eternidade?
Que importa que feneça a mortal vida,
Si fica para sempre a Soberana
Na mesma Eternidade introduzida.
Oh tu, Augusto Rey, Deidade humana,
Quarto no nome, e no valor primeiro,
Libertador da Patria Lusitana.
Tu que como Monarcha verdadeiro,
Extinguiste o poder de huma violencia,
Terminaste o rigor de hum captiveiro,
Não sintas de Duarte a dura ausencia,
Considera, Senhor, que tens agora
Mais util seu favor que na assistencia.
Considera que a perda foi melhora,
Pois tens na melhor Côrte hum assistente,
Que a divino Poder favor implora.
Considera que vive eternamente
Teu virtuoso Irmão, onde á ventura
Vinculado está sempre o pensamento.
E tu, que absorto estás na luz mais pura,
Generoso Duarte, excelso Infante,
Possuindo a bonança mais segura.
Lembra-te d'evitar o naufragante,
De quem no mar do Mundo impetuoso
Sabes que fica ainda navegante.
Lembra-te de evitar o tormentoso,
Conservar o tranquillo, e socegado
Apesar do contrario rigoroso.
Mostra de Portugal tanto cuidado,
Que fique o pensamento do homecida
Com seu proprio delicto castigado.
Seja a tua victoria dividida,
Porque seja maior essa victoria,
Gozando tu no Ceo immortal gloria,
Tendo João no Mundo immortal vida.

Digitized by Google

Ha um Author Inglez, por nome Goldsmith, que publicou pouco antes da revolução Franceza, ou no tempo della, um Livro, que teve então grande voga, intitulado *Os Crimes dos Gabinetes,* nunca o li, e por isso não sei se lá está consignado o que faz objecto desta Elegia, que na verdade era bem digna de figurar a par dos outros. D. Duarte irmão do Duque de Bragança, mancebo, segundo affirmam os contemporaneos, de grandes esperanças, optimamente educado, e valente como um Cavalleiro da *Tabula redonda,* havia sahido de Portugal para viajar pela Europa, e adquirir gloria militando ao serviço de algumas Potencias Estrangeiras, e em todas ellas havia grangeado grande reputação de soldado intrepido, e brioso.

Militava elle ao serviço da Casa d'Austria quando Portugal sacudio o jugo de Castella collocando no throno o Rei legitimo, e chegando esta noticia a Alemanha, ou por exigencia da Côrte de Hespanha, ou sem ella, foi logo preso em uma masmorra, onde depressa falleceo, e foi então voz geral, que de morte violenta. De qualquer fórma que as cousas se passassem, é inegavel que foi um horroroso crime politico prender um Principe Estrangeiro por facto não seu, e em que não havia tomado parte, e de que talvez nem noticia tivesse; esta acção, que nem nos Turcos podia ser desculpavel, muito mais aggravante se torna praticada por uma Côrte Christãa, e devota.

Das Epistolas póde o Leitor fazer idéa pela que deixamos transcripta ao novo Provincial dos Dominicos, versam com poucas excepções sobre objectos particulares, e de pouco interesse, o seu estylo é singelo, e seu metro corrente. As Silvas contém bastantes trechos de boa poesia, mas peccam por demasiada extensão, defeito que se faz sentir ainda mais por serem todas Laudatorias, não havendo cousa que tanto fatigue, e affronte o Leitor, como uma longa série de versos, que não contém senão elogios, muitas vezes hyperbolicos, e talvez mal merecidos.

As Canções de Soror Violante do Ceo são de todas as deste tempo, as que mais se chegam á Ode, já pelo estylo, já pelo córte dos ramos, que na maior parte dellas

Digitized by Google

sam de poucos versos, o que prova que na Authora existia em não pequeno grau o instincto lyrico.

Para se julgar dos seus Romances creio que basta o que acima copiei delles para outro fim, os seus Vilancicos para o Dia de Natal, algumas Sextinas, e Glozas sam como todas as poesias deste genero, que por si pouco valem.

Não devo porém deixar no silencio as suas poesias moraes, e espirituaes, escriptas quando a Authora estava adiantada em annos, e esfriado o fogo das paixões, que a dominaram no verdor da idade, principiava a inclinar-se, como é costume, a pensamentos mais sérios, e mesmo á devoção. Estas poesias além de serem superiores a quasi todas as desta qualidade, que até ali se haviam composto entre nós, servem de prova convencente de que Soror Violante do Ceo conservou, como acima dissemos, a força e vigor do Estro até ao termo da sua longa vida. Citaremos em abono desta assersão o seguinte Soneto em que a Authora finge que entrando em uma Igreja certa Dama só com o fim de ser vista, e louvada de todos, chega a uma sepultura de outra Dama, e ainda lêr o epithaphio, acha em logar delle, este

SONETO.

Oh Tu, que com enganos divertida
Vives do que has de ser tão descuidada,
Aprende aqui lições de escarmentada,
Ostentarás acções de prevenida.

Considera que em terra convertida
Jaz aqui a belleza mais louvada,
E que tudo o da vida he pó, he nada,
E que menos que nada he tua vida.

Considera que a Morte rigorosa
Não respeita belleza, nem juizo,
E que sendo tão certa he duvidosa.

Deste Tumulo pois admitte o Aviso,
E vive do teu fim mais cuidadosa,
Pois sabes que o teu fim he tão preciso.

Digitized by Google

Tambem póde contar-se entre os seus bons Sonetos moraes este sobre o temor da morte repentina.

SONETO.

Temer que se execute huma Sentença
A todo o Humano Ser notificada,
Acção he natural, mas bem fundada
Na conta de huma offensa, e outra offensa.

Imaginar que he qualquer doença
Precursora da morte decretada,
Que muito, si talvez dissimulada
Vem sem aviso, e sempre sem licença!

Cuidem meus temores quem se atreve
A viver sem temor no breve encanto
Da vida, que conhece por tão breve,

E tema eu, Senhor, com justo espanto;
Porque si só não teme quem não deve
Bom he que tema eu pois devo tanto.

E este para servir de epithaphio á sepultura de D. Maria Luiza Michaela de Noronha, Senhora da familia dos Castros, que fallecera na idade de treze annos.

SONETO.

Aqui jaz o exemplar da Formosura,
A esphera superior do Entendimento,
Que se atreveo ás Partes de hum portento
A sacrilega mão da Parca dura.

Aqui jaz huma luz, que estando escura
Te mostra por motivo de escarmento
Que o grande de maior merecimento
Cabe em fim na mais breve sepultura.

Mas porque se termine o duvidoso
Aqui jaz, oh confuso caminhante,
Dos Castros hum Luzeiro portentoso,

Digitized by Google

Que por nascer com luz mais rutilante
No melhor Oriente Sol formoso,
Neste Occidente jaz Lua mingoante.

Quasi todas as poesias sagradas de Soror Violante do Ceo sam escriptas em Hespanhol, lìngua que ella muito estimava, e em que escrevia com muita facilidade, e pureza, e por esse motivo pouco é o que no presente Ensaio se póde citar della naquelle genero, e isso mesmo não é talvez o melhor, copiarei com tudo uma Canção, que melhor se intitularia Ode, feita por occasião de um raio que cahio sobre uma cruz, que estava na cerca do Convento dos Capuchinhos da Serra de Cintra, por ella poderá o Leitor avaliar o modo porque a Authora tractava os assumptos de devoção.

CANÇÃO.

Si minha penna fôra
Das azas de algum Anjo produzida,
Tanto vôara agora,
Que da Arvore que o foi da melhor vida,
Applaudira o valor com canto excelso,
Como anhela a razão, pede o successo.

Mas supposto que seja
Indigna minha penna de tal gloria,
Quero que o Mundo vêja
A nova Redempção, nova victoria,
Que obrou, que conseguio a Cruz divina
Na Casa singular, que patrocina.

Naquella altiva Serra,
Que em Cintra desafia o Firmamento,
Hum breve Ceo na Terra
Ostenta a Santidade de hum Convento,
Tão raro na virtude, e Santidade,
Como raro tambem na brevidade.

He o titulo delle
Sancta Cruz, porque á Cruz he dedicado,

Digitized by Google

Que assiste sempre nelle
Pois no mesmo Sacrario collocado
Tem aquelle ditoso, e Sancto Lenho,
Que foi das nossas almas desempenho.

Na breve cerca deste
Epilogo de excessos portentosos,
Quiz o perdão celeste
Obrar tambem excessos amorosos
Pois da balla terrivel de hum corisco
Quiz que fosse só seu o alheio risco.

Porque dando temores
A todo o claro globo huma tormenta,
Que em raios, e *esplendores,*
Falsificou cruel alma violenta,
Abortou o vapor que congelado
Ficou em pedra dura transformado.

Não dirigio o tiro
A' soberba da Serra levantada,
Senão ao bom retiro
De hum logar que na cerca limitada,
Serve, por solitario, de deserto,
Aos que vam contemplar no amor mais certo.

E sendo frequentado
De hum, e outro Capucho venturoso,
Logar tão retirado
Principio do Successo milagroso,
Foi não estar nenhum naquella hora
Aonde cada qual contempla, e ora.

Com barbara ousadia
Ao pé da Arvore excelsa cahio logo
A pedra, que *trazia*
Contra toda a defensa armas de fogo
Mas oppondo-se a tudo a Cruz divina
Tomou sobre si só toda a ruina.

Porque quebrando a furia
A pedra do Corisco na, que tinha

Digitized by Google

A Cruz, lhe fez injuria
De a partir, sendo de outras tão visinha,
Que de inveja podera desfaze-las
Por serem *pedraria das estrellas.*

Porém como invejosa
Só da Pedra, que tinha a Cruz sagrada
Por ser mais preciosa
Por estar á Cruz santa mais chegada,
Com tal furia a quebrou que fez pedaços
A quem o mesmo Deos teve em seus braços.

Mas, ficando corrida
De atrevimento tal, tal desacato,
A pedra já partida
Escondeo entre outras com recato,
Mostrando envergonhar-se do defeito,
De não guardar á Cruz todo o respeito.

Porém todo guardara
Si quem nella morreo não permittira,
Com piedade rara
Que objecto fosse a Cruz a tanta ira,
Porque nenhuma vida perigasse
E a soberana Cruz mais o imitasse.

Porque como Deos nella
Nossas culpas livrou, nossos tormentos,
Quiz tambem que a Cruz bella
Tomasse sobre si riscos violentos,
Porque se visse bem que na Cruz Santa
Semilhança influio união tanta.

Porém a semilhança,
Que eu acho nesta acção tão parecida,
He que a humana offensa
Pagou Christo, e a Cruz exclarescida,
Por Justos, como já por Peccadores
Finezas ostentou, soffreo rigores.

Oh bemaventurados
Os que adquirir souberam tal fineza

Digitized by Google

Vivendo retirados
Em tal imitação, em tal pobreza
Que do simples por breve portentoso
He hum penedo só tecto famoso.

Ditosos os que habitam
Em tão doce prisão, tal soledade,
Pois viver solicitam
Na largueza maior da Eternidade,
E ditoso tambem o Heroe illustre
Que em tal casa fundou da Terra o lustre.

Oh! multiplique glorias
A seu ditoso Espirito a Cruz Santa
Por quem levou victorias
Que a Fama solemnisa a Terra canta
Com as quaes imprimio nos mesmos Astros,
O tymbre dos Noronhas, e dos Castros.

E vós Capuchos Santos
Que com tanta Oração, tal penitencia
Ganhaes favores tantos
Alcançai-me da Eterna Providencia
Favor para que louve a Cruz divina,
Que a tão firmes bonanças vos destina.

Pedi ao Rey piedoso
Que servis nesse breve Paraiso
Que de seu Sol glorioso
Hum atomo conceda ao meu juizo,
Porque accerte a louvar a Cruz ditosa
Das almas doce Mãi, de Deos Esposa.

Pedi-lhe que suspenda
Os castigos, que tenho merecido,
E que a Cruz me defenda
Do risco, que, por grande, he tão temido,
Pois he certo se falta a Soberana
Que contra o Ceo não val defeza humana.

Soror Violante do Ceo capitula de milagre o cahir um raio na cerca dos Capuchos da Serra de Cintra, e não

Digitized by Google

no Convento, e quebrar a cruz que alli se achava, sem matar ninguem aonde ninguem estava: não discutirei se neste incidente ha, ou não as circumstancias necessarias em boa Theologia para si haver por milagre, o que me parece bastante problematico, limito-me como Critico a observar que o exordio desta Canção é bastantemente lyrico, e até com seus arremedos de Pindarico; que o fechar com uma deprecação de misericordia para os seus erros, e suspensão do castigo delles é idéa terna, poetica, e Christãa. Que chamar ao Convento da Serra

Epilogo de excessos portentosos,

é puro gongorismo; que *resplendores* em logar de *relampagos*, sem mais adjunto, é abusar das palavras prevertendo-lhes a significação, defeito pouco vulgar na Authora, que costuma escrever correctamente a lingua; que estes versos

Abortou o vapor, que congelado
Ficou em pedra clara transformado

dam fraca idéa dos conhecimentos physicos de quem os escreveo. Que a

pedra, que trazia
Contra toda a defeza armas de fogo

e a *pedraria das Estrellas*, sam conceitos affectados, e methaphoras remotas dignos de Marino quando abusa do seu engenho, e que sam verdadeiras manchas desta composição.

Sem embargo dos defeitos de estylo, e de gosto que deturpam as poesias de Soror Violante do Ceo, e que provém do espirito, e preocupações, e ruins estudos do seu tempo, não póde com justiça negar-se que esta Religiosa foi naturalmente Poetisa, que merecia a grande reputação, de que gozou no seu tempo, e poucas Damas teriam feito tanta honra ao nosso Parnaso se houvesse tido a ventura de nascer pelo menos um seculo mais tarde.

Tenho para mim que se um homem de gosto apurado

Digitized by Google

se desse ao trabalho de extrahir dos dous grossos volumes das Obras de Soror Violante do Ceo, do que se imprimio em Lisboa, e do outro que se publicou fóra do reino aquellas poesias, em que appareceu mais perfeição, e elegancia, poderia fórmar um pequeno volume, que dado á luz, além de ser de muito agradavel leitura, restabeleceria a gloria desta illustre Poetisa, tornando mais conhecidos os fructos do seu engenho verdadeiramente poetico, que não podem brilhar suffocados em uma multidão de composições sem interesse, e o que é peior ainda que pelo estylo vicioso em que estam escriptas, tiram ao Leitor o animo de procura-las entre as trevas do mau gosto, que as obscurecem.

CAPITULO IV.

Manoel Mendes de Barbuda e Vasconcellos.

—

No Bispado de Coimbra, e distando um quarto de legua de Aveiro, existe um Logar, ou Povoação insignificante denominado Verdemilho. Este Logar desconhecido na Historia Politica, e Militar do Reino, omittido em quasi todos os Tractados Geographicos, foi a Patria de Manoel Mendes de Barbuda e Vasconcellos, de quem vamos tractar neste Capitulo.

Nasceo este Poeta a 15 de Agosto, (dizem outros que a 20,) do anno de 1607. Foram seus Pais Manoel Mendes de Barbuda e Vasconcellos, e sua mulher D. Jeronyma Moraes de Loureiro, ambos pessoas distinctas daquella terra.

Destinado desde a infancia para a vida da Magistra-

Digitized by Google

tura recebeo uma educação liberal, e terminados os estudos preparatorios, e atingida a idade propria para isso foi por seus Pais enviado á Cidade de Coimbra, onde seguio o Curso de Jurisprudencia dando provas de grande applicação, e aproveitamento e mostrando desde então grande propensão para a poesia em que se distinguio por varias composições, que foram muito applaudidas dos seus contemporaneos.

Terminado o Curso Juridico, e alcançado o grau de Bacharel, dirigio-se Barbuda á côrte, aonde depois de lêr com grande acceitação no Desembargo do Paço, entrou no mister de requerente, verdadeiro Purgatorio dos homens de letras.

Depois de alguns tempos de solicitações, e passos perdidos, conseguio por fim, a duras penas, ser nomeado Juiz de Fóra de Caminha, e depois Ouvidor de Valença, e Provedor de Lamego. Consta que nos exercicios destes logares de letras se lizera notavel pelo exacto desempenho dos seus deveres, actividade, desinteresse, boa intelligencia, e outras prendas, que formam o caracter de um Magistrado digno deste nome.

A' cultiva das sciencias, e da poesia juntava Manoel Mendes de Barbuda e Vasconcellos uma grande pericia nos exercicios equestres, a ponto de passar por um dos melhores, e insignes Cavalleiros do seu seculo, procurando com grande paixão os mais bellos corseis que dirigia, e governava com grande facilidade, e arte primorosa.

Todas estas prendas, e sobre tudo a amenidade de seu caracter, e suas maneiras polidas, e cortezãs o tornaram agradavel, e bemquisto dos fidalgos mais distinctos da côrte, e muito amado dos melhores Poetas contemporaneos com quem familiarmente vivia; no número dos seus admiradores tem um distincto logar a célebre Poetisa Soror Violante do Ceo, Religiosa do Convento da Rosa de Lisboa, que algumas vezes o celebrou nos seus versos.

Umas vezes em Lisboa na companhia dos seus amigos, outras vezes nas Provincias desempenhando os logares de Magistratura para que era nomeado, e sempre occupado no cultivo da poesia, produzindo uma admiravel

Digitized by Google

quantidade de versos, que abonavam a inexhaurivel fecundidade do seu estro, passava Manoel Mendes de Barbuda e Vasconcellos a sua existencia, sempre tranquilla, mas nunca occiosa.

Havia nos seus ultimos tempos emprehendido a composição de um Poema Epico sobre os successos das Armas Portuguezas desde o dia da faustissima acclamação d'El-Rey D. João IV. até ao seu tempo: não pôde porém levar ao cabo esta empreza patriotica, porque a morte o embaraçou truncando o fio da sua existencia aos 30 de Março de 1670, quando apenas contava sessenta e sete annos de idade, e foi sepultado na Igreja Parochial de Nossa Senhora dos Arados.

As suas poesias foram, como já dissemos numerosas, porém dellas sómente viram a luz publica o Poema *Virginidos*, impresso em Lisboa na Officina de Diogo Soares de Bulhões, e uma Sylva Panegirica ao nascimento da Princeza, filha do Principe D. Pedro, Lisboa na Typographia de Antonio Craasbek. Ambas estas Obras sam em formato de 4.° e tem a data de 1667.

As Obras que consta haver deixado manuscriptas sam as seguintes.

Rymas Sacras.

Rymas Humanas.

Poemas Funebres.

E o já acima mencionado Poema da Acclamação, que deixou por acabar.

Si rica, e ardente imaginação, invenção fertil, muita facilidade de compôr, linguagem elegante, e correcta, muito saber, e versificação facil, corrente, e harmoniosa bastassem para formar um grande Poeta Epico, o Doutor Manoel Mendes de Barbuda e Vasconcellos teria sido um dos primeiros Epicos não só de Portugal, mas da Europa, porém a natureza que tantos dotes lhe havia prodigamente outhorgado, negou-lhe um, sem o qual todos os outros valem mui pouco, se alguma cousa valem, pelo menos na alta poesia, isto é aquelle tacto fino, e delicado, que nos dirige na escolha dos objectos, nos ministra o sentimento do verdadeiro bello, nos ensina a bem dispôr, e coordenar as differentes partes de um todo, e sobre tudo a dizer só o que se deve dizer, e do modo

Digitized by Google

mais proprio, e conveniente. Este dote tão raro, tão essencial e que se chama Bom Gosto, faltou inteiramente a Manoel Mendes de Barbuda e Vasconcellos e o seu *Virginidos* é uma prova evidente do que deixamos dicto.

Este Poema, propriamente fallando nem é Epico, nem Heroico, mas simplesmente Historico, pois o seu assumpto é a vida da Virgem desde o seu nascimento até á sua morte. Posto que os modernos tenham composto grande número de Poemas Historicos, não sam elles de invenção moderna, porque na Grecia existiram alguns como a *Adrastida*, a *Heracleida*, a *Theseida*, e outros que se encontram mencionados nos seus Escriptores, e entre os Romanos devem ser considerados como taes a *Pharsalia* de Lucano, a *Guerra Punica* de Silio Italico, e a *Achileida* de Estacio.

Alguns Criticos tem pertendido riscar esta Obra da lista dos Poemas. Eu não posso ser tão severo; primeiro, porque não ouso desbaptisar do nome de Poetas a muitos homens que na verdade o sam, e grandes; segundo, porque confessando que taes Poemas sam com effeito de especie secundaria, que carecem fabula dramatica, e de unidade, nem por isso deixam de ter certo grau de merecimento pelas descripções, os episodios, o meravilhoso, a pintura dos caracteres, expressão de affectos, pela poesia de estylo, e a belleza da versificação. Deixamos por ventura de admirar as excellentes producções dramaticas de Calderon, de Lope de Vega, de Shakespeare, de Schiller, e de Wernes, porque não estão compostas conforme a practica dos Gregos, e as regras de Aristoteles?

Não farei pois grande censura a Barbuda por haver escolhido para assumpto de um Poema a Biographia da Virgem; mas de que a sua imaginação desregrada, e intemperante o levasse a dar-lhe uma estenção demasiada; de que o seu gosto corrompido o fizesse cahir em todos os desvarios do estylo gongoristico, derramando com mão prodiga as metaphoras violentas, e mal fundadas, os conceitos falsos, as argucias, os trocadilhos, e jogos de palavras, e isto com um excesso insuportavel.

Outro defeito, e não menor é não só a falta de colorido local, e da observancia dos costumes da nação, e

Digitized by Google

do seculo, em que se passa a acção, mas a introducção de costumes, idéas, e expressões inteiramente modernas e inadmissiveis nas pessoas, a quem elle as presta; sirva de exemplo o que S. José diz á Virgem no Canto VI.

N'hum sonho, sendo eu pobre tão indino,
Que tive junto de huma fonte fria,
Se servio revelar-me o Ceo benino
Vosso virginal voto, alta Maria;
E porque eu consagrado ao Ceo divino,
A mesma virginal pureza havia,
Vendo que me fazia tão ditoso,
Que da que Escravo sou seria Esposo.

Graças lhe dei por vêr que se me ordena
Sendo eu tão incapaz, oh Virgem pura,
Que viva unido a vós qual á Açucena
Se une o branco Jasmin entre a verdura:
Pois sois gloria dos Ceos não vos dê pena
Vêr que casada estais, que a formosura
Da vossa Virgindade incomparada,
Foi logo em seu principio eternisada.

Viviremos, purissima Maria,
Como os Anjos no Ceo! nossos amores
Serão quaes os que tem co'a luz o Dia,
Ou quaes as Flores tem co'as outras flores;
Vós sereis meu amor, minha alegria,
Eu serei vossa pena, e vossas dôres,
Que vendo que servir-vos bem não posso
Quando fordes meu bem, serei mal vosso.

Mas sempre com vontade, e alma prompta,
Vos saberei servir como captivo,
Eu serei por indigno vossa affronta,
Vós por prenda do Ceo meu garbo altivo;
Sempre extremos farei por vossa conta,
Por vos servir morrendo em quanto vivo,
E com victimas d'alma, e da vontade
A ara frequentarei dessa Deidade.

Digitized by Google

Rico nasci, e rico fui criado,
E de muitos tambem já fui servido,
E si Officio aprendi, he estylo usado
Ter todo o nobre algum que haja aprendido;
Para que se de algum molesto estado
Molestado se vir, e perseguido,
Desfarce a qualidade em terra alheia,
C'o officio com que a falta remedeia.

Nada mais duvidoso do que esta supposição do Author, e que naturalmente se deve aos Frades, pois nenhum Escriptor de authoridade a tem abonado até aqui.

Este de meus Parentes foi o intento,
Quando officio quizeram que aprendesse,
Mas depois que aprendi, meu pensamento
He querer delle usar, si vos parece;
Por elle ganharei nosso sustento,
Que a Humildade me inclina, e me offerece,
Esta sorte de vida, que me agrada,
Por ser por Deos, e não por mim tomada.

Mas, ou porque do Ceo se me inspirasse,
Ou por eu entender que assim convinha,
Porque pobre por Deos rico me achasse,
D'antes a pobres dei a Herança minha:
Bem sei que sois Morgado, e vos ficasse
Muitos maiores bens do que os que tinha,
Mas espero de vós que esta riqueza
Tambem depositemos na pobreza.

Não direi nada da extravagancia das idéas de cultismo, de que se acha eivada esta falla; porque é esse o estylo habitual do Poeta; mas não será um absurdo, um anacronismo insupportavel o dizer a destinada Mãi do Messias « *bem sei que sois Morgado.* » Pois já na Judea, e no reinado de Herodes existiam Morgados? E é um Jurisconsulto que sahe com este disparate, e não sabe que os Morgados sam uma Instituição Feudal, introduzida na Europa pelos Barbaros do Norte, que a invadiram, plantando nella as suas leis, e as suás usanças?

Digitized by Google

A lembrança de despojar-se de todo o seu patrimonio, repartindo-o pelos pobres, nem é do tempo, nem se acha consignada na lei de Moysés, e seria muito estranho encontra-la na boca da Virgem, se não fosse ainda mais estranha a phrase affectada de que ella a reveste.

Ser pobre para nós he mór riqueza,
Que por Deos a pobreza não desdoura,
E para sustentar a Natureza
Meu thesouro será minha thesoura;
Embarcados na nau da pobreza,
Para á India passar, que outro Sol doura,
A Linha passaremos pela linha,
E Agulha de marear farei da minha!

Vio-se já uma infiada de despauterios semilhante? A *thesoura que hade ser thesouro*, a pobreza *que he Nau para passar á India, passar a Linha pela linha, a agulha de coser, que hade ser agulha de marear!* Conheciam acaso os Hebreos a India? Conheciam a linha Equinocial, elles que eram a nação menos navegadora do mundo? E sobre tudo conheciam a agulha de marear, ignorada dos Egypcios, dos Gregos, dos Finicios, Carthaginezes, e Romanos, as primeiras nações maritimas da antiguidade, porque esse instrumento nautico inda não existia, nem existio muitos seculos depois! Pena foi que não lembrasse ao Poeta o Astrolabio, o Nocturnabio, a Barquinha, as Chartas Hydrographicas, porque com estes instrumentos poderia enriquecer o seu Poema com outra Estancia, tão sublime, ou tão ridicula como esta.

A imaginação desregrada, e extravagante de Barbuda o leva muita vez a precipitar-se em ficções monstruosas: nesta conta tenho eu a descripção das festas com que se festeja no Ceo o nascimento da Virgem.

E si em festas na terra arde este dia,
E o Mundo delirava de contente,
Tambem em festa varia o Ceo ardia
De invenção nova, e traça differente;
Que em descantes, em Bailes, e harmonias
Os Cidadãos do Ceo, divina Gente,

Digitized by Google

Se occupam festivaes, com summo gozo,
Por vêr no Mundo hum dia tão ditoso.

E além das festas mais que lá faziam,
Por dentro desses Ceos seus Moradores,
Duas Quadrilhas delles se desciam,
A's nuvens por mostrarem seus primores;
Os Cavallos do Sol, que em ouro ardiam,
Nos jaezes gentis, alarãas côres,
A destro vam, porém vibrando luzes,
Parecem, sendo Ethereos, Andaluzes.

E em quadrupedes Cisnes arrogantes,
Com paramentos de ouro ajaezados,
Que de perlas, rubis, e de diamantes
Levam Caparações todos broslados:
Pelas praças do Ceo sahem brilhantes
Os gentis Cavalleiros, adornados
De Marlotas tão reaes, que céga o vê-las
Borrifadas d'Aljofres, e de Estrellas.

Cisnes quadrupedes, por cavallos brancos como cisnes, não é uma methaphora bem formada? E os cavallos celestes, com seus cavalleiros vestidos á Mourisca, com suas marlotas reaes, não constituem uma invenção bem discreta, e bem Theologica? Prosigamos, e veremos mais novidades.

E entrando nas palestras Soberanas,
De diaphanas télas adornadas,
Jogam airosamente alegres cannas,
Que dos raios do Sol foram cortadas,
Das Cannas na batalha, e não de Cannas,
Só jaculam pacificas lançadas,
E porque fique o jogo mais notorio,
Desta sorte o admira o Auditorio.

Entram no campo azul, fazendo aggravos,
C'os reflexos da gala ao Sol luzente,
E ao passear do campo os brutos bravos,
Quebrando as silhas vam com brio ardente;

Digitized by Google

Das flôres, que pisando vam c'os cravos,
Parece, levantando airosamente,
Que ás ventas levar querem seus odores,
Que nas mãos entre os Cravos prendem flôres.

Depois de passear os Campos vastos,
Com donaire cortez, lustroso agrado,
De ouro a dous pinhos chegam, que por mastos
De pendões se corôam de brocados;
E mais raros que densos, ou que bastos,
Por arte equestre em modo compassado,
Voltando em dobre fio, em ouro ardendo,
Pelas praças do Ceo vôam correndo.

Desta arte, com decentes intervallos,
Param entre outros dous mastos oppostos,
Cujos pendões dos olhos sam regallos,
Que de ouro, e branca téla estam compostos;
Sam Argos Cavalleiros, e Cavallos,
Que do Ethereo Auditorio os olhos postos,
Em si levam na gala, e nos arreios,
Porque ha Argos tambem d'olhos alheios.

Lá, firmando os riquissimos turbantes,
D'Anta nos corações pegão gozosos,
E cobertos de Cifras elegantes
Do coração no braço os põem briosos;
D'ouro as cannas, que tem nós de diamantes
Brandem co'a dextra mão destros, e airosos,
Logo medindo o campo de Zaphyra
O jogo principiar querem que admira.

Sahe o primeiro Angelico Garçote,
Arremeçando o Cisne (em vôo, e côres)
Que ao som da trombeta, e do Fagote
Toca n'hum só tropel quatro tambores;
Parte a todo o correr, quebra de trote,
Mas em partindo o Campo ao ar de flôres,
Dispara a lança d'ouro antes que ao Pombo
O vôo torça, a quem opprime o lombo.

Digitized by Google

Já do posto sahindo, e endereçando
Outro a canna, e o cavallo á redêa solta,
O fingido Inimigo vai buscando,
Que ao tempo que elle parte já se volta;
Parece, que a lição sua tomando,
O contrario o Ginete alegre solta,
Despede a canna, o outro a adarga apara,
Volta estoutro, outro tira, elle repara.

Si galhardo, e airoso este acommette,
Tambem repara o outro o tiro airoso,
Si hum o Ginete bate, outro o Ginete
Quebra pelo reparo usar lustroso;
Do reparo, e do tiro o ar compete,
Nas quadrilhas gentis, que em metro gozo
Enchem de aureos Cometas rutilantes
O Ceo, feitos no Curso Astros errantes.

E c'humas destras voltas rematando
O grave jogo, a equestre companhia,
O Hypodromo no fim já vam buscando
Para o vôo passar com bizarria;
A carreira em parelhas disparando,
Vôava cada bruto, e não corria,
E no fim cada qual quando parava
De cortez as cadeiras arrastrava.

Si Dedalo presente ali se achara,
Vendo obrar taes ambages, e rodeos,
De Creta o Labyrintho fabricara
Com giros mais preplexos, mais enleos,
O fio d'Ariadena o não livrara,
Nem mostrara a Theseo de sahir meos,
Que os dous fios, sem fio, só acertaram
Em tornar a sahir por onde entraram.

Posto fim a este jogo, ao mesmo instante,
Pende de hum cordão de ouro peregrino,
De cristal huma Cyfra rutilante
Para annel ser em dedos d'ouro fino;
Hasteas de ouro com pontas de diamante

Digitized by Google

Empunha logo o conclave divino,
Para se repetir Bellorophonte
Em Pégasos de luz no Ethereo monte.

Não mudam de Cavallo os sublimados
Cavalleiros do Ceo, por quanto acharam,
Que outros não póde haver nem mais domados,
Nem mais galhardos, que estes, que occuparam;
De Neptuno, e Ocyroe que transformados
Hum em Cavallo, em Egoa outra se olharam,
Pareciam gerados, que parecem
Que de Deoses Cavallos procedessem.

Eis que só o tropel quadrupedante
Imitando o trovão, que o raio lança,
Qual Cometa ligeiro ao mesmo instante
Da argola o vão occupa a dextra lança,
Que rompe os vãos espaços de diamante,
A canora trombeta, a sorte alcança,
E tantas se repetem com tal gala
Que a tuba sempre sôa, e nunca calla.

Pifaros doces, bellicas trombetas,
Que ligitimos sam, si ellas bastardas,
Desluzindo a Buzina dos Planetas
Tiples a charamellas dam galhardas;
C'os sons dos Cascaveis, que estes Cometas,
Que côres brancas tem com caudas pardas,
Vam fazendo no curso accelerado,
Vam os mais sons em modo concordado.

Que estylo! E é possivel que semilhantes geringonças se chamassem poesia, e fossem muito admiradas, e applaudidas no tempo do Author! A que estado havia chegado a corrupção do gosto!

Logo, por variar, cessa a sortilha,
E a jogar alcanzias se endereçam,
Até de Ceres loura a negra Filha
Dar fim aos novos jogos, que começam,
E bizarros jogando a meravilha,

Digitized by Google

Cristalinas redomas se arremeçam,
Que nas adargas fulgidas batendo
Se despedação graça, e odor vertendo.

Nestes jogos a Terra, e o Ceo contentes
O dia todo gastam festejando,
Com obsequios, e applausos differentes
Dia tão venturoso celebrando;
Até que em luminarias refulgentes
As ameyas celestes fulgurando,
O Ceo para outras festas principia
Com a vinda da noite hum novo dia.

Que tanto que banhará Phebo louro
Os Cavallos em purpura rasgados,
Nas ondas de Zaphir, e os raios d'ouro
Em cofres de cristal teve fechados,
A roubar-lhe Diana este thesouro
Dos montes de Zaphir, de prata aos prados,
Dece com suas Damas disfarçadas
Com gazuas nas mãos de ouro formadas.

Quem presumio nunca encontrar *gazuas* em um Poema Epico.

E chegando aos Palacios Neptuninos,
Onde Delio de noite se escondia,
E vendo que em retretes cristalinos
Nos Palacios de Thetis já dormia;
Abrindo os aureos cofres peregrinos,
Roubaram para a noite a luz do Dia,
E logo, remontando-se ás Estrellas,
De ouro, que furtou, partio com ellas.

Sahe o noctuno Sol substituindo
A Phebo, com seus raios singulares,
E com frechas de luz o mar ferindo,
De prata borda a Terra, e de ouro os mares;
As Estrellas, que ás Festas vam sahindo,
Desconhecendo a noite, e seus Luares

Digitized by Google

Crêm que de noite não, mas que de dia
Brilham dessa celeste galaria.

Logo em festas de ouro o Ceo se esmera
Tanto que a Lua sahe, e o Sol se esconde,
E dos Ceos, feita a Noite Primavera,
No prado azul com flôres corresponde;
E apparecendo vem pela alta Esphera
Nobre Cavallaria Etheria, aonde
Nos ricos Cavallèiros, e Cavallos
Para a vista se expõem novos regallos.

E ardendo em luminarias cristalinas
O Ceo por celebrar festa tão rara,
As Equestres Quadrilhas peregrinas
Lume trazem tambem na mão preclara,
Que de tochas de prata, e luzes finas
Encamizada rica se prepara,
Nessas lucidas Praças do Zaphyra,
Com tanta gala, e luz que o Orbe admira.

E passeando vam as nobres ruas,
Que adornadas estam de ricas télas,
As tochas Soes parecem, e as mãos suas
De vivos raios cinco estrellas bellas;
As quadrilhas, que sam mil, e não duas,
A vêr sahem das fulgidas janellas,
Seraphins a milhões ardendo em chammas,
Qual quem quer emular na Terra as Damas.

Nas marlotas azues, ricos turbantes,
Ardendo vem a Etherea Companhia,
Que nos bordados de ouro, e nos diamantes
Em reflexos de luz a gala ardia:
Phenix em pyras lucidas, brilhantes,
Cada qual dos Garçotes parecia,
E os Cavallos cobertos de escarlata
Ardendo em giroes vem d'ouro, e de prata.

Passam lindas Parelhas atroando
Varias tubas os liquidos Districtos,

Digitized by Google

E c'o tropel dos Cisnes concordando,
O som, e estrondo faz sons inauditos;
Desta maneira alegres festejando
Ostentam luzimentos infinitos,
Apeam-se e começam novos jogos,
De invenção differente, e varios fogos.

Já disparam mil lumes scintillantes,
Que para a Terra o Ceo chove Foguetes,
Destes servem gentis Astros errantes,
Que se arrojam dos liquidos retretes;
Ah como para o olfato vem fragantes,
Accezos em aromas sam pivetes,
Nos estalos que dam chegando á Terra
Arcabuzes de paz se expõem na guerra.

Admittindo como o Author, e os seus contemporaneos admittiam, que o Ceo era um Firmamento de cristal, que circumdava todo o espaço, e abaixo do qual giravam todos os Astros, segue-se por conclusão que os foguetes, que de lá se dirigiam á terra, eram de natureza contraria aos que se fabricam no nosso globo, visto que aquelles desciam, e estes sobem.

Os Anjos, e Donzellas peregrinas,
Que assistiam na Terra á Flôr vivente,
Occupados em Musicas divinas
As festas vendo estam do Ceo luzente;
Os Pastores, que habitam nas campinas,
De Nazareth no prado florescente,
Em Bailes, e Folias occupados
Estam d'applausos tantos admirados.

Como vêm, que os foguetes se suspendem,
De fogo em rodas vêm, que o Ceo fulgura,
Que ou do Carro de Elias ser pertendem,
Ou dos eixos do Ceo sam por ventura;
N'outra parte do Ceo serpes se accendem,
Que ardem do Etherio fogo em chamma pura,
Que Hierogliphico sam do fogo ardente,
Em que arde lá do Inferno a vil serpente.

Digitized by Google

Andando estam em flammas superiores
Arvores, que de fogo se formaram,
As folhas de que se ornam sam fulgores,
Linguas de fogo as flôres que brotavam;
Nestas Plantas, de tantos resplendores,
Os Anjos póde ser que annunciavam
Que de Eva a planta escura, o pomo della
Em plantas se trocou de luz tão bella.

Neste episodio não faltam rasgos poeticos, e algumas Estancias bem fabricadas; mas ainda que elle fosse todo escripto com a elegancia, e pureza do Metastasio, ou de Luiz de Camões, sempre peccaria por demasiada estenção; porém não é o estylo defeituoso o que mais deve censurar-se aqui, porém as idéas, e as invenções. Que Ceo é este, que á semilhança das nossas Cidades tem ruas, praças, casas onde moram os Seraphins, que chegam á janella para vêrem o que se passa, onde os Anjos vestidos á sarracena com turbantes, e marlotas, tem cavallos em que montam para jogar cannas, e um hypodromo para disputar a carreira dos carros, jogar a argolinha, as alcanzias, presentando o quadro fiel dos arraiaes das nossas feiras? E as luminarias, os foguetes, e o fogo de vistas não sam invenções mui felizes? E tudo isto, e as encamisadas de tochas na mão deviam fazer grande effeito na morada da Luz Eterna? Nem se me diga que o Poeta finge isto de noite, porque mesmo admittindo que no Ceo haja noite, o Poeta na Estancia setenta e sete teve o cuidado de avisar-nos que Diana com as suas Nymphas havia descido ao Paço de Neptuno, forçado com gazuas os cofres, onde Phebo a havia guardado

Roubaram para a noite a luz do dia,

o que quer dizer, que o Ceo naquella noite estava tão claro como de dia, donde se evidenceia, que as tochas, as luminarias, os foguetes, e o fogo de artificio não podia servir para cousa nenhuma, porque para brilharem necessitam da escuridade da noite.

E não será necessario ser absolutamente desprovido de gostò para achar estas festas convenientes no Ceo, e

Digitized by Google

dignas dos Anjos estas occupações? Não poderá affoutamente dizer-se, que estas ficções sam além de absurdas, monstruosas, e mais proprias do Hospital de Rilhafolles, que do Parnaso? E com tudo estes desconchavos não brotaram da mente de um doudo, mas de um homem de grande talento, que tinha os principaes dotes de grande Poeta, e que sem dúvida o seria se tivesse tido a fortuna de nascer um seculo antes, ou um seculo depois do reinado dos Filippes; porque então não haveria gasto, e malogrado em volteios, equilibrios, e habilidades de Volantim as forças de Alcides com que o tinha brindado a natureza.

Guiado então por melhores estudos, e pelos Poetas da antiguidade, typos eternos do bello ideal, elle seguindo, e imitando a natureza, verdadeira mestra das artes, em vez de sepultar o fulgor do seu genio nas trevas do Culteranismo, de perder-se nos labyrinthos dos conceitos, e argucias ridiculas, apprenderia a usar de uma linguagem clara, e elegante, de um estylo sublime sem affectação; a sua phantasia regulada sempre pelo bom senso, não correria precipitada e sem freio pelo paiz das chymeras, e das extravagancias. Daria uma fórma mais regular ao seu Poema, descarregando-o de tantas inutilidades, que não servem se não de alonga-lo, sem lhe dar maior realce, affogando, e não deixando brilhar as bellezas, que nelle se encontram. Deixemos porém o que elle poderia ser, e mostremos o que foi.

No Canto I. descreve elle o combate dos Anjos fieis commandado pelo Archanjo Miguel, e dos Anjos reprobos guiados por Lucifer. A victoria em breve é declarada pelos Campeões do Altissimo, e seus inimigos despenhados nos Infernos; eis aqui a pintura da sua quéda atravez dos Orbes, que não é destituida de grandiosidade poetica, ao menos se attendermos ao tempo, em que o Poeta escreveo.

Qual chuveiro geral, ou pasto aquoso
Dos Ceos, que a huma nuvem reduzido,
Dos ares precipita hum mar chuvoso,
Sobe á terra em diluvios desparzido;
Tal, infestando o Ar, que de formoso

Digitized by Google

Ficou com taes chuveiros denegridos,
Do Ceo cahindo vem precipitados
Os Estigios Dragões, Anjos damnados.

O setimo verso desta Estança faz-se notavel pela harmonia imitativa, o seu instincto de Poeta faz, sem procura-lo, deparar muitas vezes esta belleza.

Já do Empyrio quadrado, e Ala divina,
Palacio do Monarcha Omnipotente,
Sibilando a Serpente mais malina,
Cercado cae de innumera serpente;
Já chega, e passa em misera ruina
O decimo cristal, roda luzente,
Que por mobil primeiro, em doce accento,
Faz com que os Orbes mais tem movimento.

Já ao noveno Ceo, que o cristalino
Por suas claras lymphas foi chamado,
Chega o Monstro infernal, Drago malino,
E suas claras ondas passa a nado;
Já na praia de conchas de ouro fino
Matisada, a aportar chega obstinado,
No firmamento digo, onde gemendo
Pára hum pouco, primor tão raro vendo.

Ali depara em tanta luz diversa,
Tão fino esmalte, e lucidos fulgores,
E em campina de luz brilhante, e tersa
Nota equivocação d'Astros, e Flôres;
No Zodiaco a vista põem preversa,
E a doze Signos vendo superiores,
Que de Animaes diversos tem figura,
Brama, vendo Animaes ter tal ventura.

Estes (diz para os seus) Brutos luzentes,
De malhas d'ouro fino variados,
Vivem no Ceo em fórmas differentes,
E nós nos vamos delle desterrados;
Mais Brutos fomos que elles, pois contentes,
Adornados de graças, e adornados

Digitized by Google

Do mais bello fulgor o Ceo logramos,
E por mais Brutos nelle não ficamos.

Mas logo, continuando o precipicio,
O Firmamento deixam sublimado,
E dos sete Planetas o exercicio
Notando vem, no curso accelerado,
Vêem no setimo Ceo, em grave officio,
A Saturno de influxos infestado,
Com que á vida costuma fazer guerra,
Noventa e huma vez maior que a Terra.

Logo saltam no Globo, que domina
Jupiter, falso Deos, feliz Planeta,
Cuja influencia causa por benina,
Que Deidade o Gentio lhe prometa,
Com vista a Multidão tôrva, e malina
Para elle olha por vêr Deos lhe cometta
Influxo tão suave, e tão clemente,
Tão contrario dest'outro antecedente.

Já ao quinto Zaphir, que ao rubicundo
Marte com influencia occupa varia,
Vem descendo, bramando o furibundo,
Lucifer, e Caterva a Deos contraria,
Guerras nota, que influe cá no Mundo
Esta brava, e sanguinea Luminaria,
Por este effeito em vê-la se alegrara,
Si talvez bons effeitos não causara.

Logo no quarto Ceo, throno divino
Do Deos do metro, e Rey das Luzes bellas,
Que ardendo em lavaredas de ouro fino,
Nellas se queima, e não se abraza nellas,
Salta em fogo ardendo, e desatino,
O que antes de tão miseras procellas,
Lucifer, como o Sol estava feito,
Por que Sol foi creado em nome, e effeito.

Logo ao Terceiro Ceo, e rico quarto,
Da Deidade, que Estrella se avalia,

Digitized by Google

Que das ondas maritimas por pacto
Inda a Gentilidade a ter viria,
Cercado de Escorpiões chega o Lagarto,
Que de pintas de fogo se cobria,
E vendo que perdera igual belleza,
Mais se embravece, e enche de tristeza.

Já dá sobre Mercurio, que o segundo
Ceo illustra de raios adornado,
Que com branda influencia influe no Mundo
Por Planeta sagaz bem inclinado,
Logo o primeiro Ceo, Reyno jocundo
Do mudavel Planeta não mudado,
Que em tanta variedade firme assiste,
Com seus sequazes passa Lusbel triste.

Já das nuvens, diaphanos Outeiros,
Cahindo c'huma horrifica procella
Abre-se a Terra, e os rubidos Cerbeiros,
Buscando o centro vam nos baixos della,
De sua superfice aos derradeiros
Abysmos infernaes, se nos revella,
Que de mil, e duas legoas quéda deram,
Que do Mundo ao Inferno tantas heram.

E' certo que este quadro está muito distante do que Milton traçou dos Anjos Rebeldes fugindo do raio vibrado pelo Messias até ás extremidades do Ceo, e recuando espavoridos á vista do abysmo, onde o terror que os segue, apezar disso, os obriga a precipitar-se como procurando um refugio contra a ira do vencedor: Barbuda não tinha azas para vôar tão alto como o Cantor do Eder, mas por isso este trecho não deixa de ter algum merecimento.

Manoel Mendes de Barbuda e Vasconcellos fez uma pintura do Inferno, que só differe das outras, que deixaram os nossos Epicos, em uma idéa, que mostra o seu talento poetico, e que escapou ao proprio Milton, tão energico, e tão fecundo na descripção dos dominios de Lucifer. O Inferno de Milton é o prefeito exemplar de uma Monarchia, em que todos obedecem ao Rei concor-

Digitized by Google

des, e submissos, e cumprem sem reluctancia as suas ordens, e abundam todos no seu sentimento. O proprio Milton compara o seu Inferno á Republica das Abelhas. Manoel Mendes de Barbuda e Vasconcellos julgou bem que a paz, e a concordia não podia existir naquelle logar dos supplicios eternos, e que os Anjos condemnados deviam estar discordes entre si, e invectivar-se uns aos outros, e fazer-se reciprocas reconvenções, e a prova de que este pensamento é tão theologico como poetico, é que foi depois adoptado, e aperfeiçoado por Klopstock na sua *Messiada,* onde nos apresenta Adramelek, abberrecendo, e invectivando Satan, o primeiro por inveja do seu poder, e o seguudo porque nos seus remorsos o accusa como motor da sua perdicção.

Manoel Mendes de Barbuda e Vasconcellos, no Canto IV. do *Virginidos,* finge que um Anjo desce ao Limbo, onde descançam as Almas dos Patriarchas, e noticia a Adão o nascimento da Mãi do Messias, e por consequencia a proximidade da Redempção, que deve abrir-lhe as portas daquelles carceres para serem transportados ao Ceo.

Esta noticia enche de alegria as almas daquelles Santos Varões, e David, tomando a sua Harpa, entôa um hymno em acção de graças; todo este episodio é proprio do assumpto, e muito bem executado, mas esta alegria dos Patriarchas desagrada muito a Lusbel, e a seus sequazes, como era de bem esperar.

E vendo, que no Reyno da tristeza,
Os Espiritos bons estam contentes,
De inveja vil ardendo em furia acceza
Bramavam as horrificas Serpentes;
E cheias de veneno, e de fereza
Mil faiscas por lagrimas ardentes
Dos olhos despediram, lamentando,
Quando as Almas no Limbo estam cantando.

Porque sabendo a causa, e os motivos,
Vendo que o sceptro seu se lhe prostrava,
C'os impulsos da Inveja mais nocivos
Lamentavam sua dôr iniqua, e brava;

Digitized by Google

Lucifer, dando em si golpes esquivos,
Qual outro Erésicthus se espedaçava,
Que em novos alaridos, vivo pranto,
Se confundia o Reyno lá de espanto.

E, mandando callar na gruta Averna
As serpes mais os silvos lacrimantes,
Lamentando sua magoa, e dôr moderna,
Assim diz para os Monstros circumstantes:
Incolas desta misera caverna,
Que ardeis ha tanto em flammas crepitantes,
Sabei, que por mais dôr, mal mais interno,
Hoje o Ceo nos duplica o duro Inferno.

He nascida a Mulher valente, e forte,
Que para dególar-nos nasceria,
Que por nossa infeliz, e infausta sorte
Nasceo ou nesta noite, ou neste dia;
Esta he que hade matar a mesma morte,
Esta a que a toda a Averna, e triste Harpia
Hade calcar o collo, e a garganta
Minha, me hade pisar com dura Planta.

A Virgem não nasceo para degular os Demonios, aliás não teriam tanto que fazer os exercitos; nem para matar a morte, pois que ella existe, e todos os dias faz tantos estragos por meio das suas ministras a apoplexia, a peste, a cholera morbus, e a febre amarella. Nasceo para pisar o collo da serpente infernal, dando á luz o Mediador, que vinha remir-nos do jugo do peccado original, e abrir-nos as portas do Paraiso.

Esta he aquella Inimiga tão valente,
Aquella Mulher, digo, por quem disse
Deos, que entre ella poria, e a Serpente
Eterna inimisade, odio infelice;
Que si a huma enganou astutamente,
Porque o Mundo chorasse, o Inferno risse,
Outra a vinga-la vem do Reyno Etherio,
Porque eu perca o Empyrio, e mais o Imperio.

Digitized by Google

Por isso esses festejam, que encerrados
Nesse Carcere estam, deste distincto,
Porque por meio della libertados
Serão do tenebroso Labyrintho;
Mas ai! que para nós sam tristes fados
O que para elles ser venturas sinto,
Por isso cá no abysmo, e inferno ardente
Huns cantam, e outros choram juntamente.

Nove mezes a amante vergonhosa,
Que de Lalmo hum Pastor tem por amante,
Se fez na sobrancelha da formosa,
E outras tantas no rosto de diamante;
Depois que temo sorte tão damnosa,
Depois que ando de magoa delirante,
Que em sua Conceição como a vi pura,
Logo chorei do Inferno a desventura.

Pois chorai tristemente hoje comigo,
Por tal desgraça, perda, e tal ruina,
Chorai tão novo, e aspero castigo,
Chorai, chorai tão misera mofina!
Acabou de fallar o Monstro inimigo,
Que fogo pela boca, e voz fulmina,
E logo em alaridos temerosos
Rompem de novo os Dragos venenosos.

Depois que grande espaço lamentaram,
Com horrisonas vozes seus pesares,
E pelos igneos olhos derramaram
Phlegitontes em fogo, Ethas em mares:
Tanto que os alaridos abrandaram
D'hum logar eminente aos baixos lares,
Lançando horrida voz, suspiros summos
Da lingua inflammações, dos olhos fumos.

De metal sobre hum Potro duro, e ardente
Qual o Bruto que Phalans inventa,
Onde Lusbel a todo o delinquente
Com tractos mais horrendos atormenta;
Montado já Asmodeo, porque eminente

Digitized by Google

Fique á Turba Tartarea, que lamenta,
Grita para Lusbel com furor novo
Que lhe mande callar do Erebo o Povo.

Lucifer, por saber o que queria
Asmodeo referir, com voz chorosa
Callar manda a Tartarea companhia,
Que obedece á voz triste, e temerosa;
Logo Asmodeo, que mais em furia ardia
Que na flamma, que o cerca impetuosa,
Desta arte solta a voz, que lhe interrompe
Talvez o pranto, em que se inflamma, e rompe.

De que te queixas, disse, oh Lusbel triste?
De ti te queixa só, pois só tiveste
Culpa no mal, que choro, e que te assiste,
Quando pecar já ha muito Adão fizeste;
Logo então, quando o caso enorme urdiste,
Que mór damno tomaste do que deste,
Vaticinei, em quanto é'o cruel Drago
No celeste Jardim fizeste estrago.

Tu causaste de Adão que os descendentes
Contra nós, nessa Terra de Belleza,
Venham fazer-se fortes, e valentes,
Que he todo o asylo seu tal fortaleza:
Os capacetes mil, que tem pendentes,
A ella dam, pendentes de riqueza,
A ella armas, a nós outra ruina,
Que este he o raio do Ceo, que nos fulmina.

Nasceo da tua culpa o nosso damno,
Nasceo do erro de Adão sua ventura,
Tu mesmo contra ti foste tyranno,
Tu lhe deste de ti vingança escura;
Pois logo que lamentas louco, e insano,
Si tu te duplicaste a prisão dura?
Pois já então deste causa, a que hoje naça
Do Inferno a perdição, do Mundo a graça.

Mais queria dizer, mas convencido
Lucifer das razões, que lhe ha proposto,

Digitized by Google

Rasgando o peito seu, com cruel bramido,
Logo o manda descer d'onde está posto;
Eis que a turba infernal novo alarido
Levanta, a Lucifer lançando em rosto
As razões de Asmodeo, que ouvir tem tedio
Por vêr que o erro seu não tem remedio.

Este quadro do inferno assim concebido, e geralmente bem executado abona, me parece, o talento épico do Poeta, que foi verdadeiramente original nesta invenção; apraz vêr esta desintelligencia entre os espiritos das trevas, estas queixas contra o seu chefe, como causa primaria da sua desgraça, e o clamor geral que a desesperação faz erguer contra ella, e traz á lembrança este verso do muito gracioso Abbade Casti.

L'Inferno ch'é? una anarchia de Diavoli.

E' preciso confessar que os Poetas nos dam uma idéa estranha do modo com que os Demonios sam atormentados no abysmo! O inferno tem portas de diamante, trancas, e ferrolhos, elles sahem de lá todas as vezes que lhe agrada: mergulhados n'um fogo intensissimo, parece que nelle se encontram tanto á sua vontade como os peixes na agua, pois os tormentos que padecem não lhes impede de levantar edificios, de conversar, e discursar sobre a predestinação, e a graça; de exercer a musica, de conspirar contra o genero humano, &c. As proprias almas dos grandes criminosos, parece que se esquecem das penas que padecem para contar longas historias da sua vida, e até acham logar, e occio para de lá cuidarem da conservação das cousas que estabeleceram no mundo, e que de ordinario sam o motivo da sua condemnação. Assim mesmo Mafoma no *Affonso Africano* de Quevedo, instiga a Lucifer para impedir a conquista de Arsila, porque tomada ella pelos Christãos, corria risco de perder-se a falsa religião de que elle fôra o Apostolo; na verdade que semilhantes idéas me não parecem coherentes com a bôa razão.

Na descripção do mortecinio dos innocentes, que se lê no Canto XIV., derramou o Poeta alguns rasgos cheios de vigor, e de pathetico.

Digitized by Google

Punhaes affiam, facas, e cutelos,
Alfanges curvos, lucidos trepçados,
Para talhar os Cordeirinhos bellos,
Tornados carniceiros de Soldados;
Foge com medo o grap Senhor de Delos,
De vêr Lobos tão crueis, Cães tão damnados,
Qual de lastima foge, em outra idade,
Só por não vêr de Atreo a crueldade.

Em fim dando nos candidos rebanhos
De Cordeiros, os Lobos carniceiros,
Arrancando-lhe vam da têta os Anhos,
Que banhara de seu sangue em golfos lentos;
Humas fugindo vam de tão estranhos
Monstros, atroando os ares com lamentos,
Outras, em si tomando os golpes rudos,
Aos Filhinhos servir querem de escudos.

Tal ha, a que o fugir não aproveita,
Que do peito o Filhinho aos pés lançando,
Qual Albana Leoa se endireita
C'o Homecida cruel, que a vem buscando:
Elle afflicto das garras, que lhe deita,
C'o cutelo feroz sobre ella dando
A faz morta cahir sobre o alvo Arminho,
Sendo a Mãi campa, e morte do Filhinho.

Outras fugindo vam das Feras duras
A occultas partes, e talvez obsenas,
Outras fugindo vam ás espessuras
Aves, feitas já então nas muitas pennas;
Assim Progne, e a Irmãa, quando as figuras
Humanas perdem, fogem ás amenas
Selvas, por escapar da espada nua,
Com que lhes quer Thereo dar morte crua.

Na Estança antecedente

Sendo a Mãi campa, e morte do Filhinho.

E nesta

Aves, feitas já então nas muitas pennas;

Digitized by Google

sam conceitos pueris, e brilhantes falsos, que causa pena encontrar em um trecho, cujo caracter devia ser a singeleza, e o pathetico.

Mas ai! que occultos balam os Cordeiros,
E a si, e ás Mãis descobrem em continente,
Acodem logo os Lobos carniceiros
A matar Mãis, e Filhos juntamente,
Que si na morte os Filhos sam primeiros,
As Mãis, de que elles sam vida innocente,
Nelles as vidas perdem compassivas,
Que mortas nos Filhinhos ficam vivas.

Ha quem esconda á perfida Athalaia
O Neto, que matar queria irosa,
Mas de Herodes cruel á tyrannia
Não póde occultar Filho Mãi piedosa:
Esconde a Jove, a quem matar queria
O Pai, em Creta industria Religiosa
Com taes estrondos, que inda que chorasse,
Saturno o não ouvisse, e o devorasse.

Uma comparação Biblia junta de outra Mythologica, harmonisam mui pouco nesta Estança; porque para nos servirmos da expressão do Lirico Rosseau

Heurlent d'efroi de se voir assemblèes.

Ha Mãi, que agarra no filhinho bello,
Que o Algoz lhe quer tirar dos doces braços,
E elle, tirando delle, e do cutelo,
O parte pelo meio em dous pedaços;
O que intentou o Rei, com sabio zêlo,
Quando das duas rompe os embaraços,
Aqui se põe por obra, e em tal crueldade
Fica a misera Mãi só com metade.

A allusão ao juizo de Salomão está tão mal expressada nesta Estança, que é muito provavel, que a maior parte dos Leitores não dê por ella.

Digitized by Google

Outra, a que o grande amor de valor veste,
Os pedaços do Filho, já defuncto,
Anda ajuntando, oh Eta qual fizeste
Ao Filhinho, de que estes sam transumpto,
Que enganada da dôr, que n'alma a investe,
Cuida, que pondo o Filho todo junto,
Como intentou depois de Hespanha hum Nobre,
Palpitando outra vez a vida cobre.

Confesso que ainda não deparei, ou pelo menos me não lembro de haver deparado, em alguma historia de Hespanha, o facto a que o Poeta alude nesta Estança; no em tanto não me parece impossivel, que uma pessoa, Pai, ou Mãi, a quem a dôr vehemente da perda de um filho tenha, ao menos por algum tempo, reduzido a perfeito estado de loucura possa conceber idéa tão estranha, e desparatada. Conheci uma Senhora, que sentira vivamente a morte de uma filha unica, sendo menina de cinco annos; affirmava mui seriamente que sua filha cercada de vivo resplendor, e mais formosa que dantes, a visitava todas as noites; e referia varias cousas, que ella suppunha, ou sonhava, que a filha lhe dizia. Era uma doudice parcial, que nada influia no restante dos actos da sua vida.

Tal ha, que tendo o ferro levantado
Para cortar com elle o branco Harminho,
Sobre o braço da Mãi ha descargado,
Que o braço quer trocar pelo filhinho;
Mas o Algôz mais cruel, mais indignado,
A' Morte abrindo funebre caminho,
Do outro braço lho arranca, e neste passo
Perde o filho, depois que perde o braço.

Tal ha, que vendo ao peito da Mãi bella
O vivente cristal, lhe embebe a espada,
E mata de hum só golpe a elle, e a ella,
Que fica c'o filhinho ali cravada;
Outra, que sobornar o Algôz anhella,
Lhe offerece as joyas pela prenda amada,
Mas descendo c'o golpe o Monstro iniquo,
Em derramar rubis se ostenta riquo.

Digitized by Google

Outra achando o filhinho palpitante,
Que por morto o verdugo já deixara,
Tracta de o hir curar, mas nesse instante
Chega o Algôz a tomar-lhe a prenda chara,
Torna de novo o peito de diamante
A matar, mais cruel quem já matara,
E d'onde a triste quiz tirar conforto,
Tira o charo penhor, duas vezes morto.

Outra, e'o gran furor da magoa dura,
Qual a Tygre, dos Filhos despojada,
Afeiando co'a ira a formosura,
O Filho defender quer com a espada;
Dizendo: «Turba vil, canalha obscura,
Agora sabereis quam esforçada
He a Mulher offendida injustamente,
Que a Razão, donde está, sempre he valente.

Vereis, vís homecidas, quanto a troca
Neste conselo entre nós bem feita fiqua,
Nós pela espada aqui trocando a roca,
Vós pela roca vil a espada iniqua;
Pois fracos sois a roca só vos toca,
E a mim, pois de valor me vejo fiqua,
Esta espada, e verá todo o ingrato,
Que com este verdugo a outro mato.

Camilla, Pompeana, as Amazonas,
Em batalhas fizeram mil proezas,
Que as Bellas nas batalhas sam Bellonas,
Em que as Bellas na paz sejam Bellezas;
Em differente clima, em varias Zonas
Em valor transformaram as ternezas,
E agora o saberás, covarde indino,
E verás como esgrimo o aço fino.»

Não ha difficuldade nenhuma em suppor, que uma mulher, em lance de tamanha afflicção, empunhe uma espada para defender da morte a seu filho: a experiencia nos mostra, que os animaes mais mansos, ou mais fracos, se tornam valentes, e bravos para defender a

Digitized by Google

prole; o que porém não é admissivel, é que uma Mãi, reduzida a tal aperto, se entretanha em endereçar ao assassino um discurso tão estudado, tão cheio de expressões methaphoricas, de conceitos alambicados, e freiraticos como os que se encontram nestas Estanças: mas o Poeta escrevia o seu Poema do mesmo modo que improvisava nas grades, e nos outeiros, e os contemporaneos applaudiam, extasiavam-se com estas puerilidades, porque si o bom gosto faltava aos Poetas, não faltava menos aos Leitores; e por isso a *espada vil trocada pela roca*, e as *Bellas, que sam Bellonas nas batalhas, e Bellezas na paz* lhe pareciam discrições meravilhosas.

Logo, c'hum voraz Lobo remettendo,
Na cabeça outra boca lhe abre irosa,
E fica, quando o sangue vê correndo,
Elle mais feio, e ella mais formosa;
Elle a espada, co'a dôr, nella embebendo
A vivente cecem lhe sangra em Rosa,
E ferindo-a nos peitos, sangue, e leite
A mesma fonte vê, que em golfos deite.

Logo busca o cruel o infante amado,
Que de traz de si tinha a triste Dama,
Mais bravo co'a ferida, que lhe ha dado,
Em pedaços os membros lhe derrama,
D'hum marmore nos picos, que ha encontrado,
Elle dá, e lhe diz com voz, que brama:
Morra em pedras, quem Mãi teve tão forte,
Porque quem lhe deu vida, lhe deu morte.

Outra ha, que da gran magoa delirante,
O filho entre o cabello envolve louro,
Trabalhando esconder ao tenro Infante
Entre a rama gentil do Bosque de ouro,
Mas ai! que o ladrão chega ao mesmo instante,
E do peito lhe rouba este thesouro,
Que a joya de christal, com que se adorna,
Para perlas da Mãi em rubins torna.

A qual, quando lhe arranca dentre os braços
De alabastro o pequeno, com desgosto

Digitized by Google

Lança as mãos de cristal aos aureos laços,
E as unhas de marfim á flôr do rosto;
No marfim tira purpura a pedaços,
No cristal ouro arranca em fios posto,
Parecendo taes mãos, com tal thesouro,
Estrellas de cristal com raios de ouro.

Quando encontro, nos Poemas deste seculo, concertilhos destes, ou semilhantes, e considero o tempo e trabalho necessario para encontrar estas bugiarias literarias, não posso deixar de lamentar a ruim sorte de tantos bellos engenhos, condemnados á maior fadiga para escrever mal, quando podiam, com muito menos lidas, escrever bem.

Outra mais fraca, e menos animosa,
Vendo o novo Jasmim Cravo tornado,
Desmaia, e fica qual a murcha Rosa,
Que rude mão cortou com duro arado:
Outra, que mais valor que est'outra goza,
Vendo o filhinho em purpura banhado,
Pede ao Verdugo a morte; pois na chara
Prenda, já parte della o cruel matara.

Esta Estança é excellente, até pela harmonia imitativa.

Dizendo; « Melvo vil, Bilhafre austero,
Si te queres mostrar valente, e bravo
Os Gallos busca, e não te ostentes fero,
C'os Pintinhos, que indignos sam de aggravo;
C'os inermes, e humildes ser severo,
He fraqueza Villão, he tino ignavo;
Mas deves querer fama, oh vil, e ingrato,
Não de valente Heitor, mas Erostrato.

Mas, si hes Verdugo vil, como podias
Usar nobres acções, termos honrosos,
Que em fim as generosas valentias
Só se criam em peitos generosos!
Os mais vis, os de entrenhas mais impias,
Se buscam para os actos affrontosos;

Digitized by Google

Vis sam os que degolam Cavalleiros,
Quaes sam estes de Christo verdadeiros.

Onde havia esta pobre Israelita ouvido fallar em Christo como nome do Mediador? Notavel esquecimento do Author, e dos Censores da sua Obra, que não o advertiram delle. Muitas difficuldades tem que superar, quem emprehende a difficil composição de uma Epopeia.

Pois me mataste a parte mais querida
Deste corpo infeliz, peço, Tyranno,
Que me mates de todo, e que esta vida
Me não deixes, partida em tanto damno;
Mas, si he piedosa Acção, vil homecida,
Dar-me a morte, já sei que não me engano,
Que por ser mais cruel basde negar-ma,
Por vêr que he piedade agora dar-ma.

Oh Matronas illustres, que as entranhas
Vêdes rasgar nos miseros penhores,
Fujamos para as asperas montanhas,
Onde nas Feras ha menos rigores;
Lá nessas partes Lybicas, estranhas,
Que Ussos? que Corcodilos ha peiores?
Ah! fujamos de Monstros mais Tyrannos
Do que Albanos Leões, Tygres Hircanos.

Si as valentes Theutonas, que brigaram,
Mostrando-se famosas contra Mario,
Já depois de vencidas se mataram,
C'os Filhos, por não dar gloria ao contrario,
E si de seu cabello os penduraram,
Feita varia madeixa, em laço vario,
Quanto melhor nos fôra, oh Mãis afflictas,
Antes Theutonas ser, que Bethlemitas!

Menos fez aos penhores dos captivos
Israelitas, Pharaó, quando mandára,
Que n'hum Rio, ao nascer, os lancem vivos,
Aonde a tumba, e berço lhe prepara,
Que em dous Rios, Rei Feio, mais esquivos

Digitized by Google

A Mãis, e Filhos dar a morte amara,
N'hum mar rôxo de sangue aos Filhos charos,
E ás Mãis de pranto, em pelagos amaros.

Ao Filho, que duas vezes hera Infante,
De Herodes não perdôa a Furia fêa,
Que do Rei lhe dá purpura brilhante
Do Carmim de seu sangue que o assêa,
Que sobre o alvo cristal, fino diamante,
Sobre os hombros e peito em larga vêa
Correm soltos rubis em collo brando
Ao Infante de Rei purpura dando.

Ri-se o Infante gentil para o homecida,
Que ao rosto lhe endereça a estocada,
E escusa soffrer mais huma ferida,
Abrindo a tenra boca a tersa espada;
Parece a Natureza que advertida
D'antes prevendo Acção tão lastimada,
Que fez da boca o golpe contrafeito
Por sem dôres lho dar d'antes já feito.

O Poeta, para augmentar o horror desta catastrophe, finge que nem o filho do proprio Rei fôra isempto da lei geral, que mandava matar todos os recemnascidos; porém esta ficção é desmentida não só pelo Evangelho, que não diz semilhante cousa, mas pela historia por onde nos consta, que Herodes não tinha filho algum em taes circumstancias. Além disso seria necessario que este Rei, valido de Augusto, fosse completamente doudo para dar semilhante ordem; seria acáso novidade para elle que seu filho lhe havia de suceeder no throno? O que o impelio ao desatino de ordenar aquella carnificina foi o dizerem-lhe os Magos, que vinham á Judea visitar um recemnascido, que havia de ser Rei dos Judeos, segundo estava prophetisado. Isto pouco podia interessar pessoalmente a Herodes, que em sua idade avançada não podia receiar ser desthronado por um rival de poucos dias, e que naturalmente só depois de sua morte poderia aspirar ao throno; o que elle temia era que um estranho viesse a disputar, e roubar o sceptro a seus fi-

Digitized by Google

lhos, e á vista disto nada mais mal fundado que esta invenção de Barbuda.

Os ferros, de matar, perdido o corte,
De matar, os Verdugos já cançados,
Lybithina já farta em tanta morte,
Os Infantes já todos degolados,
As ruas feitas vaos da Tyria sorte,
Quaes Rios do Mar rôxo derivados,
Teve fim a batalha infame, e impía
Sendo o fim da contenda o fim do dia.

O Sol se põem, e rôxo busca os mares,
Mais purpureas levando as aureas côres,
Porque seus raios de ouro singulares
Banhou nos rôxos tepidos licôres;
Porque febrecitante em taes pezares
Bebeo lagos de sangue nos vapores,
Mas para hir tão purpureo assás bastava
Os borrifos de sangue que saltava.

Buscando o Mar de purpura banhado,
O Sol se avulta Infante em sangue tinto,
Que nos olhos da Mãi, e mar salgado,
Busca, que chora pelo vêr extincto:
Buscar o Sol tal dia hera escusado,
Para se pôr o aquoso labyrintho,
Que nas Mãis, e penhores por mais magoa
Tinha mares de sangue, e mares d'agoa.

Chega a Noite de lucto revestida
Por tanta morte, e mais que nunca escura,
Ficando fêa, ás Bellas parecida,
E fêa como a noite a formosura:
Que escura achou a Dama mais luzida,
Que he o que tem de fêa a Noite dura,
Que bem hera que em tão geral açoute
Fosse o Dia mais claro escora noute.

O Firmamento acompanhar querendo,
A' sepultura inumero Minino,

Digitized by Google

Infinitas no Ceo foi accendendo
Tochas azues em lume d'ouro fino;
O Sol de triste tal estrago vendo,
Se despenhou do Monte cristalino,
Tomando morto lenta sepultura
De tanto morto Sol sendo figura.

Sôam mais com a noite os alaridos,
Os suspiros, e os ais nos horisontes,
E repetindo os miseros gemidos,
Retumbam mais os echos nesses montes:
De estragos tão fataes, tão nunca ouvidos,
Murmuravam mais alto as claras fontes,
Em que as fontes então soaram tanto,
Não sam as Fontes d'agoa, mas de pranto.

Ajudam a carpir com vozes gráves
As tristes Mãis já roucas, e doentes,
Nos tectos postas as nocturnas Aves
Sendo humas, e outras vezes apparentes,
Uivando as Feras nos confins, (suaves
Antes de tantas mortes inclementes)
Causando mais horror, mais saudade,
Vinham dos altos montes á Cidade.

Neste longo episodio não faltam cousas, e expressões que o gosto apurado condemna; mas tambem é certo que é escripto com vigor, e que lhe não faltam rasgos poeticos, e bellezas de estylo, a variedade de incidentes, e de circumstancias com que o Poeta descreve aquella abominavel carniceria, mostram bem a fertilidade da sua rica imaginação, e a facilidade dos seus pinceis. Isto prova que o que faltou ao seculo de seiscentos não foi o engenho, o talento, nem mesmo o genio; mas sim o bom gosto, a boa critica, que só podem resultar dos bons estudos, e da imitação dos grandes modêlos, duas cousas que não podiam encontrar-se no monopolio do ensino publico feito pelos Jesuitas, inimigos jurados da boa phylosophia, e de toda a verdadeira erudição, e liberdade de pensar.

Manoel Mendes de Vasconcellos Barbuda possuia o

Digitized by Google

estylo didatico, como póde vêr-se da conversação de S. José, e um douto Egypcio sobre a origem do Nilo, que se lê no Canto XVI. do *Virginidos*.

Este Rio, que vêdes caudaloso,
D'onde nasce não ha certa noticia,
Que ser seu nascimento duvidoso
Temos nós para nós a Gente Egypcia;
Huns dizem que o Atlante (fabuloso
Em ter dos Céos aos hombros a delicia)
Lhe dá perto de si principio ufano,
Por ser Egypcio junto, e Africano.

Outros dizem do Nilo, que a nascente
Do terreal Paraiso se deriva,
Mas si elle vem correndo do Occidente,
Esta razão n'estoutra não se estriva,
Na Provincia de Hedem, que he no Oriente,
Em parte inhabitada, em sitio altivo,
O Paraiso está, que Deos encobre
Que a Linha Equinocial comprende, e encobre.

Nem o Euphrates, Tygre, e Ganges Rios,
No Paraiso demostram, que tem fonte,
Que o Ganges do Caucáso os cristaes frios
Despenha, que parte he do Tauro Monte;
E o Euphrates, e Tygre nos sombrios
Valles nascer d'Armenia ha quem aponte,
Com tudo, inda que nascem no Oriente
Corre cada hum por parte differente.

De maneira que o Ganges vem do Norte,
E o Nilo do Occaso, ou Meio dia,
Os outros dous tambem da mesma sorte
Cada qual corre por diversa via:
Verdade he, que trez destes de mais porte
Se subterram em partes, qual fazia
Em Achaia o Alpheo d'amores rico,
Em Arcadia o Erassino, em Asia o Lyco.

Digitized by Google

E todos estes trez Rios famosos
Junto de Babilonia em competencia,
C'o Euphrates se misturam caudalosos
Dando-lhe augmento, e liquida assistencia:
Todos quatro tambem entram pomposos
Na Provincia de Hedem, cuja eminencia
O Paraiso encerra, e nella entrando,
Podem o Paraiso estar regando.

E a verdade será que Deos querendo
O Paraiso occultar, diverteria
O curso destes Rios, e correndo
Fará que vam por differente via;
Por debaixo da Terra os escondendo,
Que cada qual rebente ordenaria
Em logar tão diverso, que ficassem
Incognitas as Fontes donde nascem.

Replica-lhe Joseph: «Tambem não falta
Quem diga, que do Ganges a Nascente
He nos Emmodos Montes, em cuja alta
Eminencia, o Terreal está assistente;
Outros, que a Terra Anagora se exalta
C'o Paraiso, affirmam, tão florente,
Em cuja inhabitavel espessura
Destes Rios, em cruz, nasce a agoa pura.

Tudo sam opiniões, mas a verdade
He (a que me acommodo, e a que aspiro)
Que do Terreal Jardim a amenidade
Perto está de Chaldea, e mais de Tyro;
Não longe de Sião, da gran Cidade,
Está este tão célebre retiro
Não na Aunagora, ou Emmodas montanhas
Fabulas, que compões Gentes estranhas.

O Poeta expõe aqui com facilidade, clareza, e concisão as differentes opiniões, que reinavam no seu tempo, ácerca da origem do Nilo, questão com que se occupou muito a antiguidade, e que inda hoje é ponto duvidoso para muitos sabios, apezar dos esclarecimentos dados a

Digitized by Google

este respeito pelos Jesuitas Portuguezes, e que parecem aproximar-se muito á verdade. Este trecho é um dos mais puramente escripto, que nos deixou este Poeta.

Barbuda, imitando os Italianos, faz preceder alguns Cantos do seu Poema por Prologos mais, ou menos ligados com o assumpto, mais, ou menos graciosos, procurando assim derramar mais variedade na sua composição. Destes Prologos citaremos o do Canto II., que tenho por um dos melhores, apezar de alguma affectação de estylo, que este Poeta raras vezes tem a fortuna de saber evitar.

Do Thalamo, em que jaz, de prata pura,
Chorando, e rindo se ergue a Aurora fria,
Chorando, porque morre a Noite escura,
E rindo, porque nasce o claro dia;
Chora por vêr a Mãi na sepultura,
Ri, porque o Filho vê, que lhe nascia;
Andam no Mundo o Bem, e o Mal tão pares,
Que os Prazeres se involvem c'os pezares.

Nascem d'hum mesmo parto juntamente
Nesta vida mortal o pranto, e o riso,
Que o ser triste anda annexo ao ser contente,
Como o Inferno, no Mundo, ao Paraiso;
Chora a Manhãa, e o Prado florescente,
Enche os olhos das Flôres, d'improviso,
Das lagrimas, que verte a fresca Aurora,
Porque, pela imitar, ri junto, e chora.

Mas não sei qual he a causa mais sentida,
Que a Aurora lamentar faz desta sorte,
Si vêr o claro Filho dar-se á vida,
Si vêr a Mãi escura dár-se á Morte;
Que quem considerar quanto anda unida
No Mundo a debil vida á Parca forte,
Razão tem de chorar indifferente
A vida alegre, a morte descontente.

Hum Periodo só he a vida breve,
Que no ponto da morte se termina,
Quem começa a viver na vida escreve

Digitized by Google

E para o ponto vai que o fim lhe assina;
A ancia grave virgûla ao Occio leve,
C'o ponto a breve clausula confina,
Que escreve a Vida em breves, e aphorismos;
Seus breves, e caducos sylogismos.

Esta Estança de Barbuda exprime por diverso modo o pensamento de Duarte Young, um dos mais originaes Poetas da Inglaterra, e o Rei dos Poetas Moralistas; o *Homem nascendo principia a morrer.*

Nasce a Flôr, que mais cedo o Tempo trilha,
Que c'o rir da Manhãa chorando nasce,
Em quanto chora vive, cresce, e brilha,
E morre em enxugando a linda face;
He no nome, e no effeito meravilha,
Pois tanto que respira, e as auras pasce
Logo morre, e só vive em quanto chora;
Taes somos nós tambem, e tal a Aurora.

Salvo melhor juizo, esta Oitava me parece da mais amena, e graciosa viveza, e frescura de expressão, e de estylo florido.

Que sabios documentos! que doutrinas
Tam uteis, para a vida descontente,
Nos dá a Manhãa, e as nitidas Boninas
Lêdas rindo, e chorando juntamente!
Porque logrando as Horas matutinas
Choram nesse prazer que tem presente,
Como quem antevê que da Agonia
He vespora o Prazer, da Noite o Dia.

Que texto tão expresso em Adão temos,
Do pouco que no Mundo hum gosto atura,
Pois da pena, e da gloria os dous extremos
Unidos experimenta em dôr tão dura;
Logrando estava a graça, e logo vêmos
Que desobedecendo á summa Altura,
Começando a goza-la, oh triste Estrella!
O mesmo foi logra-la que perde-la.

Digitized by Google

Obedece á lisonja de hum encanto,
De huma Syrena doce, em que se enleva,
Que o preceito de Deos não póde tanto,
Como o'o triste Adão o rogo de Eva:
Come do pomo, e bebe logo o pranto,
Perde da Alma o explendor, e affecta a troca
De livre, e de Senhor fica captivo,
Si morto para o bem, para o mal vivo.

Já lhe parece mal a nuez santa,
Com que a pura Innocencia ambos vestira,
Tractam de se vestir em ancia tanta,
Porque o pejo do crime assim lhe inspira;
Das largas Folhas de huma grande Planta,
Com que por galla verde se cobrira,
Se cobre o pobre Adão, e a Esposa pobre,
Que de Folhas o fructo o veste, e cobre.

Figueiras ambulantes já se advertem,
Depois de se cobrir das Folhas della,
Que sem Fabula em Plantas se convertem
Pois vivas Plantas sam, sem graça bella:
Cabeça heram do Mundo, que pervertem,
Mas como a Deos o Homem se rebella
Todos plantas, ou todos pés se viram,
E de Folhas, quaes Plantas, se cobriram.

O Doutor Barbuda conheceu que um Poema Sagrado devia conter, trazidos a proposito, muitos trechos dos livros escripturaes, e ésta pratica foi adoptada por Milton, Klopstock, Bodmer, e outros grandes Poetas da Inglaterra, e Alemanha, e posto que estes Poetas soubessem praticar com mais arte esta regra, e tirar maior partido della, nem por isso deixa de caber a Barbuda, a gloria de haver presentido, primeiro que ninguem, esta pratica.

Quando o *Virginidos* sahio á luz foi recebido com grandes applausos de doutos, e indoutos; porém esta grande reputação decahio muito, e devia decahir pela revolução operada pelos Arcades na literatura, e na poesia, que esmagou com a força do ridiculo o estylo, e

Digitized by Google

gosto Castelhano; e se ainda lhe ficaram alguns admiradores, essa mesma estimação foi diminuindo á proporção que a Nação Portugueza se foi tornando menos devota.

Creio porém que o Poema de Barbuda, apezar dos seus numerosos defeitos, merece ser lido, e que os Poetas feitos podem tirar partido da sua leitura.

O Padre Antonio dos Reis tambem se não esqueceo deste Poeta no seu famoso *Enthusiasmo Poetico*, em que se encontram louvadas tantas pessoas, cujas Obras hoje ninguem, ou poucos conhecem; eis aqui os versos que elle consagrou a Barbuda.

Vasconcelle, tibi non sedula Musa coronas
Nectit, ab Angelicis nectuntur præmia fronti,
Nobiliora tuis: nam te Parnasside lauro
Pulchrius exornant nitidi Diademata Regni
Quæ tibi pro meritis Superum Regina paravit.

Digitized by Google

ENSAIO
BIOGRAPHICO-CRITICO

LIVRO XVIII.

CONTINUAÇÃO DA ESCHOLA HESPANHOLA.

CAPITULO I.

O Doutor Antonio Barbosa Bacelar.

Antonio Barbosa Bacelar, é de entre os Poetas, que chamamos Seiscentistas, um dos mais conhecidos, e delle fazem mensão Bouterweck na Historia da Literatura Portugueza, e Sismondi na sua Literatura do Meiodia da Europa, o que prova não só a grande estima que delle fizeram os seus contemporaneos, mas que nos seus escriptos existe um merecimento real.

Nasceo este Poeta na Cidade de Lisboa no anno de 1610, a sua familia foi muito illustre, e por isso lhe deu uma educação propria para o habilitar para a carreira da magistratura para que logo foi destinado.

A funesta influencia dos Jesuitas estava naquelle tempo no seu auge em Portugal, elles pelas suas perfidas manobras haviam entregado o reino á Hespanha promovendo a inconsiderada invasão de Africa por El-Rei D. Sebastião, educado por elles, e que por elles se regia, e por elles foi arremeçado naquella expedição para se enterrar nas margens do Liceo, e Mocazim com a flôr da mocidade, e a independencia da Lusitania; não admira pois que os Monarchas de Castella, que lhe deviam esta corôa, empregassem toda a sua benevolencia naquelles Regulares, e exclusivamente nas pessoas cujas consciencias eram por elles dirigidas.

Digitized by Google

A instrucção pública, e particular estava quasi toda monopolisada nas mãos dos filhos de Leyola; eram os Mestres de primeiras letras, os Professores de instrucção secundaria, os Preceptores, e Educadores dos Fidalgos moços, e as Cadeiras da Universidade de Coimbra eram occupadas por Jesuitas, ou pelos seus Discipulos.

Para os seus fins, e engrandecimentos haviam as raposas de Ignacio banido das aulas a boa Phylosophia, substituindo-a pelas chimeras do peripatetecismo escholastico, e a boa Theologia pelas doutrinas de Escobar, Sanches, e Diannos, e outros camistas da Companhia; nos outros estudos seguia-se o mesmo methodo, daqui a decadencia das Sciencias, das Artes, e Bellas Letras, de que com tanto trabalho, e vencendo immensos obstaculos apenas podemos sahir no Ministerio do Marquez de Pombal.

Florescian então muito em Lisboa as Escholas do Collegio Jesuitico de Santo Antão, e nellas se matriculou Antonio Barbosa Bacelar, ouvindo com grande aproveitamento, ou desaproveitamento as lições bastardas da lingua Latina, Rethorica, Poetica, Phylosophia, e Theologia, que aquelles affamados Mestres lhe liberalisavam segundo o seu barbaro systema de instrucção.

A natureza dotára Bacelar não só de um engenho raro, mas de memoria tão facil, e prodigiosa, que bastava ouvir lêr duas, ou trez paginas de um livro para de prompto repeti-las sem falta, ou mudança de uma só palavra; com taes disposições, e muito amor ao estudo não admira que passasse por um assombro, e que aos dezeseis annos de idade defendesse, com grande applauso, conclusões públicas de Phylosophia, Theologia, e Mathematica.

Com a adolescencia despontou nelle o talento poetico, fazendo-se admirar pela facilidade com que compunha versos faceis, e harmoniosos, e pelo engenho dos seus conceitos, e novidade das suas idéas.

Passando a frequentar a Universidade de Coimbra, ali se fez notavel, e respeitado de todos, não só pelo seu aproveitamento no estudo das Sciencias Juridicas, mas tambem pelas suas Composições, que o collocavam na opinião pública, muito acima de todos os Poetas contem-

Digitized by Google

poraneos, que maior fama disfructavam naquella epocha.

Findos os seus estudos, a Universidade o admittio gostosa no número dos seus Lentes, dando-lhe, conforme o estylo, gratuitamente o Capello, e por muitos annos regeo, como substituto, algumas Cadeiras de Direito.

Mas a providencia que não o destinava para fenecer seus dias no exercicio do Magisterio, fez com que fosse preterido, na candidatura de uma cadeira vaga, para cujo provimento se propozera. Esta injustiça feita aos seus serviços, antiguidade, e aptidão, produzio tamanho desgosto no Poeta, ferio tão profundamente o seu amor proprio, que abandonando a Universidade voltou a Lisboa para o seio da sua familia.

Aqui foi recebido com os applausos devidos ao seu merecimento scientifico, e sendo apresentado a El-Rei D. João IV., que então reinava, soube de modo ganhar a benevolencia daquelle Monarcha amado do povo, que attendendo ao seu merecimento, e profundo saber em Jurisprudencia, o despachou successivamente para Corregedor de Castello Branco, Desembargador da Relação do Porto, e da Casa da Supplicação de Lisboa, e ainda aqui não terminaria a sua carreira, se a morte, que parece ferir de preferencia os homens mais dignos de vida, lha não cortasse aos cincoenta e trez annos de idade, em 15 de Fevereiro de 1663.

Consta, pelo testemunho dos Contemporaneos, que este fallecimento de Antonio Barbosa Bacelar tivera logar no Hospital das Chagas, e que dali fôra seu corpo transferido para o Convento de S. Francisco da Cidade, onde se lhe deu sepultura.

Confesso que me custa entender como um Magistrado, nascido em Lisboa, onde era natural, que tinha parentes, casa, e familia, que exercia um logar de tanta honra, e proveito naquelle tempo, como o de Desembargador da Casa da Supplicação, terminasse os seus dias em um hospital; nem pelo testemunho dos seus contemporaneos, e amigos, nem pelas suas proprias Obras, consta que elle fosse pobre, e tão pobre, que em uma doença precisasse ser tractado em um hospital.

Ainda se me offerece outra duvida, que não é pouco-

Digitized by Google

ponderosa, e é dizer-se, que fallecera no Hospital das Chagas. Se a indigencia tivesse obrigado Bacelar, como a Camões, a hir morrer em um Hospital, deveria ser do de todos os Santos, que era o Hospital Civil, o Hospital Público, e geral, e não no Hospital das Chagas, que era peculiar dos maritimos, com cujas contribuições se sustentava, e que naquella Ermida tinham antigamente o seu coval.

Finalmente se o facto é verdadeiro, o que me não atrevo a affiançar, parece-me que não ha se não dous modos de explica-lo. Ou Bacelar por devoção pedio, e alcançou hir expirar naquella casa; ou na occasião em que estava naquella Ermida foi atacado repentinamente da molestia de que falleceu, e com tanta força, que se julgou perigoso transporta-lo para a propria habitação, e o recolheram naquelle Hospital para lhe prestarem mais promptos soccorros; isto sam conjecturas minhas, e como taes as offereço aos Leitores.

Bacelar compôz algumas Obras em prosa, umas que se conservam manuscriptas em mãos dos curiosos, e outras que se publicaram pela imprensa, entre estas a que lhe deu mais nomeada, que foi melhor recebida do público, e lhe suscitou em Hespanha um grande número de refutadores foi um Manifesto em defesa da Acclamação de El-Rei D. João IV., demonstrando juridicamente o Direito da Serenissima Casa de Bragança ao throno de Portugal. Esta Obra é hoje mui rara, porque os Governos, que depois se tornaram absolutos, porque os principios juridicos do Author não estavam em harmonia com os que haviam adoptado, não só não permittiram a sua reimpressão, mas fizeram todas as diligencias por fazer desapparecer todos os exemplares que della existiam.

Além das suas Obras juridicas ou phylosophicas em prosa, deixou o Doutor Bacelar numerosissimas poesias, de que sómente vieram á luz as que appareceram dessiminadas pelo primeiro, segundo, quarto, e quinto volumes da *Phenix Renascida*, e pelos dous volumes do *Postilhão d'Apollo*.

Bacelar escrevia a lingua com grande pureza, e elegancia, e compunha com admiravel facilidade, possuia,

Digitized by Google

imaginação viva, estylo pictoresco, e não reconhece vantagem a nenhum dos seus contemporaneos na valentia, e sonoridade do metro, nem na abundancia, e naturalidade da ryma. Seguio, é verdade, a Eschola de Gongora, mas sem cahir nas exaggerações dos seus vulgares imitadores.

Uma grande quantidade dos versos de Bacelar saõ escriptos em lingua Castelhana, mas apezar disso os que saõ na lingua patria não deixam de ser consideraveis, porque Bacelar foi um dos Escriptores mais fecundos do seu tempo, e por isso muitas das suas Obras, especialmente Sonetos, correram por muito tempo em nome de outros Authores, ou isto se devesse á incuria, má fé, ou ignorancia dos Editores, ou porque aquelles Poetas tivessem tido a fraqueza, ou mais propriamente a indignidade de as dar por suas. O Editor da *Phenix Renascida* affirma, que confrontando os impressos com os manuscriptos de que se servio póde reclamar, e restituir muitas a seu verdadeiro dono. Entre estas tem logar o seguinte Soneto a um Rouxinol, cantando na gaiola.

SONETO.

De Amor cantaste já doces favores,
Branda Avezinha, quando Deos queria,
Que foste, com suave melodia,
Mimo dos Bosques, e matiz das flôres.

Perdeste a liberdade, e nas maiores
Desgraças não te esqueces da harmonia,
No captiveiro ostentas a alegria,
Com que livre gozavas teus amores,

Ave ditosa, viverás em quanto
A alegria não perdes, em que aturas,
Com teus males não vivas descontente,

Não deixes nas prisões o doce canto,
Que com ter rosto alegre, as desventuras
Se vive em todo o estado felizmente.

Digitized by Google

Eis aqui outro, em que brilha aquelle espirito reflexivo, e melancolia, que caracterisava o genio Portuguez nos seculos antecedentes.

SONETO.

Eu me vi neste monte, em outra idade,
Nos braços da ventura reclinado,
Esta fonte, esta rocha, aquelle prado
Testemunhas serão desta verdade.

Oh! que tamanha magoa a saudade
Me representa agora no cuidado,
Mas quando durou mais hum doce estado,
Que tem a segurança na vontade.

Para igualar a gloria que então tinha,
Dos Astros revestido o Firmamento
Se deu, oh quantas vezes! por vencido,

Mas que vãa ignorancia he esta minha!
Tão occioso trago o pensamento,
Que me ponho a cuidar no bem que tinha!

Uma das circumstancias, que distinguem Bacelar dos seus contemporaneos, é que em vez de entregár-se como elles, quasi exclusivamente aos assumptos amatorios, e jocoserios, prefere occupar-se com idéas moraes, e phylosophicas, como acontece neste

SONETO.

Este nasce, outro morre, acolá sôa
Hum ribeiro, que corre aqui suave,
Hum Rouxinol se queixa brando, e grave,
Hum Leão c'o rugido o monte atrôa.

Aqui corre huma Fera, acolá vôa
C'o grãosinho na bocca ao ninho huma Ave,
Hum derruba o edificio, outro ergue a trave,
Caça hum, outro pesca, outro afforôa,

Digitized by Google

Hum nas armas se alista, outro as pendura,
Ao soberbo Ministro aquelle adora,
Outro segue do Paço a sombra amada,

Este muda d'amor, aquelle atura,
Do Bem de que hum se alegra aquelle chora,
Oh Mundo! oh sombra! oh zombaria! oh nada!

O mesmo caracter de composição se encontra neste, que o Author fez visitando os Paços de Almeirim no reinado dos Filippes, e encontrando-os desertos, e arruinados; porque já não eram habitados, como dantes, pela familia real, que como é sabido, no tempo dos Reis Portuguezes, costumavam lá passar uma parte do anno.

SONETO.

Vestigios para magoas reservados,
Torres, que levantadas sois ruinas,
Si deixastes cahir as vossas Quinas,
Para que sam Castellos levantados?

De conservar os Donos celebrados
Fostes, oh Torres, pouco tempo dinas,
E em baixas sortes sois adamantinas
Para nos conservades magoados.

Fostes a passatempos dedicadas,
Passou por vós o tempo da alegria,
Fizestes vosso officio em nosso damno.

Venceis o Tempo em fim como á porfia,
Para que em Monarchias sepultadas
De Letreiro sirvaes ao Desengano.

Este Soneto mostra bem o descontentamento que já reinava no povo Portuguez, em razão da dominação estrangeira, e a impaciencia com que suportava o jugo, que desejava saccudir: como pouco depois aconteceu em 1640, quando a aristocracia, enganada nas suas esperanças, se resolveo a desfazer a sua Obra, como póde

Digitized by Google

vêr-se em Manoel de Faria e Sousa, que expõem largamente as intrigas de D. Christovão de Moura, apontando as pessoas a quem distribuio cedulas de mercê de Filippe II. para apoiarem a sua usurpação, a despeito de todos os exforços da classe media, e do povo, que repugnaram sempre ao dominio estrangeiro.

Não é menos bello o Soneto tão repassado de ternura, e melancolia ácerca de um sonho que o Poeta teve, ou fingio ter.

SONETO.

Adormeci ao som do meu tormento,
E logo vacilando a phantasia,
Gozava mil portentos de alegria,
Que todos se tornaram sombra, e vento.

Sonhava, que gozava o pensamento
Com liberdade o bem que mais queria,
Fortuna venturosa, claro dia:
Mas ai que foi hum vão contentamento.

Estava, oh Clori minha, possuindo
Desse formoso gesto a vista pura,
Alegres glorias mil imaginando,

Mas acordei, e tudo resumindo,
Achei dura prisão, pena segura,
Ah quem estivera assim sempre sonhando.

Tambem me parece mui engenhoso, e digno do talento do Poeta, est'outro, em que elle descobre analogia entre si, e um prado alegre, e matizado de flôres.

SONETO.

Do que sou me vi já mui differente,
Alegre tu virás a estar de lucto;
Qual te vêjo me vi com flôr, e fructo,
Qual me vês te verás bem descontente.

Digitized by Google

Dá-te agora tributo o Estio ardente,
E eu no frio Inverno dou tributo;
Assim nos fez o Tempo, sempre astuto,
Si triste agora a mim, a ti florente.

Não queiras fazer certo o meu receio,
Pois tens exemplo em mim! oh quem me dera
Que em mim escarmentaras teus enganos.

Mas lá virá o tempo horrendo, e feio
Donde perca seu brio a Primavera,
E te sirvam de dôr meus desenganos.

E' pena que estes Sonetos acabem com Tercetos quartetatos, e não em Tercetos perfeitos; mas os Quinhentistas, que introduziram entre nós a Eschola Italiana, a imitaram dos Poetas Toscanos, e o mesmo fizeram em Hespanha Bucan, e Garcilaso, que forám seguidos pelos Seiscentistas, e esta pratica durou entre nós muito tempo, pois mesmo em Garção, e Diniz se encontram Sonetos com Tercetos quartetados; é porém evidente, para quem tem ouvidos capazes de perceber a delicadeza da harmonia, que as rymas ficám assim mui separadas umas das outras, e o Soneto vem assim a acabar de uma maneira desagradavel; foi porisso que da primeira parte do seculo passado em diante os nossos bons Sonetistas como Bocage, Santos e Silva, Moniz, Belchior, e Manoel Mathias abandonaram inteiramente esta pratica, fechando os seus Sonetos com dous Tercetos perfeitos, que ferem, agradavel, e harmoniosamente o ouvido do Leitor.

Vendo o Poeta dous Rouxinoes, que cantavam em um jardim, a sua phantasia mobil, e sua viva sensibilidade se despertaram com a agradavel sensação daquella harmonia, e dahi não só phantasia, que aquelle canto era um desafio, mas o seu espirito phylosophico lhe fez reflectir, que os prazeres servem muitas vezes de perludio aos desgostos, e deduzio assim estas idéas no seguinte

Digitized by Google

SONETO.

Em hum Musico doelo contendiam,
N'uma manhãa de fresca Primavera,
Dous Rouxinoes, por ostentar qual hera
Mas digno de hum amor, que pertendiam.

Com agudos piados o ar feriam
O concavado da mais sublime esphera,
E os Outeiros da voz, que reverbera,
Os duplicados echos repetiam.

Mas ai! que um Caçador, com mão tyranna,
Hum dos Orpheos suaves percepita,
Triste ventura, caso lastimoso.

Que até no mesmo bosque de Diana
He companheiro o pesar da dita,
Si aquellas sam as lagrimas do gozo.

Mesmo em Sonetos amorosos o Author sabe fugir das trivialidades, a que em taes casos recorriam os seus contemporancos, e procura pensamentos novos, e imagens não esperadas; assim o pratica quando descobre na Serra de Cintra relação com a constancia, e firmeza do seu amor, e a dureza de Nise.

SONETO.

Aspera Serrania, que elevada
Ao mais sublime cume rutilante,
Te obedece este Orbe de Diamante,
Nem jámais te vio raio fulminada.

De ti mesma em ti mesma despertada,
Parece que presumes de arrogante,
Escalar essa esphera rutilante,
Atropellar a machina estrellada.

Eterna vive, dando leys aos Ventos,
Ao mar espanto, assombro da grandeza,
Do Tempo injuria, da firmeza Templo.

Digitized by Google

Eterna vive, imperio aos Elementos,
Pois hes de Nise exemplo na dureza,
Pois hes de Lauro na firmeza exemplo.

Não faltaria, se quizessemos dar-nos a esse trabalho, que criticar neste Soneto; poderiamos por exemplo perguntar qual é esse Orbe de diamante que obedece á Serra de Cintra? Como *nunca se vio fulminada* uma serrania, em que sohem cahir tantos raios? Mas aqui tracta-se sómente da imagem phantastica, e original com que termina. O seguinte ao Téjo parece-me que vale muito mais.

SONETO.

Alegre o manso Téjo vai regando
Do monte as fraldas, e do prado as flôres,
Eu de Lise os desvios matadores
Tristemente affligido estou chorando.

Elle do Campo a gala vai bordando,
Tecendo com cristal os seus verdores,
Eu, de todo rendido a minhas dôres,
Com pranto as suas agoas augmentando.

Bem poderas, oh Téjo deshumano,
Parar ao vêr-me assim tão lastimado,
Não correndo esquecido do meu damno,

Mas, oh sorte cruel, oh duro fado!
Que até hum Rio, com rigor tyranno,
Se corre de tractar co'hum desgraçado.

Bacelar tambem escreveo no estylo jocosério; mas a sua jocosidade não assenta, como em Jeronymo Bahia, e outros, exclusivamente em equivocos, e hyperboles extravagantes, e direi, até em allusões obscenas; e pouco religiosas, cousa a que naquelle seculo, ao que parece, se dava pouca attenção. A dicacidade de Bacelar funda-se ordinariamente em enumerar todas as circumstancias ridiculas de cada objecto, tornando-as bem veziveis aos olhos dos Leitores; assim se deprehende deste Soneto, improvisado ao entrar em uma casa de jogo.

Digitized by Google

SONETO.

Paro!.. reparo!.. tenho!.. envido, e pico!
Viva a santa rapina, e viva o sacco;
Cada qual de nós outros seja hum Caco,
Haja galhofa, e cerolico tico!

Entorne-se o licôr, molhe-se o bico,
Cance o braço, ande o copo, ferva Baccho,
E seja tal, e qual, seja hum Velhaco
Quem daqui não sahir hum Cerolico!

Não haja quem acerte c'o seu beco,
Que em quanto bebo claro, e falto rouco,
Que me dá do que passa em Pernambuco?

Viva, amigos, o Baccho! viva o meco!
Que se o pezo fôr grave, e o lastro pouco,
O mesmo foi a Estatua de Nabuco!

Poderá pintar-se em menos palavras, e com maior viveza a desordenada confusão, que reina naquellas *Spelunca latronum?* As palavras curtas, e compassadas dos que jogam, a confusa conversa dos que bebem para distrahir-se das perdas, ou para animar-se a aventurar o seu dinheiro ao capricho da sorte, e as bravatas, e fanfarronadas de todos!

O mesmo genero de jovialidade encontraremos em algumas Decimas, em que o Poeta descreveo um combate de Touros, em que foi servir de Cavalleiro um homem muito avançado em annos, e porisso muito incapaz de semilhantes emprezas, de que ás vezes a muitos mancebos, e bons Cavalleiros, acontece não sahirem muito airosos.

DECIMAS.

Dos Touros da terça feira,
Si perguntaes o successo,
Na verdade vos confesso
Foi tudo em huma poeira.

Digitized by Google

Correo lá huma Caveira,
Não sei de que modo ou como,
Que foi da morte hum assomo,
E eu não me espantei só,
Fosse todo o corro pó,
Sahindo o *memento homo!*

Sahio o bom Cavalleiro
Ao terreiro, por louquice,
Melhor fôra se sahisse
Outra vez para o terreiro;
Correo no dia terceiro
Por velho se lhe devia,
Pois tão secco parecia,
Que dizem todos absortos,
Que para resurgir mortos
Sahio ao terceiro Dia.

Não houve lá novidade,
Porque o que correo foi velho,
E então vi, como em espelho,
O quanto corria a idade!
Confesso-vos na verdade
Grande passatempo havia,
Pois como o Velho fazia
Figura do Tempo ali,
Vendo-o a elle então vi
O quanto o Tempo corria.

.....

Quando a cavallo sahio
Caveira com tal valor,
Não sei como de temor
Toda a Gente não fugio;
Porém cuido que advertio,
A Gente de melhor porte,
Que caveira desta sorte
Foi signal de Festa então,
E que logo a Procissão
Vinha atraz da boa morte.

.....

Tão curto o Velho loução

Digitized by Google

Vinha de capa esta vez,
Que toda ella lhe não fez
Volume de cabeção;
Achei nos Touros razão
Em não quererem busca-lo,
Que mal póde dar abalo
O que sahindo ao terreiro,
Mal foi capa de Toureiro,
Não Toureiro de cavallo.

Não fôra capa notada
De pequena neste dia,
Porque o Velho não podia
Com cousa muito pesada,
Mas eu por grande, e sobrada
A capa lhe não desprezo,
Antes julgo foi gran peso,
Com que a bocca a todos tapa,
Pois por migalha de capa
Parecia contrapeso.

Não se lhe dava de vir
Mal vestido deste modo,
Porque logo o Povo todo
Lhe cortou bem de vestir;
A capa deu bem que rir,
Por vir no capricho guapa,
Diz, por não valer dous cacos,
Nem de capa de velhacos
Servio aos Touros a capa.

Depois de haver assim zombado do cavalleiro, por sua demasiada idade, e pelo seu modo de trajar, passa a apoda-lo pela cobardia, com que se houvè no combate, excitando o riso dos expectadores; nem podia ser de outro modo, pois para isso mesmo os emprezarios de taes expectaculos costumam procurar figurões conhecidos, e ridiculos, para serem immolados na praça á hilaridade, e insultos da chamada *Padaria cambaia*, termo technico da nobillissima *Arte de Tourear*.

Digitized by Google

Sahio com gran desafogo,
Muito concho ao parecer,
Mas teve muito que vêr
Meter-se nas conchas logo;
Quando o Touro com mais fogo
A carreira despedia
C'os rapazes se metia
Mostrando ser muito arisco,
Pois por se livrar do risco
A dar nos cachopos hia.

Não mostrou nenhum desar
Antes com muito ar sahio,
E bem nas sortes se vio,
Pois todas foram no ar;
Ninguem póde murmurar,
Porque andou muito advertido,
E diz o mais entendido
Que a festa foi mui de vêr,
Vir vêr aos Touros correr,
E vêr a elle corrido.

Homem de pé não trazia,
Pois quiz mostrar nesta vez,
Ser Homem de mui bons pés,
Pelo muito que corria;
E se acaso algum trazia
He para algum Garraio,
Como se este fôra hum raio,
Porque para os outros Touros,
Por não levar dous estouros,
Vinha sem hum só Lacaio.

Quando os circumstantes viram
O velho com tanto siso,
Tanto cahiram de riso,
Que dos palanques cahiram;
Todos no corro se riram,
De suas barbas louçãas,
As festas não foram vãas
Porque todos nesta hora,

Digitized by Google

Deitaram sua cãa fóra,
Quando entraram suas cãas.
.....
Em quanto no corro andou
Teve a festa bem que vêr,
Quando se quiz recolher
Logo a Festa se acabou;
Porque em quanto toureou,
Estiveram os Maráos,
Ao som de grandes áos, áos,
Todo o Touro bom he meu,
Mas logo que se acolheu,
Logo os Touros foram máos.
.....

D. Luiz de Gongora compôz um Poema com o titulo de *Soledades*, isto é, *saudades*, em que combinando a Sylva com a Elegia, derramou prodigamente todos os atrevimentos do novo estylo que pertendia introduzir, tornando-as á força de conceitos eneditos, e esquisitos, de methaphoras violentas, de expressões affectadas, hyperboles, e hyperbatorias uma das mais escúras composições, que se conhecem na poesia Hespanhola, sem que os prolixos commentarios, que depois se lhe fizeram, conseguissem torna-la mais clara, nem mais intelligivel.

O Doutor Bacelar foi o primeiro que se propôz a imitar esta composição, bybrida em nossa lingua, posto que descarregando muito o estylo daquelles ornamentos ambiciosos, e das trovas poetico-enigmaticas, com que o seu modêlo havia nublado, e escurecido o seu. Este exemplo de Bacelar despertou a emulação dos Poetas da Eschola Hespanhola, e uma saraiva de *Saudades*, devastou em breve o Parnaso Lusitano, pois ninguem se julgou Poeta sem ser ao mesmo tempo *saudoso*.

Temos de Bacelar dous Poemas deste genero, as Saudades de *Lydia e Armido*, em um Canto, e em Oitavas, e as Saudades de Lysis na ausencia de Aonio, tambem em um Canto, em fórma de Sylva.

No primeiro destes Poemas ha uma tal qual acção dramatica, pois que Armido, naquelle Canto, obrigado pelo seu dever a embarcar-se para uma expedição

Digitized by Google

maritima, depois de combater com os impulsos do seu coração, que lhe difficultavam o separar-se de Lydia, a quem ternamente amava, a procura, despede-se della, procurando mitigar a sua dôr com mil protestos de constancia, e de eterna fidelidade. Cumprido este dever amoroso, corre a embarcar-se no navio a que o chama a sua bandeira. A namorada Lydia, vendo-se abandonada do amante cahe desmaiada, e quando torna em si, lamenta-se, maldiz a sua sorte, e teme pela do seu amante, que vai expôr-se aos perigos do mar, e da guerra.

O estylo deste Poema é em geral nobre, e elegante, posto que algumas vezes affectado, como acontece nestas Estanças.

. . . . . .

No he justo que Lydia fique viva
Quando te roube a vida o duro praso,
Tambem justo não he que Armido viva
Quando me mate o fogo, em que me abrazo,
Desde fado benigno, ou sorte esquiva,
Sigamos juntamente o duro caso,
Seja de ambos a gloria, ou seja a pena,
Pois que d'ambos amor assim o ordena.

Si he força que sem ti fique penando
Em minha soledade eternamente,
Mereço-te tambem, que vás passando
Sem mim tua jornada tristemente;
Logo para que seja o golpe brando
A Armido que se vai, e a Lydia ausente,
A Lydia ausente leva tu comtigo,
Ou Armido que vai, fique comigo.

E para que comigo ficar possa
Para estorvar a causa a meu tormento,
Armido que te vás da Patria nossa,
Façamos igualmente apartamento;
Leva-me a mim tambem *nessa Carroça,*
Que vai rodando esse humido elemento,
Porque se Armido a Lydia communica,
Nem Armido se vai, nem Lydia fica.

Digitized by Google

Detem-te pois, meu bem, hum pouco espera,
Pára, porque endoideço, e desatino;
Nesta fatal empreza, oh quem me dera,
Que cada qual seguindo o seu destino,
Obrasse cada hum na sua esphera,
Quanto amor nos inspira puro, e lido,
Melhor satisfaria com tal arte,
Lydia a Cytharea, Amido a Marte.

Assim como o partir-te he valentia,
Que inspira o Deos dos bellicos horrores,
Tambem hir-te seguindo he bizarria,
A que me obriga a Deosa dos amores;
Leva-me pois em tua companhia,
Para que nenhum falte a seus primores;
Nem tu á valentia de partir-te,
Nem eu á galhardia de seguir-te.

Não direi que muitos destes pensamentos não sejam nobres, e apaixonados; mas, se não me engano muito, parece-me que a sua expressão não é natural, nem verdadeira! Ha nestas Oitavas um trabalho de espirito, um artificio, um modo de dizer tão argutamente conceituoso, que não se compadece com uma dôr profunda, nem com a desesperação, e lagrimas de uma amante affligida, e abandonada. Pelo menos não é neste gosto que Catulo faz lamentar Ariadne abandonada por Theseo; que Apollonio Rhodio faz com que Medéa se dôa de deixar a casa paterna para seguir o amante, e finalmente não é com contrapostos de Amido que se vai, de Lydia que fica, de valentia, e galhardia, que Dido na Eneida se desespera pela fugida de Eneas!

essa Carroça,
Que vai rodando o humido elemento,

estes versos são ruins por mais de uma razão, pela impropriedade com que Lydia em tamanha afflicção se entretem em fazer methaphoras, designando o navio por *Carroça*, e o mar por *humido elemento*, pela semilhança remota em que taes methaphoras se fundam, e até por se

Digitized by Google

dizer, que o *humido elemento vai rodando a Carroça*, quando é ella que roda por elle, impellida pelo vento.

Apesar destes, e de outros descuidos, ou defeitos, se assim lhe quizerem chamar, ha neste pequeno Poema algumas Estanças que por sua amenidade, e elegancia fazem honra ao talento do Author, por exemplo:

Apenas seu carmim com desafogo
Mostra flammante a Rosa quando espira,
Abre o branco Jasmim na Aurora, e logo
Ao mesmo tempo seu candor retira,
Seva esphera abrazada em vivo fogo,
N'hum dia deixa o Sol, n'hum dia o gira,
Teus bens, Amor, sam estes á porfia,
Flôres de huma manhãa, luzes de hum Dia.

E já si este teu trato, Amor tyranno,
Não fosse singular a meu respeito,
Menos sentira o golpe deshumano
Que agora rasga o meu ardente peito;
Mas como conhecido o desengano,
As sem razões me mostra deste feito,
Em minha pena, que mortal me deixa,
Tua innocencia aviva a minha queixa.

Sem receios a parra na espessura
Em seus braços detem o Olmo altivo,
Rende a Hera constante em quanto dura,
Em firmes laços o penedo esquivo,
E sempre em seus amores bem segura
Dura, apesar do tempo successivo,
Que aonde he menos nobre a Natureza
Tem o Amor mais logro de firmeza.

.....

Porém, posto que agora me devida
De teus olhos meu Bem, a ingrata sorte,
O laço, a que a minha alma está unida,
He mais firme, e teu golpe menos forte;
Pouco lhe valerá, que na partida
Para mim seu rigor se não reporte,

Digitized by Google

Porque eu heide, apesar de teus desvios,
Eternizar de meu amor os brios.

O Sol bem podera para o Nascente
Mover da sua Esphera as luzes vivas,
Bem podera o Téjo transparente
Tornar atraz as aguas fugitivas,
E apesar do espirito confliciante
Deixar sem curso ás ondas successivas,
Não he muito: mais he que o teu retrato
Algum tempo, meu Bem, falte em seu trato.
.....

Porém si com seu golpe a Parca dura
De meu florido Amor incerta os annos,
Antes quero jágora que segura
Deixes a vida minha em teus enganos;
E, porque o largo tempo mais apura
A verdade de Amor nos desenganos,
Não porque eu viva, a vida me não falte,
Mas porque meu amor melhor se exalte.
.....

Qual a mimosa flôr, que já pendido
Da sua fresca pompa o breve aleste,
Em desmaio, que apenas he sentido,
Acaba ao respirar do grande vento;
Tal da formosa Lydia, quando Azmido
Em seus suspiros fez o ultimo accento,
A côr perdida, o rosto desmaiado,
Cahio em terra o corpo delicado.

As côres, que em seu rosto alimentaram
Purpureas Rosas, Açucenas bellas,
As luzes, que em seus olhos retrataram
As, com que o Ceo sereno brilha, Estrellas,
Só a magoas motivos inspiravam,
Cobertas estas, pallidas aquellas,
Que a força que he mortal em seus rigores
Não perdoa ás Estrellas, nem ás Flôres.

Ai! fero Amor, de cujas tyrannias
As maiores finezas sam estrago,

Digitized by Google

Que facilmente vario o bem desvias,
A's almas, que prendeste em doce affago,
Ai! sorte dura! que em mortaes porfias
O empenho maior deixas mal pago,
Que brevemente teu Decreto ordena
Tornar-se o mal em bem, a gloria em pena.

Entre todas a Estrella mais benina
Co'a Aurora nasce, e morre juntamente;
Abre pela manhãa fresca a bonina,
Desmaia á Noite em facil accidente;
Apenas se vê fonte cristalina
O Rio, e já fenece em grossa enchente,
Em fim, onde he mais firme a formosura
He sempre a duração menos segura.

Já dos mares o Lenho combatido
As inquietas ondas dividia,
E a celeuma do nautico alarido
Nos toscos pedernaes se repetia,
E finalmente já o illustre Armido
De Lydia, que ficara se partia,
Quando, tornando em si, Lydia constante
O nome repetio do caro amante.

.....

Rendida pois a seu amor caminha
Para onde o desejo lhe ensinava,
Que ainda para o vêr seguro tinha
O seu constante Armido a quem buscava;
Corria sem concerto, mas continha
Tal graça seu correr, que bem mostrava
Que para executar nas almas presa
Não ha mister concerto a Natureza.

Esta sentença está em contradicção com a doutrina de João Jacques Rousseau, que affirma no seu Emilio que *as Mulheres não são feitas para correr*, e com effeito assento que nisto o Phylosopho tem mais razão que o Poeta, porque não ha cousa que as Senhoras façam com menos graça.

Digitized by Google

Despedidas ao largo já cortavam
Com pressa as Naus a liquida corrente,
Quando os passos de Lydia se acabavam
Embargados do mar, que tem presente:
Seus olhos pelas aguas caminhavam,
Em Armido buscando o bem ausente,
E atraz dos olhos seus, que já não via,
Do peito este queixume lhe sahia.

Onde te vás sem Lydia? porém logo
A voz entre os soluços lhe faltava;
Aonde? repetia, mas o fogo
Que seu peito em suspiros exhalava,
Muda a detinha ali!.....
.....

As *Saudades de Lysis na ausencia de Aonio* sam escriptas em fórma de Sylva, e em estylo mais affectado que as Saudades de Lydia e Armido. O Poeta principia descrevendo o logar da scena.

N'hum Bosque solitario,
Solitario de sorte
Que habitação da morte
Parece, ou secretario
Da Noite, si não hera,
Pasto da confusão, confusa Esphera,
Entre mudos penedos,
Estava hum com voz, Lysis, aquella
Que vio Aonio quanto ingrata bella,
Comovendo os rochedos
A mudo sentimento,
Com cristal, que desata
Chorando-o bella, e despenhando-o ingrata,
Movida do tormento,
Que ella via teria,
Aonio ao apartar-se aquelle dia,
Quando elle se apartava
Da sua Lysis, que mais que a vida amava.
Assim sentia quando
Sentio que murmurando

Digitized by Google

Se despenhava hum Rio
De sorte despenhado
Como si fôra atraz de algum cuidado,
E do Bosque sombrio
D'onde estava começa
A ajudar-lhe com lagrimas a pressa,
Dizendo desta sorte:

« Corre, Rio, não pares, porque a Morte
» Busca tua corrente,
» Neste estanque contente,
» Tambem busca o socego,
» Que desque fez emprego
» De Aonio o mal tyranno,
» Desconto do teu damno,
» E de meu mal desconto,
» Chegou a vida á ponto
» Tão infeliz de sorte
» Que busca a vida, quem procura a morte;
» Assim corres ligeiro,
» Que deves beneficio
» Por mais que *peruleiro*,
» Lhe pagues o agasalho,
» Que te dá prateado a teu trabalho,
» Que, si não fôra, fôras
» Errando em monte, e prado,
» Hindo, quando apressado,
» Fazendo taes demoras,
» Neste Bosque sombrio,
» Que, antes de te vêr mar, morrerás Rio.
» Assim corre veloz, segue apressado
» Tua derrota, e o prado
» Será mui brevemente,
» De ramas florescente
» Sendo por onde fores
» Si espelho de cristal, bosque de flôres. »

A palavra *peruleiro*, que se lê no verso quatorze desta divisão, é um vocabulo baixo, e por isso indigno de entrar em poesia séria: tendo Lysis fallado com o rio, falla depois com um cordeirinho, que nelle vem desseden-

Digitized by Google

tar-se, logo, com um pintasilgo, que cantava pousado em um cardo, e que é devorado por uma aguia, a quem a Pastora se dirige pelo modo seguinte:

» Ave, si passas praça
» De piedosa, que causa
» Te moveo a pôr pausa
» Dessa innocente Ave
» A' vida triste, e á Canção suave?
» Dize, Tyranna forte,
» Achas piedade em dar-lhe a ella a morte?
» A mim por dar-ma, por não dar-me a vida,
» E si presumes ruina,
» Como em teu peito reina
» A tyrannia, dize:
» A morte dás, sem te custar aballo,
» Como tiras a vida de hum Vassallo?
» Sem temeres cruel de ti que avise
» Por todos a injustiça,
» Que mal póde reinar a semjustiça;
» E si do Firmamento
» Hes emplumada Estrella,
» Galanteio maior da luz mais bella
» A cuja vista passas,
» Planeta presumido as ameaças;
» Treme de abatimento,
» Que movido do espanto
» Diz, que não he celeste quem se humilha,
» E si por vêr-te forte
» Lhe deste a ella a morte,
» Maior valor mostraras
» Si em mim executaras
» O golpe, pois consiste
» A mór força no dar a morte a hum triste;
» Mas não te culpo a ti, a mim me culpo,
» Pois sou tão desgraçada
» Que não mereço nada;
» E tu, cujo infortunio já desculpo,
» Não tens não, que chorar, que em balde chora
» Quem chora a vida agora,
» Agora, que segura

Digitized by Google

» Das astucias da caça
» Vives, que por teu mal a Industria traça.

Depois de haver assim discursado com a aguia, e o pintasilgo, dirigi-se Lysis a um Leão, que vai deparar

N'huma penha partida
Hum Leão, Magestade rigorosa
Das Feras, que chorando estava a vida,
De lado a lado de hum harpão passado,
Que na Gruta o tinha embaraçado,
De que Lysis movida
Tractou de dar-lhe vida,
Com acabar cruel de dar-lhe a morte,
Dizendo desta sorte:

Parece-me que a primeira idéa, que deve occorrer a quem lê estes versos, é perguntar, se este acontecimento se passa na Africa, ou na Asia, visto que nesta nossa terra não consta que haja leões pelos bosques, e que os que temos visto, com vida, tem sido só nas gayolas de alguns curiosos, ou nas de alguns estrangeiros, como Mr. Charles, que os tem trazido para ganhar a vida mostrando-os. E por isso já se vê o pouco effeito que póde produzir esta supposição falsa, admittida por Bacelar no seu Poema; além disso é inverosimel que uma Donzella delicada, como Lysis, encontrando um leão, embora mal ferido, em vez de largar a fugir com todas as suas forças, tivesse animo para o acabar de matar para despena-lo, e se entreter em considera-lo, e dizer-lhe:

» Ah infeliz Tyranno,
» Imagem do meu damno,
» Retrato do tormento,
» Que padeço!» e se chega,

muito mais quando o Poeta accrescenta logo

O Bruto attento
As vozes, e os passos,
Que sentia sôar, pensando que heram

Digitized by Google

Daquelles, que lhe deram
O principio ao seu mal, em taes enlaços
Se vio, que receôso
Empenhou toda a força para a vida
Poder livrar da penha dividida,
E do barbião rigoroso
Com que estava impedido,
Mas foi debalde, pois ficou partido!

E quando o Leão, com a ancia da morte, se levanta, e lucta para soltar-se da lança, que o atravessa, cuida acaso o Leitor que Lysis se assusta, e se desvia daquelle logar? Pelo contrario, com sangue frio inalteravel continuava a contemplar a féra até que expire, agonisando-a com estas razões mui philosophicas.

Ditosa tu, que deixas
Quem tal vida me dera
Quando te cança a vida
Que a sorte te invejara,
A minha hé tão escura
Que quanto mais me cança mais me atura!

E continúa por este gosto até chegarem os caçadores, que vinham em procura do leão, o que a obriga a retirar-se, porque o *mal não quer companhia;* e volta ao bosque onde acaba seus queixumes fallando com o Sol.

No *Postilhão de Apollo* Tomo II., pagina 249, ha outro Poema de Baccelar com o titulo de *Saudades de Aonio,* tambem em fórma de Sylva e com tanta semilhança dos pensamentos, que parece ser uma variante deste. Toda a differença está, em que em vez de ouvirmos a Pastora Lysis prantear na ausencia de Aonio, vêmos o Pastor Aonio lamentar-se da ausencia da Pastora Lysis. A uniformidade dos dous Poemas começa logo na introducção, que passo a copiar para que os Leitores possam combina-la com a do antecedente.

No remontado cume
De hum monte solitario,
Que terminando á vista o horisonte

Digitized by Google

Engeitou o ser nuvem por ser monte,
E passando a Etherea gallaria
Pharol hera do Dia,
Do Dia tão sómente,
Que na aspereza sua
Nunca tocou o resplendor da Lua;
Porque escalando ousado o Ceo primeiro,
Olhava para a Lua sobranceiro,
E atropellando a machina luzente
Hera entre as luzes bellas
Apparador brilhante das Estrellas;
Vice Atlante immortal do Firmamento,
Aos pés calçava o Vento,
E intacto ao raio ardente
Escuta o fulminar, e o Echo sente,
Mas livre da tormenta,
Nunca o golpe exprimenta,
Que como ao Vento pisa,
Lá abaixo no profundo do seu centro,
No alto aos Elementos, soberano
Tem a Officina os raios de Vulcano,
Só na batalha dura
Quando os filhos da Terra,
Levantando huma Serra em outra Serra,
Aos Deoses seus contrarios,
Que a tanto o humano desatino passa,
Quizeram despojar da etherea Casa,
Desatinadamente temerarios
Deste monte huma parte derrubaram,
Que sendo o bando a todos publicado
Este monte sómente
Teve as partes sómente, rebellado
Aos montes seus irmãos, porém menores,
Ou por terem partidos lá maiores,
Ou por ser seu visinho mais chegado,
E quando o monte Pelion,
Pisou o cume ao Ossa,
Do Exercito Gigante,
Grande a soberba foi, mas não bastante
A abarbar esta machina imperiosa,
Que sobranceira aos golpes,

Digitized by Google

Das armas, que a violencia despedia,
Só nas fradas provava a bataria.

Nesta dura montanha,
Imperiosa atalaya da Campanha,
Nesta robusta Serra,
Terror do campo, credito da Terra,
Suspiros dava ao ar, queixas ao Vento,
Cuidados ao tormento,
E em saudoso exercicio
Do monte penhascoso,
Aonio saudoso,
Que ausente firme de huma ingrata bella,
Seu retrato buscava em cada Estrella;
E fazendo comsigo
De seus males resenha,
Seus desgostos contava a cada penha,
O mesmo em Lysis via,
E como tanto a Lysis adorava
Falta de responder não estranhava.

Não farei observação alguma sobre este estylo; elle falla bem claro por si; e até parece demasiado gongoristico para Bacelar, que geralmente costuma evitar estes excessos, e affectação. Citei sómente este trecho para mostrar a identidade do exordio deste Poema com o do outro. Ali começa o Author descrevendo o bosque em que Lysis suspira, aqui descrevendo o monte em que Aonio chora a ausencia de Lysis, os dous proemios só differem em ser o segundo em estylo mais turgido, e mais affectado do que o primeiro.

Aonio, como Lysis, endereça os seus queixumes aos objectos, que se lhe apresentam, pôr o Sol, uma rosa, ums passarinhos, um echo, &c. já se vê que este Poema é inteiramente calcado sobre o outro, e que todo o artificio delle consiste em amplificações, e aproximações repetindo-se muitas vezes a mesma idéa debaixo de differentes aspectos, o que não póde deixar de produzir monotonia, e cansaço sem embargo das bellezas da expressão, e da formosura dos versos. O que parece ser um vicio inherente a esta especie de composição, pois se

Digitized by Google

encontram em todas as que nos ficaram daquelle tempo.

Nestas *Saudades de Aonio* não deixa de haver alguns trechos de mui boa poesia, tal é os seguintes:

Nasce contente pois, que bem parece
Que Lysis outros prados reverdece,
Pois bem me lembro agora,
Quando ella estes prados habitava,
Quantas vezes á Aurora
Luzir maior espaço consentias,
Porque á vista dos olhos,
Por quem peno saudoso,
Ou de puro medroso não sahias,
Ou menos magestoso,
Temendo competencias,
Ostentavas na luz entrecadencias;
Huma vez parecia, outras faltava,
Como quem de cobarde atraz tornava.
.....
Alegre copa dava hum verde Freixo
A' florida alcatifa
De hum deleitoso assento,
Onde logrando do docel copado
Se assentou de cançado,
E embebido com todo o seu cuidado,
Suspenso, e discursivo
Retratava comsigo o gesto altivo
Do seu querido empenho;
Ali o pincel do engenho,
Cortezmente atrevido,
Segundo o parecer do pensamento,
Retrata Lysis branda a seu tormento,
Ora esquiva a retrata,
A seu tormento ingrata;
Mas sempre suspirando,
Quando com quebros graves
Lhe profanaram o silencio brando,
Dous Rouxinoes suaves,
Dous pardos Rainilhetes,
Que a falsas, e a motetes

Digitized by Google

A cadencias, e a quebros,
Alternavam cuidados, e requebros,
E pico a pico docemente attentos
Se trocavam as almas nos alentos.
.....
Que proprio do cuidado he o disvelo!
Pois apenas o monte lhe aborrece,
Ao prado apenas dece,
Quando outra vez suspira pelo monte!
Oh gran desasocego!
Bem parece que o guia hum moço cégo;
Ergue-se em fim, e agradecendo humilde
O liberal hospicio
Ao deleitoso Freixo,
Lhe disse: «Aqui te deixo
» De memoria cortez em beneficio
» A cousa que mais quero,
» O nome, que venero!»
E talhando curioso
O doce nome da querida ingrata,
Co'a magoa, que a lembrança lhe penetra,
Hum suspiro formava em cada letra,
«Lysis» (em fim escreve)
Ficando a hum tronco, toscamente bronco,
O nome de outro tronco;
Accrescentando abaixo tristemente
«Em vão te busca quem te chora ausente.»
Irresoluto parte,
E, sem saber adonde
Guia a planta cançada,
Deixa ao Acaso o acerto da jornada;
Que por gosto sómente
Alegre caminhara
Onde Lysis achara;
Mas como ausente a tinha,
Sem reparar aonde, em fim caminha.

Este desasocego, esta passagem continua de um logar para outro, sem estar bem em nenhum, estas imaginações, e phantasias amorosas, aquelle caminhar á tôa, só por necessidade mechanica de movimento, sendo-lhe

Digitized by Google

indifferente qualquer logar para onde se encaminhe, uma vez que não seja aquelle em que existe a sua amada, fórma tudo isto energica, e viva pintura de um coração apaixonado, que honra muito o Poeta que soube concebe-la, e executa-la.

Bacelar parece que tinha feito empenho de alcançar a antonomasia de *Poeta das Saudades*, pois sahio ainda á luz com outras Saudades de Lydia, e Armido, mais longas que as primeiras, e tambem em Oitavas; sem mais differença que Armido, em logar de partir para uma navegação, marchar para fazer a guerra aos Castelhanos, e o estylo ser muito mais turgido, e conceituoso do que o do primeiro Poema.

Não contente ainda de tantas saudades, escreveo ainda Bacelar outras *Saudades de Aonia;* mas estas sam um Poema Funebre, em Estanças, em que o Poeta lamenta a morte de uma Dama, a quem designa pelo anagramma de Nise; e piamente creio, que esta Nise não era um ente de razão, mas pessoa cuja perda affectou vivamente o coração de Bacelar, visto que o seu estylo nesta composição é mais singelo, e affectuoso que de costume, o que prova que estes versos não foram produzidos só pelo desejo de brilhar, e de mostrar espirito. Daremos alguma idéa deste Poema.

O local da scena é designado com colorido tão singelo como melancholico.

Para o valle, de luzes avarento,
Corria pois com passo cuidadoso,
Que para render culto ao sentimento
Vagares não admitte hum saudoso;
A impulsos de seu triste pensamento
Buscava as sombras, porque mais queixoso
Podesse em tal logar pelos horrores
Medir as magoas, e explicar as dôres.

He imiga da luz a saudade,
Opposta sempre a toda a companhia,
Que o mal, que tem da morte a qualidade,
De tudo o que he remedio se desvia;
Por isso entregue a tanta enfermidade

Digitized by Google

Aonio, ao fenecer do claro dia,
Para todo empregar-se nos suspiros
Busca no valle as sombras, e os retiros.

Rendido ao toseo pé de hum tronco duro,
Que de pomposas ramas coroado,
Verde docel ministra ao cristal puro,
Daquelle arroyo, que precepitado
A's suas plantas, porque em muro
Cristalino agradeça o seu cuidado,
Aqui larga os registos á corrente,
E pelos olhos diz o que a alma sente.

A dôr, que o peito seu me communica,
O motivo cruel de suas magoas,
A chamma, com que o Amor lhe purifica,
O fervoroso affecto em varias fragoas,
Tyrannamente lastimado explica
O coração pedindo turvas agoas,
Pois sabe que o pesar que n'alma mora
.....

Em fim que morreu Nise, aquelle exemplo
Da formosura, em cujas perfeições,
Formando a Natureza illustre Templo
Consagra a seu poder altos padrões;
He certo que de Nise, em quem contemplo
Tão puras de immortal as condições
Erguesse em cinza pouca a breve sorte,
Theatros ao pezar, tropheos á morte.
.....

Nise, que em discrição, e formosura,
Hera do Mundo o mais precioso ornato,
E para acreditar acções de pura
Da Natureza altiva hera o retrato;
He possivel tambem que mal segura
Sentisse as injustiças do teu trato;
Ah sorte! que chegaste em tal crueldade,
A perder o respeito á Divindade!
.....

Porém que da Belleza ao ser mais raro
Se antecipe o sepulchro, e além do Dia

Digitized by Google

Não passe Astro de luz menos avaro,
Que da Flôr mais pomposa a galhardia
Logre menos esphera, e que o mais claro
Cristal perca da fonte a Alegria,
Não he muito; mais he, que em Nise unidas,
De hum só golpe desmaiem tantas vidas.

Em Nise, de seu rosto a gentileza,
De seus olhos a luz resplandecente,
A flôr de suas faces, e pureza,
De seu nevado collo, e transparente,
A combates da mais tyranna empreza,
A impulsos do rigor mais insolente,
Sam despojos, que agora em pouca terra
Recolhe a Morte, a Sepultura encerra.

Mas ai, que não sómente em Nise bella
Tantas prendas, oh Morte, recolheste,
Mas pois lhe consumiste o ser a ella,
Tambem contra o meu ser te enfureceste;
Quando te armaste só para vencel-a,
Juntamente em minha alma o golpe deste,
Que aonde as almas correm igual sorte
Dous alentos acaba huma só morte!

Á vehemencia daquelle amor ardente,
Que em huma, e outra alma se accendia,
Certo he que não vivia em si sómente,
Em Aonio tambem Nise vivia:
Buscou-te pois oh Nise juntamente,
Em mim da morte iniqua a fouce impía,
Para de todo assim desanimar-te
Combatendo a tua alma em toda a parte.

Porém se te alcançou em mim a Morte,
Em quanto aos sentimentos de querer-te,
Não he possivel que seu golpe forte,
Me alcance quanto ás forças de querer-te,
Hei de morrer de amante, a mesma sorte,
Posto que entre os pezares de não vêr-te,

Digitized by Google

Que quando tem de firme as qualidades
Sabe viver amor nas soledades.

Mas já que a melhor vida me roubaste,
Em Nise, amortecida, oh Morte dura,
Porque de todo em fim não me acabaste,
O ser, que em minha dôr tanto se apura?
Mas ai! que essa a razão porque deixaste
Livre em parte o meu ser de sombra escura,
Pois fica solitario o sensitivo,
Si morto para o bem, para o mal vivo.

A' vista do que levava dito, pareceu ao Poeta, que devia explicar o motivo porque apezar de tanta magoa, que lhe causara a morte de Nise, podia ainda conservar a existencia no meio de tanta desesperação, e o seu engenho lhe faz deparar com razões plausiveis, e poeticas com que possa dar ares de verosimilhança a idéas, que o Leitor conhece que não sam verdadeiras, se não como expressão de sentimentos apaixonados.

Eu vivo, oh Nise bella, mas a parte,
Que em mim logra da vida os exercicios,
He para que empenhada em mais amarte,
Satisfaça constante a seus officios;
Vivo, porque minha alma com tal arte
Sinta da tua belleza os precipicios,
E vêjam-se igualmente em meus pezares
Tropheos de amor, da magoa os exemplares.

Vivo, porque amorosamente triste,
Me condemne o perpetuo sentimento,
Que no penar tambem o Amor consiste,
Quando só para a dôr dura o alento;
Vivo em fim, porque o ser que já em mim viste
Alegre, dê materia ao meu tormento,
De sorte que igual guerra então perdida
Me faça a tua morte, e a minha vida.

Si a fera morte em ti, Nise adorada,
A vida te roubou tyrannamente,

Digitized by Google

Em mim ficou-me a vida reservada
Para entregar-me á Morte eternamente;
Tua belleza em cinzas desatada
Minha alma internecida tanto sente,
Que já se satisfaz em tal estado
Com huma eterna dôr o seu cuidado.

Todas estas idéas phantasticas sam na verdade falsas, se as examinarmos á luz clara, de uma logica severa, mas parecem naturaes, verdadeiras, e pelo menos verosimeis no delirio da paixão, e nas explosões da saudade, de que devemos suppôr possuido o coração do Author.

Eis aqui algumas Estanças animadas da mais rica, e terna poesia, e de que neste tempo seria difficultoso encontrar muitos exemplos nos nossos Poetas.

Porém si o ter logrado teus favores
He caminho infalivel para os damnos,
Tambem, oh sorte varia, entre os rigores
A efficacia de impulsos soberanos
Promettes succeder aos desfavores
Co'as ditas, apezar de teus enganos,
Pois com ligeiro pé tua roda passas,
Alternando as venturas co'as desgraças.

O pobre Navegante, que rendido
Ao arbitrio dos mares inconstantes
De bravos Ventos sente o alto bramido,
Sobre o furor das ondas mais possantes,
Si aqui de mil contrarios combatido
Lucta co'a triste morte por instantes,
Ao depois lá no porto com bonança
Cobra certo o penhor de huma esperança.

O leve passarinho que no prado
Tambem de amor os movimentos sente,
Si huma hora tristemente magoado,
Prende a seu canto os passos por ausente,
Entregue a outra hora a mais agrado
Da liberdade as vozes docemente,

Digitized by Google

E entre os favores da fiel consorte
Os mimos agradece á melhor sorte.

O Campo, que estendido em verde sala
Variamente recolhe as lindas flôres,
E em libré, com que o verde esmalte iguala,
Faz apparente alarde de mil côres,
Si a combates do Inverno perde a gala,
As flôres murchas, seccos os verdores,
Logo que aponta a fresca Primavera
Começa a parecer quem d'antes hera.

O Téjo, que por campos dilatados
Em seus puros cristaes o Ceo retrata,
Si quando desses ares condensados
Em diluvios a nuvem se desata,
Corre menos formoso ao mar, turbados
Os cabedaes immensos da sua prata,
Tanto que o Ceo sereno se descobre
Então torna a cobrar seu preço nobre.

Em fim, que em todo o estado se repete,
Alternada a Fortuna nas mudanças,
De maneira que a hum triste se acommette
Agora com batalhas de esquivanças,
Nessa batalha mesma lhe promette
Restitui-lo á posse das bonanças,
Mas sendo assim mudavel para todos
Só comigo se empenha de outros modos.

Neste Poema ha a singularidade de ser o primeiro Poema funebre que se compôz em Portugal, bem que não faltem nos nossos antigos Poetas Elegias á morte de grandes personagens, e de pessoas que lhes eram caras, ou pelo amor, ou pela amizade; mas essas composições, posto que se dirijam ao mesmo fim; não pertencem á classe dos Poemas Elegiagos, propriamente ditas, e como os entendem os modernos.

Foi tambem neste tempo, que se introduzio a moda de glosar Sonetos, em Oitavas, isto é, tomar por thema um Soneto proprio, ou alheio, e amplificar o seu con-

Digitized by Google

theudo em quatorze Estanças, findando cada uma dellas em um verso do Soneto. Houve muitos Poetas, que se distinguiram muito nesta frivolidade poetica, e poucos serão os que possam emparelhar com Bacelar.

Todas as poesias deste Poeta, e dos seus contemporaneos, podem dizer-se lyricas no sentido mais amplo; tomando porém esta denominação no sentido mais restricto, e applicando-a á Canção, que é a representante da Ode na Poesia Romantica, é preciso confessar, que é este o genero de escripta em que menos sobresahio Bacelar, pois que pelos vôos de imaginação, pela viveza do colorido, encisão, e sublimidade de estylo fica muito longe, não direi já da elevação de Pindaro, e de Horacio, mas até da magestade, e elegancia de Petracha. Boa prova é disto uma longa Canção, que principia:

Meu Senhor Dom Rodrigo de Menezes
A quem eu muitas vezes
Cuido que amando offendo,
Porque ouvi dizer já, e assim o entendo,
Que amor he qualidade
Que busca nos extremos igualdade,
E eu que a distancia vêjo,
Calo o amor á custa do Desejo,
Não que esfrie o cuidado,
Porque antes em respeito disfarçado
He o mesmo no effeito,
Amor he, porém chamam-lhe respeito,

Dirá alguem que neste exordio, que seria prosaico mesmo para uma Epistola familiar, ha sombra de poesia, e de estylo lyrico? Pois se o estylo não é lyrico, o assumpto muito menos o é, porque se reduz a uma exposição que o Poeta faz a D. Rodrigo de Menezes do seu estado de fortuna, dos seus Estudos Universitarios, da injustiça que ali se praticou com elle, não o provendo em uma Cadeira vaga a que tinha o mais claro, e indisputavel direito, pois como elle

Com tão geral espanto,
E com applauso tanto

Digitized by Google

Li todas as Cadeiras,
Ultimas, e primeiras,
Da minha faculdade,
Que tropecei por vezes na vaidade;
Em as honras, que a Eschola me fazia,
Parece que antevia
Que havia de faltar-me a pagamento,
E quiz pagar-me em vento.

Seis mezes dei Postilla
Lendo Digesto Velho,
E por concorde escolha do Conselho,
Sem haver controversia, nem disputa,
Tambem huma Cadeira de Instuta,
Li pelo largo espaço de seis annos;
Os Soldados da Eschola Veteranos,
Que lá chamam Passantes,
A mim me ouviam antes;
Deixavam seus geraes, aonde liam
As materias melhores,
Lentes mui superiores,
E em voz commum diziam:
Vamos ao Bacelar, que explica ás tardes.

Parece que um homem nestas circumstancias estava no caso de ser preferido para Lente proprietario; mas as intrigas dos seus inimigos poderam mais do que os seus merecimentos, e trabalhos, e Bacelar foi preterido, que tal tem sido quasi sempre entre nós a sorte do homem estudioso, e probo.

Conta depois, que deixando Coimbra viera a Lisboa, onde não fôra mais feliz, pois não só lhe negaram uma conducta, até vagar uma Cadeira de Instituta, deixando-o, como elle diz, *sem conducta e sem conducto*, mas até sendo consultado para alguns Logares de Letras, ainda as Consultas, não tinham sido resolvidas, e termina pedindo a D. Rodrigo, que se interessasse por elle para alcançar um logar de Corregedor do Civel.

Já se vê que nada mais affastado que tudo isto da Poesia Lyrica, e que a este Poema mais conviria o titulo de Epistola, ou de Sylva do que o de Canção, que sem pre-

Digitized by Google

priedade nenhuma lhe deu; não quero dizer com isto, que a Obra, considerada sem referencia ao titulo, seja destituida de merito, e ás vezes de graça, posto que a versificação seja menos sonora, e mais prosaica do que aquella que o Author costuma habitualmente usar. Tal é o seguinte trecho.

Apoz huma esperança lisongeira,
Jacob de huma Cadeira
Vencendo ora impossiveis, ora damnos,
Servi quatorze annos
Nos campos do Mondego a hum Povo rudo,
Que ainda Labão mais duro, e fero,
Sem ter outro descanço
Que saltar de hum estudo a outro estudo!

Esta aproximação de Rachel com a Cadeira, de Bacelar com Jacob, e de Labão com os Estudantes, me parece sobre maneira bofona, e graciosa! Os versos

Servi quatorze annos
Nos campos do Mondego a hum Povo rudo,

Fazem lembrar, e talvez dessem origem áquelles de Nicolau Tolentino

Me vi sentado, em tripole de Pinho,
Prégando a hum Povo barbaro, e daninho.

Tambem estes se fazem notaveis pela simplicidade, e sentimento da expressão.

De meus annos a doce Primavera
Lá ficou a pedaços consumida,
E inda este troço, que salvei da vida,
Oh! com que pena o escrevo,
Ao desengano o devo,
Que, si elle, inda que tarde, não viera
A salvar estes ultimos desmaios,
Onde perdi os Maios,
Os Setembros perdera.

Digitized by Google

No serviço, e no estudo
O meu pouco gastei, que hera o meu tudo;
Vivi sem apparato,
Mas sempre com limpeza,
Não he o tracto rico,
Mas hera limpo o tracto,
E em fim huma estreiteza
Que não hera desaire, hera pobreza;
Gastou-se pouco a pouco a pobre herança,
Em aturar os tardes da esperança;
The que estendendo o prazo a sorte escassa
Se foi levando pouco a pouco á Praça
O garfinho de prata, o annel de ouro,
Que este hera o meu thesouro,
Com quanta dôr a penna hoje o descobre!
Ardeu toda a casinha da Viuva,
Que hera casinha em fim, inda que pobre,
E agora a Velha honrada
A si se vê sem nada, e a mim sem nada.

Todas estas circumstancias interessam muito, não só por que sam bem expressadas, mas porque nos introduzem, digamo-lo assim, na intimidade do Poeta, e nos fazem conhecer a sua vida particular; mas nada disto, como já dissemos, é lyrico.

Passando depois a contar, que a injustiça que lhe haviam feito quasi o privara do juizo, e o fizera enfermar gravemente, descreve com muita energia a sua partida de Coimbra.

Apenas melhorei, quando á presença,
Quiz fugir de huma Terra
Onde só na amisade achei a guerra;
Co'a perda, e co'a doença
Fiquei tão desnudado,
Que me não parecia já comigo;
Passava em fim por mim o mór amigo
Sem mostrar-me hum agrado,
Hera Carro entornado,
E, como disse bem o nosso Velho,
De quem cada sentença he Evangelho,

Digitized by Google

He costume de todos mui usado
Dar ao Carro de mão, que está quebrado.

Parti-me deste modo,
Inda não são de todo,
E menos do juizo,
Tão outro tinha o siso,
Vinha tão rematado,
Que cuidei confiado,
Com arrogancia summa,
Que daquella injustiça, que eu sentia,
O remedio acharia
Nesta Côrte, onde o mesmo se costuma;
Aqui onde a Justiça,
Tem o mór precipicio,
Fez-se traje a injustiça,
Que d'antes hera Vicio,
Diversos sam os modos,
Porém he traje, que costumam todos;
Não he culpa do Tempo,
Dos Homens he a culpa;
Em vão certo os desculpa,
Quem imputando ao Tempo falsamente
Dos Homens a maldade,
Seculo chamam o não fallar verdade;
Ai de ti, oh Monarchia,
Onde reparte os premios a Valia!

Si Antonio Barbosa Bacelar tivesse florescido no reinado d'El-Rei D. José, é muito natural que o seu nome figurasse com gloria entre os de Garção, Diniz, e Quita, cujas boas doutrinas, e melhores exemplos não podiam deixar de grangear grande influencia no seu espirito naturalmente poetico, e elle seria sem duvida um novo ornamento da Arcadia, e contado entre os Restauradores da Lingua, e da Poesia Portugueza.

Digitized by Google

CAPITULO II.

Antonio Serrão de Crasto.

—

No infeliz reinado d'El-Rei D. Affonso VI. floresceu um Poeta de grande nomeada, mas cujas circumstancias pessoaes ficaram sepultadas na mais perfeita escuridade, pois que até escaparam ás minuciosas diligencias do Abbade Diogo Barbosa Machado, e do não menos diligente D. Nicolau Antonio, Author da Bibliotheca Hespanica.

Este Poeta chamava-se Antonio Serrão de Crasto, que nasceu em Lisboa no anno de 1610, porém ignora-se quem foram seus Pais, quaes foram os seus estudos, que profissão exerceo, quaes foram os seus meios de viver, que de certo não foram muitos, pois em algumas das suas poesias elle proprio nos informou de que era pobre. Ignora-se finalmente o anno da sua morte, consta porém que ainda vivia em 1683.

Foi membro de quasi todas as Academias, que não eram poucas, do seu tempo, e serviu muitas vezes de Presidente na dos Singulares, como se vê dos dous volumes de prosa, e verso, que desta Academia se imprimiram.

Era dotado de humor jovial, e festivo, e por isso mui presado na Sociedade.

A Bibliotheca de Barbosa menciona muitas composições metricas, que delle se imprimiram, além de vinte Sonetos, duas Orações, trinta e sete Romances, e varias Glosas, e Decimas que se encontram entre as Obras dos outros Socios da Academia dos Singulares.

Pertencem-lhe igualmente algumas poesias que se lêem anonymas no IV. Tomo da *Phenix Renascida*, desde paginas 167 até paginas 274. Destinguindo-se entre ellas uma Relação, em Romances, dirigida a certa Dama, que

Digitized by Google

lha pedira, do triumpho, com que foram recebidos em Lisboa os Serenissimos Reis D. Affonso VI., e D. Maria Francisca Isabel de Saboia, em 2? de Agosto de 1666, e outra parte em Romances, parte em Decimas das Reaes Cannas, com que a Nobreza Lusitana festejou as infelicissimas bodas de D. Affonso VI.

Antonio Serrão de Crasto era um Poeta essencialmente mediocre, que se não faz notavel nem pela riqueza da imaginação, nem pela fecundidade da invenção; a sua linguagem é geralmente pura, o seu estylo gracioso, e cahe não poucas vezes nos defeitos da Eschola Hespanhola, a que pertencia; versefica regularmente, mas nos seus versos encontram-se com frequencia torneios de phrases prosaicas, e humildes.

Um dos maiores inconvenientes das Obras deste Poeta, e que torna enfadosa a sua leitura, está nos assumptos dellas, pela maior parte academicos, e por isso extravagantes, desprovidos de interesse, e de atractivo para o Leitor, sendo impossivel que um homem, ainda mesmo dotado de talento prodigioso, o que está bem longe de poder ser applicado a Antonio Serrão de Crasto, podesse produzir cousa boa discorrendo sobre objectos tão frivolos, e exoticos, como aquelles com que as Academias desse tempo costumavam de ordinario occupar-se. Da escolha judiciosa do assumpto depende, em grande parte, a boa execussão de um Poema. Um assumpto grande, interessante, e sublime fere poderosamente a phantasia, e o coração do Poeta, e lhe serve de verdadeira inspiração; pelo contrario o assumpto arido, insignificante, e mal escolhido agourenta os vôos da imaginação, e traz comsigo certo enfadamento, e contenção de espirito que obriga o Poeta, ou a rojar nas trivialidades, ou a perder-se n'um cahos de conceitos alambicados, de hyperboles, pensamentos extravagantes, trocadilhos de palavras, equivocos, e abusos de termos, que á maneira dos equilibrios dos Volteadores, surprehendem um momento por sua singularidade, mas que depreça fatigam a attenção, e produzem a saciedade; sam como as pedras falsas, que brilham muito, mas que só os nescios apreciam como as verdadeiras.

Para dar idéa do estylo jocoso deste Author citaremos

Digitized by Google

alguns trechos de suas Obras; os Leitores ajuizarão por elles até que ponto merecia os applausos que lhe tributaram os seus contemporaneos.

ROMANCE.

Senhor Dom Francisco Menzas
Hum Romance hoje vos faço,
Em que ser Poeta mostro,
Em que ser pobre declaro.

Porque pobreza, e Poesia
Nasceram de hum mesmo parto,
E destas, Poeta, e Pobre
Nasci em dia aziago.

E como sam tão antigos,
E Parentes tão chegados,
Entre Pobre e mais Poeta
Differença nenhuma acho.

Como Pobreza, e Poesia
Cantem no mesmo compasso,
E a Loucura, todos trez
Fazem hum Terno extremado.

E tão unidas comigo
Todas trez estam n'hum laço,
Que si não canto com ellas,
Que com ellas choro, he claro.

Poeta o Vicio me fez,
Pôz-me louco o Tempo vario,
A Fortuna me fez pobre,
Sendo todos meus contrarios.

Mas porém não sou Poeta,
Que esse nome tão preclaro,
Não o posso merecer
Por quatro trovas, que faço.

Digitized by Google

Porque ser Poeta hum Homem,
He hum dom mui sublimado,
Huma graça *gratis data*,
E hum Espirito mui alto.

Mas que sou doudo varrido
Isso não posso nega-lo,
Que as causas pelos effeitos
Se conhecem de ordinario.

Porque grande louco he,
E de juizo bem falto,
Quem faz trovas, e faz versos
Estando em tão triste estado.

Porém *quod Natura dat*,
Nos diz o Latino Adagio,
Que *nemo negare potest*,
Assim estou desculpado.

He certo, que melhor fôra
O ser hum Louco insensato;
Do que ter algum Juizo
Para sentir o que passo.

DECIMA.

Porque só perde o juizo
Quem sempre juizo tem,
Quem a enlouquecer não vem
Esse he louco, e não tem siso;
O Louco só tem juizo
Porque o mal, que tem não sente,
Que neste tempo presente
Sentir com entendimento
Augmenta mais o tormento,
Faz a pena mais vehemente.

Que sou pobre he tão patente,
Que não he mister prova-lo,
E mais quando este Romance
Em ser pobre vai fundado.

Digitized by Google

Tudo isto sam rodeios,
Que eu, Senhor, ando buscando,
Por dilatar o pedir-vos
De corrido, e envergonhado.

Porque não sei com que cara
Pedir possa Homem honrado,
Quando sei que he o pedir
Tão duro, custoso, e caro.

Que entre morrer, e pedir
Acho fôra mais barato
O Homem honrado morrer,
Que pedir necessitado.

Porque he o mal da Pobreza
Tão forte, e desesperado,
Tão cruel, tão rigoroso,
Tão triste, abatido, e baixo,

Que a não nos trazer a morte
Taes medos, receios tantos,
Oh quantos a tomariam
Da vil miseria abrigados!

Que não he tão feia a morte
Como a pintam d'ordinario;
Que vai do pintado ao que he,
O que do vivo ao pintado.

Que essa Anathomia d'ossos,
De sangue, e de carne faltos,
Esse Cadaver horrivel,
Esse Esqueleto mitrado,

Essa medonha Caveira,
Que mete horror, causa asco,
Não he retrato da Morte,
Si não de hum morto retrato.

Que a Morte sómente he fera
Quando succede em peccado,
Mas he mui bella, e formosa
A morte do Justo, e Santo.

Digitized by Google

He a Morte hum leve somno,
Hum aprazivel Lethargo,
Doce suspensão das penas,
Suave fim dos trabalhos.

He a Morte hum livro certo,
Em que se lêm desenganos,
He hum amigo fiel,
Que a ninguem traz enganado.

He a Morte hum Surgião
Tão dextro, perito; e sabio,
Que só com sua lembrança
Corta os herpes do peccado.

Em mais alguns Authores deste tempo, e mesmo dos anteriores se encontra a voz barbara *Surgião*, em logar de *Cirurgião*, como hoje dizemos, como dizia Camões, e que corresponde melhor a *Chirurgus*. *Surgião* agora só se encontra na bocca da infima plebe, e ninguem ousaria empregar tal vocabulo em escriptura limpa, e decente.

Porque quem della se lembra,
E do Juizo he lembrado,
Do Paraiso, do Inferno,
Que não peccará he claro.

Que ha Mortes mui desastradas
Por ruinas, por naufragios,
Por grandes Apoplexias,
E por accidentes varios.

E por isso importa andar
Na consciencia ajustado,
E ter a conta bem feita,
Para a dar bôa no cabo.

Porque a Morte não avisa
Quando hade vir pelo prazo,
Nem diz o como, nem quando
Para nos ter com cuidado.

Digitized by Google

Ella he quem no combate,
Sempre com tão livre passo,
Entra nas Choças humildes
Como nos altos Palacios.

Dali leva cróa, e sceptro,
Daqui monteira, e cajado,
Que de sua aguda foice
Não fogé o alto, nem baixo.

Porque para ella não ha
Logar algum reservado,
Porque em todo o Mundo tem
Jurisdicção, poder, mando.

Estas doutrinas sam mui sãas, e conformes com a Religião Christãa; porém essa mesma circumstancia, devia, me parece, cohibir o Author de expende-las em uma poesia faceta, e em estylo tão ligeiro; quando se tracta de Moral, e de Religião é necessario faze-lo com gravidade, e phrase conveniente a taes assumptos.

QUINTILHA.

Que ni al Rey mas subtilo
Porque su tributo cobre,
Ni al Pevn astuto
Lo dexó por escondido
Ni le perdonó por pobre.

Estes dous ultimos versos sam copiados do bellissimo Romance de Angelica, e Medoro por D. Luis de Gongora, sem mais differença, que a mudança de uma particula.

En un pastoral albergue
Qise la Guerra entre unas robles,
Le dexó por escondido,
O le perdonó por pobre.

Felice quem como o Cisne
Da vida chegar ao Cabo,
Porque o branco Cisne acaba
Da vida o curso cantando.

Digitized by Google

E mais felice mil vezes
A quem ella achou deitado,
Na sua cama contrito,
E chorando os seus peccados.

Mas a morte sempre tarda
Ao triste, que a está chamando,
Sendo ás suas queixas surda,
Sem accodir aos seus brados.

Porque nunca para hum triste,
Com ter azas, vem vôando,
Para huns apressa o Relogio,
Para outros o tem parado.

Porque foge a quem a busca,
Dá a quem lhe foge assalto,
Deixa a quem de nada serve,
Leva a quem he necessario.

Leva hum rico, deixa hum pobre,
Deixa hum Nescio, leva hum Sabio,
Do Mundo o ornato tira,
Deixa do Mundo o embaraço.

Corta huma encarnada Rosa,
Arranca hum purpureo Cravo,
Não corta a negra Azinheira,
Deixa o rispido Carrasco.

Rosa bella he qualquer Dama,
Cravo hum Mancebo bizarro,
Azinheira a triste Velha,
Carrasco o inutil Avaro.

E pois tudo o que he a Morte
Tenho dito dilatado,
O que seja agora a vida
Mais brevemente relato.

A vida he perpetua Guerra,
Hum continuo sobresalto,
Huma inquieta fadiga,
He hum mar sempre alterado.

Digitized by Google

Tambem a vida he hum Livro,
Mas mui mentiroso, e falso,
Hum amigo lisongeiro,
Que a todos traz enganados.

Tambem he hum Surgião,
Mas bem pouco exprimentado,
Que anda cortando por fóra,
Por dentro os herpes deixando.

Mas não sei que tem a vida,
Que todos a desejamos,
Para prova disto quero
Huma Fabula contar-vos.

C'hum feixe de lenha vinha
Hum Velho muito cançado,
Que com trabalho, e canceira
Cortado tinha no Matto.

Elle fraco, o peso grande,
Deu logo em terra co'a carga,
Chamando a Morte viesse
Dar fim a seus annos largos.

A Morte veio correndo
Ao Velho, e perguntando,
« Que mandas? aqui me tens
» Muito prompta ao teu mandado. »

O Velho, vendo-a, lhe disse
Medroso, e sobresaltado,
« Eu quero que me ajudeis
» A pôr ás costas o cargo! »

Pois si todos querem vida,
Desde o mais alto ao mais baixo,
Desde o mais rico ao mais pobre,
Desde o valente ao mais fraco.

Deos vô-la dê mui feliz,
Por annos mui dilatados,
Com tantos bens como sempre
Vos deseja este Criado.

Digitized by Google

Para que sejaes dos Pobres
Remedio, soccorro, amparo,
Para que sejaes dos tristes
Conforto, allivio, descanço.

Pois venho agora, Senhor,
Meus males communicar-vos,
Porque dizem que sam menos
Os males communicados.

Posto que será melhor
Em o silencio deixa-los,
Que mais que a lingua dizendo
Diz o silencio callando.

Mas foram de qualidade
Os que passei, e inda passo,
Que até no mesmo silencio
Não cabem trabalhos tantos.

Por isto creio me vem
Este motte apropriado,
Que não vi outro melhor
Nem de conceito mais alto.

Solo el silencio testigo
Puede ser de mi tormento,
Y acin no cabe lo que siento
En todo lo que no digo.

Hum só dia de tormento
Annos parecem mui largos,
Quantos me pareceriam,
Menos dous dias, dez annos!

Que tantos, Senhor, estive
Antes de morto enterrado,
Se bem morto para os gostos
Vivo para estar penando.

Por culpa de ninguem, digo,
Si não só dos meus peccados,
Porque estes só foram causa
De todos os meus trabalhos.

Digitized by Google

Mas eu para que me queixo,
Si he meu queixume excusado,
Si he pena de haver nascido
O viver sempre penando.

Não he minha esta sentença,
Mas de hum Author extremado,
Que chama ao nascer delicto
Na Decima, que traslado.

DECIMA.

Apurar, Cielos, pretendo
Ya que me tractaes asi,
Que delicto cometi
Contra vosotros nasciendo;
Mas si nasci ya sintiendo
Que delicto he cometido,
Bastante causa ha tenido
Vostra Justicia, y rigor,
Pues el delicto mayor
Del hombre es haver nascido.

Quando os Filhos lhes nasciam,
Choravam antigos sabios,
Porque hum Homem quando nasce
Nasce sugeito a trabalhos.

Porém quando lhes morriam
Ficavam mui consolados,
Porque he dos males a Morte
Termo, fim, morte, descanço.

Como o Sol havia ser,
Em nascendo, hum desgraçado;
No dia, em que tem principio
Tendo nesse mesmo Ocaso.

Que berço melhor se póde
Dar a hum Filho desgraçado
Do que por brincos, e fachas
Da mortalha hum pobre panno.

Digitized by Google

Primeiro do que eu o disse
Já Lope de Vega Carpio,
Na sua Arcadia famosa,
Nas Coplas que já relato.

Nasci Pastor aun que pobre,
Oh si plagiera a los Hados,
Que de mortaja servieron
Aquellos primeros paños!

Que el que nasci para ser
En extremo desdichado,
Que mas nascer que morir?
Que mejor cousa que un' mormor!

Padecer Homem affrontas,
Ruinas, perdas, naufragios,
Por acaso, ou por desastre,
No Mundo he mui ordinario.

Mas não ha maior desgraça,
Nem mais lastimoso caso,
Do que haver Homem que nasça
Por herança desgraçado.

Ter Morgado de Miserias
He muito triste Morgado,
Mas inda mal, inda negro
Que he Morgado que tem tantos.

Como estou de posse delle,
De dôr, e de pena estallo,
E o coração se me faz
Dentro do peito pedaços.

Assim peço a Deos me dê
Paciencia, em mal tamanho,
Como a que quiz dar a Job,
De quem possa ser retrato.

Este Romance polygloto devia, em meu entender, reduzir-se a metade da sua extensão: mas os Seiscentistas queriam tudo grande; moveis de casa, talhe de ves-

Digitized by Google

tidos, armas, livros, Discursos, Poemas &c.; para elles o engenho não estava em dizer bem, porém em dizer muito; ora é claro que dizer muito em pequenos assumptos só póde conseguir-se soltando o fio das idéas, e ajuntando objectos heterogeneos como acontece aqui.

Deste Romance, tal qual, deduzem-se duas cousas; primeira, que o Author vivia em estado de pobreza; segunda, que Nicolau Tolentino de Almeida achou já estabelecida a moda de fazer petições de miseria em versos jocosos.

Segundo as idéas de hoje, descrever em estylo chocarreiro a entrada de uma Rainha em Lisboa, e os festejos do seu casamento só poderia ter logar se o Author dessa descripção tivesse por fim censurar, e meter a ridiculo esse acto; porém no seculo de Antonio Serrão de Crasto andaram tam validas as bufonarias, que esta indecencia passava por bizarria de engenho, de que sobram exemplos, mesmo em objectos de ordem superior, e uma prova de bom gosto, porque nesses tempos os Porguezes, estavam tão enfatuados com o jocoserio, que por alguns Sermões, que nos restam desse tempo, se vê que até dominava no pulpito; e nesta disposição dos espiritos podia sem escrupulo applicar-se a Portugal a denominação de *Geno lomico*, que Juvenal applica aos Gregos.

Não deve portanto admirar que o Poeta fazendo menção do recebimento da Rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboia, se explique pela maneira seguinte:

Tremendo crueis maleitas
O Sol no Leão deixava,
Sendo nelle o frio, medo;
A Inveja, febre que abraza.

Na casa entrava do signo,
Que quanto mais nelle se acha,
Sendo sexto, e sendo quente,
Seu nome conserva, e guarda.

De Agosto heram vinte, e nove,
Porém, nesta grande entrada,
Não se chama o mez de Agosto,
O Mez do gosto se chama.

. . . . . .

Digitized by Google

Houve grande rebolição
Junto de huma Estribeira,
Huma Pans, e mais Venus,
Que jogavam a guedelha.
.....

Iguaes bufonarias se encontram na descripção dos jogos de cannas, que os fidalgos fizeram por esta occasião.

Vossa Senhoria a mim
Em Decimas me condemna?
Quando tiveram de que
Pagar Decima os Poetas?

Mas a Vossa Senhoria
Razão he que lhe obedeça;
Assim que as Decimas pago,
Mas he mui ruim moeda.

Cannas será hoje ouvir-me,
Quando estas cannas descrevo,
Que sam cannas ouvir versos
De hum Poeta de má veia.

Parecia razoavel que o Poeta celebrando um milagre de S. Francisco Xavier, que metendo, segundo dizem, um pé no mar, tornou doces as suas aguas, mudasse de estylo, e expozesse o caso com aquella seriedade, que demandam todos os assumptos, que se referem á Religião; mas pelo contrario, assentou elle, que não podia achar melhor occasião de empenhar, e alardear o seu talento jocoserio, e principia assim:

Hoje minha Caballina
Será, Santo Xavier,
Esse mar, que vós tão doce
Fizestes com vosso pé.

De meus versos a medida
Cuido que certa hade ser,
Porque errar não posso tendo
Vosso pé por *pitil-pied*.

Digitized by Google

Quizera que este Romance
Não vos parecesse bem,
Que será doce si vós
Lhe dais co'a ponta do pé.

Vosso pé metestes n'agoa,
E ficou huma agoa mel,
Eu então não tenho sêde,
Bebera o mar por hum pé.

Agoardente de cabeça,
Quem quizer póde beber,
Que eu antes que a melhor Candia
Beberei desta Agoapé.

Mui salgado está o Mar,
Porém virou desta vez
Sem sal, mas com muita graça,
Só com beijar vosso pé.

Não é necessario citar mais para se fazer idéa desta composição, e do bom gosto dos contemporaneos, que não só soffriam, mas admiravam estes desconchavos dignos da casa dos alienados de Bilhafolles. E' necessario examinar estas miserias do espirito humano para bem se avaliar os serviços que á Poesia Portugueza fizeram Garção, os Arcades, e Francisco Manoel tirando-a deste charco de abjecção para eleva-la com as suas doutrinas, e ainda mais, com o seu exemplo, ao ponto de perfeição em que chegou no reinado de El-Rei D. José, e de sua augusta filha a Senhora D. Maria I.; o que faria se a Administração tivesse acolhido, e patrocinado aquelles grandes engenhos, que appareceram como por encanto? Si Garção, o restaurador da lingua, e do bom gosto, não tivesse perecido no Limoeiro! Se Francisco Manoel não tivesse sido obrigado a emigrar, procurando abrigo em terra alheia contra as perseguições, que se lhe tramavam na patria!

Os jogos de palavras, trocadilhos, e estylo jocoso tem melhor logar no seguinte Romance, em que o Author descreve a briga de um Cégo, e um Corcovado.

Digitized by Google

De hum Cégo, e de hum Corcovado
Hoje o desafio escrevo,
N'hum vou a cega Lagarta,
N'outro vou com grande peso.

N'huma palestra se acharam,
Os dous a hum mesmo tempo,
Hum carregado de espaldas,
Outro de cholera cégo.

Vinha o Corcovado armado
De bacias de Barbeiro,
Huma trazia nas costas,
Outra trazia nos peitos.

Com vir nas conchas metido,
Parece vinha com medo,
Pois nas conchas com allongo
Hum Cágado estava feito.

No Cégo vêjo a razão,
No Corcovado a não vêjo,
Porque he hum Homem que nunca
Teve avesso, nem direito.

Esgrimio o Cégo hum pau,
E andou com elle tão dextro,
Que em dous angulos obtusos
As pancadas deu correndo.

Descarregou de pancadas
No Corcovado hum chuveiro,
Porque os chuveiros nos montes
Dam as pancadas mais cedo.

Dar o Cégo a bataria
No Corcovado hera certo,
Porque duas eminencias
Tinha por onde bate-lo.

Sem haver pé de Pessoa,
Que a briga estivesse vendo,
Foi o Cégo dar c'hum pau
Em dous vultos não pequenos.

Digitized by Google

Tropeçou o Cégo nelles,
Que he o tropeçar de Cégos,
E deu de Cégo pancadas
Em dous mui grandes tropeços.

Pôr no Corcovado o pau
Não foi neste Cégo erro,
Que em casas, que tem corcovas
Pôr-lhe pontões he acerto.

Dando na casa dos bicos,
Heram golpes tão horrendos,
Que lá no Cunhal das Bolas
Soando estavam seus Echos.

Sempre hum Cégo ha mister guia,
Mas eu neste Cégo vêjo,
Que não ha mister guiado
Pois tanger sabe hum Camello.

Com os Cégos tangerem bem,
Este tangeo tão avesso,
Que nas costas de hum laude
Deu bordoadas aos centos.

N'hum mesmo tempo brigou,
E acclamou o vencimento,
Pois sempre na briga esteve
Os atabales tangendo.

O Cégo teve a victoria,
Mas o Corcovado, he certo,
Que dos despojos levou
Os dous Alforges bem cheios.

Foi este um assumpto Academico. E' necessario que tivessem bem fracas idéas de poesia, os que a applicavam a semilhantes objectos. Se os Socios da Arcadia seguissem este rumo, é natural que nunca levariam ao fim a empreza de reformar a poesia, e restaurar o bom gosto.

Digitized by Google

Em uma Carta, ou Romance, dirigida a um amigo dando-lhe as boas festas por occasião da Paschoa do Espirito Santo, torna o Author a fazer menção da pobreza em que vivia, graceiando sobre ella com uma frescura tal, que parece que andava muito contente com a sua triste situação; tanto póde o frenesi de parecer gracioso, e a affectação de espirito. Na verdade ao lêr os Poetas, desta epocha, parece que todo o Parnaso Lusitano estava festejando o Entrudo, e que as Musas só cuidavam em mascaradas, chufas, e folias.

Do Espirito Santo agora,
Meu Senhor, vos quero dar
Boas Festas, porque em mim
Tudo he já espiritual.

Hum Espirito estou feito,
Porque carne em mim não ha;
Nem no corpo, nem na Mesa,
Por magro, e não ter real.

Tão espiritual estou,
Que na verdade affirmar
Posso, que cousas do Mundo
Não vêjo dos olhos já.

Mas he minha Natureza
Tão rebelde inda, e tão má,
Que, não as podendo vêr,
As ando sempre a palpar.

Minha camisa, e ceroulas
Muito tem de espirituaes,
Pois sendo de panno grosso
Se me tornam em Cambray.

Não foi tornarem-se nelle
Por meu bem, mas por meu mal,
Porque adelgaçaram tanto,
Que vieram a quebrar.

Digitized by Google

Defeito, e não pequeno, do estylo deste Poeta, é quando encontra uma idéa, dar-lhe tantas voltas, que não a deixa sem a ter completamente esgotado. Isto prova a pouca abundancia, e pouca fecundidade de imaginação.

Taes brechas lhe abrio o Tempo,
E lhe fez boracos taes,
Que hum só real de cominhos
Nellas não posso embrulhar.

Mas inda assim neste estado
Para isca podem prestar,
Ou para pannos, e fios
Das feridas no Hospital.

No espirito o Gibão
Quiz a Camisa imitar,
Pois, si ella Cambray se fez,
Elle se fez Tafetá.

Sam mais os remendos delle
Do que o he o principal,
E de que foi ao principio
Não se póde divisar.

Por Espirito a Baeta,
E por me não encalmar,
Que em filete se tornou
Por çafada se verá.

Si ella não foi de cem fios,
Sem fios já hoje está;
Porque os fios, dê-os á têa,
Si antes os deu ao tear.

Com dar os fios a têa,
Veio inda têa a ficar,
Mas huma têa de Aranha,
Que hum assopro a levará.

Ainda assim póde servir
Para rede de Pardaes,
Ou para têa de Aranhas
Para Mosquitos caçar.

Digitized by Google

Camisa, gibão, roupeta,
Cada qual teve seu par
De mangas, agora nunes,
Nem pares, tem cada qual.

Inda tem mangas perdidas,
Mas não tem mangas de achar,
De arcabuzerias mangas
Sam, com que o tempo me dá.

Mangas d'agoa me parecem,
Que se levantam do Mar,
Pois só de as vêr, huma onda
Se me vem, outra se vai.

Dellas fiz mangas ao Demo,
Porque manga, que não traz,
Dentro em si alguma couso,
O Demo a póde levar.

Que depois de Festas boas
Sam mangas, ouço contar,
Mas eu antes, depois nellas
Sempre em mim as acho más.

Vós, Senhor, mas fazeis boas,
Pois pelas Festas nos dais
Com que coma, e com que possa
Mui largas mangas cortar.

No espirito as meias postas,
Andam muito pontuaes,
Porque tantos pontos nellas
Como malhas se ham de achar.

Não sam os seus pontos de honra,
Nem pontos de cobiçar,
Que pontos em rosto, e meias
Deixam mui ruins signaes.

Nem tão pouco sam de gloria,
Pois me causam pena tal;
De fumo digo, que sam,
Porque me fazem chorar.

Digitized by Google

De fumo sam, porque o fumo
Vai-se para não tornar,
E ellas por pontos se vam
Para não tornarem mais.

Os Çapatos parecerem
De Espiritos se achará,
Pois com o rosto no chão
Andam sem se levantar.

Mas sam tão desasolados,
Que tambem me fazem dôr,
Mas eu pelas tombas, tombas
Lhes mando deitar assás.

Só de espirito o chapeo
A ninguem parecerá,
Pelo vêr andar tão gordo,
E tão encebado andar.

Mas estar elle tão gordo
Vem a ser meu cabedal,
Mas espiritos malignos
Que o Tempo malvado faz.

Do Espirito Santo, vós,
Mui boas festas tenhaes,
Com muitas felicidades,
Com vida, saúde, e paz.

Neste Romance encontram-se muitos pensamentos tirados, ou imitados de D. Jeronymo Cancer, Poeta jocosério, de cujas Obras fazem os Castelhanos grande apreço, e que até certo ponto não deixa de merecer os applausos que os seus compatriotas lhe tributam. Parece-me porém, que o Poeta Castelhano tem mais graça, e mais naturalidade que Antonio Serrão de Crasto, e que até é mais delicado, e perfeito versificador.

Digitized by Google

CAPITULO III.

D. Francisco Manoel de Mello.

De D. Luiz de Mello, e de sua mulher D. Maria de Toledo de Massuellos, ambos de extracção nobilissima; nasceu nesta Capital, a 23 de Novembro de 1611, D. Francisco Manoel de Mello, Cavalleiro da Ordem Militar de Christo, Commendador das Commendas de S. Simão de Vianna, de Santa Maria da Assumpção de Espichel, e Santa Maria do Hospital.

Poucos homens tem adquirido entre nós tão variada erudição, e escreveram tanto, e em tanta diversidade de assumptos, e faculdades.

Completou os seus estudos de linguas antigas, e de Rhethorica, e Humanidades no Collegio de Santo Antão da Companhia de Jesus, debaixo da direcção do Padre Balthazar Telles, um dos Professores mais distinctos, e affamados daquella Corporação, e era tão grande a sua applicação aos estudos, e tão facil e prompta a sua comprehenção, que aos dezesete annos de sua idade já gozava de grande reputação nas letras, e era havido por muito douto nas Sciencias Philosophicas, na Theologia, e em toda a sorte de erudição, tanto sagrada, como profana.

Havendo fallecido seu Pai abandonou a carreira literaria, para consagrar-se ao serviço militar, como sempre foi costume da nobreza, entre nós.

Nesta nova, e trabalhosa vida alcançou D. Francisco Manoel uma reputação tão brilhante, como a que havia grangeado no estudo das letras; portando-se em todas as occasiões, segundo consta das memorias daquelle tempo, com um brio, e denodo, poucas vezes visto, e passando muitos lances, e perigos, tanto no mar, como na terra.

Digitized by Google

Fazia parte da guarnição de uma nau pertencente á Armada, que em 1627 commandava D. Manoel de Menezes. E sendo esta Armada combatida por uma grande tempestade, nos mares da Corunha, e a nau, em que hia D. Francisco Manoel, ou por ser mais velha, ou por ignorancia, e inhabilidade do Piloto, sossobrou, com perda das vidas de muita gente; foi o Poeta um dos poucos, que com grande trabalho poderam salvar-se, e escapar do furor das vagas.

O seu reconhecido merecimento o fez galgar rapidamente os postos militares, até ser elevado ao de Mestre de Campo, em cuja qualidade sérvio na Esquadra Hespanhola, com que D. Antonio de Ojueda, um dos officiaes mais distinctos na marinha de Castella, naquelle tempo, sahio ao mar para dar batalha a outra Esquadra Ingleza, que tivera a ousadia de vir infestar a costa de Hespanha.

Todos sabem que a Côrte de Hespanha tinha adoptado como regra, inviar todos os fidalgos, que por seus talentos, ou riquezas podiam ter grande influencia nas suas Posseções de Italia, ou em Portugal, para militarem nas guerras de Flandres, ou para lá morrerem combatendo pela sua causa, e pela da Inquisição, que os Hollandezes não queriam admittir; ou pelo menos conserva-los assim longe da patria, onde a sua presença podia ser perigosa, dando calor á animosidade do povo, insoffrido contra o jugo estrangeiro, e resentido dos vexames dos seus Governadores. Era a politica de Tarquinio, que mandava cortar as cabeças das papoulas, que se ergoiam por cima das outras.

A mesma sórte teve D. Francisco Manoel, que na mesma qualidade de Mestre de Campo foi inviado á Belgica, onde prestou longos, e bons serviços, grangeando ao mesmo tempo a amizade, e estimação dos homens eruditos, que abundavam naquellas partes.

Estando em Portugal, em 1638, tiveram logar os alborotos de Evora, em razão das tyrannias dos Hespanhoes se haverem tornado insoportaveis; e então o Duque de Bragança D. João, depois Rei, lhe deu commissão de dirigir-se a Madrid, a fim de por em quanto desvanecer as ruins impressões, que aquelles movimentos extemporaneos ali haviam produzido.

Digitized by Google

Acceitou D. Francisco aquella incombencia confidencial, mas o fructo que della tirou foram amargos dissabores, e uma prisão; accusando-o os Ministros de Castella de não haver dado boa conta de si, na diligencia, que por elles lhe fôra dada de serenar os alborotos de Evora, e reduzir os levantados á obediencia do Governo, e por este motivo elle se gloria, na sua primeira Epanaphora, de ser o primeiro Martyr, que padeceo pela fé de Portugal.

Passados quatro mezes de reclusão em uma das masmorras de Madrid, foi por fim posto em liberdade, e tornou ao exercicio das armas.

Durante a sua prolongada habitação em Hespanha teve D. Francisco Manoel grande tracto, e conversação com os maiores Poetas, e Literatos daquelle paiz, que delle sempre fizeram grande apreço, ligando-se muito principalmente, pelos laços da mais intima amizade, com o celebre D. Francisco de Quevedo chamado, com razão, o Pai da graça, com cujo engenho tinha bastantes pontos de semilhança, e com quem sempre conservou activa correspondencia. Estes dous homens si admiravam reciprocamente, e nunca entre elles houve a mais leve sombra de desintelligencia, ou dissabor.

Rompeu no entanto a revolução da Catalunha, assoprada pelas intrigas, e auxilios da França, e sobre tudo favoneada pela imprevidencia do Governo Hespanhol, que havendo dado tantos motivos de ligitima queixa aos povos daquelle Principado, o deixara desguarnecido de tropa Castelhana com que podesse contar, e as suas fortalezas nas mãos de tropa nacional. Este procedimento parece incrivel, mas a historia antiga, e moderna nos offerece frequentes documentos de que os Governos mais oppressores sam de ordinario os menos acautelados.

Nestes termos a revolução da Catalunha teve sobejo tempo de propagar-se, robustecer-se, fortificar-se, e receber soccorros da França, antes que o Governo Hespanhol, procedendo com a sua fleuma, e morosidade proverbial, estivesse em estado de mandar alguns Terços, que pacificassem aquelle Principado.

Abriu-se finalmente a campanha, e o Mestre de Campo D. Francisco Manoel foi empregado no Exercito destinado a subjugar os rebeldes, e a este acontecimento deve-

Digitized by Google

mos o haver elle emprehendido escrever a historia daquelles alborotos, que os nossos vizinhos contam entre os melhores, e mais perfeitos trechos historicos, que possuem na sua lingua.

Os Catalães sam naturalmente bravos, e teimosos, e difficeis de descorçoar, tinham tido tempo de sobejo para prevenir-se, e o que ao principio parecera um mero movimento popular, tornou-se depressa em rigorosa guerra civil, em que se amiudavam as batalhas, em que os dous partidos eram ora vencidos, ora vencedores, e em que os Castelhanos perdiam gente, sem conseguir vantagem alguma decisiva.

A Hespanha exhausta de tropa, e de dinheiro, mal podia acudir a duas guerras encarniçadas, em Flandres, e na Catalunha; Portugal estava desguarnecido de tropas Castelhanas, por que as que até ali o subjugaram haviam sido chamadas para acudir aos dous theatros da guerra, e então pareceo aos Portuguezes occasião opportuna para recobrar a sua independencia, o que levaram a effeito, acclamando Rei, com o titulo de D. João IV., ao Duque de Bragança, a quem o Throno ligitimamente pertencia. Lisboa deu o exemplo, e este exemplo foi seguido unanimemente no Reino inteiro. Esta noticia, que os Ministros Castelhanos lhes não poderam occultar, posto que para isso fizessem todas as diligencias, chegou depressa á Catalunha, e alvoroçou tanto os Portuguezes, que ali militavam, que desertando de suas bandeiras, vinham, vencendo obstaculos, e perigos, acudir ao perigo da patria, e arriscar a vida por sua independencia.

Foi um destes D. Francisco Manoel, cuja qualidade de official superior tornava mais difficultosa a sua fuga, e que só pôde verifica-la fazendo um grande rodeio, passando de Catalunha a França, de França á Hollanda, e de lá a Inglaterra.

Depois de tamanhos trabalhos, perigos, e peregrinações, entrou em Portugal, onde em logar de recompensas o esperavam novos trabalhos.

Appareceu em Lisboa assassinado um certo Francisco Cardoso, homem turbulento, e inquieto; alguns inimigos do Poeta lhe attribuiram esta morte, e sem mais inda,

Digitized by Google

gação foi preso no Castello de Lisboa, sendo depois transferido para a Torre Velha, defronte de Belém.

Debalde D. Francisco requereu que se lhe instaurasse processo, debalde publicou differentes Memorias comprovando a sua innocencia; debalde todos os seus amigos se empenharam para se lhe restituir a liberdade, tudo foi desattendido, inclusivè uma carta dirigida a D. João IV. por Luiz XIII., Rei de França, em 6 de Novembro de 1648, em que se empenhava por elle nos termos mais honrosos, e energicos.

Parecerá sem duvida estranha esta insistencia, em negar a um preso, e da qualidade de D. Francisco, o justificar-se por meio de um processo, e o desattender-se á intercessão de um Rei de França: mas D. Francisco era victima da vingança de uma alta personagem, a quem offendera, sem o saber, e sem intensão; pois encontrando-se os dous ás escuras, em casa de certa moça, passaram ambos a vias de facto, e houve entre elles alguns bofetões; este facto, si é verdadeiro, inculpa de falta de generosidade o rival de D. Francisco, pois não soube perdoar uma offensa ignorada, e que não ousava publicar, com medo de tornar-se ridiculo; valendo-se ao mesmo tempo de pretextos, e de meios indiseretos para perseguir um homem de bem, de grande talento, e serviços, e que perdendo a paciencia, ou sendo menos prudente podia, para desforrar-se, publicar o que tanto interesse havia em que se não soubesse; e que si era vergonhoso para alguem, não o era de certo para D. Francisco.

Finalmente, depois de uma longa e penosa reclusão de nove annos, foi em fim posto em liberdade; mas de que modo? Desterrado para o Brasil, onde permaneceo bastante tempo, sem ter mais consolação, e allivio, que o que tivera em quanto preso; isto é, o cultivo das letras, e da poesia, cujo amor despertara nelle com a adolescencia, e de que nunca se descuidara, mesmo entre o ruido das armas, e o incommodo das viagens.

As letras foram sempre o recurso do homem instruido, no meio do infortunio, e esta circumstancia lhe dá uma grande vantagem sobre o ignorante; a ellas recorreu Seneca, no seu desterro de Corsega; Ovidio amaciava

Digitized by Google

poetando as vivas saudades de Roma, e o desgosto de viver entre Getas: Camões ou abandonado nas asperezas do Monte Feliz, ou retirado na Gruta de Macáu, se esquecia da ingratidão dos seus contemporaneos, enteando Canções sublimes, ou traçando quadros para os Lusiadas; e não admira que D. Francisco Manoel de Mello, recorrendo-se aos mesmos meios, alcançasse os mesmos resultados.

A morte do seu inimigo lhe abrio finalmente as portas da patria; voltando a ella, deu-se todo á correcção das numerosas Obras, que havia composto, tanto em prosa, como em verso, no largo periodo de vinte e seis annos; Obras tão admiraveis pela perfeição de estylo, e variedade dos seus objectos, como pela sua quantidade, pois excedem a cem volumes; algumas destas composições sahiram á luz, ainda em vida do Author, e outras depois da sua morte, sendo impressas em Portugal parte dellas; umas em Castelhano, e outras na lingua patria; das escriptas em prosa Portugueza, as mais applaudidas, e mais conhecidas sam as Epanaphoras, a Carta de Guia de Casados, e os Dialogos das Fontes: das escriptas em prosa Hespanhola, o Echo Politico, e a Historia da Revolução da Catalunha.

As suas producções poeticas, que se imprimiram nas duas linguas, sam:

Las tres Musas del Medolino, Lisboa, 1649, 4.°

Obras metricas, que contienen Las tres Musas, El Pantheon, Las Musas Portuguezas, y el tercero Cero de las Musas. Leão de França, 1665, em 4.°

Doze Sonetos á morte de D. Ignez de Castro, em lingua Castelhana. Lisboa, 1628, em 4.°

Além destas ficaram em manuscripto, e é muito natural, que estejam inteiramente perdidas, as seguintes:

Delculpas del Occio — Poesias — I., e II. Parte.

Lagrimas de Dido — Poema Heroico.

Canto de Babilonia — em Coplas Portuguezas.

Ancias de Daliso, Poema.

E grande número de Tragicomedias, Comedias, Autos e Farças, quasi tudo em Castelhano.

Em uma viagem, que D. Francisco Manoel de Mello fez á Italia, habitou por largo tempo em Roma, rodeado

Digitized by Google

dos grandes monumentos da antiguidade Latina, e ali frequentou incessante as grandes Bibliothecas, e Academias, d'algumas das quaes foi membro, sendo ali muito admirado dos sabios, e com justiça, pois a uma erudição prodigiosa, e ao conhecimento do Grego, Latim, e Hebraico, juntava o fallar, e escrever com grande propriedade, e pureza as linguas mais cultas dos modernos, e em especial a Hespanhola, Italiana, e Franceza.

Póde dizer-se de D. Francisco, que passou a sua vida, para nos servirmos da expressão de Luiz de Camões, tendo

N'huma mão sempre a espada, e n'outra a penna.

Desgraçadamente este fidalgo tão carregado de importantes serviços, que tanta honra fez ás letras patrias, não conseguio mercês, honras, ou recompensa alguma por elles; mas foi pelo contrario injustamente perseguido, encarcerado, e cumulado de desgostos, fornecendo mais um bom capitulo a quem quizer continuar o antigo, e famoso livro de *infelicitate studiosorum.*

Assim percorreu D. Francicco Manoel de Mello a sua carreira vital de cincoenta e cinco annos, que poderia sem dúvida ser mais longa, si não tivesse sido agourentada pelos trabalhos, e pelos dissabores, fallecendo em Lisboa a 13 de Outubro de 1665.

Uma singularidade muito notavel em D. Francisco é, que havendo na sua *Carta de Guia de Casados* dado tantos, e tão judiciosos preceitos para viver em paz no estado de matrimonio, se conservasse sempre celibatario; e havendo classificado os filhos bastardos, *de trastes muito excusados em uma casa,* deixasse tambem por sua morte um filho natural.

Este filho chamava-se D. Jorge Manoel de Mello, e foi, como quasi todos os filhos dos homens de grande talento, um espirito rombo, e obtuso, mal havido com o estudo, e os livros; herdou porém a valentia de seu Pai, distinguindo-se por muitas proezas militares, até que pereceo na batalha de Senef, em 1674, sendo então Capitão de Cavallos.

Tenho lido quasi todas as Obras prosaicas de D. Fran-

Digitized by Google

cisco, que me parecem bem-pensadas, bem escriptas, e cheias de elegancia, e eloquencia; mas apezar de toda a diligencia que costumo empregar em objectos desta natureza, nunca pude encontrar de venda, nem vêr em alguma das Bibliothecas desta cidade algumas das suas composições poeticas, á excepção das *Tres Musas do Medolino*, que não contendo si não poesias Castelhanas mal podem ser citadas, ou examinadas neste Ensaio, nem dar ao Leitor idéa do merecimento deste Escriptor, considerado como Poeta Portuguez; e quanto á sua qualidade de Poeta Hespanhol julguei que seria mais conveniente do que dar o meu parecer, em objecto em que não posso ser juiz mui competente, o transcrever aqui a opinião que delle formou D. Manoel José Quintana, um dos mais atilados, e rigidos Criticos, e dos mais elegantes Poetas da Hespanha moderna; esta opinião é a seguinte:

« Amigo de Quevedo foi D. Francisco Manoel de Mello, Portuguez, e Escriptor tam incansavel, como activo Politico, e Guerreiro; manejava o idyoma Castelhano com tanta facilidade como o da sua propria patria, é Poeta, Historiador, Moralista, Author Politico, Militar, e até Ascetico, é sobresaliente em alguns destes ramos, e para desprezar em nenhum. O livro das suas poesias, é rarissimo, e ainda que alguns o tem dado por imitador de Gongora, tem mais pontos de semilhança com Quevedo. O mesmo gosto de versificar, a mesma austeridade de principios, a mesma affectação de sentenças, e a mesma copia de doutrina. Tem ainda outra conformidade com Quevedo, que é ter publicado seus versos distribuidos por Musas, ainda que trez destas sam em Portuguez.

» Ha no Poeta Hespanhol côres mais brilhantes, e rasgos mais valentes; em Mello mais sobriedade, e menos extravagancias. Seu estylo, posto que elegante, e culto apenas tem poesia, e seus versos amatorios carecem de ternura, e de fogo, como as suas Odes de enthusiasmo, e elevação.

» Tão pouco tinha indole para os muitos versos burlescos, de que está cheio o grande volume das suas poesias; mas quando a materia é séria, e grave, então a Philoso-

Digitized by Google

phia, e sua Doutrina o sustentam, e a sua expressão em parelha com as suas idéas.

» Naturalmente inclinado ás maximas, e ás sentenças, era mais proprio para as poesias moraes, e para a Epistola principalmente, em que a força, e a severidade do pensamento se combinam melhor com uma phantasia temperada, e pouco profunda. Neste genero, se não é sempre um grande pintor é ao menos castigado, e severo na linguagem, e estylo, sonoro nos versos, e grave, e elevado nos pensamentos: moralista respeitavel no caracter, e nos principios. Sem embargo destes dotes os titulos da sua gloria como Escriptor estam mais affiançados nas suas Obras de prosa; no *Echo Politico,* por exemplo, na sua *Aula Militar,* e mais que tudo na *Historia das Alterações de Catalunha,* a mais bella producção da sua penna, e talvez a melhor Obra de sua classe, que existe em Castelhano. »

Que poderei eu accrescentar a um juizo tão bem lançado, e por um Critico tão imparcial, e Juiz tão competente nesta materia, especialmente quando me faltam os Documentos indispensaveis para regeitar algumas das suas idéas? Lemitar-me-hei a advertir o Leitor, que o Abbade Diogo Barbosa Machado, dessente da opinião de Quintano no que diz respeito ao talento jocosério de D. Francisco, pois diz na sua Bibliotheca Lusitana: « Foi sobre tudo eminente no estylo jocosério, em que critica sem paixão, e reprehende sem offensa os costumes do seu tempo. »

Junto com o Poema de Manoel de Galhegos, que se intitula o Templo da Memoria, se imprimio um Soneto de D. Francisco Manoel de Mello, em applauso daquelle brilhante Epitalamio, que passo a transcrever, por ser a unica Poesia Lusitana, que atégora tenho podido encontrar deste Escriptor tão fecundo, e que tanta honra fez á Literatura das duas linguas da Peninsula Hispanica.

Digitized by Google

SONETO.

Dedalo, que fabricas numeroso
Edificio immortal, onde venera
Quantos prazeres a esperança espera
Deste sagrado thalamo ditoso,

Levanta pois o Templo milagroso;
Porque se algum rigor temer podera,
Si do rico altas columnas lhe offrecera,
E Bragança o licerce generoso.

Immortal sempre nas memorias ande
A Fama, dos que tanto sublimaste,
Por mais que o Tempo esquecimento mande.

Pois para ti tambem asseguraste,
Que eterno ficará teu nome grande,
Tanta vez, quanto nome eternisaste.

Digitized by Google

CAPITULO IV.

D. Francisco de Mello.

Primo, e amigo de D. Francisco Manoel de Mello, foi D. Francisco de Mello, nascido como elle em Lisboa, posto que não conste o anno do seu nascimento, como elle de mui distincta extracção, e não menos conhecido pelo cultivo das letras, e da poesia.

A's excellentes disposições para o estudo litterario, com que a natureza havia dotado este fidalgo, juntaram seus Pais os disvellos de uma boa e regular educação scientifica, tal qual a podia haver em um tempo em que os Jesuitas não só dominavam na Universidade de Coimbra, mas monopolisavam todos os ramos de instrucção pública.

D. Francisco de Mello depressa fez grandes progressos nos seus estudos, tornando-se mui habil no conhecimento tanto das linguas antigas, como no idyoma das nações mais polidas da Europa moderna, escrevendo, e fallando com toda a perfeição o Castelhano, o Italiano, o Francez, e o Inglez; além da grande erudição profana, que possuia, foi tambem mui douto nas Sciencias Ecclesiasticas, e na Historia Sagrada, e Profana.

D. Francisco de Mello não abraçou como seu Primo a vida militar, porém resolveu caminhar á fortuna por estrada mais segura, e menos trabalhosa, e seguio a carreira diplomatica, e não se enganou nos seus calculos, nem vio frustradas as suas esperanças.

Bem acceito na côrte, em que seu primo era tão mal visto, foi nomeado Commendador da Ordem de Christo, Alcaide Mór de Lamego, e Trinchante Mór d'El-Rei D. Pedro II., emprego de muita estima no Paço, e que por muito tempo desempenhou satisfatoriamente.

Durante o tempo em que o Infante D. Pedro gover-

Digitized by Google

nou Portugal, em qualidade de Regente, deu grandes provas de confiança a D. Francisco de Mello, nomeando-o seu Embaixador na côrte de Inglaterra, e successivamente em França, e na Republica de Hollanda, e em todas estas differentes commissões deu repetidas provas dos seus talentos diplomaticos, promovendo, e terminando ali importantes negociações muito a contento, e satisfação do Principe, a quem representava.

A Republica Ingleza, creada pelo fanatismo dos Presbyterianos, e sustentada pelo genio gigantesco de Cromwell, que soube aproveitar-se delle para sua elevação, e proveito, pereceo nas mãos inhabeis de seu filho Ricardo Cromwell, e o devotamento de Monk elevara de novo ao throno, com o restabelecimento da ordem Monarchica a dynastia dos Stuards.

Carlos II., creado entre o luxo, e as dessipações da côrte de França, voltando á Gran Bretanha rodeado de cortezãos afrancezados, não só por satisfazer ao seu genio, mas por contradizer a austeridade de costumes, e austera simplicidade de que o usurpador fazia gala, caprichou em alardear as pompas, os festejos, e divertimentos de Luiz XIV., restabeleceo os espectaculos, e se abandonou aos amores illigitimos, sendo em todas estas cousas maravilhosamente ajudado, e macaqueado pelos fidalgos da sua côrte.

Mas estes divertimentos, esta vida de luxo, prazeres, e dissipações não se gozam sem graves dispendios, e Carlos II. depressa se encontrou sem dinheiro, e o Parlamento Inglez não quiz vexar o povo com tributos novos, para tirar de apuros um Monarcha prodigo, e dessipador.

A dotação de um Rei de Inglaterra é, como todos sabem, generosamente calculada para manter com o devido explendor o chefe de tão oppulenta nação, e Carlos pondo freio ás suas prodigalidades, e reduzindo a pompa decente, e indispensavel da alta posição, que occupava, podia em poucos annos vêr-se desafrontado de dividas, e reparar as brechas que sua imprudencia tinha aberto na sua fortuna, porém a economia, e a reforma não estavam nem no seu caracter, nem nos seus principios, tomou por tanto o expediente a que costumam recorrer

Digitized by Google

os homens de tal genio, isto é, fazer um casamento rico, e desempenhar-se com o dote da noiva.

A Infanta D. Catharina de Portugal não era, segundo affirma o historiador Goldsmith, nem a mais joven, nem a mais bella das Princezas que naquelle tempo havia na Europa para casar, mas era indubitavelmente a mais virtuosa, e a mais ricamente dotada de todas ellas.

Informado Carlos II., pelos seus cortezãos, desta ultima circumstancia, para elle essencialissima, deu logo ordens urgentes para os seus Ministros abrirem negociações para este contrato, que foi promptamente concluido, e celebrados os desposorios.

A Rainha embarcou logo em uma brilhante Armada Britanica, que veio busca-la a Lisboa, e foi desembarcar a Plimouth, onde foi recebida pelo Duque de York, e por elle conduzida a Londres, com todo o apparato, e festejos proprios da sua excelsa jerarchia.

A Rainha havia levado em sua companhia grande número de Damas, e Cavalleiros para seu serviço, e para acompanha-la, em qualidade de Embaixador extraordinario foi nomeado o nosso Poeta, que della fez solemnemente entrega a seu esposo.

No meio de tantas viagens, no desempenho de tantas commissões importantes nunca D. Francisco deixou de cultivar as Musas, o que era nelle não só um recreio suave de occupações mais sérias, mas uma paixão ardente, que dominava em seu coração.

As suas poesias foram muito numerosas, e muito estimadas no seu tempo, mas por desgraça todas se perderam, talvez por sua morte, que teve logar em Londres, a 9 de Agosto de 1678, existindo sómente as poucas que se encontram no V. Tomo da *Phenix Renascida*.

O retrato de D. Francisco existe primorosamente gravado em uma estampa do *Choro de las Musas*, de D. Miguel de Barrios, Obra que lhe foi dedicada, e que sahio á luz em Bruxellas, em 1672 — *in* 12.

Pelo que podemos colligir, e ajuizar das poucas poesias, que delle nos restam, D. Francisco escrevia com correcção, e elegancia, e exprimia-se com força; e o titulo de Gongorista não lhe póde ser applicado em todo o rigor do termo; o seu estylo, a sua maneira de

Digitized by Google

colorir tem mais pontos de semilhança com Quevedo, posto que não tenha, pelo menos nas Obras que delle conhecemos, a veia jocosamente satyrica do Poeta, que alguns Criticos Hespanhoes denominaram o *Pai da Graça.*

Poucas, e mui poucas sam as poesias de D. Francisco, que a diligencia, e a curiosidade de Mathias Pereira da Silva, nos conservara na *Phenix Renascida,* o que é ainda mais para lamentar, grande parte dellas sam escriptas em lingua Castelhana; citarei algumas das que sam compostas em Portuguez, para dar alguma idéa do caracter, e estylo deste Poeta.

Havendo tão pouco por onde escolher, principiaremos pelo Discurso de Introducção, recitado por D. Francisco na abertura de uma Academia, de que havia sido nomeado Presidente, e por elle poderemos fazer idéa do que podiam valer estas reuniões scientificas, que tanto andavam em moda naquelle seculo, e que tão pouco fructo produziram, si é que não cooperaram muito para corromper o bom gosto da poesia, e da eloquencia.

Este sim, que he bom Governo,
Esta sim, que he ordem santa,
Onde se dam os officios
Sem que o Pretendente o saiba.

Presidente á revelia,
Sem Consultas, nem demandas,
Deste Museo quando menos,
Me fizeram de pancada.

Muito me vai parecendo
Dignidade tão barata,
Com Vara de Quadrilheiro,
Que a metem por força em casa.

Este mal tem os officios,
Que não tem renda assentada,
Que hums a punhadas se acceitam,
Outros gastam-se a punhadas.

Digitized by Google

Por subrepticia a eleição
Quiz annular, com mil causas,
Mas não pude por estar
Já por Roma confirmada.

Por quanto assistio aos votos,
E esteve ao lançar das Favas,
Por Breve particular,
O Senhor Bispo de Targa.

Este Bispo de Targa, de quem aqui falla o Poeta, era um douto Religioso da Ordem dos Carmelitas, por nome Frey Thomé de Faria, um dos melhores Poetas Latinos daquelle tempo, que imprimio, sem lhe pôr o seu nome, uma Traducção dos Lusiadas de Luiz de Camões, em excellentes versos Latinos, mas demasiado paraphrastico. Esta Obra sahio á luz em 1622, formato de 8.°, na Officina de Gerardo da Vinha, e é hoje rarissima; a mesma Traducção, com o nome do Author, foi incluida pelo Padre Antonio dos Reis no seu *Corpus Poetarum Lusitanorum*, em que se encontram quasi todas as producções de maior merito, que a Musa Latina inspirou em Portugal.

E até hoje, porque em tudo
Mais solemne a Festa faça,
Vem fazer Pontifical
Nas Matinas desta Casa.

Em fim, posto em dignidade,
Comecei de entrar em ancias,
Que os Imperios, e os cuidados
Dizem ser Irmãos em armas.

Que importa, dizia eu,
Vêr-me em esphera tão alta
Si a Fortuna raras vezes
Do merito se acompanha?

A quantos foi vituperio
Pisar, com indignas Plantas,
O throno, só reservado
A's virtudes, e ás Façanhas,

Digitized by Google

Que conta heide dar de mim
Nesta Função (que he palavra
Nova, que em Secretaria
Anda agora muito usada).

Si por huma hora, que quiz
O Carro solar das Chammas
Guiar o Moço inexperto,
Foi dar co'a luz em Pantana,

Por que heide querer tambem,
Regendo as redêas Pegaseas,
Ser adoptivo Phaetonte
Nos intentos, e desgraças.

Mas em fim isto hade ser,
Por que a sorte está lançada,
Melhor he cahir dez vezes,
Que confessar ignorancia.

Lembrou então ter ouvido
Nas Academias passadas,
Que sempre Apollo aos seus Vates
Nestes casos ajudava,

Com revelações celestes,
Com que em sombras lhes inspirava
Phantasticas apparencias
De sombras imaginadas,

Ou lhe apparecia em sonhos,
E palavra por palavra,
Prologos, Elogios, Themas
A seu prazer lhe dictava.

Outros tambem, a que o Genio
Subitamente arrebata,
E ao Ceo os leva direitos
Sem hir em estado de graça.

Digitized by Google

Onde a seu gosto resolvem,
Lá nessas ethereas salas,
Os reconditos dos Deuses,
E os escaninhos das Fadas.

E depois que se enfastiam
De nectar, ambrosia, e maná,
Com bons conselhos somente
Se tornam ás suas pousadas.

Nesta fiz pois do que ouvira
A roda de casa, em casa
Espreitando pelas gretas
A vêr quando Apollo entrava.

E esta apprehensão do sentido
Cada hora me angurava,
Que já via os resplandores,
Que já sentira as pisadas.

Qualquer leve rebolição,
Qual vento que soprava,
Aqui hé (dizia eu logo),
E ei-la a luzente Phantasma.

Cada vez mais certo nisso,
Já não sabia a esperança
Qual fosse a hora ditosa,
Em que ao Ceo largasse as azas.

Que conceitos furtarei,
(Cá comigo praticava),
Se dou na materia prima,
Em que Apollo os versos fragua?

A' fé que eu lhe meta a mão
Na luz, com que o peito inflamma,
De arte nova, mais que hum Buitre,
Depois me morda as entranhas.

Digitized by Google

Não serei como outros muitos,
Que como Praças de Palha
Vam, e vem ao Ceo cada hora
Sem de lá trazerem nada.

Não vira eu vir hum Poeta,
Que c'o Sol está á falla,
C'hum Carbunclo como hum punho,
Que do seu Solio arrancara,

Ou não nos quebrara os olhos,
Em fé de ventura tanta,
C'um topazio outro, que teve
Com Venus huma topada.

O que conversou com Juno,
C'hum collar de filagrana,
E o que c'a Aurora encontrou
De perolas c'huma Caiça.

Si andam pelos Ceos a rodo
Os diamantes, e esmeraldas,
E he a Ordem dos Poetas
Mais pobre que a Franciscana.

Como não trazem de joyas
As mãos mui hem recheadas,
Si quer porque todos creiem,
Que vem lá daquellas bandas?

Assim como a Feiticeira,
Que vai á India em Canastra,
Que traz ramo de Pimenta
Para prova da jornada.

Nisto em fim passava o dia,
Vinha a noite, hia-me á cama,
A esperar Apollo, em trajes
De Frade de mão furada.

Digitized by Google

Fechava os olhos em falso,
Por vêr por entre as pestanas,
Do Pai da luz o feitio
De quem tanto diz a Fama

Mas vendo que via em sonhos,
Nem por sonhos lhe passava,
De mais que o meu Confessor
Não crêr em sonhos me manda.

Que não tinha inspirações,
Que ás espheras não vôava,
Que se chegava o Domingo
Sem eu ter dado pennada.

Mas pragas rogando ao Sol,
Que em Julho em dia de calma,
Tarde cahindo no engano,
Resolvi-me, e fi-lo saca.

Comecei á morder unhas,
E a dar na testa palmadas,
E a fazer introducções,
Foro que este officio paga.

E assim fui meu mole mole,
Como Deos me administrava,
Alinhavando estas Coplas,
Que inda vem alinhavadas.

Sem mé meter em louvores
De Academia tão honrada,
Com quem temem Tenebrosas,
E as Cruscas não fazem nada,

Cujo metro, e harmonia
Faz com que as Musas mais sabias
Dentro da propria Hypocrene
Lhe dê a agoa pela barba,

Digitized by Google

Pois sei que a Fama não dorme,
E mais, que adonde ella alcança,
Por mais que seja gostoso,
Não se dorme sobre a Fama.

Antes a tem feito pobre,
Pois em seus louvores gasta
Cada dia huma trombeta,
Cada semana humas azas.

Porque c'o seu nome ás costas
Anda a triste carregada,
Sempre n'huma roda viva,
Hei-la em Castella, hei-la em França.

Com que, deixando esta empreza
A Musa mais acçada,
Que a materia de Cothurno
Não sabe andar com tamancos.

Cuido que tenho cumprido
Co'as leis que o Parnaso manda,
Parrafo de Presidente,
E folhas seis mil, e tantas.

Pois o Romance, e successo
Desta Festa, e desta falta,
Para desculpa sobeja,
E para Introducção basta.

Estes discursos de abertura em verso ou prosa, para abrir uma Sessão Academica, eram de indispensavel etiqueta, e preferia-se que fossem em estylo jocosério, ou Burlesco, pelo menos assim se deprehende das Actas, ou Memorias da Academia dos *Anonymos*, dos *Singulares*, e de muitas outras, que correm impressas; e das poesias de Frey Simão Antonio de Santa Catharina, que pela maior parte se reduzem a composições deste genero, pois o Author era quasi sempre eleito Presidente, em attenção á prestança que se lhe suppunha na poesia jocosèria. Es-

Digitized by Google

ta Introducção de D. Francisco tem, quanto a mim, dous predicados muito raros nestas Obras, não ser muito extensa, nem decahir na chocarice grosseira, e na obscenidade.

Havendo certo Conde promettido a D. Francisco de Mello fazer-lhe presente de uma volta, e passando-se muito tempo sem que elle cumprisse a sua palavra, o Poeta para lhe avivar a lembrança lhe dirigiu as seguintes

REDONDILHAS.

Como sempre ha linguas soltas,
Murmura o vulgo ruim,
Que não sois bom Valantim,
Porque não sabeis dar voltas.

Que devereis de mandar,
Dizem logo sem tardança,
Chamar hum Mestre de Dança,
Que vô-las ensine a dar.

Pois desta Arte tão commua
Tam cedo vos esquecestes,
Que de quantas voltas destes
Hoje não sabeis dar hũa.

E jura alguem a quem mal
Vossa grandeza he notoria,
Que vos varreu da memoria
Por ser arte liberal.

Dará vossa fama estouro,
Si quando aos Touros entraes,
Como esta volta guardaes,
Guardaes a volta do Touro.

E para espada em revolta
Tendes tempera extremada,
Que a boa folha da espada
Diz, que não hade ter volta.

Digitized by Google

Porém segundo athegora
Tem passado toda a Festa
Sem volta, não he esta
A volta que me namora.

Ou eu devo estar mui grosso,
Ou vós mal deveis de andar,
Pois n'hum mez não podeis dar
Huma volta ao meu pescoço.

Em pouco mais huma Nau,
Que huma volta ao Mundo dou
Pois sou mais que o Mundo eu?
Ou sois vós menos que hum pau?

Ambos ao mesmo compasso
Navegamos com bonança,
Eu na volta da Esperança,
Vós na volta de Cargasso.

He tal a vossa dureza,
Que esta volta que heis de dar,
Inda he peior de tomar,
Que as mesmas voltas da Andreza.

Muito ha que o pensamento
Hum receio me não solta,
Que pois não quereis dar volta,
Deveis de estar ferrugento.

E assim por forrar petrechos
Poderá ser que aproveite,
Vos quereis untar de azeite,
Pois sois tão duro dos fechos.

Ou hum Musico empostado
Buscarei, que vos levante,
E a toda a hora vos cante
Buelta acá, Pastor cansado!

Digitized by Google

Praza a Deos sem mais propostas,
Que sejaes tão esquecido
Que lanceis o promettido
Cá para de traz das costas.

Pois nisto o sentido atolo
Com tal ancia, e tal extremo,
Que se a volta tarda, temo
Que me dê volta o miolo.

E já que o Parnaso aos Potes
Vos dá do licôr, que esconde,
Não será razão, meu Conde,
Deixar sem volta estes motes.

Apparecem aqui traços bem vivos da pilheria, e apodadura satyrica de Quevedo, a quem o Author parece que procurava imitar, ainda que estava mui longe do grande genio, posto que desregrado, do seu modêlo; o mesmo se observa em alguns trechos de outras composições, por exemplo.

. . . . . .

Mas succede-me o que dizem
Da Mulher, que está de parto,
Que tudo he fazer votos
Aos Santos seus Advogados,

De apartar-se do Marido
Si escapa daquelle trago,
Por fugir de contingencias
De vêr-se em outro trabalho.

Em parindo os juramentos
Ata á ponta do trançado,
E ao cabo de nove Mezes
Vem com outro filho macho.

. . . . . .

E por não andar c'o Sol
Em cumprimentos, que faço?
Mando pedir a hum Piloto,
Meu visinho, o Astrolabio,

Digitized by Google

E applicando aos Ceos a vista,
Fecho hum olho, o outro abro,
Meço as alturas do Polo,
Deito linhas c'o compasso.

E sem respeito aos seus graus
Tomo o Sol, mal de seu grado,
Que como andava entre os Peixes
Me foi facil o pesca-lo.

Pena é que todas as poesias sérias deste Poeta, que se conservam, sejam em Castelhano, razão porque não podem entrar neste Ensaio; mas para dar alguma idéa das suas composições deste genero, transcreverei aqui a seguinte Lyra sobre os effeitos do Amor.

Mal la ausencia sofrendo
Y menos el furor con passo ciego
Sale Clorinda ardiendo
De ira, y de amor en duplicado fuego,
Por templar de dos llamas, que suspira,
En lagrimas amor, en sangre la ira.

De Amor, y azero armada
Con tierno afecto, y animo constante,
Conduce ala estacada
En pecho fuerte corazon amante;
Y en vista hermosa, en appariencia fiera
Miete en cuerpo d'azero alma de cera.

Su muerte busca anciosa,
Culpa de dos amantes, so del hado
Permission rigorosa;
Pues el uno atrevido, otro olvidado
Engañada una fé, outra mentida
Mil homecidas son contra una vida.

Con tragico denuedo
Vengador infeliz de tanta llama
Engañado Tancredo
Em mentido disfraz mata a su Dama;

Digitized by Google

Misero triumpho, desdichada palma
Qu'a uno cuesta la vida, a outro el alma.

Cumplece fué del daño,
Quando la amada sangre el hierro beve,
Solamente el engaño;
Fue el pecho fiel aunque la mano aleve,
Pues llora el pecho si la mano hiere,
Y quando aquella mata, el pecho muere.

Mas del riesgo futuro
Mal cuidadoso de Clorinda Argante,
Buelve sin ella al muro,
Rota la fé d'amigo, y mas d'amante,
Pues faltando a finezas, e razones
Vence un olvido dós obligaciones.

Muere Clorinda hermosa
D'uno amante assaltada, y de outro ausente;
Y en lid tan rigorosa
Menos el hierro que el descuido siente,
Que una herida sen culpa no es delicto,
Y un error en el ama es infinito.

Julgando do talento de D. Francisco de Mello pelas poucas poesias que delle nos restam, que sam mui poucas, e sem perjudicar idéa que delle possa formar-se á vista das outras, si algum dia apparecerem, e sahirem á luz, não podemos deixar de assignar-lhe um logar mui distincto entre os melhores Poetas de segunda ordem.

Digitized by Google

ENSAIO
BIOGRAPHICO-CRITICO

LIVRO XIX.

CONTINUAÇÃO DA ESCHOLA HESPANHOLA.

CAPITULO I.

Vasco Mosinho de Quevedo, e Castel-Branco.

A Eschola Hespanhola conta entre nós mui poucos Alumnos tão distinctos, e que tanta honra lhe façam como Vasco Mosinho de Quevedo, que nasceu na Villa de Setuval, mas cuja epocha do nascimento tem sido até ao presente ignorada.

E' este o destino de grande numero dos nossos Homens de Letras, em razão do descuido que sempre reinou entre nós á cerca de semilhantes objetos, nem ha meios alguns de verificar estas cousas; primeiro por o costume dos assentos de nascimentos, e obitos nas Freguezias data apenas do reinado d' ElRei D. Sebastião; segundo porque os primeiros assentos desse tempo estão feitos de modo que para nada servem, porque sam no gosto destes que eu vi nos livros de uma das Parochias de Lisboa. « Janeiro = Aos 17 falleceu o Capellão da Senhora D. Mafalda, e foi enterrado no Adro desta Igreja. = Agosto = aos Vinte = Baptisei o Filho de Manoel de Sousa, foi Padrinho José Joaquim, e Madrinha N. S. » Que exclarecimentos podem tirar-se de semilhantes documentos? Quem vê a clareza, e escrupulo com que hoje se lavram estes assentos, e a sua circumstanciada redacção póde acaso acreditar que nos primeiros tempos se lavrassem por maneira tão informe?

Digitized by Google

Vasco Mosinho de Quevedo, foi homem grandemente erudito, como se deprehende dos seus escriptos, grande sabedor das linguas Grega, Latina, Italiana, e Hespanhola; cursou com grande aproveitamento a Universidade de Coimbra, onde se formou na faculdade de Leis, e Direito Canonico; ignoro se abraçou o Estado Ecclesiastico, ou se exerceu alguns logares de Magistratura; mas não admitte duvida que passou uma grande parte da sua vida no exercicio da Advocacia.

Cultivou com assiduidade a poesia, e passou por um dos melhores Poetas do seu tempo, e inda hoje conserva um dos logares mais distinctos entre os nossos Epicos.

Entrava na politica de Castella o fazer persuadir a Europa de que Portugal se dava por muito venturoso em ser regido pelos Monarchas de Hespanha, e para dar mais força a esta persuasão, insinuou-se a todas as Corporações o dirigir supplicas, e mensagens a Filippe III., representando-lhe o quanto o Povo Portuguez ardia em desejos de o possuir algum tempo no seu seio.

O Rei recebeu estas mensagens com especial agrado, como era de esperar, mas pretextou algumas duvidas, fez algumas objecções; os Emissarios instaram, e ultimamente Sua Magestade houve de condescender com os desejos impacientes dos seus fieis vassallos.

A sua entrada em Portugal, e com especialidade em Lisboa, foi um verdadeiro triumpho. A Camara de Lisboa se empenhou em que a sua recepsão fosse o mais pomposa possivel, gastando nessas festividades quarenta mil cruzados, além de dous serviços, que lhe offereceu para os gastos da jornada, sendo o primeiro de cem mil cruzados, e o segundo de duzentos, e foi para isso authorisada para tomar esse dinheiro a juro sobre suas rendas, lançando-se para pagamento delles um tributo no vinho, e na carne, como consta dos Alvarás regios de 20 de Abril, e 1.° de Julho de 1619, e aquelles pesos na importancia de 10:600$000 réis, tem pesado até aos nossos tempos sobre o Municipio Lisbonense; tão caro custou ao povo da capital, e aos seus descendentes a visita daquelle Rei Hespanhol, contra o qual tomaram pouco depois as armas, para restituir o Throno á Familia de Bragança, a quem de direito pertencia.

Digitized by Google

Não contente a Camára de haver assignalado o seu zêlo official por tão dispendiosas festas, quiz ainda legar a sua memoria á posteridade fazendo-as consignar, e descrever em um Poema em lingua Castelhana.

A grande reputação de Poeta, de que gozava Vasco Mosinho de Quevedo, por um Poema em seis Cantos, sobre a vida e morte da Rainha Santa Isabel, que havia dado á luz, acompanhado de varias outras poesias como Sonetos, Romances, Emblemas &c., em 1596; e pelo seu Poema Heroico o *Affonso Africano,* sobre a Conquista de Arzila, publicado pela primeira vez no anno de 1611, fez com que a Camara o convidasse para isso.

Vasco Mosinho acceitou o convite, e compoz um Poema em seis Cantos em que largamente, e com vivas côres descreve todos os arcos, emblemas, alegorias, e mais exhibições de que aquelles festejos se compunham.

Este Poema tem por titulo *El Triumpho del Monarcha Fillippe III. en su felicissima entrada de Lisboa.* Foi impresso em formato de 4.°, no anno de 1619.

Em géral quasi todos os Poemas que os nossos Poetas escreveram em Castelhano sam pouco conhecidos; e direi mesmo, pouco estimados; mas creio que nenhum dellas está em tão completo esquecimento como este, sem embargo da boa versificação, e da poesia, com que o Author cuidara em adereça-lo.

Duas cousas me parece que cooperaram para esse esquecimento: a primeira o ser uma composição de circumstancias, que vai perdendo o interesse á porporção, que ellas vam esquecendo; segunda, porque havendo Portugal sacudido o jugo Hespanhol, proclamando Rei a D. João VI., e achando-se por isso empenhado em uma guerra mortifera, e duradoura, só algum Portuguez degenerado, e partidista da usurpação: que felizmente eram mui raros, podia achar prazer lendo os louvores dos seus inimigos, e vendo a pintura dos obsequios, tributados, não de coração, áquelle que disputava a corôa, e o sceptro ao Rei legitimo.

Isto deve servir de aviso aos Poetas, para não gastarem o seu tempo, nem fatigarem as forças da sua imaginação creadora na composição de longos Poemas sobre assumptos de interesse transitorio, se quizerem grangear

Digitized by Google

a estima da posteridade. Se Milton tivesse cantado no seu Poema a Restauração dos Stuarts, teria sem dúvida sido lido, e applaudido com enthusiasmo pelo partido dos *Cavalheiros,* (1) teriam cahido sobre elle as censuras, e os doestos dos *Cabeças rapadas,* (2) mas com a quéda dos Stuarts estaria tão esquecido como essa familia desthronada, os seus partidistas, e os seus inimigos; porém o Homero Inglez cantou a perda da innocencia do primeiro homem, e a sua regeneração, e este assumpto, que interessa a todos os homens de todos os tempos, e de todas as religiões, despresado ao principio pelo espirito de partido, e pelo espirito de libertinagem dos cortezãos de Carlos II., sahindo da obscuridade, em que o haviam lançado, cada vez adquire mais estima, e mais applauso, não só da Europa, mas do mundo inteiro.

Posto que tenha adoptado o systema de não tractar nesta Obra se não de Poemas Portuguezes, em attenção á raridade deste, e á grande nomeada que o Author disfructa entre os nossos Epicos, apresentarei aqui alguns trechos delle para que os Leitores possam comparar a poesia Castelhana de Quevedo com a sua poesia nacional.

Eis aqui o exordio

Canto la gloria del hermoso dia
Que amanece a la tierra Lusitana
Quando el Monarcha como Sol le embia
Raios de su presencia soberana
Y el Cáos confuso, que la noche cria,
De larga absecia, rutilante allana,
Deshechas ya las quexas de la Gente,
En llanto amargo, misera, y doliente.

Si vez alguna Nympha de Parnaso,
Que tambien habitaes el Pindo ameno
A la fuente famosa de Pegaso
El ojo abristes de corrientes lleno;
Agora al nunca oido estraño caso

(1) Partido Aristocratico.
(2) Partido Republicano, ou Puritano.

Digitized by Google

Rompid de la mas alta vena el seno,
Y la copia, y bondad de sus cristales
Hagan mis versos al suggeto iguales.

Não sei que effeito produzirá em ouvidos castelhanos o verso

El ojo abristes de corrientes llano

mas estou certo de que raro será o Portuguez que o leia que possa suster o riso á vista da idéa que elle deve necessariamente suscitar-lhe.

O primeiro quadro que se apresenta no primeiro Canto é summamente poetico, posto que em parte imitado do Goffredo de Torquato Tasso.

Alta la noche con su negro manto
Assombrava la machina del Mundo,
Aunque el horror, y tenebroso espanto
Tiempla des Cielo el scintilar jocundo;
Las Gentes mudas, y la Fiera en tanto
Yazen en sueño placido, y profundo,
Quando la imaginada Phantasia
Un milagro de cosas me ofrecia.

En el Empyreo Assiento cristalino
Que en tiempo fabricó la Eterna Essencia
Para sin tiempo de su ser divino
Manifestar al hombre la excellencia,
Merced cumplida, excesso peregrino
Del thesouro de su magnificencia,
En la alta mente rebolviendo estava
Quanto del Cielo abaxo le quedava.

Los ayres rompe, y mira las regiones
Que la gran Madre inclue en su ancho seno,
Del Asia mira incognitas Naciones
Mira d'Africa adusta el ciago Peno.
De Europa bellicosos coraçones,
Del nuevo Mundo el singular terreno,
Al Norte elado llega, al Sur, e adonde
Alegre nasce, y triste el Sol se esconde.

Digitized by Google

Luego va con los ojos discorriendo
Por la Tierra de Luso antiguamente,
Montes, y campos fertiles mediendo
Que habita religiosa, y fuerte gente;
Del celebrado Tajo va siguiendo
La plateada aurifera corriente,
Hasta donde le traga el mar profundo
El nombre, que ha ganado por el Mundo.

Mira las altas peñas fabricadas
Machina insigne del errante Griego,
Despues de las Troyanas assoladas
En el rigor del temerario fuego;
Las Basilicas mira dedicadas
A los suspiros del piedoso ruego
En materia magnifa subidas
Y en ella de sí propria obra vencidas.

Oye el echo sentido, que resuena
En el valle de miseras passiones,
Que inflamma, hiriendo la region serena
Como la errante luz de exhalaciones
Mira los rios, a quien da la pena
Fuentes en los humanos coraçones,
Y la corriente viva se encamina
Al mar immenso de su faz divina.

Un dolor le enternece penetrante,
Aun que en el no es passion, y suspendido
Un poco para en lo que esta delante,
Motivo d'algun bien aun no entendido;
Que los ojos de Dios el mismo instante
Hazen aquel objeto enriquecido,
En quien se emplean, oh dichoso objeto,
Que los ojos de Dios hazen perfecto.

Y dentro en el secreto mas confuso
De la immensidad suia inaccessible,
A si mesmo consigo esta propuso,
Possible relacion de su impossible;
«Oh Ciudad, populosa aonde puso

Digitized by Google

» Mi mano liberal de lo visible
» Un thesoro cifrado, a quien no iguala
» La que mas en grandezas se señala!

» Yo te saquê de aquella prision dura
» A dó estavas cautiva, y lastimosa,
» Adulterando el Moro tu hermosura
» Como vil mano la encarnada Rosa,
» Y de veste nupcial candida, e pura
» Para qué fosses mi querida Esposa
» Adorné tu persona, y en prenda rica
» Te di el anillo, que mi amor publica.

» Levanté tu cabeza triumphadora
» Sobre los hombros deste Reyno mio,
» Dendo el ocaso hasta la roxa Aurora
» Los fines te ensauché del Senhorio:
» Tu nombre con sus raios el Sol dora
» En las partes, que riega el grande Rio
» Ganges, que al Tajo del Commercio ufano
» Accepta, y reconoce per hermano.

» Pero con tanta gloria envanescida
» De mercedes tamañas te olvidaste
» Y viendo-te tan alta, y tan subida,
» De tu mismo poder lo imaginaste;
» La ropa mia en harras ofrecida
» Muchas vezes con vicios la manchaste,
» Y sin respeto de mi casto lecho
» Rendis-te a falso amor incauta el pecho!

» Templar quise el dolor con tu castigo
» A tanta ingratitud devida paga,
» Que la offensa nascida de un amigo
» Mas penetrante siempre haze la llaga;
» En manos de tu barbaro innimigo
» La segur puse para que deshaga
» La Planta a golpes, que de fructo, e hoja
» Inexorable al impeto despoja.

» Pisaron tus amigos campo ameno,
» Quedaron en desierta sepultura,

Digitized by Google

» Y los que vuelven a su patrio sôno
» Salen cautivos de tenièbla obscura;
» De otras miserias tu infeliz terreno,
» Sembré, y por nom faltar-te desventura
» De um Rey, que ser deviera tu consuelo,
» Te quito la presencia por mas duelo.

» Deste no miras la presencia hella
» Ni las palavras oyes de su boca,
» Aflicta no le ofreces tu querella
» Ni tu miseria su piedad provoca;
» Si de tu incendio vuela una centella
» Ya llega sin vigor quando le toca,
» Y si al daño mortal remedio esperes,
» Tan tarde llega, que primeiro mueres.

» Oh si tu coraçon, que anda inconstante
» A mi como a tu Norte endereçaras,
» Aunque de ti parezca estar distante
» Quan cerca entonces de tu bien me hallaras!
» Contigo me mostrara semejante
» Al que fui, si qual eras te mostraras,
» Buelve a la imagen de tu ser perdido
» Seré qual fui si fueres qual has sido. »

Acabada esta falla do Altissimo, apparecem dous Reis em sua presença, a saber, D. Affonso Henriques, o primeiro Rei Portuguez, que fundou a Monarchia Lusitana, e D. Sebastião, que pereceo com ella nos Campos de Mucazim. Eis aqui como o Poeta os descreve:

Esta consigo Dios, quando se ofrece
(Segun la insignia nuestra,) un Rey delante,
Tan alto de estatura, que parece
En el Gesto hermosissimo Gigante;
De peregrinas armas se guarnece,
En la siniestra escudo rutilante,
Que aun que de azero la materia há sido,
En otra de cristal se há convertido.

Digitized by Google

Engasta en el de purpura sangrienta
Bivos rubis, y la forma dellos
Las conocidas llagas representa
Que a Christo serven de matizes bellos;
De oro son las Pyramides, que assienta
La famosa corona en los cabellos
Y de un raio del Sol viene formada
En la direcha la tajante espada.

Otro accompaña su siniestro lado,
Mediano en talle, pero bravo em geste,
Robustos miembros, verde edad, mesclado
Con denuedo viril aspecto honesto,
Tambien de preças viene todo armado,
La Real corona le haze manifiesto,
Tiene rubio color la cara hermosa
El buelto labio, la purpurea Rosa.

Las armas trahe rotas, y abolladas,
Como que sale de batalla ardiente,
En sangre agena parte maculadas
Y parte en sangre de su propria friente
Aun que al vivo se muestran retratadas
Las cosas, todo es luz resplandeciente,
Y arrodillados, habla desta suerte
El primier dellos, y el segundo advierte.

Parece-me que para o intento do Poeta seria melhor que D. Affonso Henriques fosse o unico Rei apresentado neste trecho, evitando-se assim o inconveniente de D. Sebastião representar aqui meramente o papel de comparça. N'um Poema nunca devem figurar actores occiosos, e muito menos servirem de testemunhas mudas personagens como El-Rei D. Sebastião; esta regra me parece tão conforme ao bom gosto, como ao bom senso.

« Oh del entendimiento sua altivo
» Buscado Ser, y menos alcançado,
» Qual Sol en resplendor mas excessivo
» Quando de espacio mas fuere mirado,
« Famoso monte de un diamante vivo,

Digitized by Google

» A dó se mora todo lo creado,
» Occeano largo adonde navegamos
» Y siempre mas, y mas nos engolphamos.

» Yo soy aquella piedra adonde echaste
» De un Edificio grandè el fundamiento,
» Sobre quien tantos Reys levantaste,
» De subjecion haziendo un regno isento;
» Aquel Tronco primero que plantaste
» Para dar tantas Arboles al Viento,
» Olorosos en flor, y saludables,
» Y en fructo suavissimo agradables.

» Yo soy aquel Alphonso contrapuesto
» Al furor de las improbas Naciones,
» Que en exicio mortal, daño funesto,
» Passaron alas Beticas regiones:
» Aun oy repite daquel bando infiesto
» La memoria estandartes, y pendones,
» Por el suelo arrojados, aun oy se halla
» Herviente la siñal de la batalla.

» Pero del braço tuio fué la hazaña,
» Que mi flaco poder no era bastante,
» Temblando estava, y la vision estraña
» De tu grandeza me volvió constante.
» El temor frio en rigorosa saña
» En mi pecho se ha vuelto al mismo instante,
» Y no fué sola esta merced, que mucho
» A tu palabra en mi favor escucho.

» Los successivos Reys, que tuvieron
» El gobernalle de mi grande Nave,
» En base de tu amor cimiento hizièron,
» Y nunca el yugo tuio le fué grave;
» El Mundo por tu causa solo abrieron,
» Y fué tu nombre la primera llave,
» Y jamas arbolaron su bandiera
» Que no fuesse tu insignia verdadera.

» Mas, si causan pecados descubiertos,
» De los vivos tan aspero castigo

Digitized by Google

» Paedan merecimientos de los muertos
» La Paz rompida terminar comtigo;
» Si no basta a passados desconciertos
» Con victoria del suio, y tu enemigo,
» El miserable fin del Rey presente,
» Y lastimoso estrago de su Gente.

» Suspende, amable, el merecido daño
» Remueve al arco la apuntada vira,
» Y a Portugal que julgas por estraño
» Con ojos de piedad attento mira,
» No es el de tus manadas fiel rebaño?
» Tu voz conoece, por tu boz suspira,
» Oye la suia, que su Rey te pide,
» Si no mides su amor, tu piedad mide. »

Oyó d'Alfonso el Padre Omnipotente
Estas razones, que nel pecho esconde,
Firmó los ojos, serenó la frente,
Y, desta suerte hablando, le responde:
« Bien como a todo, Alfonso, estoi presente
» Que en Rey Primeiro de pequeño Conde
» Fuiste electo por mi de un Reyno electo
» A grandes cosas, que por mio acepto. »

D. Affonso Henriques nunca foi Conde, nem si intitulou tal; mas Infante durante a vida, e Rei depois da morte de sua Mãi a Rainha D. Theresa, a quem succedeu. O Author acreditava que elle fôra proclamado Rei depois da batalha de Campo de Ourique, em que dorrotara seis Reis Mouros, cujo principal se chamava Homar; mas essa batalha é para mim objeto de muita duvida: 1.° por que nenhum Historiador Arabe falla nella, ao passo que todos fallam da batalha do Salado, que dam pelo principio da ruina do Imperio Musulmano na Peninsula, e que referem com toda a franqueza as suas perdas em outras occasiões; 2.° porque temos os nomes de todos os individuos das dinastias que reinaram na Hespanha, e em nenhum delles se encontra o nome de Homar, como póde vêr-se na Historia da Dominação dos Arabes na Hespanha, por D. José Antonio Conde, que não é mais

Digitized by Google

que uma Collecção das Chronicas Mouriscas existentes no Escurial, traduzidas fielmente, e ligadas entre si pelo Traductor. Além disso em nenhuma dessas Chronicas se encontra pessoa alguma do nome de Homar, que não parece Arabe: 3.º porque nunca houve seis Reis Mouros nem em Africa, nem na Hespanha. O Soberano era um só, a saber o *Emir-al-Mununin*, que os nossos chamam *Miramolin*, que de ordinario habitava em Cordova, sua côrte, e dali governava com dominio absoluto a Hespanha Arabe, e *Almagreb*, ou Africa, e o *Afrène*, este, as terras conquistadas nas Gallias, além dos Pyrenéos. Só nos ultimos tempos da dominação Sarracena é que os Chronistas Arabes mencionam os Reis de Saragoça, Murcia, e Granada, a respeito de quem os Hespanhoes forjaram tantas fabulas, bastando por todas a absurda degolação no Pateo da Alhambra, de toda a Tribu da Abencerrages, desconhecida inteiramente nas Historias Arabes, posto que fallem nas dos Zegris, e Gomais.

« Hize-le milagroso por el Mundo,
« Con hazañas jamas imaginadas,
» Descobriendo por tierra y mar profundo
» Regiones nunca vistas, e apartadas,
» Y si esta gloria a tiempo le confundo,
» Vencido Sebastian, desvaratadas
» Sas Gentes, la corona, que se humilla
» Restituida al Reyno de Castilla.

Restituida é de mais; restitue-se o que se rouba, ou que se usurpa, mas Portugal não foi usurpado, ou roubado a Castella. Uma parte foi cedida pelo Rei D. Affonso VI., a sua filha D. Theresa, o resto conquistado aos Mouros pela espada dos nossos Reis, e o esforço dos nossos antepassados.

» Secreto fué de mi alta Providencia,
» Que por outro compas lo humano mido,
» Para manifestar-le una apparencia
» De la clemencia que su estado pido,
» Quiero un retrato hazer de mi potencia
» Aun que basta agora la maldad lo impido

Digitized by Google

» Del estragado, abominable Mundo
» En Phillippe Tercero del segundo.
» Haze-le quiero memorable fuente,
» D'onde emane la paz firme, y segura,
» Al Pueblo mio, a la Christiana Gente,
» Que con votos, y lagrimas procura.
» Y al Reino tuio, que su absencia siente,
» Ya llega la dichosa conyuntura
» En la qual visitado por el sea
» Bien tamaño que tanto se desea.

A' parte o merecimento poetico destas machinas epicas, vendo-se que o resultado é que o Rei de Castella visite o reino de Portugal, e a sua metropole, não póde esquecer-se que se acha aqui esquecida a regra de proporcionar os meios aos fins, sendo verdadeiramente o que se chama *inducere culicem herculeas vestes*. Que proveito vinha a este reino da presença de Filippe III., Monarcha intruso, cujo jugo houve de sacudir depois para restituir o septro a quem pertencia? Alguns Arcos, Danças, Festejos, Luminarias, e sobre tudo um Serviço de muitos contos de réis para as suas despezas de vinda, estada, e volta, e novas contribuições, de que provieram avultadas quantias de juros, que até aos nossos dias tem pesado sobre o cofre da cidade. Todas as vezes que os Poetas trabalham de encommenda, força é que resvalem nestas exaggerações, com que trabalham por dar vulto, e grandeza a assumptos de pequena importancia.

Em um Poema que tem por objecto um festejo dado pelo Senado, não era de esperar que Vasco Mousinho de Quevedo se esquecesse de queimar os devidos incensos áquella distincta corporação, por isso achamos no Canto II. honrosamente mencionados, o Presidente João Furtado de Mendonça, os Senadores Duarte d'Almeida Novaes, Antonio Pinto de Araujo, João de Frias Salazar, Jacomo Ribeiro de Leiva, Gil Cannas da Silveira, e Pedralvares Sanches, os dous Procuradores da Cidade, Pedro Vaz de Villasboas, e Pero Borges de Sousa, e os Procuradores dos Misteres Jorge Vicente, Antonio Fernandes, Manoel de Aguiar, e Bento Diniz.

Digitized by Google

Tambem lhe não esqueceu o meu antecessor o Secretario, ou Escrivão da Camara Christovão de Magalhães, de quem o Poeta affirma que o seu menor merecimento era ser mui rico; pala minha parte não posso entender que as riquezas devam contar-se entre os merecimentos, e virtudes de qualquer pessoa; ellas sam um elemento de felicidade, um dom estimavel da fortuna, cuja posse não faz ao que de si é ruim, como a sua privação não torna mau aquelle que se adorna de probidade, e de sciencia.

Uma cousa porém se deprehende deste trecho, que não é indifferente saber-se; isto é, que naquelle tempo o Senado da Camara se compunha de um Presidente, seis Vereadores, dous Procuradores da Cidade, quatro Procuradores dos Misteres, e um Secretario. Este numero soffreu depois algumas alterações para mais, e para menos.

No Canto III. introduz o Poeta o Marquez de Alemquer informando o Rei, na sua entrada, de algumas particularidades desta capital.

» Esta es aquella del hermoso Mundo
» Estraña maravilla, y gran trophéo,
» Primera mano del Varon facundo
» Heredero del hijo de Peleo.
» Este al favor opposto del profundo
» Lago, que habita el barbaro Nereo
» Despues que en tanto espaço el Pastor de Ida
» Del Sueño confirmó la hacha encendida.

O Poeta allude aqui á tradição mythologica lydia, que Hecaba andando gravida de Páres, sonhara que de seu ventre sahio um facho aceceso que abrazara o Paço, e toda a cidade.

» O fuesse que su Tiphi a la fortuna
» Diesse el gobierno en tempestade incierto,
» O que del Cielo providencia alguna
» A sus desgracias señalasse puerto,
» A los del Sol, o raios de la Luna,
» O de la noche al mismo horror abierto,

Digitized by Google

» En el hambrientos con rabiosa quexa
» La Nave, los mares, y los vientos dexa.

» El Ithaco se admira del hermoso
» Sitio, desnudo de algun culto agena,
» Al natural retrato deleitoso
« Ya de grandezas merecidas lleno;
» Y en el hiciera lecho a su reposo
» Gozando el Ayre del sin par terreno;
» Si Amor no hiciera estable en las mudanças
» De una hora sola siglos de esperanças.

» A los peligros del ayrado viento
» Buelve otra vez la fatigada Nave,
» Dexando de su nombre un fundamento
» Que sustuvo el rigor del Tiempo grave,
» En fausta Estrella destinado asiento,
» Y en la sazon del Cielo mas suave
» No parece que acaso fuesse hallado,
» Mas por el Mundo por mejor buscado.

» La clemencia del clima saludable
» A los mas favorables predomina,
» Que no le ciñe el circulo intractable
« Que a los frigidos Polos se avizina:
» Ni la torrida Zona incomportable,
» Que a los ardientes Tropicos inclina,
» Mas aquella que de una, e otra alcança
» Mistica qualidad, cierta templança.

» El dominante Signo es aquel de oro,
» Aunque bivo, animal, que Phrixo enfrenó,
» A espiritos magnanimos thesoro,
» De emulacion, que gloria vana ordena.
» Este al de flores coronado Toro
» Y a los hermanos de la hermosa Helena,
» Se antepone en bondad, cede el de Juno
» Al offendido pié monstruo importuno.

» Es menos agradable aquella Fiera
» De la Nimea selva horrible espanto,

Digitized by Google

» Y la Virgen por justa, y por severa,
» Del Mundo echada al estrellado manto.
» Menos tambien la lucida estatera,
» Que el dia iguala con la noche, en quanto
» Esta la mitad suia en médio ardiendo
» El Sol a los dos Polos ofreciendo.

» Menos la Sierpe que al soberbio Orio
» Dió con mortal veneno fin siniestro,
» Menos Chyron al levantado brio
» Del Griego, y de Esculapio gran Maestro,
» Pan de Python huindo el desvario
» En ser de Cabra, y Pez, perdido el nuestro
» De Jove Ganimedes escogido,
» Bueltos en Pezes Venus, y Cupido.

» Este Signo es aquel, que al Mundo infante
» Benigno influe la Virtud primiera,
» Despues que a la palabra de su amante
» En la forma apacible appareciera,
» Este le hace de gracia abundante,
» Y le renueva para que no muera,
» En el, si el triste Invierno le despoja,
» Se adorna de hierba el campo, y el Arbol de hoja!

Em verdade que me parece mui difficil de acreditar que o Marquez de Alemquer cançasse a attenção de Filippe III. com estas reflexões, e observações importunas sobre as qualidades, e influencia dos Signos Celestes, quando apenas se tractava de Lisboa; adiante veremos que o desejo de alardear a sua erudição obriga muitas vezes o Poeta a cahir nestas inverosimilhanças.

» Y si ha ganado lo mejor del Cielo,
» Esta Ciudad de singular belleza,
» Logar le cupo en lo mejor del suelo
» Para ser noble por Naturaleza:
» Aquella de Agenor dulce consuelo
» Del simulado Dios donosa impresa
» Hurto sabroso de su amor ardiente,
» Delle se jacta como de excelente.

Digitized by Google

» Y si esta parte que del Mundo alcança
» Por calculo commun el principado,
» De Dragon tiene propria semejança,
» Segun ingenios altos han notado:
» Es la de España célebre pujança
» Cabeça de su cuerpo dilatado,
» Los ojos, que scintilan vivo lumbre,
» La de Lisboa sytuada cumbre.

» Y si los ojos son del alma puertas
» Que el ser le communica de las cosas,
» Quantas del Mundo han sido descubiertas
» Por estas de cristal luzes hermosas;
» Que tierras nunca a trato humano abiertas
» Que Promontorios? que Islas milagrosas
» Estos ojos no han visto? donde empieça
» La noticia a su cuerpo, e a su cabeça?

» Esta es aquella entre las mas que assienta
» En su redondo globo la ancha Tierra,
» De la niñez del Padre, que substenta
» La hambre en su prole, hasta la edad que encierra,
» Ciudad, que digna forma representa
» De largo Imperio, que la insana guerra
» Suele acquistar, y aun de la Monarchia
» De quanto cubre el Cielo, y alumbra el Dia!

» Aquella fué de la infamada Dido
» Artificio famoso antiguamente,
» Gloria del gran Scipion, de Annibal nido,
» Deshecho a su desgracia de repente,
» En Africa situada al seno ha sido,
» Que hace agradable el humido Tridente,
» Entre dos Promontorios; uno solo
» Se llamó de Mercurio, otro de Apollo.

» Pero alos triumphos aspirar podia,
» De las Regiones, que el Mediterraneo
» A sus armadas sola descobria
» No a la nivegacion del Oceano
» Que difícil quedava esta porfia,

Digitized by Google

» Por ser menos capaz su puerto, y llano,
» Para grandes Navios, la que habita
» Esterilles confines Gente aflita.

» Fué Corintho en sus tiempos noble, y rica
» Soberbio Emporio de la insigne Achaia,
» Que en los nuestros Morea se publica,
» En la del Isthmo señalada plaia.
» Al concurso de Italia hum puerto applica
» Otro al d'Asia mostrando-se Atalaia
» Adonde el Arcipielago pelea,
» Y al Mar Ionio su estacion guerrea.

» Roma, Theatro en el antigo Lacio
» Llamada fué del Mundo triumphadora,
» Terminada del Tybre poco espacio,
» Fuente de gracias al que Christo adora:
» Constantinopla en el terreno Thracio
» Aun que opulenta la memoria llora
» De sus perdidas glorias, en tyrano
» Yugo sugeta al Barbaro Othomano.

» Es la hermosa Peninsula cercada
» Del Propontide, y del al mar Euxino
» Se communica una espaciosa entrada
» En favor del Commercio peregrino
» Entre Sesto, y entre Abido infortunada
» Hazen al mar Egeo su camino
» Las ols bravas del infausto Estrecho
» Para martyrio de las almas hecho.

» De celebre renombre ha sido aquella,
» Asolada por Tito, Palestina,
» Adonde el Sol se puso, que una Estrella
» Al primer arrebol mostro benina,
» Por el sumptuoso Templo rica, e bella
» Con thesouros immensos opulenta,
» Que de la Tierra Ophir el sabio augmenta.

» Pero destas Ciudades en nobleza
» De sitio, y de commercio tan notable,

Digitized by Google

» Abbreviada fué siempre la grandeza,
» Y sus conquistas menos admirables
» Por partes varias lemitada empresa,
» Dilataron sus fines memorables
» Es a Lisboa todo el Orbe objeto
» Debido a su valor, si no sugeto.

» Esta yace a la parte mas profunda
» Adonde el Sol inclina el cano ardiente
» Para volver con frente mas jocunda
» A despertar la descançada Gente,
» El Oceano mar en frente inunda,
» Y rompiendo la tierra haze patente,
» Un seno largo que hazia el Norte clade,
» Y medio dia lleva el curso ayrado.

» El Tajo por en medio aqui deriva
» Sus agoas claras en menuda arena,
» Y cerca la corriente fugitiva
» En la cerulea a su pesar enfrena;
» Della para la parte adonde viva
» Aun la memoria esta del goso, y pena,
» Del Rey primero, a quien han señalado
» Las negras Aves el thesoro hallado.

» Larga navegacion al Mar d'Atlante,
» Exercita el famoso Lusitano,
» Y el Estrecho enbocando de Levante
» Descursa todo el Mar Mediterrano,
» No sen admiracion, que el Mundo espante,
» Rompe los mares frigidos ufano,
» Las Regiones descubre de Alemaña,
» Las de Francia, de Flandres, y Bretaña.»

Tudo isto é na verdade muito poetico, mas está sujeito á censura que acima se fez ácerca dos Signos do Zodiaco, visto que se dá a mesma inverosimilhança.

O Canto IV. principia com esta poetica descripção da madrugada.

Digitized by Google

Ya la del Joven Lathonio pena amable,
Cynthia, agitando la ligera Biga,
Dexan el Globo de la Madre estable
A la sazon de la Solar Quadriga.
Vomita espumas de oro mas notable
Ethon, luego a su lado se fatiga
Pyrois, de las primeras ruedas tiran,
Phlegon ardiente, y Eous, y fuego espiran.

Hermosa luz que a la otra que se espera,
(Sola una sombra en medio) prometia
La vista felicissima primera
Que del Monarcha la Ciudad pedia;
Quando el Senado, que hasta entonces era
Vigilante en las Machinas que hacia,
Por su Decreto, acuerda que miradas
Al ojo por el sean, e approvadas.

A descripção destas machinas occupam este, e o quinto, e sexto Cantos do Poema, e do que o Poeta nos pinta, do que outros Authores nos referem, se vê que estes festejos foram feitos com toda a grandeza, e magnificencia Portugueza, pois dos documentos existentes no Archivo do Senado de Lisbon consta que a sua importancia fôra de uma somma enorme para aquelles tempos.

Persuado-me que os trechos que tenho citado bastam para o Leitor fazer juizo deste Poema pouco conhecido, mas em que, apesar do pouco interesse do assumpto, que todo estava no aproposito do seu apparecimento, se observam trechos que abonam o muito merecimento poetico do Author.

Não obstante todas as diligencias, feitas tanto por mim, como por alguns dos meus amigos, nunca me foi possivel deparar com um exemplar do outro Poema de Mosinho de Quevedo, que tem por objecto a Vida e Morte da Rainha Santa Isabel, o qual sahio á luz em Lisboa, em formato de 4.°, no anno de 1596, e que deu principio á grande reputação do Author.

Advirta porém, que nestas diligencias infructiferamente feitas, não me desgosta tanto o não ter podido exa-

Digitized by Google

minar aquelle Poema, como as Rymas, que juntamente com elle sahiram á luz, e pelas quaes poderia avaliar o talento lyrico do Poeta, que naturalmente seria muito distincto, e por isso a sua perda deve ser mui sensivel para os amadores da Poesia Lusitana.

CAPITULO II.

O Affonso Africano de Vasco Mosinho de Quevedo.

« Uma das arriscadas emprezas, que ha no mundo é aquella, que emprehende um Varão forte contra si mesmo, trabalhando render, e avassallar a cidade da sua alma, com que se lhe tem levantado o inimigo humano. Este se affigura em Arzilla, situada ao longo do mar nas partes de Africa, de muros altos cercada, que dam entrada, e sahida por cinco portas abertas, que sam os cinco sentidos: na mais alta parte sua se levanta uma torre com tres baluartes, que sam as potencias dessa alma, e no meio a Fortaleza da Mesquita, que é o coração humano. Esta com frota armada vai buscando das praias de Lisboa D. Affonso V., o Africano, por quem este Varão é figurado. Mete-se em meio um mar tempestuoso do appetite irrascivel, e concupiscivel, onde fórma, e tece o Inferno os obstaculos, e impedimentos que desta empreza desviam, e como entre todos sejam os dous mais poderosos os contrastes, e asperezas, que a virtude difficultam, e os deleites, que retem, e obrigam muitas vezes a se não passar ávante. E' neste mar D. Affonso arrojado de grande tempestade nas praias da forte seita por industria do Mago Eudelo, que procura desconfia-lo

Digitized by Google

do bom successo, e empreza, e juntamente seu querido, e amado Filho, o Principe D. João figurado por seu amor, ali lhe desapparece, e levado a uma Ilha de deleites, esteve quasi a ponto de perder-se, mas dando a taes gostos de mão por favor, e mercê do Ceo, vem depois a ser armado Cavalleiro, com amor qualificado, e triumphante.

» Os primeiros inimigos, que contra este Varão resistem, depois que animado com uma voz do Ceo, e confirmando suas esperanças aportou em terra, foram os damnados Espiritos figurados pelos Mouros com seu Capitão, Lucifer figurado em Tenebronte, mas como estes per si só tenham pouca força, facilmente sam vencidos, e postos em fugida, e assim sahem depois a resistir-lhe os sete Vicios mortaes, filhos desse Tenebronte, conhecidos por suas divisas; aos quaes rendem sete Cavalleiros, por insignias manifestas, que sam as sete Virtudes a estes Vicios contrarias; com este prospero successo assalta D. Affonso a cidade, na qual entra á força de armas, pelo grande valor de D. Fernando, no qual se figura a vontade, á razão subjeita, e a este se encarrega outra vez a nova empreza de Tanger, apremiando-se os mais vencedores, porque o premio da virtude é andar em guerra continua, e obrar como a razão lhe vai dictando.

» Entrada a cidade, se consagra a Mesquita, e se celebra o divino Mysterio, recebendo a Deos por seus trabalhos, o Africano, que elle é o verdadeiro premio da alma, a seu serviço rendida, que da habitação do Inferno, figurado pela Serpente, que d'ali desapparece, fica do proprio Deos um vivo Templo. »

Parece-me que não seria muito para admirar, que o homem que lê-se este aranzel alegorico á frente de um Poema Epico, pozesse o livro de parte, sem dignar-se, si quer de percorrer-lhe algumas paginas, de intimamente convencido de que mui pouca poesia poderia auinhar-se em uma cabeça povoada destas idéas alegorico-mysticas, e que tomava o trabalho de escrever um Poema Heroico só para as traduzir em verso.

Mas tambem é certo que essa pessoa, procedendo assim, se privaria de um grande prazer, porque o Affonso

Digitized by Google

Africano é de certo Obra de grande merecimento, apesar dessas malaventuradas alegorias, que lhe entravam a marcha, é a mais conhecida de todas as Obras de Vasco Mosinho de Quevedo, a mais estimada, e a que tem conservado a gloria, e nome do Author até aos nossos dias, e que mais probavelmente lhe conservará um logar distincto entre os Epicos Portuguezes, é sem duvida o seu Poema Heroico, que com o titulo de *Affonso Africano* se publicou em Lisboa, no anno 1611, em formato de 12.

O assumpto deste Poema é a Conquista de Arzila, e Tanger por El-Rei D. Affonso V., assumpto na verdade bem escolhido, e em que ha todo o grandioso, e interesse nacional, que se exige para uma Epopéia.

Que neste Poema existe um merito real, é consa de que não póde duvidar-se attenta a estimação, que delle tem feito o público, e o enthusiasmo, com que tem sido mencionado por alguns Criticos, pondo-o mas a par dos Lusiadas, e outros dando-lhe o logar immediato; em ambas estas opiniões me parece haver excesso, e falta de bom gosto, e conhecimento das verdadeiras bellezas da poesia.

Parece-me que o Affonso Africano não póde collocar-se tão alto; é um Poema friamente regular, em que a fabula se vai desinvolvendo lenta, e vagarosamente por entre uma multidão de episodios, de conversações, e narrações; em que os heroes fallam muito, e operam pouco; em que o maravilhoso é de ordinario mesquinho; em que os caracteres se acham apenas esboçados, sem que haja um unico que destaque dos outros, e nos commova e arrebate pela vehemencia das paixões, e desinvolvimento dos affectos. E' a verdadeira imagem dos antigos minuetes, em que o Galão, de chapeo chato na mão, e espadim atravessado aos quadris, e as Damas de dolmaire, e leque, hião trocando os passos em roda de seis, fazendo cortezias, e mesuras, e tocando apenas de quando em quando com os dedos minimos um no outro.

Os heroes, e as heroinas do Affonso Africano tem, é verdade, muito espirito, mas tambem é verdade que esse espirito não é delles, mas do Author, e quando o Author se colloca no logar das personagens, força é que

Digitized by Google

os seus discursos se tornem inverosimeis, e fóra da situação.

Em geral o Poeta sabe inventar situações, e lances que prometteem grande interesse, mas faltam-lhe as forças para tirar partido das suas invenções. A Princeza Zara, por exemplo, entrando em scena apresenta-se no ponto de vista mais brilhante; mas dirá alguem que este episodio tão bem principiado, que excita tamanha curiosidade, corresponde á espectação dos Leitores? Que influencia tem elle no adiantamento, ou atrazamento da acção? A sua paixão pelo Principe D. João, que podia trazer comsigo tantos lances dramaticos, que nos offerece em resultado? Alguns soliloquios no gosto de Gongora, e nada mais. Finalmente Zara poderia ser uma Herminia, ou uma Armida, e não é mais que uma porção de gaz que se inflamma pelo atrito da athmosphera, resplandece um momento, e perde-se na escuridão nocturna.

O que digo de Zara póde igualmente dizer-se de Eudolo; este magico na sua gruta, cercado de um armazem de bruxarias, ameaça os Christãos, blasona de seu grande poder, e sciencia, parte furibundo para a cidade, reprehende asperamente o Rei pela sua frouxidão, e desculdo, exige o sacrificio da Princeza, mas nem o sacrificio tem logar, por que a victima foge, sem que o Rei falle mais nisso: o Rei, que, digamo-lo de passagem, é o perfeito prototypo da nullidade; e o Mago nada mais faz, salvo no fim, como um novo Balaam abençoar os inimigos, em logar de amaldiçoa-los.

Parece-me que a causa principal dos defeitos da fabula de Affonso Africano, e o que lhe diminue sobre maneira o interesse é a mania que deu ao Author de architectar-la sobre uma alegoria, que de antemão ideara. Daqui nasce, que todos os acontecimentos estão previstos pela lei, e dahi vem por consequencia necessaria a frialdade, e a falta da alternativa do temor, e da esperança. Ha na cidade sete Cavalleiros, que sam filhos do Governador, e representam os sete peccados mortaes, caracterisados pelos emblemas dos seus escudos, e no campo Christão outros sete Guerreiros, do mesmo modo caracterisados, e que representam as sete virtudes, contrarias delles: já se vê que em vindo ás mãos a uma batalha a

Digitized by Google

Humildade não póde deixar de matar a Soberba, a Liberalidade a Avareza, &c. e como se isto não bastasse, o Poeta lhe accrescenta uma tinctura de ridiculo nos golpes, fazendo, por exemplo, morrer a Luxuria por uma estocada nos genitos, e que a Temperança mate a Gula metendo-lhe a espada pela bocca.

Igualmente quando o Poeta apresentando em scena Zara fugitiva, acompanhada dos eunucos Chaot, e Luzel, com circumstancias que fazem perfeitamente conhecer que Zara é o emblema da alma peregrinando pelo mundo, e os dous guardas o Anjo mau, e o Anjo bom, já se vê, que um nada conduzi-la á perdição por uma estrada coberta de flores, e o outro á salvação por um caminho estreito e fragoso, como na verdade acontece. Tenho para mim, que nada é mais frio, e de peior custo do que estas idéas alegoricas em um Poema Epico.

Bem sei que não faltará quem diga, que muitos preceitistas põem a alegoria entre os requisitos necessarios de um Poema Epico, e que o mesmo Tasso se sujeitara a esta regra. Não o ignoro, e que o Padre Le Bossu estabeleceu, na sua Poetica, que se devia organisar primeiro a alegoria, e depois procurar na Historia um assumpto que possa quadrar com ella; mas tambem sei que Voltaire, cujo gosto, e authoridade em poesia é muito superior á do Padre Le Bossu, zombou delle, e da sua regra, e quanto a mim com toda a razão. Estou bem certo de que nem Homero, nem Virgilio, nem nenhum outro Epico Grego, ou Romano procedeu assim na composição das suas Epopeas; os antigos eram demasiado sensatos para darem nestas idéas chymericas, e absurdas dos modernos.

E certo que Torquato Tasso nos deu uma longa explicação da alegoria do seu Poema, mas tambem é certo que elle se não lembrou de tal quando compoz o seu Godofredo. Acussado pelas accusações malevolas, e criminarias que os seus invejosos lhe dirigiram, depois da primeira edição do Poema, sahio com a dita alegoria para dar explicação plausivel dos logares censurados, sem entrar com elles a esse respeito em polemica regular; foi pois um estratagema innocente a que o Poeta se soccorreo, mas estou certo de que não haverá nenhum bom

Digitized by Google

entendeder, que lendo o Gofredo não reconheça que elle foi architectado, e escripto sem referencia a idéas allegoricas anteriormente combinadas, a que tivesse de ligar as suas invenções, e composições; porém na marcha, e disposição do Affonso Africano observa-se perfeitamente o contrario.

Os episodios deste Poema nem sempre se derivam da acção, nem tem referencia a ella conforme prescrevem as regras. Tal é a historia de Cendasenda, Hermenerico, e Ataces, contada elegantemente no Canto III., sem mais motivo do que referindo o Conde de Penella as differentes naturalidades dos soldados, que entram na expedição de D. Affonso V., e dizendo, que Coimbra tem por armas uma Donzella, um Leão, e uma Serpente, accrescenta

E porque se apparelha alegre historia
Do Leão, da Donzella, e da Serpente,
Pertendo fazer della aqui memoria,
Que a conjunção disposta mo consente.

Já se vê que o narrador se pega, como vulgarmente se diz, a uma palavra, e aquelle episodio não passa de um simples luxo de poesia, que só tem desculpa no merito do colorido, e no desejo de recordar uma legenda nacional.

No mesmo vicio pecca a historia da invenção do Corpo de S. Vicente, e sua trasladação para a Sé de Lisboa, de que é declarado Padroeiro, o que é trazido no mesmo Canto pela simples menção que se faz da Armada ir velejando á vista do Cabo de S. Vicente.

Porém estes, e outros ainda podem desculpar-se a titulo de digressões, que recordam as antigualhas nacionaes, e que, se não ajudam a fabula, ao menos não prejudicam o seu interesse, e andamento; mas acontecerá o mesmo com o episodio da funesta Jornada de Africa, e perda d'El-Rei D. Sebastião, objecto inteiramente estranho á acção do Poema, que occupa todo o Canto XI., ficando no entanto paralysada a acção; e o que é peior ainda aquella terrivel catastrophe apodera-se de tal modo do espirito do Leitor, que traz comsigo o esquecimento de todas as glorias provenientes da Conquista de Ar-

Digitized by Google

zila, e Ceuta, e das outras grandes acções Portuguezas, memoradas no Poema, que necessariamente devem esquecer á vista de tamanha desventura.

No principio do Canto I. dirige-se o Eterno ao Thaumaturgo Portuguez, nos seguintes termos.

« Suave cheiro, e grato sacrificio
» Recebi do teu reino, e patria agora,
» Não de tostada rez antigo officio,
» Mas de almas, onde amor, e zelo mora,
» Lagrimas, e suspiros, duro indicio
» De hum coração contrito, quanto odoro
» Bem fundada tenção, e pio rogo,
» Ardem por sacrificio em Santo fogo.

» Eu to asseguro, Antonio, que este seja
» O Povo meu, e que eu seu Deos me chame,
» Em quanto neste puro estado o vejo,
» Que por mim se honra, e que por mim se affame;
» A empreza que acabar tanto desejo
» Porá no fim, por mais que o inferno brame,
» Que eu porei nelle os olhos! » Nisto orvalha
De nova graça o Reino, que agasalha.

Que agasalha é uma terrivel cacophonia, de que compre fugir com cuidado. Não insistindo porém nesse descuido, de que ha muitos exemplos nos nossos Classicos, quem, lendo estes versos, não pensará que Santo Antonio não vai representar para com o Heroe do Poema o mesmo que Mynerva representa com Ulisses na Olyssea, Venus com Eneas na Eneida, e S. Luiz com Henrique de Bourbon na Henriada? Quem mais proprio para ser o auxiliador daquella expedição que um Santo natural de Lisboa, a quem o reino vota devoção tão fervente, e considera como seu Patrono? Mas, em logar disto, vê o Leitor que o milagroso Antonio não torna si quer a ser mencionado em todo o decurso da Obra. Tudo se reduz a ouvir as duas Estanças, que Deos lhe dirige, como se não tivesse com quem fallar, ou necessitasse de confidente. Para tão pouco não valia a pena de incommodar tal notabelidade Empyrea.

Digitized by Google

No mesmo Canto encontram-se as seguintes Estancas, cujo sentido me parece implicar com a verosimilhança poetica, e, o que é mais, ir de encontro aos bons principios theologicos, si não me engano muito.

Nesse pois mais profundo, e mais sombrio
Logar de penas, e de graves mortes,
Lá n'hum recanto de horrido desvio,
A hum poste atado, com cadêas fortes,
Agora ardendo em fogo, ora de frio
Tremendo, o falso Hamet igual nas sortes
De pena, e de logar áquelle ingrato,
Que o alto penhor do Ceo deu tão barato.

Em primeiro logar não achei ainda exemplo, nem entre os nossos, nem entre os Escriptores estrangeiros de que o Profeta dos Musulmanos se designasse pelo nome de *Hamet*, todos lhe chamam *Mahomet, Macomete, Mafamud, ou Mafoma*, o que tudo sam variações de pronuncia do primeiro nome. Em segundo logar não me parece que Lucifer desse tão barato, como diz o Poeta, a sua parte de Bemaventurança eterna: o fim da rebellião de Lucifer, segundo as idéas que della nos dam as Sagradas Letras, foi nada menos que tornar-se igual a Deos; *et similis ero Altissimo!* Prosigamos.

Bramando como Fera indomita, e brava,
Naquelle odio de Deos sempre obstinado,
Do Christão zêlo blasphemando estava,
Que inda ali o inquieta este cuidado:
E sabendo que Affonso caminhava
Contra Africa, gemeu do peito irado,
E com licença do Monarcha horrendo
Diante se apresenta assim dizendo:

« Supremo Rei deste Infernal Imperio,
» Senhor de Sombras, e de vãos Espritos,
» Que os Monarchas aqui de outro Hemispherio
» Ferrolhas em prisões de eternos gritos:
» Como soffres agora hum vituperio,
» Que ficará por annos infinitos,

Digitized by Google

» Para desbarra tua, na memoria
» Dos que abater procuram tua gloria?

» Obrigação te cabe de amparares,
» Sob teu favor essa Africana parte,
» Pois seus habitadores singulares
» Trabalham, no que podem, contentar-te:
» Não vês como recebes a milhares
» Tributo de almas, que ella te reparte?
» E com ser inda de teu sceptro isempta
» Lá te celebra, e teu poder augmenta?

« Cedo coberto o mar de armada grossa
» Verás em seu destroço conjurada,
» Só para vêr si destruir-te possa,
» Toda jurisdicção, que tens ganhada;
» Não he a injuria da Africa, mas nossa,
» Pois ella á nossa conta está tomada,
» Que si o imigo Christão quer offendê-la
» He por lançar teu nome fóra della.

« Dilatar pelo Mundo a fé pertende
» Que nas almas deixou aquelle escripta,
» A cujo aceno só, tudo se rende;
» Contra quem tudo em vão se arma, e milita,
» Aquelle, que do Ceo teu fogo accende,
» E deste obysmo as penas exercita,
» E sem guardar decoro a tal nobreza,
» Te abateu deste modo a Natureza.

« Poderas estar hoje no Celeste
» Aposento, gozando eterna gloria,
» A' vista de mil bens, que conheceste;
» Mas para que te avivo esta Memoria?
» Que he magoa renovarte o que perdeste,
» Sendo a perda tão grande, e tão notoria,
» Inda que será parte esta lembrança,
» Que te mova a tomar delle vingança.

« E pois he poderoso; e tudo trume
» De seu braço, dos seus, dos seus te vinga;

» Isto te lembro, (aqui suspira, e geme)
» Para que minha Seita não se extinga;
» Que o grão, que semeei, de quem se teme,
» Como de má zizania, cresce, e vinga;
» Accude, que este imigo triumphante,
» He praga em sementeira semilhante! »

Sem querer negar o louvor devido a este trecho por parte do estylo, expressão, e metro, não posso dissimular que as idéas me parecem absurdas, antiphilosophicas, e antitheologicas. Precisa acaso o Principe das trévas de quem o aconselhe, e instigue para o mal? Não é elle o Pai, e instigador do mal, e do peccado? Como é pois que Mafoma vem aqui lembrar-lhe a necessidade de destruir os Portuguezes, frustrando a sua expedição contra Arzila? Não é isto fazer o Propheta Arabo mais Diabo do que o Rei de todos os Diabos? E' verosimil que um infeliz condenado ás penas eternas, por haver introduzido no mundo uma religião falsa, entre os tormentos se embaraasse com a prosperidade, ou decadencia dessa religião? Que interesse podia elle ter nisso depois de morto, e no Inferno? Mahomét, a quem não póde sem injustiça negar-se um genio extraordinario, era um ambicioso, e os ambiciosos não reparam nos meios, quando se tracta de adquirir poder, ou riquezas: julgou e não se enganou, que o caminho mais facil para adquirir o poder supremo era fanatisar os Arabes, fundando uma religião nova, e eis aqui porque se fez Propheta, e Enviado do Altissimo para reformar o genero humano: porém mesmo concedendo que elle depois de morto podesse importar-se com o que se passava na terra, poderá attribuir-se-lhe o desejo de que os Africanos se condenem para se manter o poder do Diabo, conservando-se a sua seita, como se elle a houvesse fundado para proveito delle, e não seu. O Poeta faz dizer ao Author do Alcorão

Obrigação te cabe de amparares,
Sob teu favor, essa Africana parte,
Pois seus habitadores singulares
Trabalham, no que podem, contentar-te:

Digitized by Google

Não é isto dizer, que os Mosulmanos adoram o Diabo, e que se esmeram por lhe agradar, e obedecer-lhe? Como é possivel que um homem instruido escreva semilhante absurdo? Pois o Islamismo considera o Diabo como Deos? Sam estas as idéas consignadas no Alcorão? Não prescreve elle o culto a um Deos unico, creador, que pune, e recompensa? A immortalidade da alma, não promette aos bons o Paraiso, e o Inferno aos maus? Como pois se attribue aqui o culto do Diabo aos cultores do Mahometismo? Tem, é verdade, a desventura de professar uma religião falsa, que os conduz á perdição eterna, mas é absurdo suppôr, e affirmar que adoram o Espirito das Trevas. A expressão do Psalmista *Omnes Dii gentium Demonia*, não quer dizer senão que os Deoses dos Pagãos, entes perfeitamente ideaes, e alegoricos, (o que não sam os Demonios) que verdadeiramente existem, pelos vicios, e crimes, que se lhes attribuiam, lhe serviam de exemplo, e incentivo para commette-los, vindo assim a ser o mesmo dar-lhe culto, que dar culto aos Demonios, mas não se segue por isso que os Pagãos, que adoravam esses Deoses, os tivessem na conta de Demonios.

Quanto ao estylo deste Poema concordo com os seus admiradores, em que é puro, elegante, nobre, e elevado; mas observo igualmente que é pouco flexivel, cançado, e monotono, é semilhante ao brazido de um grande edificio incendiado, que apresenta um vasto, e brilhante tanque de lume, que produz grande calor, mas não levanta uma só labareda. O Poeta narrando, os seus heroes discursando, não mostram differença alguma no modo de exprimir os sentimentos, e idéas, parece que contemplamos um quadro desenhado sem claro-escuro, e em que as figuras, e os objectos estam sómente marcados pelas linhas, que assignalam os contornos.

Ao defeito da monotonia, que já não é pequeno, se ajuntam mais dous, e mais sensiveis, que sam a affectação, e a pedantaria.

A affectação lhe é commum com todos os Poetas da Eschola Castelhana, que havia abraçado, e pede a justiça que se confesse, que elle é assim mesmo dos poucos, que, por seu bom senso, soberam perservar-se dos exces-

Digitized by Google

sos, e descanchavos, em que cahio a Plebe Literaria do seu tempo; mas nem por isso deixa de os fazer sentir frequentemente em muitos logares delle: por exemplo, no Canto I., fallando o Inferno.

Aqui compete com a Morte a Vida,
Si o nome he vida, ou morte não se sabe;
Si he vida o nome como está perdida?
Si he morte, quem lhe tolhe que se acabe?
Mas sei que vida morte se appellida,
E morte viva he nome que lhe cabe:
Que sam da vida os horridos effeitos,
E sam da morte os infernaes sujeitos.

Dirá alguem, que saiba o que he poesia, que estes conceitinhos, estes contrapostas, e jogos de palavras frizam bem em assumpto tão terrivel? Será verosimil que a Condessa de Monsanto vendo partir a nau, em que vai seu Esposo, se dirija á embarcação com expressões tão engenhosas, e tão estudadas como estas?

Agora (diz) ingrata Nau, agora
De ti procurarei larga vingança,
A parte me levavas onde mora
O todo de minha alma, e da esperança:
Hum bem de tantos annos n'hum só hora
Assim me levas co'essa confiança?
Não temes? que te abraze nada curas?
Mas si! co'bem que levás te asseguras.

Si estar parada soffres gravemente,
Si das outras o lêdo curso invejas,
Esse penhor me solta livremente,
Livre te deixarei como desejas:
Quando não te farei com força urgente
Que na costa quebrada, e aberta sejas,
Mas ai, que heide salvar-te do perigo,
Pois periga meu bem tambem contigo.

Ai! e não sejas a meu rogo surda,
Porque sabes que si algum damno traço

Digitized by Google

Não vou tão salva, que tambem não se urda,
Contra esse bem por cuja causa o faço;
Mas doate meu mal, e não descurda
Teu lenho minha voz, que si ameaço
Naufragios teus, sam lances de hum amante
Peito, que para nada está constante.

Não apparece menos cultura, e menos estudo na Carta que a Esposa do Conde de Marialva lhe dirige no momento da partida; vejam-se estas duas Estanças.

Tão apressado estais para deixar-me,
Que antecipais o tempo á minha gloria?
Por um pouco podereis enganar-me,
Não temais que sem vós se haja a victoria;
Quereis huma ganhar? podeis ganhar-me
Primeiro, não queiraes que esta memoria
Que vos fiz do meu mal, me fique em pena,
Que me condena a mim, e a vós condena.

A mim, porque tão pouco acabar pude,
A vós, porque tão pouco por mim destes,
E si não ha piedade, que vos mude,
E tendo a vontade ao partir prestes,
Permitti que de hum só gosto me ajude,
Direi que este só gosto me fizestes;
Mas ai, que temo meu desterro, e sorte,
Sois D. João, Coutinho, Conde, e forte.

Não digo que estas idéas não sejam nobres, engenhosas, e até sublimes, mas acho aqui certa pertenciosidade, certa argucia, e argumentação rhethorica, que se aninha melhor com a declamação forense, que com a dôr de coração mulheril, apaixonado, e saudoso.

A pedantaria nasce da mania que o Author tem de alardear a sua erudição, na verdade mui variada, mas que um Poeta Epico deve ter o cuidado de fundir rapidamente na poesia, como praticaram Homero, Virgilio, Torquato Tasso, Ariosto, e Luiz de Camões, que de certo não eram inferiores em conhecimentos a Vasco Mosinho de Quevedo, mas que deixavam aos Authores

Digitized by Google

de Poemas Didaticos, e Didascalicos a quem isso cabia, o demorar-se com as materias scientificas, que fazem o objecto do seu trabalho.

Quevedo porém está tão longe de observar esta regra judiciosa, que de proposito procura occasiões, e ás vezes bem mal fundamentadas, para se entregar a longas digressões sobre taes objectos, com prejuizo da rapidez da narração Epica, e até da marcha da acção: por exemplo, mostra elle a Armada Portugueza singrando, em uma noite serena, e alumiada do luar; ei-lo ahi mencionando as constelações, que se divisam pelo Ceo.

Porém nunca do Norte o sôpro leve
Assim desfez as nuvens deste clima,
Nunca o Ceo mais sereno, e puro esteve
Debuxando no mar raios de cima,
Que Estrella antigamente nome teve,
Que se não visse? O resplendor anima
Das preciosas pedras a Corôa
Da que foi a Theseo piedosa, e boa.

Vê-se o Cavallo Pegaso, e o caminho
Lacteo por seu candor já manifesto:
Vê-se a que Perseo livra do Marinho
Monstro, trocando em gloria o fim funesto.
Vê-se Perseo tambem ali visinho,
Vê-se Orionte ao Navegante infesto,
Vê-se dos Argonautas a primeira
Nau, que rompeo a cerula carreira.

Vê-se Hercules, o collo o Cisne aclara,
Vê-se Aguia, vê-se a Lebre, e o Serpentario,
Vê-se Cassiopea, e a celeste Ara,
No signo scintillar do Sagitario,
Vê-se o marinho Ceto, e o curso pára
O ligeiro Delphim no signo Aquario,
Mostra-se a Hydra, que com boccas sete
Sete matar no lago em vão promette.

Vê-se a grande Ursa, amada antigamente
De Jupiter, em nome de Callisto,

Digitized by Google

Com a menor involta na Serpente,
E de outra parte o Filho he tambem visto,
Que hindo para mata-la incautamente
Jupiter com paixão, e magoa disto
O fez do Plaustro immoto carreteiro,
O Cão na Libra, Cepheo no Carneiro.

Estas Estanças sam excellentes pelas idéas, e pelo estylo, e teriam todo o logar em um Poema Didascalico; mas em um Poema Epico não podem deixar de considerar-se como deslocadas, e pertencentes áquelles ornatos demasiados, que Horacio classifica como *ambitiosa ornamenta*.

No segundo Canto transporta-nos o Poeta a um monte pouco distante de Arsila, onde em uma gruta vive retirado Eudolo, famoso Magico, e diz a respeito delle

Este observa as Estrellas radiantes
No mais alto silencio, e mais profundo,
Notando os movimentos das errantes,
E das fixas o scintillar jocundo,
Dos Signos, dos Planetas tão distantes,
Que tanto podem no pequeno Mundo,
Virtudes, e secretas qualidades,
Que inclinar podem, não forçar vontades.

Este das pedras candidas, e bellas
A propriedade, e natureza alcança,
E disvelado em conjunção de Estrellas,
A cujos nascimentos conta lança;
Figuras espantosas abre nellas,
Com que as sombras do Lago Averno amansa,
Qual em Berillo, qual em Calcedonio,
Qual em Saphyro está, qual em Sardonio.

Para um Poema Epico era isto bastante; mas o Poeta no puerido pedantesco de affectar erudição, e de mostrar mais conhecimento de pedras preciosas do que um lapidario, consome longas Estanças em enumera-las, e as suas propriedades, dando-nos assim um catalogo tão

Digitized by Google

fastidioso como inutil desta *materia medica* da Bruxaria. Ouçamo-lo:

Qual se mostra em purissimo adamante,
Por arte aberto, e não por Natureza,
Que este resiste ao golpe mais possante,
E só comsigo lavra esta dureza:
O mais presado delle, e mais prestante,
O Indico he, que de menos grandeza
O ferro a pedra de cevar desvia,
E o Nautico instrumento ao Norte guia.

Qual em verde esmeralda transparente
Que produz mais presada a Scythia fria,
Estas virgineas quebras não consente,
E mostra a dôr na quebra da valia.
Mui celebrada foi por excellente,
E grande aquella na qual Nero via
Os Theatros melhor representados
Do que si fossem delle proprio olhados.

Qual na formosa Acate, que se arrêa
De varias côres em Scicilia achada,
Do celebrado Alpheo na branca arêa
Depois na India, no Egypto, em Persia amada:
Nesta co'as linhas de huma, e de outra vêa
Ora se vê huma Arvore estampada,
Ora outras flores, ora huma corôa,
Qual na de Pyrrho a fama nos pregôa.

Qual vive no Carbunculo incendido,
Qual Troglodito d'Africa achà, e goza,
Cujo fulgor não he de outro offendido,
Mas c'o seu toda Pedra está formosa.
No macho, como mais ennobrecido,
Scyntilla alguma Estrella luminosa,
Alguns querem dizer que o verdadeiro
Na frente do Animal se achou primeiro.

Qual em Topazio, que a côr verde inclina,
A cerulea do mar splendente, e nobre,

Digitized by Google

Que primeiro por Gente peregrina
Em Chyte, Ilha da Arabia se descobre,
Ou n'outra, que c'o mar rôxo confina
Longe achada da praia, o nobre cobre,
Lançado n'agua quando mais ardente,
Tepida, e fria a torna em continente.

Qual figura se vê na Dragonita
Lucida, negra, achada no Occidente,
Do Dragão, que a produz na fronte dita,
Que com cautella alcança aquella Gente
Herva de confeição, que o somno incita,
Lhe põem na Cova, estando a Fera ausente,
E como entrando nella se adormeça,
Segura deixa aos golpes a cabeça.

Qual na pedra Christal, de extrema alvura,
Dos Alpes d'Ethyopia acreditada,
A que muitos chamaram neve pura,
Ali por largos annos congellada;
Mas outros a disseram pedra dura
Com muita parte aquosa conformada,
Por na parte se vêr do meio dia
Onde jámais cahira neve fria.

Qual na verde Elytropo, ou Elytropia
A formosa Esmeralda parecida,
Vista em Africa, em Cypro, em Ethiopia,
De sanguinosas gottas esparzida,
Esta, untada c'o succo da Herva propria,
Do seu nome, do Sol n'agua ferida,
Vermelha torna, elle de côr sanguina,
Como que eclypsa a face alabastrina.

Nestas, e n'outras pedras transparentes
Mostrava Eudolo sua Sciencia, e Arte,
E segundo os effeitos differentes,
Assi dellas se ajuda, assi as reparte:
E vendo pelos varios accidentes
Do tempo, e rostos de Saturno, e Marte

E pelas tradições de Atlante herdadas,
E figuras que ali deixou pintadas,

Que algum grave infortunio se apparelha
A' Mauritania por occulto caso,
Aproveitar-se quer da usança velha;
(Para vêr se vem perto, ou tarda o prazo.)
Das sombras tristes com que se aconselha,
E por isso tirou de hum éneo vaso
Hum lucido Diadoco, onde tinha
Figura aberta, que a tenção convinha.

Quando um Poeta quer tractar destes, e outros objectos com tanta particularidade, e extenção da obra a compôr um Poema Didascalico, ou Destrictivo, e não uma Epopea, ém que é necessario que as materias scientificas sejam todas de leve, passando o Poeta por ellas com certo despreso magnanimo, para me servir da expressão de Bulgarini a respeito de Dante.

Alguns Criticos tem censurado asperamente Luiz de Camões, por haver misturado no seu Poema o meravilhoso Christão com o Mythologico; parece-me que não é a Camões, mas sim a Quevedo, que esta censura póde com justiça applicar-se, nem Deos, nem Anjos, nem Santos, nem Demonios apparecem nos Lusiadas representando papel algum nas machinas, todos os agentes sobrenaturaes sam tomados dos Mythos, Gregos ou Romanos. Tudo se rédua a que os Portuguezes fallam nas circumstancias importantes conforme as idéas da Religião, que professam, e isto não é o que se chama misturar o meravilhoso Christão, com o Pagão: essa mistura, (*sacrilega* lhe chamam alguns, com bem pouca razão, me parece) não se depára nos Lusiadas, mas sim no *Affonso Africano*, que se observam fallando, e operando como agentes sobrenaturaes da acção, Deos, e Santo Antonio; Lucifer, e Megera, os Anjos, os Demonios, e Mafoma, e a par disto Protheo, Nereu, os Tritões, as Nereidas, Glauco, as duas Thetys, e algumas outras figuras mythologicas; e sem embargo disto, ainda nenhum Critico censurou este descuido de Mosinho, latindo ao tanto contra Luiz de Camões, que nesta parte, ou não peccou, ou só venialmente pecara.

Digitized by Google

A metrificação é uma das partes que tem sido mais louvada nesta Epopeia, e com bastante razão, porque é em geral harmoniosa, e forte; mas essa versificação é ainda mais monotona do que o estylo. E' na verdade difficil encontrar aqui verso falto de número, de sonoridade, duro, ou prosaico; mas tambem todos esses versos cinzelados da mesma maneira parecem peças fundidas no mesmo molde, e por consequencia perfeitamente irmãos. Não ha um só que se destaque dos outros, e venha ferir o ouvido do Leitor com uma vibração differente da dos outros, que se apresse, retarde, arroje, ou vôe conforme a idéa que tem a exprimir, todos elles marcham no mesmo compasso, com pausas iguaes, como o rechinar de uma nora, ou cadencia dos malhos sobre a bigorna.

Quando lêio uma sequencia de Oitavas de Vasco Mosinho de Quevedo, parece-me estar vendo um regimento de infanteria, que marcha por sessões a passo grave, com intervallos iguaes, e sem que um ouse romper a linha de peripheria.

Ha porém um dote em que Vasco Mosinho de Quevedo não tem igual entre os nossos Epicos, que é a facilidade de rymar; nada mais raro nos seus escriptos do que um vocabulo, que sirva só para armar ao consoante, do que uma ryma que illiminada não prejudique o sentido: poderiamos citar muitos exemplos desta perfeição rythmica, mas bastará notar esta Oitava do Canto II.

Pelas escuras nuvens já rompendo
A bella Aurora vinha, dando á Terra
A desejada luz, e desfazendo
O carregado horror, que a Noite encerra:
Hiam-se as cousas pouco a pouco vendo,
O mar menos medonho, o valle, e a serra
Depois de quatro Auroras, quando entrada
Rompia pelo Estreito a Frota armada.

E est'outra do Canto IV,

Abre-se de improviso ali na Terra
Huma alta fenda, e vai sahindo tanto,
Que acaba lá para onde se desterra

Digitized by Google

A Gente condenada a Eterno pranto,
Descobre-se-lhe tudo quanto encerra
Este abysmo de magoas, e de espanto;
Elle parando, com a vista intensa,
Bebe furor, vingança, e odio, e offensa.

E quasi todo o Poema está rymado com esta facilidade, e limpeza, sem cunhas, nem expressões violentas, e phrases viciosas, que debilitam a pintura, e destroem a força da expressão.

Vasco Mosinho de Quevedo aproveita-se frequentemente das idéas dos outros, mas ajuntando-lhe circumstancias, e adornos de sua propria lavra, que o salvam da culpa de plagiario, ou servil imitador. Nem se julgue que elle se cobarda de confrontar-se com os maiores Poetas, pois não receia medir-se com Virgilio, e Camões nas suas invenções mais sublimes. Taes como o episodio de Niso, e Euriolo, Adamastor, e a Ilha dos Amores.

Na minha humilde opinião, parece-me que de nenhuma destas competencias se sahio elle melhor do que do de Adamastor, posto que ficasse muito inferior ao original pela formosura do estylo.

A Armada Lusitana, ao penetrar pelo Estreito de Gibraltar, é combatida por um bravo temporal, que dura trez dias, e findos elles vêem os navegantes levantar-se diante de si uma figura gigantesca, que firmando um pé no Calpe, e outro em Abyla, se prepara, ameaçando-os, para lhe disputar a passagem. Este phantasma, é o Gigante Asotheo, Filho da Terra, que reinára antigamente naquellas regiões, e sendo morto por Hercules fôra sepultado em Tanger. O Mago Eudolo á força de conjuros o fizera levantar do sepulchro, revestindo seu esqueleto de uma figura phantastica para atterrar os Portuguezes, e faze-los desistir da sua empreza. Esta idéa é sublime, e bem aproveitada a tradição local do gigante; pôsto que seja mui de crêr, que Quevedo não conceberia este quadro, se não tivesse visto o episodio de Adamastor: vejamos agora a execução.

« Alciones ao Sol, que quente veio,
» Vi nesta tarde as pennas estendendo,

Digitized by Google

» Notei d'Esaco as Aves, que do meio
» Do mar foram clamor á praia erguendo;
» A Fulicas em secco, c'um rodeio
» Lêdo na branca arêa andar fermendo,
» Deixa o Paul, e a humida Alagôa
» A Garça, e sobre as nuvens grita e vôa.»

Esta Estança é imitada de alguns versos de Virgilio, nas suas Georgicas.

« Notei o discorrer de errante Estrella
» Deixando atraz caminhos inflammados,
» Na escura noite, e a luminaria della
» Mostrar ao Mundo os cornos offuscados:
» E notei ao nascer a Aurora bella
» Os cabellos de negro maculados,
» E o Sol envolto em nuvem.» Isto dizia,
E toda a Armada já se apercebia.

« Quando sentem no abysmo mais profundo
» Ferver em rolos altos as arêas,
» E logo com bramido furibundo,
» Roncar as ondas horridas, e fêas,
» Estremecer continuamente o Mundo
» Por causas da ordem natural alhêas,
» Suspende a todos hum temor incerto,
» Que perigo rebente, e se vem perto.

» He mais medonha a sombra do perigo
» Em quanto a fórma temerosa encobre,
» Que mal pôde assentar ninguem comsigo
» Que acertado remedio nelle sôbre,
» Tam fóra já do seu assento antigo
» Sáe o mar, que se teme as Naus soçobre,
» Que de hum balanço em outro sacudidas,
» Em giros sem governo andam perdidas.

» Rompe nisto o furor dos bravos ventos,
» Para total destroço conjurados,
» E bramando com sôpros turbulentos
» Se apoderam dos ares carregados,

Digitized by Google

» Descem dali sem resistencia isemptos,
» E com furioso atrevimento ousados,
» Quebram nos fracos lenhos, guarda santa,
» Quem fugirá sem vós a furia tanta.

» Gemeram de improviso c'hum estrondo,
» Nunca já visto, as taboas abaladas,
» Como si de algum monte alto, e redondo
» Fossem por terremoto soçobradas:
» Graças aos mares, que correram, pondo
» Estrada franca ás quilhas arrojadas,
» Que inda que montes altos igualavam,
» C'o peso arrebatado se arrasavam.

» Arma-se logo hum nebuloso manto,
» Signal medonho de horridos ensaios,
» Começa a arremeçar com novo espanto
» O Ceo lanças de fogo, e de agua raios,
» Daqui nasce o mortal, duro quebranto,
» Vozes perdidas, languidos desmaios,
» Desordem, cunfusão, que tudo estranha
» A quem a perdição certa acompanha.

» Trez dias sem governo, e arte erramos
» Do indomito furor arrebatados,
» Sempre em noite, que nunca devisamos
» Outra luz que a dos ares inflammados;
» Esta passada triste, que deixamos,
» Causa de mais solicitos cuidados,
» Como foi nos perigos derradeira
» Assim foi nos temores a primeira.

» Nunca jámais nas Syrtes arenosas
» Para Africa do Egypto passo Estreito,
» Ondas se encapellaram tão furiosas
» Transtornando o mais forte, e ousado peito,
» Nunca em Scilla, e Carybdes perigosas,
» Tempo se armou tão bravo, e tão desfeito,
» Quando sorbem mais aguas, e as vomitam,
» E a Tauromenitania praia excitam.

Digitized by Google

» Nunca o mal affamado Promontorio
» De Málaga, que sempre ronca, e brada,
» Nunca o Caphareo monte tão notorio
» C'o naufragio cruel da Grega armada,
» Em pena justa do abrazado Emporio,
» Morte de Palamedes tão chorada,
» Tempestades se lê que levantassem
« Que co'esta, que passamos, se igualassem.

Não entra em dúvida que a descripção desta tempestade é vivamente colorida, e sem embargo de alguns dos seus rasgos de erudição, mal cabida neste logar, faz honra ao talento do Poeta; compare-a porém o Leitor com a que se lê nos Lusiadas de Luiz de Camões, e verá que enorme differença as separa, e quanto maior effeito produzem a rapidez, e toques largos e energicos do Poeta do Téjo, que as miudezas, e particularisações diffusamente estudadas do Poeta do Sado! A razão é, que Luiz de Camões, soldado, e navegador pintou um phenomeno natural, que muitas vezes havia observado abordo de um baixel, no meio dos desertos do Oceano, e esperando a cada instante ser victima delle; e Vasco Mousinho escrevia no seu escriptorio, descrevendo o que nunca tinha presenciado, addicionando o que havia sabido dos outros, com os rasgos da sua imaginação! E quem duvida que nós conhecemos melhor um objecto quando o contemplamos com a vista, do que pelo que delle nos contam?

« Mas não foi este o mais estranho medo,
» Que outro maior o sangue nos congela,
» Rebentar por davante alto rochedo
» Vimos ao longe, e já não val cautella;
» Mais perto pareceo maior segredo,
» Movendo-se qual sombra, ou fórma della,
» Huma machina em fim de horror notamos
» A quem membros mortaes affiguramos.

» Vulto hera tão disforme, que segundo
» Mostrou depois a Estrella que scintilla,
» Tocando co'a cabeça o Ceo rotundo

Digitized by Google

» Em Calpe tinha hum pé, outro em Abyla:
» Tal quando contra a machina do Mundo
» Orion se conjura, e destrui-la
» Intenta, he visto sempre que offereça
» Os pés ao mar, ás nuvens a cabeça.

» E dando hum temeroso, e forte brado,
» Qual nunca já Stentor do peito arranca: »
— Oh! (diz) Gente atrevida, oh Povo ousado,
— Que assi cuidas achar passage franca;
— Devêras a meu nome celebrado,
— A minha catadura, e atroz carranca
— Guardar respeito, de quem treme o Mundo,
— Que abalo a Terra, altero o mar profundo.

Stentor faz aqui tristissima figura, e a sua voz, que igualava o grito de sessenta homens, está em proporção com o que era de esperar de um gigante, que, segundo affirma o Poeta, tendo os pés no mar tocava as nuvens com a cabeça; despedida de tal altura a voz de Stentor nem si quer seria ouvida dos navegantes: Nestes casos pede o bom gosto, que se não faça comparação alguma para diminuir a grandeza dos objectos, e a sua verosimilhança, *Gente atrevida, e Povo ousado,* é a mesma cousa dita por differentes palavras, e sem necessidade nenhuma. O mesmo digo de *catadura, e carranca,* advertindo que este phantasma é o primeiro, e talvez o ultimo individuo que em estylo sério chama *carranca* ao seu aspecto! Tambem seria bom que o Poeta nos explicasse porque meio Asotheo depois de morto, e sepultado podia abalar a terra, e alterar o mar nas suas profundidades. Estes, e outros reparos semilhantes seria impossivel faze-los lendo o Adamastor de Luiz de Camões, que é tão superior a Quevedo, quanto Virgilio a Lucano.

— Sou o temido Asotheo, mais arrogante
— Dos Filhos, que a fecunda Terra teve,
— Este Imperio de Libia tão possante
— Debaixo do meu jugo sempre esteve;
— Fui vencedor de tudo, e triumphante,
— Que tudo por nobreza se me deve,

Digitized by Google

— E do Mundo Senhor eterno fôra
— Si outra mão não tivera por Senhora.

— Alcides me privou do Reino, e vida,
— Domador de mil Feras espantosas,
— A sepultura tenho conhecida
— N'huma destas Cidades populosas;
— Se o desejo de gloria vos convida
— A conquistar as Terras abundosas,
— A que eu perdi, e tenho inda hoje á vista
— Me força vos encontre, e vos resista.

— Já que contra a tormenta resististes
— Em Naus tão fracas, e tão bem regidas,
— Aqui onde as columnas altas vistes
— Por honra do meu bravo Imigo erguidas,
— Aqui vereis agora casos tristes
— Com naufragios crueis de vossas vidas,
— E veremos se alguem contra mim póde,
— Ou si em tamanho aperto vos acode.

« Affonso nisto os olhos levantando
» Para onde o assento está da Eterna Essencia,
» O Supremo favor está chamando,
» Com voz turbada, e digna de clemencia: »
— Divino Sol, que estaes alumiando
— Immoto os Ceos, sem que haja nisto ausencia,
— Mostrai-me hum raio vosso aqui visinho,
— Que estas trevas desfaça, e abra caminho.

— Si tão liberal sois da luz ardente
— Dessa resplandecente face vossa,
— Para os que estam gozando eternamente
— Bens, que não cabem na memoria nossa,
— Nós, miseravel, trabalhada Gente,
— Em Mundo triste, sempre em noite grossa,
— A's cégas caminhando, mereçamos
— Que vossa luz entre este horror vejâmos.

« Oh quanta força tem piedoso rogo
» De huma alma afflicta, entre oppresões ponosa;

Digitized by Google

» A nuvem de huma parte se abrio logo,
» E o Ceo mostrou a Estrella luminosa,
» Em cuja luz, e rutilante fogo
» De Alcides a Figura milagrosa
» Se transformou, brotando hum lume vivo,
» Com que se perturbou o Monstro esquivo.

» E bramando rompeo: » — Fero inimigo,
— Inda de lá me encantas, e me offendes?
— Bastava o mal, que usaste já comigo,
— Quando me desbaratas, e me rendes;
— Mas não páras aqui, que no perigo
— Meus contrarios ajudas, e os defendes;
— Porque longe essa luz de mim não levas,
— Que não podem soffre-la minhas trevas?

» E tendo o resplendor por mais odioso,
» Que a nocturna Ave o Sol resplandecente,
» De coraje frenetico, e furioso
» Desfazendo-se foi pelo ar patente;
» Fica o caminho menos perigoso,
» E pelo Estreito entramos facilmente,
» Que inda que destruidos nos achamos,
» Para nos reformar isto estimamos.

Nos Lusiadas, em que o meravilhoso é mythologico, Vasco da Gama implora ao Padre Eterno, em uma tempestade, e acode-lhe Venus; alguns Criticos de mau humor levantaram altos clamores, e condenaram o Poeta sem piedade: no Affonso Africano, D. Affonso V., em outra tempestade, e á vista da sombra de Antheo, que ameaça destruir-lhe a armada, dirige seus rogos á Trina Essencia, e vem livra-lo d'o perigo Hercules, personagem tão mythologica e pagãa como Venus, e Antheo, e os Criticos ficaram mudos. Ora se bem examinarmos as cousas não foi Camões que andou mal, porque ainda que Vasco da Gama, como Christão, recorre ao verdadeiro Deos, o agente que tomava a si o defende-lo, não podia deixar de ser um ente mythologico, porque na mythologia é fundado o seu meravilhoso; o absurdo e a incoherencia está em Quevedo, que seguindo no seu Poema o meravilhoso Christão

Digitized by Google

se serve aqui, e em muitas outras partes, de agentes sobrenaturaes, tirados da religião pagã! E porque se hade culpar a um, e desculpar o outro, que é réo de mais grave peccado? Porque os partidos litterarios assim como os politicos, e religiosos tem dous pesos, e duas balanças, uma para os seus, e outra para os adversarios; porque os grandes genios estimulam e desafiam os furores da inveja; e é por isso que ha homens de quem sempre se pertende exaggerar os defeitos, e outros, cujos erros se procura sempre escurecer, e ás vezes justificar.

Como a Eneida anda nas mãos de todos, não ha ninguem que não conheça a historia de Niso, e Euriolo, o mais bello, o mais pathetico, e o mais sublime episodio da Epopeia antiga. Elle fórma uma perfeita Tragedia, escripta com aquella perfeição de estylo poetico, que poucos até hoje tem podido igualar.

Este episodio teve a sorte de todas as invenções de um merito extraordinario, que é produzir muitas imitações: foi por tanto imitado por Stazio, Ariosto, Torquato Tasso, e Quevedo. De todos estes os que me parece que se mostraram mais originaes na imitação, que ligaram melhor o episodio com a acção do Poema foram Tasso, e Ariosto, que tão bem como Virgilio proporcionaram os meios aos fins, examinemos esta especie. Na Eneida vemos os Troyanos cercados em seus arrayaes pelos Rutulos; Eneas está ausente, os Chefes julgam de absoluta necessidade avisa-lo; mas quem será o mensageiro? Quem se atreverá á atravessar os arrayaes inimigos? E é para isso que se offeressem os dous amigos Niso, e Euriolo, que confiam no conhecimento dos caminhos, e atalhos adquiridos no exercicio da caça: já se vê que o objecto merece o sacrificio.

No Poema de Tasso, os motivos da temeraria empreza de Clorinda, e de Argante ainda sam mais justificados, e o seu exito influe não pouco sobre a acção Epica, o que não acontece na Eneida. Os Cruzados acabam de dar um assalto á Jerusalem, o combate foi renhido, e a cidade haveria sido tomada, si não quebrasse uma enorme machina, em cuja reparação os assidiantes trabalham de noite, depois de a haverem affastado dos muros; para queimar esta machina, que póde ser fatal aos sitiados,

Digitized by Google

é que Argante, e Clorinda se arriscam a sahir pela alta noite quando o somno tem vencido os operarios, e os que a guardavam, e conseguem o seu fim depois de grande mortecinio. Porém dá-se o alarme no campo Christão, concorrem tropas que carregam, e perseguem os dous aventureiros, que se acolhem na cidade, protegidos por uma sortida que fazem os de dentro, mas Clorinda desgraçadamente fica de fóra, é seguida por Tancredo quando demandava outra porta, o qual não a conhecendo, porque em logar das suas armas, e insignias do costume, trazia as de um simples soldado; combate com ella, fere-a mortalmente, e quando ella lhe pede o baptismo, e elle lhe tira o capacete, a reconhece, batisa-a, e ella espira em seus braços. Os resultados, que ligam este episodio com a fabula, sam, além da desesperação de Tancredo, a cessação dos assaltos, porque os Francos não tem madeira para construirem as machinas necessarias, porque Ismeno tem encantado a unica floresta, de que elles podiam tira-la; e o chamar-se Rinaldo, o Guereiro fatal daquella empreza, que estava ausente, e a quem só era dado o desencantar a floresta.

A amisade, e a religião servem de base a este episodio no Poema de Ariosto, e os seus resultados não sam menos importantes para a marcha da acção. Dous mancebos Mouros, e intimos amigos, e igualmente amigos do Principe Dardinel, na noite que se seguio a uma horrivel batalha, indignando-se de que o cadaver de seu Principe, e amigo fique privado de sepultura, o que os mahometanos consideram quasi tamanha desgraça como o consideravam os Gregos, resolvem hir procura-lo, conseguem depara-lo, mas quando o conduziam para o seu arrayal, sam surprehendidos por um Piquete Francez; um delles salva-se na fuga, porém Modoro, que assim se chamava o outro, prefere morrer combatendo em defesa do corpo do seu Soberano: cahe com effeito exangue, e os inimigos havendo-o por morto se retiram: pouco depois chega áquelle sitio a bella Angelica, Rainha de Cathay, acompanhada de um camponez, que lhe serve de guia, a qual conhecendo que ainda estava vivo, liga suas feridas, e o faz conduzir sobre o palafrem, em que vinha, para a cabana de um pastor, onde tractando delle com todo o esmero,

Digitized by Google

consegue restabelece-lo, e encantada da sua formosura, depois de o haver tomado por esposo, parte com elle para a sua patria: os resultados para a acção Epica sam a loucura de Orlando, que amando Angelica, e andando em sua demanda vai dar á cabana do pastor, e achando ali provas da infidilidade da sua amada deixa as armas, e despido, e furioso começa a vagar por toda a parte, sem direcção nem ficto certo; a morte de Zerbino, que perece querendo defender de Mandricardo as armas que Orlando abandonara, e muitos outros acontecimentos, que chegam ao maior risco a segurança de Pariz.

No Affonso Africano a façanha dos dous mancebos Azevedo, e Soares, nem tem motivo algum razoavel, nem tem resultado algum, que influa na marcha da acção; reduz-se tudo a uma temeridade sem juizo, com que os dous soldados, em vez de obedecer ás ordens que os mandavam recolher, se arrojam a seguir sem tino os Mouros que se retiravam, e entrar com elles pelas portas de Arzila, como si esta loucura podesse servir para alguma cousa, que não fosse o ficarem ambos mortos, ou captivos: vejamos a execução.

> Todos á voz primeira refrearam
> Aquelle desigual commettimento,
> E por obedecer logo pararam,
> Que nisto trazem sempre o pensamento;
> Como contra o Troyano conjuraram
> Os mares c'o furor do irado vento,
> E da maior braveza descahiram
> Tanto, que os brados de Neptuno ouviram.

Entre a agitação das ondas n'uma tempestade, accalmando-se á voz de Neptuno, e a agitação das hostes encarniçadas em um combate, que cessa ao mando do General ha de certo toda a analogia necessaria para fundamentar uma comparação; mas no quarto verso desta Estança me parece não achar a clareza, e perspicuidade, que exige a boa intelligencia do texto; a que se refere o verso

> Que nisto trazem sempre o pensamento?

Digitized by Google

Em que trazem sempre o pensamento os soldados? obedecer, ou pararem? O sentido parece indicar que os soldados trazem sempre o pensamento em *obedecer*, e a Grammatica que em *pararem*, porque o relativo refere-se sempre ao mais proximo, e não ao mais remoto. Isto é uma negligencia de estylo, que só valle a penâ de notar-se em Escriptor tão elegante, e correcto como Vasco Mosinho de Quevedo.

Estas razões porém pouco acabaram
Com dous mancebos na amizade antigos,
Que mostrar entre si deliberaram
Quanto fossem de fama, e de honra amigos;
Termos de merecer logo traçaram,
Que não se pagam dos communs perigos,
E posto que arriscar-se a vida entendem,
Nada lhe difficulta o que pertendem.

Hum se diz Azevedo, outro Soares,
Ambos de hum sangue, e de huma mesma idade,
Ambos de hum mesmo clima, ambos de huns ares,
Ambos de hum coração, de uma vontade,
Ambos de mil virtudes singulares
Dotados, porque mais o feito agrade,
E antes que a praia Affonso tomar queira
O Soares fallou desta maneira:

Estamos no principio do episodio, e já nos encontramos a muitas legoas de Virgilio pela affectação, e verbosidade da expressão; si os dous mancebos eram parentes, como parece indicar a expressão «*ambos de um sangue*» que admira que ambos fossem *de um mesmo clima*? E se eram do mesmo clima para que serve mencionar que eram de *uns ares? Ambos de um coração, ambos de uma vontade, ambos de mil virtudes*; quantas inutilidades! *Porque mais o feito agrade*; pois se a acção que se emprehende é grande, é generosa, e digna de louvor, agradará menos si quem a emprehender não fôr *dotado de virtudes singulares?* Além disso apparece aqui grande falta de artificio no Poeta, que diminue bastante o interesse, fazendo cahir das nuvens estes dous aventu-

Digitized by Google

reiros, que ninguem conhece, por se não fallar nelles atéqui. Virgilio *qui nil molitur inepta*, como Horacio affirma de Homero, tendo em vista a grande Tragedia de Niso, e Euriolo, teve o cuidado de nos dar a conhecer de ante-mão aquelles dous mancebos, pondo-os em scena algumas vezes, e especialmente nos Jogos de Anchyses; e de nos informar dá reciproca, e virtuosa amisade, que os unia; é necessario que em um Poema Heroico todas as partes sejam ligadas entre si, e constituam um todo perfeito, concorrendo para a solução.

« Amigo meu, cá n'alma se me imprime
» Hum desejo de gloria tão sobejo,
» Que me move a que pouco a vida estime,
» O que farei, si dura este desêjo:
» Espero que este intento me sublime
» Si algum feliz successo hoje lhe vêjo,
» E quando fôr contraria nisto a Sorte,
» Só intenta-lo cabe a Varão forte.

» Pertendo, si pozermos em fugida
» Os Inimigos evidencias certas,
» Seguir no alcance, e que ninguem me empida
» Pelas portas entrar, que vêjo abertas,
» E si fôr venturoso na sahida
» Celebrar-se-ha meu nome, e mil effertas
» Porei nos Templos; se ficar captivo,
» A Deos livre serei, si morto, vivo.

» Que é contra os Infieis tão justa a guerra,
» Que inda que o Varão forte arrisque o feito,
» Si com zêlo Christão o amor desterra
» A vida, a Deos será serviço acceito:
» Mas desenho gentil que o ponto encerra
» Não póde ter sem vós honrado effeito,
» E si trances, e mortes offereço,
» Estes comvosco tem valor, e preço.

Pulava o coração ao companheiro,
E de huma nobre inveja estimulado,
Sentindo está, porque não foi primeiro

Digitized by Google

Naquelle pensamento tão louvado,
Más pertende não ser o derradeiro
Na entrada, por ficar co'elle igualado,
E sem dar mais razão o amigo abraça
Como que da mercê se satisfaça.

Não é evidente que o Poeta attribue aqui aos dous mancebos uma tentativa tão absurda como inutil? Em um Poema de Cavallarias, como o de Ariosto, póde Rodomonte arrojar-se dentro de Pariz, faser horrivel mortecinio nos seus moradores, pôr fogo a edificios, defender-se contra a guarnição inteira, e salvar-se saltando por cima dos muros: podem Orlando, Mandricardo, ou Rogeiro atacar, e derrotar sós, esquadrões inteiros, o Poeta é o primeiro que ri das extravagancias que conta, e os Leitores riem com elle, e admiram a força do colorido poetico, porque sabem que tudo aquillo é phantastico, e jogo caprichoso da imaginação do Author; mas em um Poema sério, em um Poema historico, como póde admittir-se que dous homens se capacitem que podem elles sós pôr em fuga os Mouros, entrar na cidade, sem saber-se para que, e sahir della impunemente? Que gloria ha em tentar um impossivel evidente? É muito possivel que Niso e Euriolo atravessem o arrayal dos Rutulos, e escapem ás vedetas do inimigo, auxiliados pela noite, e o teriam conseguido se a impordencia juvenil os não tivesse demorado em matar os adversarios, que dormiam; não é impossivel que Argante, e Clorinda ponham fogo á torre, e se recolham á cidade, havendo nella tropas álerta para favorecerem a sua entrada no caso de perseguidos, não é impossivel que Modoro, e o seu companheiro possam de noite trazer o cadaver do seu Rei do campo da batalha, si o seu projecto se malogra é por um accidente fortuito, mas o projecto de Soares, e Azevedo é uma loucura rematada, que não faz honra á descripção do Poeta.

Agora que a sazão viram presente
D'outros temida, delles desejada,
Recompençando o passo diligente
De todo o campo a certa retirada,

Digitized by Google

Vam proseguindo temerariamente
Os impetos da furia começada,
E sós tamanha sombra aos Mouros fazem,
Como que inda a primeira fórma trazem.

Tal quando obedecendo ao Senhorio
Da Lua varia, lá do intimo seio
Pelo meio de algum estreito rio,
O curso da maré subindo veio,
Si a descahir começa do seu brio
No principio do curso, ou já no meio,
A corrente porém da agua primeira
Inda vai por diante na carreira.

Ao lado de Soares morto cáe
Melique, de Fatima eterna pena,
A lhe vingar a morte ufano sáe
Albaialdas, e á morte elle o condena,
Pouco o esforço lhe val que não desmai
Çalema aos golpes que Azevedo ordena,
O corpo sem cabeça a Tarfe deixa,
Por seu corpo a de Çaide ao ar se queixa.

Como dous Segadores na Seara
Que sazonado tinha ardente Estio,
Que de sua arte dando mostra clara
A reto cortam sem fazer desvio,
Cada qual se avantaja; nenhum pára,
Levando ao cabo o começado fio,
Os cabellos de hum lado, e do outro os molhos
Ceres amortecida alegra os olhos.

Já tinham assombrado a grande porta,
Que só para colheita aberta estava,
Quando a morte, que grandes brios corta,
Contra o forte Azevedo conjurava,
Que vendo Abdallo tanta Gente morta,
Sendo a causa menor do que cuidava,
Por de traz lhe deu golpe tão pesado,
Que entre as portas cahio atravessado.

Digitized by Google

Comsigo prohibio serem cerradas,
Inda que foi de muitos pertendido,
E do Soares forám logo entradas,
Que vingar quer o amigo amortecido,
Cahem porém sobre elle taes lançadas,
E a ultima de Homar nunca vencido,
Que acompanhou na sorte o claro amigo,
Ficando a desventura sem castigo.

Não ficarão com tudo sem memoria
Desterrado da morte o sentimento,
Que o resonante grito de tal gloria
Desperta o transportado esquecimento:
Apesar seu esta será notoria
Pelo Globo, que cobre o Firmamento,
E cantar-se-hão em tanto seus louvores,
Que o Mar dê Peixes, dê a Terra Flores.

Parece-me que póde sem injustiça affirmar-se, que de todas as imitações, que se tem feito do bello episodio de Niso, e Euriolo, o mais fraco, e menos poetico é este que se encontra no Affonso Africano, o Author o desornou de todos os accessorios patheticos com que os outros Poetas o haviam adornado, reduzindo-o a um facto isolado de valor militar, que pouco interessa o Leitor, e que póde separar-se do Poema, sem que se lhe sinta a falta.

Outra vez ousou Vasco Mosinho de Quevedo entrar em competencia com Camões, dando ao seu Poema uma Ilha dos Amores, mas parece-me que ainda ficou peior deste combate, que do de Adamastor.

Uma vez que o Poeta nos Lusiadas não emprega senão o meravilhoso mythologico, a Ilha dos Amores deve considerar-se bem collocada, não ha inverosimilhança alguma que Venus, a protectora dos Portuguezes, os encaminhe a uma Ilha de delicias para a seu modo recompensa-los dos seus trabalhos. No mesmo ponto de vista não deve admirar que Thetys, e as Nereidas conspirem, e concorram para o mesmo fim, e a magia encantadora do estylo, e naturalidade das idéas bastam para deslumbrar os olhos da critica mais severa.

Estará no mesmo caso a Ilha de Quevedo? Será ve-

Digitized by Google

rosimil que os Diabos querendo desfazer-se da armada dos Portuguezes, a fim de salvar Arzila, suscitem uma tempestade, e em vez de trabalharem para os meterem no fundo conduzam uma parte delles a uma Ilha desconhecida, aonde lhe apparecem transformados em formosas Nymphas que dançam, tangem, e cantam para attrahi-los, sem saber-se para que? Será verosimil, que quando o Padre Pedro, Capellão da armada, os aconselha a fugir daquella terra de perdição, elles possam effectua-lo sem encontrar a menor opposição da parte de tantos Demonios femeas?

Quanto á execução encontra-se nos dous episodios a mesma diversidade que na invenção. Camões faz saltar os Portuguezes em uma Ilha coberta de uma floresta natural, bella, e selvatica, e a pintura della, passa com justiça pelo mais bello trecho de poesia descriptiva que nos deixou o seculo de quinhentos.

Mas não será uma idéa absurda, e disparatada a de Quevedo quando nos mostra a sua Ilha, não coberta de florestas, e mattas, mas de jardins, e de jardins no antigo gosto da Italia, e França, com grupos de esculptura, canteiros alinhados, e buxos recortados? Como podiam os navegantes não desconfiar de alguma diabrura vendo uma Ilha sem cidades, nem habitações, e occupada toda por um jardim de le Notre? Isto sem fallarmos na impossibilidade de se executarem alguns dos recortes ali mencionados, e na affectação do estylo, e alambicado das idéas, e conceitos, porque em fim o Author não sabe escrever de outra sorte. Vejamos alguns exemplos.

Dispostos por canteiros ordenados
Os bellos cravos a fragancia espiram,
Todos vermelhos huns, outros mudados,
Quaes encarnados, quaes brancos sairam,
As Violas, da côr dos namorados,
Quando por seu amor d'alma suspiram;
A Franceza Hortelãa, e a salva verde,
A Cecem, que tocada o cheiro perde.

Esta formosa, e linda pradaria
A quem jámais nenhuma si igualava

Digitized by Google

Das que celebra Assyria, a India cria,
E o Rio Hydaspes brandamente lava;
Por dilatado espaço se estendia,
Que n'outra gentil cerca se acabava,
De razos buxos a nivel nascidos,
Com mil caredos de invenção tecidos.

D'outra parte outro lanço está de Murta,
Em diversas Figuras transformada,
A formosa Orythia Boreas furta,
Sobre as ventosas azas vem guardada;
Acolá Paris tem a armada surta,
E a mal regida Helena traz roubada;
Do gostoso principio ha aqui memoria,
Mas não do desastrado fim da gloria.

Este conceito meu fez evidente
Hero, que ali para seu bem se ensaia,
Já da alta Torre espera o amigo ausente,
Já tambem desce a recebe-lo á praia,
Estreitamente o abraça, inda presente
Duvida té-lo, e em seus braços desmaia;
Elle morto, e do mar bravo arrojado,
E ella sobre elle, isto não vi pintado.

Mais por diante em Touro se mostrava
Jupiter, de capellas coroado,
Sobre elle pelo mar se assegurava
Europa com solicito cuidado:
Ella os pés recolhia, e levantava
Temendo o impeto d'agua occasionado,
Que o collo com temor lhe aperta, e abraça,
Elle ufano se ri, com peso, e traça.

Estas Estanças, e com especialidade a ultima, sem excellentes, mas dirá alguem, que estes objectos podem exprimir-se em recortes de buxo, ou de murta? Como podem objectos immoveis representar movimentos successivos?

Não contente o Poeta destas estatuas, e paineis de verdura, passa a adornar os seus jardins phantasticos com

Digitized by Google

grupos de esculptura, talvez sem mais motivo que alardear o seu vasto conhecimento da mythologia, porque a paixão de mostra-se erudito prevalece nelle a todas as considerações, e verosimilhança!

Em Jaspe se levanta huma Figura
A' semjlhança de arvore crescida,
A cortiça por cima aspera, e dura,
Direita em tronco, em ramos estendida;
No ventre se lhe mostra huma abertura,
Por ella sée huma creança á vida,
Bem conhecera logo o que advertira
Ser a Pellice, e Filha de Cynira.

Em marmor Pario figurado estava
O moço Hesmaphrodito em cabo lindo,
Que por seu mal na fonte se banhava
Quanto a Nympha appetece descobrindo:
Elle seguramente se mostrava,
Ella do doce fruto se está rindo,
E já metida n'agua, e desprezada,
Com elle n'hum só corpo he transformada.

N'outro ramo igualmente parecia
Amor em varias formas retratado,
N'hum e c'hum véo os olhos encobria
Minino, e Velho já representado:
N'outra tambem dous rostos dividia
Hum alegre, outro em lagrimas banhado,
Hum braço curto tem, outro estendido,
Por manjar gosta hum coração partido.

Estas idéas são engenhosas; mas todo este dispendio de espirito, parece-me não quadrar bem com o caracter severo do Poema Heroico. Homero, e Virgilio sabem ser imaginosos, e sublimes, sem deixarem de ser singelos, e naturaes, nem um nem outro collocaram em huma Ilha deserta os recortes, que o mau gosto introduzio nos jardins do seculo dezeseis, e muito menos estatuas, e grupos de esculptura como si se tractasse da Villa Borghese, dos Jardins de Farnese, ou de Versalhes.

Digitized by Google

A devoção, ou a educação fradesca de Vasco Mosinho de Quevedo, lhe inspiram ás vezes idéas que devem parecer um pouco inconvenientes em uma Epopeia; tal é a seguinte, que se encontra no Canto IX.

.....

De outra parte Fernando se assignala,
Em feitos, que nenhum antigo iguala.

E sentindo o destroço estranho, e raro
Que Abdalla deixa na ordinaria Gente,
Acode a tempo desejado amparo
Como raio, que cahe de repente;
Não lhe vale de aço fino algum reparo,
Que já desfallecer o alento sente,
E si outro golpe desse não duvida
Que só co'a sombra o Espirito despida.

Mas deteve, com voz interrompida,
As mãos, que o Vencedor armado tinha,
Dizendo: «Não me roubes huma vida
» Que o menos porque a quero é por ser minha,
» Mas como já de mim hera divida
» A certa formosura, e me convinha
» Guarda-la como sua, oh! não ma offendas,
» Si he justo que de amor o preço entendas.

» E porque julgues si he bem empregada
» E si com razão fujo ao trance esquivo,
» Olha, que neste escudo retratada
» Verás a imagem bella, de que vivo,
» E só porque a não deixes lastimada,
» Deves usar do teu animo altivo,
» Que aquelle que ao rendido tira a vida,
» Não he vencedor, não, mas homecida.»

Aqui parou Fernando, e no espirito
Encendido, tirou do intimo seio
O Retrato da Mãi, e do Infinito
Filho, que a nos salvar ao Mundo veio;
« Por esta (diz) piedades exercito;

Digitized by Google

» Esta só póde ser, por cujo meio
» A vida te darei, se nella crêres,
» Inveja de Anjos, gloria de Mulheres. »

Abdalla, como sendo já captivo
Grande noticia do Mysterio teve,
« Senhora (diz ardendo em fogo vivo)
» A vós gloria, louvor, e honra se deve;
» Si vosso amor me val sempre excessivo,
» Esta prenda terei por branda, e leve,
» Que vosso Filho adora! . . . » E a Morte fria
Outra vida lhe deu, que não pedia.

Um Cavalleiro Mouro, que ferido no ardor de uma batalha, pede a um Cavalleiro Christão, que lhe conceda a vida, por intercessão da sua amada, que traz retratada no escudo, e um Cavalleiro Christão, que tirando do peito um registo da Virgem, lho mostra, dizendo-lhe, que para elle lhe poupar a vida é necessario que nella creia, fazem a meu vêr uma bem triste figura em um Poema Heroico! E a conversão repentina do Sarraceno não deixa de ser uma invenção da força, e calibre do resto.

Deixando porém o que me parece mais defeituoso no Affonso Africano, passarei a apresentar ao Leitor alguns dos quadros, que os Criticos imparciaes tem considerado como mais honrosos para o talento do Author.

ZARA SALVANDO OS CAPTIVOS.

Abrem-se as covas horridas, e feias,
Tiram-se á luz aquelles innocentes,
Que a rojo dos grilhões, e das cadêas
Se levam como infames delinquentes,
Páram na Praça, e nas mais altas vêas
Se esfria o sangue, vendo os diligentes
Ministros, e os cutellos affiados,
Fogos ardendo, e vasos preparados.

Mas depois deste aballo temeroso
Da fraca natureza, logo acode
A sustentar o espirito furioso
O peso que hum mortal soffrer não póde;

Digitized by Google

Respira cada qual, torna animoso,
E da morte o temor longe sacode,
Offerecendo a vida amada, e chara,
A Deos, que só para isso lha emprestara.

Qual diz: « A vida, que o Tyranno cégo
» Me tira, em sacrificio immundo, e feio,
» Tomai, Senhor, em vosso, eu vô-la entrégo,
Nada temo por vós nada receio. »
Qual diz: « Senhor, este meu sangue emprego
» Por vosso nome, pois o vosso veio
» Pelo resgate meu, pouco offereço,
» Seja a vontade o preço deste preço. »

Quando entra Zara n'hum ginete ardente,
Que, mastigando o freio em branca escuma,
Tanto que o peso reconhece, e sente
Se embrida, e altera mais do que costuma
Dobrando as mãos a passo continente,
Pelas ventas abertas sópra, e fuma,
Todos se alteram logo, e na estranheza
Os olhos põem do traje, e da Belleza.

Não usa os atavios vãos do Paço,
Despreza as ricas joyas tão presadas,
A manga recolhida á meio braço,
As tranças de ouro ao vento derramadas,
As roçagantes roupas, que embaraço
Fazem n'hum breve nó todas tomadas,
Lançado aos hombros o arco, e a rica aljava
Com que das Féras doma a furia brava.

Tal de Harpalica o traje quando cança
Os ardentes cavallos na carreira,
Que ao longe do Hebro furiosa lança,
Cuja corrente inda lie menos ligeira;
Depois que de seu Pai favor alcança
A que nasceu do mar, desta maneira
Apparece a seu Filho na espessura,
Que errando vai a voltas c'a ventura.

Esta pintura de Zara passa com razão pelo rasgo mais

Digitized by Google

brilhante que sahio da penna de Quevedo, tanto pela viveza do colorido, como pela formosura da expressão, elegancia, e pureza de estylo. Não podia com effeito aquella heroina fazer uma entrada mais brilhante em scena, é para sentir que o Poeta não soubesse tirar melhor partido deste episodio tão bem começado, e que tanto promettia!

Havendo alcançado de seu Pai o perdão dos captivos, este depois, por ensinuação de Eudolo, resolve sacrifica-la, em logar delles, sua Mãi a faz fugir acompanhada de dous Eunuços, depois torna a apparecer em Arzilla, sem que se saiba como, nem para que, porque o seu perigo parece que em vez de ter cessado, tem pelo contrario augmentado com o progresso das armas Christãs: namora-se do Principe D. João, sómente pelo vêr de longe; sahe de noite da cidade para hir procura-lo na sua tenda, cuida vê-lo entrar para uma embarcação, entra nella seguindo-o, mas acha-se só, amarando-se a embarcação que a conduz não se sabe aonde, e no fim do Poema, um mensageiro dá a noticia de que a viu morrer junto a Tangér de cansaço, e de sêde. Este episodio bem inventado, fornecia excellentes situações, mas o Poeta não as soube fazer valer, como aconteceria se fosse tractado por Torquato Tasso, ou Luiz de Camões, que sem custo o tornariam dramatico, e grandemente interessante, e pathetico.

Hera Zara o retrato mais perfeito,
Que com mão dextra fez a Natureza,
Si as condições se vêem do altivo peito,
E juntamente as partes da Belleza:
O Mundo com seu nome tem sujeito,
Que inda he maior que toda a redondeza,
E si de Christo a Fé lhe não faltara,
Póde ser que seu nome ao Ceo chegara.

De mil Procos ao Pai hera pedida,
Sem outro premio igual, em casamento,
Mas tudo desprezava, que na vida
Não ha cousa, que lhe encha o pensamento;
E dizem, que se tinha offerecida

Digitized by Google

A' vida singular, e casto intento
De Diana, e das mais Nymphas da Terra,
Que pisam traz a caça o valle, e a serra.

Não é isto bem proprio de uma Mahometana? Acaso em alguns dos Capitulos do Alcorão está mencionada Diana, e as Nymphas da Terra? Grande conhecimento tinha Quevedo das regras do Islamismo!

Neste exercicio alegre, em que se esmera,
O mais do tempo nas montanhas passa;
Seguindo os passos de huma, e outra Féra,
The que a tiro lhe chega, e ali a traspassa;
Ora embuscada entre alto matto espera,
Tendo só para a setta a vista escassa,
Que do arco despedida o Cervo prega,
Incauto, que c'o sangue o campo rega.

Tambem a Corça toma o leve Gamo,
Tam ligeira traz elle se arremeça,
Depois que o engana com o vão reclamo
A quem acode com ligeira pressa;
Agora aponta ao Passaro no ramo,
E antes de ser sentida o atravessa,
Ensaio breve, com que a mão se affouta
Para o Porco, que fez, dentro da mouta.

A's vezes enfadada na Floresta
Quando arde a calma; quando o Sol se inspina,
No regaço florido passa a sésta,
E na mão de alabastro a face inclina:
Ora os olhos á fonte clara empresta,
E brincando com a agua cristalina,
A vêa se perturba, e se mistura,
Porque ella se não turbe co'a Figura.

Que ao vêr a imagem bella na agua clara
O lindo asseio, e gracioso riso,
Si por ventura risse, perigara,
Perdendo-se por si como Narciso;
Mas ella he desta gloria tanto avara,

Digitized by Google

Que, por se não mostrar, turba de aviso
A fonte, que da mesma agua se cia,
Lhe faja co'a figura pois corria.

A's vezes co'as Donzellas escolhidas,
Que a seguem nesta deleitosa pena,
Debaixo do tecido das floridas
Arvores, danças mil airosa ordena;
Espantam-se das sylvas as fingidas
Deidades, e tocando a doce avena
Os passos com som rustico acompanham,
Porém de longe, que chegar estranham.

Tudo isto, excepto alguns traços de gongorismo, é excellente no ponto de vista poetico; mas será igualmente digno de louvor em relação á observancia dos costumes nacionaes? Acaso as donzellas, e em geral todas as mulheres na Mauritania disfructam liberdade tão ampla?

Ai Zara, e que vida esta tão segura
Em bosque fresco, de pesares falto,
Onde o maior tumulto he de agua pura,
Das Aves do Ar, o murmurar mais alto,
Agora que te apartas da espessura,
Logo encontras com pena, e sobresalto,
Que n'alma suspiraste quando vista
Tão severo espectaculo, e tão triste.

E sendo então ali certificada
Dos termos, que seu Pai c'os Christãos usa,
Ficou c'o sacrificio perturbada,
E pela causa delle assaz confusa,
E manda que não seja executada
A sentença cruel em quanto escusa
A piedade, e compaixão movida
C'o Pai huma miseria tão crescida.

Pararam de improviso os homecidas
A' Lei, que lhes pozera, obedecendo,
E a seu malgrado ás innocentes vidas
O castigo inventado suspendendo,

Digitized by Google

Que as palavras de Zara encarecidas
Comsigo sempre Imperio vam trazendo,
Com que o mais fero, e deshumano peito
Em brandura converte, e faz subjeito.

Os condenados miseros ergueram
Os olhos tristes para aquella banda,
E a causa do seu bem reconheceram,
Causa em si grande, e grande no que manda;
Foram para fallar, e immudeceram,
Ella os olhou, e seu tormento abranda,
E como já remedio lhes deseja,
Parte a busca-lo, porque cedo o vêja.

E como o caso compaixão lhe inspira,
Sobre outra natural, que nella mora,
Ao Pai, e Rei, que os braços já lhe abrira,
Estas palavras diz, e entre ellas chora.
« Si mimosa de vós eu não sentira
» Não ousara tentar si o sou agora,
» Alcançando, Senhor, por magoada
» Perdão para esta gente condenada.

» Porque si castigar quereis seu erro,
» Assaz castigo tem sendo captiva,
» Que vida triste em misero desterro
» Está tão longe de chamar-se viva,
» Que antes vida lhe dá o esquivo ferro
» Quando da luz vital, e alento a priva,
» Além de ser tam desusado feito,
» Que de nenhum no Mundo seja acceito.

» Quanto mais, que n'hum tempo que ameaça
» Pelos mesmos Christãos guerra tão crua,
» He perigo que a todos embaraça
» Terdes contra os de paz a espada nua;
» Que se a fortuna prospera os abraça,
» A vossa crueldade aviva a sua,
» E dais a imigo vencedor motivo
» Para a ferro meter quanto achar vivo.

Digitized by Google

» Por tanto, si algum mimo vós mereço,
» Com esta petição a salvo saia,
» E si ha difficuldade, que eu conheço,
» A culpa sobre mim de tudo caia!»
O Pai, que, inda que fero de mór preço,
Seguido de affeição todo desmaia,
Lhe concidera a cousa, que lhe pede,
Para todos perdão logo concede!

Todas as pessoas, que estam costumadas á leitura da Jerusalem Libertada, de Torquato Tasso, reconhecerão aqui sem custo a imitação do episodio de Olynto, e Sophronia, especialmente no modo porque ali se apresenta Clorinda, e faz suspender o supplicio dos dous amantes, e vai impetrar do Rei o seu perdão.

DESCRIPÇÃO DA PESTE.

Principio foi do grave mal que veio,
E signal certo de successo amargo,
Espirarem lá do ventoso seio
Do Sul tepidos Austros tempo largo;
Quatro vezes inteiro, e quatro meio
Rosto mostrou a Deosa, que tem cargo
Da Noite, e sempre os Ventos do regaço
Do Sul involvem do Ar o immenso espaço.

Naquelle tempo o Sol resplandecente
C'o negro véo, que sempre se lhe oppunha,
Negava á cristalina face á Gente
Por mais que a recebe-la se dispunha;
E lá parte quando no Occidente
Carregado outra vez triste se punha,
Dando logar ás lucidas Estrellas
Jámais se viu no mar a fórma dellas.

Das tenebrosas nuvens nevoa sáe,
Espessa, e grossa, de côr negra, e baça,
Que pelos montes levantados cáe,
E logo o mais profundo valle abraça
Si acaso se consome, e se distráe,

Sem haver Sol, ou vento que a desfaça
Humida a terra deixa, e faz que accenda
Por mais a humedecer chuva miuda.

Com isto se infecciona, e se corrompe
Do Ar a clemencia pura, e temperada,
Contagião se gera, que interrompe
A saúde da Terra desejada:
Pelas aguas do mar primeiro rompe,
E na profunda, cerula morada
As turmas dana da escamosa Gente,
Que corrupção ao seu remedio sente.

Eis que começam vêr os Pescadores
A cima vir os Peixes em cardume,
Buscando estranhos ares por melhores,
Do seu clima fugindo, que os consume;
Com as boccas abertas, já co'as dôres,
Como que vem fazendo ali queixume,
As rêdes que os tem vivos estendidas,
E já mortos os levam recolhidas.

Quantos o mar lançou sem tempestade,
Coalhando as prajas de huma, e de outra morte,
Importa admiração a novidade
De Pescados de estranha, e varia sorte,
Que nunca conheceo a antiga idade
No mar, que aquenta o Sul, e esfria o Norte;
Mas quiçá si o que encerra o Mar mostrasse,
Que a Terra se corresse, e envergonhasse.

Os sentidos Delphins, antigamente
Enlevados na Musica de Ario,
Que aos Nautas pronosticam a imminente
Tormenta, que revolve o aquoso Orio,
Que festejam no mar a ousada Gente,
Acompanhando em gritos o Navio,
Hera tão triste vê-los pela arêa,
Quanto vê-los pela agua nos recrêa.

As Halcioneas Aves, que nos braços
De Thetys a tecida casa tinham,

Digitized by Google

Porque então dava ao Zephiro os abraços,
Que os mais ventos no carcer se detinham;
Não temendo do Tempo os ameaços,
Si a seus penhores co'a comida vinham,
Co'a morte lhes cahia o que lhe davam,
Elles tambem co'a morte o não tomavam.

Mas outra, em que foi Esaco mudado,
Não soffrendo ficar na vida ausente
Da Nympha, cujo amor no mar irado
Do monte o despenhou incautamente
Surgindo com mergulho accelerado,
Como que Esperia sobre as agoas sente
Quando outra vez o collo ao mar recolhe,
A Morte lho suspende, e dobrar tolhe.

Neste tempo da Costa da pescosa
Cezimbra, onde rebenta o mar visinho,
N'huma Lapa sombria, e cavernosa,
Para onde abria o mesmo mar caminho,
Hum Monstro de Figura temerosa
Se viu, qual hera Glauco Deos Marinho,
Qual da Serea mistica indistinta
De Peixe a fórma, e de Mulher se pinta.

Visto de hum Pescador, que o leve remo
Por esta parte a curva taboa ensaia,
Que encheo logo o logar daquelle extremo,
Que vai pela agua a vêr qual pela praia,
Sendo muitos á vista c'hum supremo
Gemido lá do esprito, que desmaia,
Como que estava já visinho á morte
Desata a debil lingua desta sorte.

« Fujo do mar de hum mal, que me persegue,
» Por vêr si acho remedio cá na Terra,
» Mas c'o veneno seu tanto me segue,
» Que nesta escura lapa me faz guerra;
» Nas mãos da morte vêjo a vida entregue,
» Que quasi a luz dos olhos me desterra,

Digitized by Google

» Mas já que nesta conjunção me vistes,
» Ouvi do vosso Reino annuncios tristes.

» O mal, que lavra, e seu furor incita
» Contra os habitadores do Oceano,
» Que de Tritões, e Peixes desbabita,
» As covas de cristal com tanto damno:
» Já contra a Terra se arma, já se excita,
» Cedo se ha de cevar em sangue humano,
» Nem do vulgar sem nome, ou plebe cura,
» Que a corôas, e a sceptros se aventura.

» Ai! que estrago, e destroço representa
» Que mortos, que sem terra a Terra deixa!
» Pasto de Féras, de Aves mantimento,
» Que a mesma Natureza alí se queixa!
» Qual descomposta Ceres de ornamento
» Em molhos jaz, que o Segador enfeixa,
» Quando da tarde ao derradeiro atalho
» Encorpora o descanço, e seu trabalho. »

Já nesta sazão cheia de pesares
As Aves sentem venenosa offensa,
Das Nuvens altas vam cahindo á pares,
Que nem lá para o mal acham defensa;
Qual hindo dividindo os leves ares
C'os remos naturaes, ficou suspensa,
Qual d'entre as folhas de Arvore sombria
Co'as leves pennas toca a Terra fria.

Dos Ares desce, e vai desta maneira
O mal entrando os Animaes do monte,
Parado fica o Cervo na carreira,
Dando logar que o Caçador lhe aponte,
Mas a setta, por mais que vai ligeira,
Não acha vida, que no sangue affronte,
Elle da mão, do tiro se gloria,
Porque cahir no mesmo ponto a via.

Entre os sulcos, que abrindo vão na Terra,
O pobre Lavrador c'o arado agudo,

Digitized by Google

Dos companheiros hum que o jugo cerra,
Lhe cahe de repente lasso, e mudo;
Elle da parte falta o jugo afferra,
E vai tirando com sobejo estudo,
Quando no meio do imperfeito rego,
No que fica lhe faz a morte emprego.

Já se envergonha o mal, de alevantado,
Ser rustico, e deseja vêr-se urbano,
Deixa os Herdades, entra o povoado,
Executando a furia em todo o humano;
Qual se vê das entranhas abrazado,
Como que arda nas fragoas de Vulcano,
E deseja matar aquelle fogo
Em rios de agua, a que se arroja logo.

Qual pelo chão se lança, e o peito estende,
Nem por isso recebe frio alento,
Antes o proprio chão se não defende,
O rosto por sinal se inflamma, e accende;
Ardendo sáe o anhelito, e ao vento
Aberta a bocca traz para que possa
Refrigerar a lingua secca, e grossa.

Qual no ventre marulho experimenta
Como do mar instabil, que se assanha,
E sem força de mão todo arrebenta
Em vomitos crueis com pena estranha;
Algum nesse trabalho, que atormenta
C'o vomito, e co'a vida a terra banha,
A quem nas juntas horrida apostema
Faz que assaltos da morte a vida tema.

Quál, estando fallando, de repente
Desfallece por mais que o sangue acode,
A ter o coração, e a cerviz sente
Carga em si mesma, nem comsigo póde;
Sem vida pelas ruas cáe a Gente
Como maduros pomos, que sacode
Com teso abano a mão do Pomareiro,
Ou como glande a varejar ligeiro.

Digitized by Google

Nesta oppressão tamanha, que suspende
Os pensamentos a qualquer effeito,
Aquelle que escapar do mal pertende
O mais precioso ornato em cinzas feito,
As Sylvas longe busca, nem se offende
C'o bramido das Feras, que em proveito
Lhe fica aventurar-se á natureza,
Que póde ter clemencia na fereza.

Vendo o Rei perseguido, que lavrando
Vai sempre o mal do Inverno á Primavera,
Nem com sazões geraes do tempo brando
Da primeira braveza degenera,
Qual Esquadrão de fogo, que atroando
Na populosa Selva persevera,
Sem que o furor remedio humano impida
Salvo depois da Sylva consumida.

Assim dizem, que erguendo ao Ceo sereno
Os olhos arrazados d'agua, esclama:
« Alto Senhor, que só c'um leve aceno
» O mar aquietais quando mais brama,
» Que o secco campo nos tornaes ameno,
» Que desfazeis a nuvem, que derrama
» Pelo ar tempestuoso o manto escuro,
» E logo se nos mostra claro, e puro.

» Sobre huma viração do throno vosso,
» Já que esta natural tão pouco monta,
» Que desbarate este ar envolto, e grosso,
» Que as vidas, que nos destes, tanto affronta:
» He tempo, Senhor, já, que em favor nosso
» Armeis outro arco de outra hervada ponta,
» Com dictame saudavel, de secreta
» Virtude, contra a venenosa setta. »

Esta descripção da Peste, em que se encontram alguns rasgos imitados de Tucidades, Lucrecio, e Virgilio, me pareceu sempre um dos mais bellos trechos do Affonso Africano, e não posso deixar de admirar-me de que o Collector do *Parnaso Lusitano* o não incluisse na-

Digitized by Google

quella Collecção compilada com tão bom gosto, e criterio.

A LUCTA DE HERCULES, E ANTHEO.

Nesta Cidade forte, e populosa,
Colonia antiga do poder Romano,
De Claudio Imperador feitura honrosa,
Que o titulo lhe deu, e o nome ufano,
Estava a sepultura temerosa
De hum Gigante nas Obras deshumano,
Nas feições espantoso, e compostura,
Por nome Antheo, inda hoje a Fama dura.

Este, si á verdadeira Antiguidade
O credito lhe damos, que se deve,
Primeiro Fundador desta Cidade,
Della o governo antigamente teve;
E parte com nefanda crueldade,
Parte com forte braço, em tempo breve
Aos Povos Commarcãos pôz duro freio,
E a dominar toda a Provincia veio.

E com a força intrepido, arrogante
Fiado na apustura, e gesto horrendo,
Contra os Habitadores do estellante
Polo, blasphemias mil está dizendo;
Qual Capaneo c'o raio fulminante
Nos muros assaltados todo ardendo,
Por vingança de Jove a quem despresa
Seu valor lhe antepondo, e fortaleza.

Neste tempo, depois que o valeroso
Hercules pôz ao Mundo todo espanto,
Fazendo meravilhas de animoso
Coração, dignas de Meonio canto;
Matando o Javali bravo, espumoso,
Honra, e soberba gloria do Erymanto,
E da Sylva Nemea celebrada,
Matando o Habitador á dura espada.

Digitized by Google

Depois que a braços, em soberba lucta,
O cacho doma do robusto Touro,
Depois que com mão destra, e resoluta
Das Stymphalides rompe o triste agouro,
Depois que a Hydra matou com arte astuta,
E do Cervo arrancou seus cornos de ouro,
Depois que o forte Angeo desbarata,
E com Diomedes os Cavallos mata.

Depois que vence a Gerião triforme,
E pobre deixa Hypolito, e deserta,
Depois que o Drago, que velando dorme,
As maçãas de ouro rouba, em vão desperta;
Depois que as nuvens do Porteiro enorme
Das sombras leves faz monstruosa offerta,
Rompendo armado aquelle Reino forte,
E quebrantando as Leis da dura morte.

A fama deste perfido Gigante,
Que então soava, assi da Tyrannia
Que executava, e do feroz sembrante
Como do seu esforço, e valentia,
Lhe punge o coração de gloria amante,
Que c'o perigo mór se augmenta, e cria,
E he como raio, que com mór vehemencia
Rompe o sugeito onde acha resistencia.

E como Lião bravo, que entra ousado
Nas Silvas de Animaes de menos brio,
Com a pelle insigne, e a grossa maça armado,
Vem tirar o Gigante a desafio;
Elle, que a trances taes he costumado,
Acceita alegre sem algum desvio,
Zombando de tão cégo pensamento,
Que veio a dar em tanto atrevimento.

E do furor levado « Porque gasto
(Diz) o tempo? » e com fremito arremete,
Abraçado se achou c'hum grande masto
Alcides e com impto acommette;
Tal briga despertou o velho Adrasto

Digitized by Google

A quem o Fado hum Javali promette,
E hum Leão para genros, que desfazem
Os desterrados, que as insignias trazem.

Alusão á Thebaida de Stacio, em que Adrasto, Rei de Argos, encontra Tideo, e Polynice luctando pela alta noite no atrio do seu palacio.

Estam de parte as armas offensivas,
Que a braços se averigua esta contenda;
D'entre ambos sam as forças excessivas,
Quem julga qual primeiro ali se renda?
Cada qual do contrario as mãos esquivas
Estranha, e busca modo, com que offenda,
E das artes dos pés tambem se ajuda,
E anda por magoar com ponta aguda.

Tal no valle sombrio, ou na montanha,
O bravo Touro c'o rival peleja,
Quando a Vacca por premio ali se ganha,
Que á vista está para que logo o seja:
Com força cada qual, com arte, e manha,
Ficar no campo vencedor deseja,
Qual se firma nos testos, qual se encurta,
Qual retorna, qual volta, e qual se furta.

Mas o Filho d'Alcmena, que se corre
Resistir-lhe o Gigante tanto espaço,
Temendo que com isto o nome borre,
Que tem ganhado pelo estranho braço,
Nos pés se firma, e dá co' aquella Torre
No chão, mas qual a pélo co' rechaço
Batida no ladrilho, pula, e salta,
Tal Antheo se levanta, o Imigo assalta.

Torna Hercules com força mais crescida,
E de todo estirado longe o lança,
Cuidando que c'o abalo deixa a vida,
E como triumphador quasi descança:
Mas elle se ergue, sem que a dôr o impida,
E da Terra vigor, e alento alcança,

Digitized by Google

E quantas vezes derrubar trabalha,
Tantas Alcides a victoria atalha.

Quem branco vão de leve pinho vira
Chumbada a parte, com que o Moço folga,
Que por mais que o arremessa, e longe atira,
Por mais que o deite, estenda, e quasi amolga,
Por mais que morto o faz logo respira,
Logo alça o collo vão, logo se empolga,
Que o pendor como aquella parte incline
Não sofre que tambem a outra decline.

E conhecendo Alcides, que da terra,
Cujo Filho se chama, a força cobra,
E que trabalha em vão, e de todo erra
Si o lança em parte, que o vigor lhe dobra,
Para outra região logo o desterra,
Onde pertende rematar esta obra,
E no ar o Monstro horrendo levantando
Lá o está desfazendo, e quebrantando.

Qual Aguia generosa, que estendida
Fóra da Cova vio do alto a Serpente,
A quem brando calor ao Sol convida,
E logo dá sobre ella de repente,
E se alça, por não ser della offendida,
Nos mattos só se esconde facilmente,
E para que depois emprego faça
No ar co' as unhas a rasga, e despedaça.

Assim cahio sem vida o Monstro infame,
Medindo com a queda a sepultura,
E como não ha peito, que desame,
Na morte pois que o timido assegura,
Dos seus foi sepultado, e porque affame
Este feito o valor, que ali se apura,
Se abrio em pedra com aguda ponta
Letreiro, que a famosa historia conta.

Digitized by Google

DESEMBARQUE DOS PORTUGUEZES EM ARZILA.

Havendo a armada Lusitana chegado em frente da cidade, D. Affonso V. depois de animar os seus com um breve discurso, passa as ordens necessarias para o desembarque das tropas, que se effectua, apesar dos Mouros que em grande multidão sahem a disputar-lhe os passos, e dos obstaculos, que o mar apresentava aos nossos bateis.

Nesta ordem, que por elle estava dada
Aos famosos Varões em paz, e em guerra,
Cada qual das Naus altas se lançava
Em leves Barcos por tomarem terra;
Com força singular, com furia brava,
O que he mais Principal do remo afferra,
Que onde ha maior nobreza ha mór cobiça
De interesse immortal, com que se atiça.

Sete legoas do Estreito pela costa,
Que o mar Herculeo para o Sul estende,
Dentro de hum seio de arrecife posta
Com alto Muro Arzila se defende;
Enseada a Naufragios tão disposta
Por mil bancos de arêa, com que offende,
Que altos Navios nunca perto sobram,
E os pequenos ás vezes se soçobram.

Correm tanto as arêas, que levantam
As ondas desiguaes com qualquer vento,
Que os que ali sam mais praticos se espantam
Como podem chegar a salvamento;
Os Naturaes naufragios tristes cantam,
De mil armadas de Inimigo intento,
E si estes baixos forem bem passados,
Tradicção tem, que serão logo entrados.

Aqui c'os rolos horridos luctavam
Os pequenos baixeis com força, e manha,
Mas quanto mais contra elles contrastavam,
Tanto esta empreza achavam mais estranha.

Digitized by Google

Quanto mais para a terra se chegavam,
Tanto mais furioso o mar se assenha,
Que esta Féra onde a terra está mais alta
Ali se ensoberbece, e ás nuvens salta.

A confusão he tanta, que não sabe
Que via o mais exprimentado siga,
Que onde via não ha, nem força cabe,
Nem nova industria val, sem arte antiga;
A qualquer inda temem que se acabe
Com seu dano o temor da gente imiga,
E agora julgam ser mór segurança
Tormenta em alto mar, que aqui bonança.

Affonso, que vigia da alta prôa
O successo, que cáe a seus soldados,
Ouvindo o clamor dissono que sôa,
Signal que quasi estam desanimados,
Determina ajuda-los em pessoa,
Não consentindo vê-los arriscados:
E por supprir co'a pressa tanta falta,
N'um vergantim pequeno da Nau salta.

O Principe traz elle se arremeça,
Que nada com seu Pai lhe faz espanto;
Segue Dom João Coutinho a mesma pressa
C'o Filho charo, o Conde de Monsanto;
Dom Affonso não fica, que professa
Não faltar em perigo, e rigor tanto,
E porque ondas no escudo lhe notaram,
Cavalleiro das ondas lhe chamaram.

Salta logo o invensivel Dom Fernando
Lustre de Guimarães, e de Bragança,
A quem vai Rui de Mello acompanhando,
Com não menos presteza, e segurança;
Não vai o ardente orgulho dilatando,
Que jámais resentio leve tardança,
E succedendo vai nas mesmas vezes
Dom Henrique famoso de Menezes.

Digitized by Google

Metem remos, e véla, e tão ligeiro
Abre caminho o concavo Navio,
Que em breve o que nos mais hera primeiro
Alcançou do logar o Senhorio,
Muitos os remos sam, elle rastreiro
A's mãos que o regem, de vergonha e brio,
O mesmo mar parece lhe abre a vêa,
E torna em valles a montuosa arêa.

Quiz a ventura, ou isto o Ceo lhe tinha
Guardado por remedio em tal perigo,
Que ali por onde o leve lenho vinha
Foi dar n'hum calhe de segredo antigo;
Sonda Affonso a paragem, mas da linha
De immensas braças nada achou comsigo,
Logar na profundeza he sem segundo,
Onde a experiencia diz não se achar fundo.

Aqui corre agua mansa, o mar não brama,
Seguro o barco vai que aqui tem dado,
Affonso então com brados altos clama,
Dando novas de hum bem pouco esperado;
A todos por seu nome daqui chama,
Que obriga muito quando he declarado,
E porque de o seguirem desconfia,
Estas razões formadas lhe dizia:

« Segui-me, amigos, nesta via, estreita,
» Onde agua corre mais humilde, e mansa,
» Esta he a mais segura, e mais direita,
» Por esta á praia, que buscaes se alcança,
» Aqui fica do mar logo desfeita
» Essa seberba vãa, aqui se amansa;
» E si temeis perigo ao fraco lenho
» Bem vedes, que caminho aberto tenho. »

Esta falla de D. Affonso é breve, e por isso natural, está por tanto livre da censura que se tem feito á maior parte das que se lêem na Iliada, onde não ha heroe, que dispare um dardo, ou uma setta sem pronunciar primeiro um longo discurso; e o mais é que no ardor,

Digitized by Google

e confusão de uma batalha se demoram conversando uns com os outros com tanta pausa, e socego como o poderiam fazer sentados ao fogo do seu lar em um serão de inverno; mas os admiradores cégos, e enthusiastas da antiguidade não vêem estes defeitos, ou para melhor dizer os graduam de grandes bellezas, posto que em um Poeta moderno as considerariam como despropositos inverosimeis; pois tem assentado como principio demonstrado, que Homero é impeccavel, e o unico homem a quem foi concedido o privilegio de tocar o apice da perfeição.

Cada qual co'esta voz assi desperta,
Que novo alento, e vigor novo cobra,
De novo com mais força o remo aperta,
E para ali forçado o Barco dobra;
Desta arte deram na carreira certa,
Que hum nobre exemplo meravilhas obra,
E seguindo o de Affonso que os ensaia,
Lançaram todos ancora na praia.

Como quando o Pastor, no Inverno frio,
Buscar pertende pasto melhorado,
Para outra parte, além de hum grande Rio,
Pára nas ripas delle triste o gado,
Parece-lhe outra terra n'hum desvio,
Longe está c'o temor d'agua assombrado,
Mas si hum Touro faz vau, logo se abranda
O medo, e passam todos de outra banda.

Já neste tempo a terra se cobria
De Gente d'impio zêlo, e de odio accesa,
Que a defender a patria concorria,
Primeiro ensaio da famosa empreza:
Suster-se o impto grande não podia,
Que como aguas que sahem de alta presa
Levando pedras, plantas arrancando,
Desta arte se arremeça o negro bando.

Si os Mouros concorriam com o zêlo de defender a patria, com que justiça, ou com que consciencia chama o Poeta *impio* esse zêlo? Defender a patria não é o dever

Digitized by Google

de todo o homem? Será só nos Mauritanos culpa, o que é virtude nas outras nações? Tambem o *odio* me parece aqui muito mal applicado; qual é o povo, que póde vêr sem odio os estrangeiros que vem invadir as suas terras, e impôr-lhe o jugo por meio da conquista? Queria acaso Quevedo que os Sarracenos cruzassem os braços, e se deixassem subjugar sem defender-se? É necessario sermos justos com todos, e não condenar nos outros, o mesmo que nos julgamos obrigados a praticar.

Nem tantos o Monte Hybla enxames cria
De Abelhas, que de Flôres o despojam,
Nem tantas cahem com a entrada fria
Folhas no Outono, e as Arvores arrojam,
Nem tantos, onde o Sol acaba o dia,
Chuveiros tristes Hyadas arrojam,
Nem tanta Ave do Strimon congelado
Passa as nuvens, c'o Nilo temperado.

A todos estimula hum odio imigo
De eterna dôr, que nunca se consume;
Este leve lhe faz o mór perigo,
E os arma contra nós já por costume,
Lembrança tem daquelle tempo antigo
Em que se viram no mais alto cume
De gloria, que jámais Africa ganha
Gozando os campos fertilis de Hespanha.

Lembram-se que Senhores já se viram
Dos bens, que para sempre tem perdidos,
E como de esperança tal cahiram,
Não soffrem de nos serem possuidos;
Isto sentem, por isto só suspiram,
Nem se verão jámais arrependidos,
Armando por sciladas mil enganos
Por vingança dos seus c'os nossos damnos.

Estas saudades, e pesar de haverem perdido a Hespanha, que o Poeta aqui attribue aos Mouros, sam tão verdadeiros como justos. O tempo da sua dominação na Peninsula Hespanica foi a mais gloriosa, e prospera dos

Digitized by Google

Arabes. Perdendo um paiz vasto, bem aclimado, fertil, e que elles sabiam fazer valer; donde haviam tirado immensas riquezas pela agricultura, industria, e commercio; não tinham acaso razão de dôer-se da sua perda? Não nos apresenta a Hespanha Arabe um quadro soberbo e magestoso pelo cultivo das Sciencias, das Artes, e das Letras, em que tanto se esmeravam os Conquistadores da Iberia? Não attestam tantos monumentos, que ainda restam delles, e as tradicções historicas da côrte de Abdrrhamon o talento governativo, e a magnificencia deste Monarcha, e de muitos dos seus successores? Tantas obras de sciencias, e de poesia que enriquecem a grande Bibliotheca do Escurial não provam que os Arabes, que dominaram na Peninsula, em logar de formarem cabildas de barbaros, e de selvagens, como de ordinario se crê, compunham a nação mais illustrada, e civilisada, que então existia no mundo? Que eram os Godos comparados com elles?

Que lingua poderá meter á conta
Os Dardos, que das mãos arremessaram?
E os muitos, que com a sua aguda ponta,
Sem resistencia alguma atravessaram?
Com menos settas na travada affronta
A luz Phebea os Pastos offuscaram,
Ou fronte a fronte estejam resistindo,
Ou com temor, ou manha vam fugindo.

Com este assombramento ferreo, escuro
Perdendo a côr, o mais cobarde enfia,
Porém o coração mais forte, e duro
Está por vãa julgando esta porfia:
Que encontros taes n'hum animo seguro
Nunca sam de vigor, nem de valia,
Antes quanto maior vehemencia trazem,
Com maior resistencia se desfazem.

Esta dos nossos no alto muro acharam,
Que de seus peitos levantado tinham,
E rebatidos para traz tornaram
Com outro impto igual ao com que viham,

Digitized by Google

Bem como no profundo mar se armavam
Ondas, que contra a Rocha alta caminham,
E no ponto, em que nella o encontro deram,
Desfeitas outra vez ao Mar vieram.

Esta pintura de um desembarque militar appareceu aqui pela primeira vez na nossa Epopeia antiga, e o Poeta a descreve com energia, variedade, e estylo imaginoso, e correcto; salvos os reparos, que acima lhe fizemos.

A sua imaginação lhe fez inventar bastantes situações patheticas, em que ha muita viveza, e que ainda parecerião melhor, si a habitual affectação do Author lhe não prejudicasse ás vezes: apontaremos alguns exemplos do modo porque Quevedo desempenhou estes assumptos.

ZAPHYRA.

Esta gentil Moura, sabendo que o seu amante havia perecido em um recontro, resolve sahir de noite de Arzila, a fim de procurar o seu cadaver no campo da batalha. É certo que o Poeta se descuidou de informar-nos dos meios que teve aquella donzella para sahir de uma cidade investida pelo inimigo, e o que é mais de noite, em que é natural que as portas estivessem bem fechadas, e vigiadas, para évitar qualquer insulto dos contrarios, mas este defeito em nada diminue o interesse, e o pathetico desta scena lugubre.

Esperava Zaphira, que cobrisse,
Triste esperança! a sombra grande a Terra,
Para que ella remedio descobrisse
A' grande dôr, que dentro da alma encerra;
Que tanto que do amante a morte visse,
Pazes fazia logo a tanta guerra
Co'a morte sua, e, vindo a noite, chama
Zaida, sempre a seus gostos util Ama.

E diz-lhe, que quer vêr a sepultura
De seu Esposo, e logo o determina,
A furto sáe, e ao campo se aventura,
Na feição, trage, e modo peregrina:

Digitized by Google

Com a mesma miseria se assegura,
Que esta ás vezes melhor o animo affina,
Que como tem o maior bem perdido,
Que perda ha, na qual possa ter sentido?

Depois que lá se viu co'a morta Gente,
Huma tocha accendeu, de que se ajuda,
Começa a revolve-la diligente,
E de hum lado para outro a vira, e muda
Inda muitos doer-se, e gemer sente;
Hum lhe diz, que lhe valha, e que lhe acuda;
Mas ella passa ávante, até que a sorte
A pôz junto da sua amada morte.

Não conheceu, mas ao passar diante
Parece que por ella alguem puchava,
Logo se perturbou no mesmo instante
Sem mais poder mudar-se d'onde estava;
Fez volta, e acha passado o charo amante
Por hum troço de lança, que apontava;
Sobre elle se lançou, e muda abraça
Este tronco, par'ella inda com graça.

Esta Estança me parece excellente! Ella expressa de uma maneira singular, aquella *pancada no coração*, aquelle aballo interior, aquella sensassão indefinida de um mal presente, ou proximo, que chamam *presentimento*, e que muitas vezes se dá em nós, sem que saibamos explicar o como. Aquelle suspender-se, voltar atraz, reconhecer o cadaver do amante traspassado por uma lança, o arrojar-se sobre elle, sam pinceladas dignas da situação, e exprimem bem a paixão vehemente, e o devancio da dôr que agitava o peito da desgraçada Mahometana.

E logo em tristes lagrimas banhada,
C'hum suspiro que d'alma arrancou triste,
Nestes queixumes solta a voz cançada,
Que em consôlo a seu mal o espirito assiste:
«Esta hera, Hali, esta hera a desejada
»Hora, em que tão entregue consentiste:

Digitized by Google

» Quando ser meu Esposo promettias?
» Estas heram as vodas, e alegrias?

» Nisto parou aquelle amor perfeito?
» Nisto aquella esperança, que me davas?
» Tudo vêjo por terra já desfeito,
» Salvo a fé, a que vivo me obrigavas;
» Morto te guardarei este direito,
» E com zêlo maior do que esperavas;
» Mas si estais vivo, amor!.. Ai! que respira!..
» Despertar quer do somno, em que cahira!..

» Somno he isto, meu bem, não morte crua,
» Que ser tão atrevida não podia,
» Possivel he que tal vida possua?
» Não he, porque eu já vida não teria!
» Vive corpo sem alma? Não, da sua
» Esta vida que tenho dependia:
» Oh consequencia vãa!.. Todo está frio!..
» Eu sou a que me engano, e desvario.

» De ti posso queixar-me doce amigo,
» Pela vida que incauto aventuraste,
» Pois imaginar posso que o perigo
» Pelo, em que me deixavas só buscaste;
» Em balança pozeste amor comigo,
» E de outra parte a gloria; mas achaste
» De mór preço, e valor a gloria leve,
» Que quanto sempre amor com todos teve.

» Não sei quem te moveu... a sorte minha,
» Seguir as leis do rigoroso Marte,
» Pois á brandura, e partes não convinha,
» Que a Natureza em ti larga reparte;
» Si militar querias, tambem tinha
» O glorioso Amor seu estandarte;
» Já te disse eu, e esta memoria encerra,
» O peito sigue amor, outros a guerra.

» Entre todos c'o dedo heras notado
» Lindos moços de Arzilla em galhardia,

Digitized by Google

» Polido em traje, cortezão, dotado
» De aviso, de primor, de cortezia,
» Gentil, de Damas unico cuidado,
» O sangue do melhor, que Africa cria,
» A tenra idade as graças augmentava,
» Que indignamente em armas se empregava. »

Eis aqui uma das mais bellas Estanças do Affonso Africano, e que poucas pessoas deixam de saber de cór, tanta é a elegancia da expressão, a frescura, a graça das idéas, e a harmonia metrica, que nella se encontra. E' tambem a unica, que se me gravou por inteiro na memoria, tendo lido tantas vezes este Poema, eu que sei de cór tantos trechos da Iliada, da Eneida, de Tasso, de Ariosto, e Camões.

» E si tanto porém póde comtigo
» O desejo, que só na morte pára,
» Ao campo me levaras do inimigo
» Eu armado Varão representara:
» Ao lado te seguira, e no perigo
» Os golpes com fervor te desviara;
» E, quando desvia-los não podera,
» Eu propria a recebe-los me oppozera.

» E si com tudo, achando-me presente,
» Ao triste, e lacrimoso sacrificio,
» Cahiras morto, como estando ausente,
» De Esposa, e amante fiel fizera officio;
» Hum leito nestes braços differente
» Tiveras, amoroso beneficio,
» Te fizera na chaga, eu ta apertara,
» E com lagrimas minhas a lavara.

» Ao menos esses olhos, que heram lume
» Destes cançados meus, em mi pregaras;
» Faltando a voz, que ás vezes se consume
» Co'a pena, e por acenos me fallaras,
» Podendo, ultimas mandas por costume
» Deras, e as minhas ultimas levaras,

Digitized by Google

» Ultimas mandas minhas, não da vida,
» Porém da morte a meu amor devida.

» Mas inda que a Fortuna, e sorte iniga,
» Por me não dar allivio, então me nega,
» Sazão terá, que he bem na morte siga
» A quem da vida fiz total entrega;
» Nem quero que ser divida se diga,
» Em que me estás, em que seu gosto emprega,
» Nada se deve, he para mim subida
» Gloria a morte seguir, fugir á vida.

» Vivi contente em quanto vida teve,
» Em quanto, digo, Amor, vida tiveste,
» Vivi contente que este tempo breve,
» Para tractar comtigo tu mo deste,
» Mas agora he razão, que a morte leve
» Os despojos de huma alma onde fizeste
» O teu thesouro, pois levou dessa alma
» Os despojos a morte em grande palma.»

Nestes queixumes pois, e por vingança
Dos seus cabellos corta o rico velo,
E a Zaida diz: «Co'as Damas, certa usança,
» Desse ornato parti, que já foi bello:
» Direis a cada qual que a esperança
» Maior he vãa, e pende de hum cabello!
» Mas descuidada andei! que me detenho
» Si acompanhar meu bem na morte venho?

» Si póde ser, que com meu proprio alento
» Lhe torne a influir a alma, si he sahida!
» Bello acerto! ditoso pensamento!
» Que me canço, si em mi lhe tenho a Vida?
» Mas quero seguir antes outro intento,
» Esta alma por aqui anda perdida,
» Hirei no alcance della!.. Espera! espera!..
» Não sejas tão cruel, e tão severa!

» Mas érro no que sigo!.. Que aproveita
» Dar vozes por huma alma? Desconheço

Digitized by Google

» Minha alma ha de hir busca-lo, então respeita
» A companhia, e facil lhe obedece:
» Mas como ha sahir? aqui me acceita
» Este ferro de lança que apparece.»
Mais dissera, mas já no peito abria
Franco logar, por onde a alma sahia.

Estes pensamentos são na verdade nobres, e muito engenhosos, mas nota-se em todo este trecho demasiado estudo, demasiada rhetorica, e argumentações subtis, que não parecem mui proprias da situação, posto que o gongorismo não póde considerar-se levado ao excesso; não é assim que se exprime a mãi de Euriolo em Virgilio, nem a Rainha D. Maria de Castella implora D. Affonso IV. a favor de seu marido em estylo tão oratorio; e essa mesma singeleza de expressão faz com que o pathetico calle mais profundamente no coração dos Leitores, e produza nelles um effeito mais vivo.

O Poeta acertou quasi sempre com as tintas proprias para colorir o quadro da dissolução de Tanger, abandonada por seus moradores, temerosos com a noticia de que Arzila havia cahido na mão dos Portuguezes.

Quando hum Nuncio apressado se apresenta,
Que o contorno maritimo descobre,
E com ligeira voz lhe representa
O temor grande, que estas partes cobre,
Dizendo: «O vivo raio, que se augmenta
» Da vossa gloria a Tanger forte, e nobre
» De maneira assombrou, que desampara
» O sitio ufano da Cidade chara.

» Os Homens o melhor ornato mudam,
» A's costas, e hombros para os montes altos;
» As Mulheres tambem nisto os ajudam,
» Passando em tanto varios sobresaltos;
» Algumas, que Amor força ao mais accudam,
» Os filhinhos de idade, e vigor faltos,
» Levam, qual vai no collo, ou no regaço;
» Qual no peito, qual n'hum, qual n'outro braço.

Digitized by Google

» As Donzellas ao vento derramadas
» Os cabellos sem ordem, sem concerto,
» Sobre a cabeça as mãos, nos Ceos pregadas.
» Os olhos em signal de grande aperto,
» Arrancando suspiros magoados
» D'alma, seguindo vam qualquer incerto
» Dos caminhos, que a sorte lhe offerece.
» Qual cahe com temor, qual desfallece.

» Outros fazendo vam grandes fogueiras,
» Pelas praças, e ruas, onde lançam
» As reliquias do fato derradeiras,
» Quando já de subir os montes cançam:
» Mostras sam de miseria, verdadeiras,
» Pois por contentamento, e goso alcançam,
» Por livrar dos Imigos a fazenda,
» Offerece-la ao fogo, que a defenda.

O Poeta faz aqui uma breve, mas inergica pintura das scenas lastimosas, que se representam quando a população de uma cidade se vê no lance de abandona-la, com medo do inimigo, que para ella marcha, e de perder nesta retirada, feita com precipitação, e entre sustos, a maior parte, e ás vezes todos os seus bens.

Estes espectaculos lastimosos se presenciavam muitas vezes nos tempos antigos, e na idade media. Hoje, graças ao progresso da civilisação, que tem amaciado os odios nacionaes, e o fanatismo religioso, a occupação de uma cidade pelo inimigo, apenas traz aos seus habitantes o peso de alguma contribuição extraordinaria, o incommodo de alguns aboletamentos, e a mudança de Governo; mas nos seculos antigos, a cidade tomada á força d'armas nunca escapava de ser saqueada, e raras vezes de ser arrazada á ferro, e fogo; a sua população velhos, e mininos, homens, e mulheres, armados, e inermes, era passada á espada, os homens mais robustos, e as mulheres mais formosas reduzidos á escravidão, e repartidos á sorte pelos vencedores. Muitas vezes acontecia que o capricho do conquistador fizesse transportar nações inteiras para terras distantes, centos de legoas da sua patria, para climas mui estranhos á sua constituição

Digitized by Google

natural, e onde as fadigas da marcha, e a insalubridade do ar occasionavam a morte da maior parte desses desterrados.

Estes procederes barbaros, de que ainda se podem apontar alguns exemplos mui proximos aos nossos tempos tornavam as guerras mais mortiferas, e longas, porque os sitiados conscios da sorte que os esperava, preferiam morrer com as armas na mão, ou queimar-se com os seus haveres, como os Numantinos, a serem mortos como lobos, e a ficarem reduzidos á miseravel condição de escravos.

No Canto XII. manda El-Rei abrir as prisões, e tirar dellas os Captivos Christãos, e isto dá logar ao Poeta para dous episodios breves, mas que formam um dos trechos mais bem escriptos, e mais originaes do Poema.

Descer manda ás masmorras cavernosas,
Carceres de prisões, e penas varias,
A dar aquellas novas venturosas
Tanto neste logar extraordinarias;
Entram muitos por boccas tenebrosas
Abrindo-lhe caminho luminarias,
Para poderem dar a cégos lume,
Que em noite já viviam por costume.

A' nova luz os olhos levantaram,
Reconhecendo o bem, que do Ceo vinha,
E n'alma de alvoroço se alegraram,
Como entre taes extremos lhe convinha;
Para o resplendor logo se chegaram,
Cada qual como força, e vigor tinha,
Louvores dando ao Rei, que desta sorte
Alumiar os veio em viva morte.

Entre estes hum qual Noctuo, que se esconde
Dos raios do primeiro Sol, que aponta,
Para as roturas de Edificios, onde
Não chega aquella luz tão viva, e pronta,
Fugindo andava, chamam, não responde,
Que já da liberdade não faz conta,

Digitized by Google

E n'hum recanto cégo, e mais escuro,
Ali se foi meter como em seguro.

Vendo hum extremo tal, com zêlo amigo,
Chega hum daquelles c'huma tocha ardente,
Dizendo: « Inda que eu cru seja, comtigo,
» Eu só comtigo quero ser clemente;
» Como foges de mim como inimigo?
» Venho a salvar-te como est'outra Gente,
» Que? Tão affeito estás a más venturas,
» Que nem da vida, nem remedio curas? »

Elle então, levantando a voz amara:
« Como queres (responde) que obedeça,
» Si agora co'essa luz vejo mais clara
» Minha culpa, e castigo, que mereça?
» Como usar póde da clemencia rara
» O Rei benigno, quando me conheça?
» Que eu fui aquelle traidor ingrato,
» Que contra sua vida tive tracto? »

O vocabulo *traidor*, dissyllabo, usado como tressyllabo, *traidor*, tem alguns exemplos nos Escriptores antigos, mas tenho para mim, que este uso não deve ser adoptado por aquelles que aspiram á gloria de escrever a lingua correctamente. O mesmo digo de *traição* por *traição*, de que tambem se encontram alguns exemplos.

« A causa de Dom Pedro defendida
» Por mim, fosse cegueira, ou desvario,
» A triste morte pouco merecida,
» Que Inveja teve até cortar o fio;
» A forte obrigação a amor devida,
» A Principe tão brando, justo, e pio,
» Me transtornou, e confundio de sorte,
» Que tentei dar incauto a tal Rei morte. »

Defender a causa do Infante D. Pedro nem era cegueira, nem devaneio. O Duque de Coimbra era Principe cheio de virtudes, e talentos, tinha prestado grandes serviços á nação, em qualidade de Regente do Reino du-

Digitized by Google

rante a menoridade de seu sobrinho, e genro D. Affonso V., e igualmente a este, na qualidade de seu tutor; era além disso generoso, e affavel para com seus criados, e com todas as pessoas em geral, e por isso estimado de todos, salvo o pequeno numero de palacianos invejosos, que á força de calumnias, e aleives, o malquistaram com El-Rei, resultando dahi a sua morte no fatal recontro de Alfarrobeira.

O que era cegueira, e desvario era que um particular quizesse vingar a morte do Duque com a morte d'El-Rei; um crime não se espia com outro crime, e casos ha, em que cumpre deixar á justiça divina, e ao tribunal inexoravel da historia a sua apreciação, e castigo.

Não sei si este facto é historico, ou da invenção do Poeta; pelo menos não me recordo de o haver encontrado em algum dos nossos Historiadores: si é historico aproveitou-o bem, si é da sua invenção, faz muita honra ao seu engenho.

« Depois que da prisão dura, e pesada
» Por Industria escapei, que nunca fóra,
» Póde ser que estivesse perdoada,
» Si confessara a culpa, que em mim mora;
» Como Nau de mil ventos arrojada
» Tive em fim de descanço huma triste hora
» Neste porto de mais difficuldades
» Do que foram passadas tempestades.

» Que nisto commummente aquelles param,
» Que do Rei fogem, inda que offendido,
» A quem, si erros passados confessaram,
» Tiveram por amigo enternecido;
» Mas quantos o perdão difficultaram,
» Muito mal seguraram seu partido,
» Que não ha mór offensa de hum Vassallo,
» Que chorada, em tal Rei não faça aballo.

» Oh mil vezes feliz, e mil ditoso,
(Elle lhe torna) porque vem buscar-te,
» A esta tão benigno, e tão piedoso
» Esse de quem fugiste em toda a parte;

Digitized by Google

» Confia, não te mostres temeroso,
» Que em todo o tempo podes melhorarte,
» Que esse d'erros geral conhecimento
» Caminho he certo de arrependimento.

» Com isto se assegura, e do sombrio
» Logar de penas sahem todos fóra;
» Vêem novos ares, e com rogo pio
» Cada qual o Divino Ser adora:
» Desta arte vam, e as lagrimas em fio
» Mostram, que de prazer tambem se chora;
» Affonso os recebeu, mas, avisado,
» Fez mais favores ao desconfiado.

No mesmo Canto um Captivo Algravio, narra a maneira porque fôra parar ao poder dos Mauritanos. A sua historia é a de muitos outros desgraçados, que foram victimas dessa calamidade, quando os corsarios barbarescos, sahindo todos os annos dos portos da Barbaria, em seus chavecos, armados á ligeira, hiam infestar não só o Mediterraneo, mas desembocando do Estreito de Gibraltar, e sahindo para o Oceano, toda a orla maritima de Hespanha, e Portugal, e com muita especialidade do Algarve, apresando embarcações mercantes, barcos de pesca, e levando o arrojo a ponto de penetrarem nos portos, e fazer saltos em terra, levando gente, e fazenda, com que se locupletavam, sendo por isso obrigadas as Potencias Christãas a armar cruzeiros, que obstassem a estes insultos, e rapinas dos Barbaros, estimulados pela cobiça, e fanatismo, porque os Mouros julgavam obrigação religiosa estas piratarias contra os Christãos, que duraram até ao principio deste seculo.

Agora os progressos da civilisação, que tem chegado até á Africa, e a conquista de Argel, tem acabado felizmente com este flagello da navegação, do commercio, e das terras não fortificadas á beiramar. Escutemos agora o Captivo.

« Silves, no Reino Algarve a mais antiga
» Cidade, vio primeiro o nascimento,
» Deste Captivo, que a fortuna imiga

Digitized by Google

» Pôz em tão longe, e duro apartamento;
» Que genero de vida incerto siga
» Na mocidade, em santo ajuntamento
» Da mesma Patria huma Mulher me conbe,
» Que a liberdade captivar me soube.

» Com esta dos primeiros, tenros annos
» Criado fui, e foi o amor crescendo,
» De sorte, que quaesquer primeiros danos
» Fugindo, seus prazeres só pertendo;
» Mas destas affeições, os desenganos
» Ao longe esperam quem se vai perdendo,
» Que por ella me vi triste, e captivo,
» De sorte, que não sei como inda vivo.

» Hum dia, amargo dia! sobre a tarde,
» Quando he mais grato o Ceo no ardente Estio,
» Quando o Sol se recolhe, e menos arde,
» Deseja em leve barco vir ao Rio;
» Eu por lhe comprazer, feliz quem guarde
» Para hum cégo appetite algum desvio,
» Satisfiz logo, e para eternas magoas
» A remos comecei cortar as agoas. »

É erro ordinario dos homens, e de que sempre tiram por fructo grandes desgostos, e calamidades, a demasia da condescendencia com as mulheres; julgam com essa fraqueza ganhar-lhe a affeição, e o amor, e nisso torpe, e insensatamente se enganam! Seja esposa, seja amante, a mulher nunca estima, nem respeita o homem que a trata bem, pelo contrario a esses tomam ellas quasi sempre odio, e mui facilmente os atraiçoam. E' necessario que o homem domine, e que a mulher obedeça, nestes casos não ha meio termo, cumpre que ella o tema, ou que elle seja seu escravo, e victima das suas perfidias, e zombarias.

» E pouco a pouco ao longo indo da terra,
» Fomos perdendo a vista da Cidade,
» Ai! quem cuidara então que se desterra
» Para tão longa ausencia, e saudade!

Digitized by Google

» Eu avisado da continua guerra,
» Que inigos fazem da Christãa verdade,
» Tendo armado em ciladas sempre o Arco,
» Quiz virar para traz o leve barco.

» Mas ella, mais do peito desejosa,
» De vêr a foz do mar, me roga, e pede,
» Mais atrevida, e menos temerosa,
» Vamos avante pois que nada impede:
» Eu lhe disse com voz triste, e penosa
» O que ás vezes ali de mal succede,
» Ella resiste, e dando em mór extremo,
» Quasi me quiz tomar das mãos o remo.

» Vou-me nescio com ella por seu gosto,
» Fazendo pouco caso do perigo,
» Por a não desgostár com lêdo rosto,
» Mas não sei que sentia cá comigo;
» Nisto demos n'hum cégo, escuro posto,
» Encoberta acolheita do Inimigo,
» De juncos grossos prenhe, e de espadanas,
» Verdes Salgueiros, e viçosas canas.

» Quando subitamente dali sáe
» Outro Batel de Mouros guarnecido,
» Do seu logar o coração me cáe,
» Vendo-me incautamente assi perdido:
» Quem ha, que em tanto damno não desmae?
» Meu mal conheço, tarde arrependido,
» E os olhos nella com voz alta disse:
» Não cuidei que por vós tão mal me visse?

» Mas ella a meu descuido a culpa lança,
» Já da minha affeição bem descontente,
» Que a verdade de hum bem nunca se alcança
» Sinão depois que á vista o mal se sente;
» E porque recontar desgraças canga,
» Ali fiquei captivo, e della ausente,
» Que os Mouros o despojo variaram,
» E para este logar me desterraram. »

Digitized by Google

O Poeta pinta aqui energicamente o caracter das mulheres; imperiosas, fechando ouvidos á razão, e ás advertencias, não temendo perigos, nem receando obstaculos, ou desgraças, quando se tracta de satisfazer os seus appetites, quasi sempre desregrados, e a que não tem a força de resistir; si por ventura lhe sobrevem algum incommodo, ou desgraça, tornam a culpa áquelles, que involuntarios lhe obedeceram, e de quem despresaram os avisos descretos, e sinceros. E' assim que o grande Milton nos pintou Eva criminando Adão pela desobediencia á prohibição do Altissimo, de que ella lhe havia dado o exemplo, e a que o impellira contra vontade sua.

Estes dous episodios sam bellos, e escriptos contra o costume do Author com bastante singeleza de estylo; mas provam o que deixamos dito, isto é, que o Affonso Africano abunda de bons episodios, mas que pela maior parte nem nascem da acção, nem tem com ella relações sinão mui remotas.

O Affonso Africano é muito inferior pela urdidura da fabula, pelo movimento da acção, e pela pintura dos caracteres á Malaca Conquistada, e á Ulyssea, é muito mais inferior aos Lusiadas pela versificação, estylo imaginoso, expreção poetica, e perfeição dos versos, em que Camões não conheceu rival; deve contudo ser contado no numero das nossas Epopeias de primeira ordem, tendo entre ellas o terceiro logar, isto é, o primeiro depois da Malaca; e na verdade o merece pelos excellentes trechos de poesia, em que abunda, pela belleza das comparações, e pela profundidade, e abundancia das sentenças, e porque Quevedo, ainda que discipulo da Eschola de Gongora, soube ser mais parco nos conceitos, nos trocadilhos, no excessivo dos hyperboles, e no uso das metaphoras, o que prova que nelle havia mais bom senso, e melhor gosto, que na maior parte se tornam insupportaveis pelos seus desconchavos de estylo.

Vasco Mouzinho de Quevedo tambem cultivou a Poesia Latina, como se vê da Elegia, que se imprimio com o tractado de *Judiciis* do celebre Jurisconsulto Pedro Barbosa.

FIM DO TOMO OITAVO.

Digitized by Google

INDICE DO TOMO VIII.

LIVRO XVII.

CAPITULO I. *Manoel Quintano de Vasconcellos*.. 5
CAPITULO II. *Outras Poesias de Manoel Quintano de Vasconcellos*..... 30
CAPITULO III. *Soror Violante do Ceo*..... 57
CAPITULO IV. *Manoel Mendes de Barbuda e Vasconcellos*..... 92

LIVRO XVIII.

CAPITULO I. *O Doutor Antonio Barbosa Bacelar*. 132
CAPITULO II. *Antonio Serrão de Crasto*..... 173
CAPITULO III. *D. Francisco Manoel de Mello*.. 194
CAPITULO IV. *D. Francisco de Mello* 204

LIVRO XIX.

CAPITULO I. *Vasco Mosinho de Quevedo e Castel-Branco*..... 219
CAPITULO II. *O Affonso Africano de Vasco Mosinho de Quevedo*..... 239

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google